

EDUARDO
PIRES
COELHO

Taprobana

THRILLER HISTÓRICO



A floresta do Sri Lanka, antigo Ceilão, foi palco de lutas ferozes entre portugueses, cingaleses e holandeses e esconde há muitos séculos um segredo que promete revolucionar a ciência

OFICINA
DO LIVRO

www.officinadolivro.com.br

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

EDUARDO
PIRES
COELHO

Taprobana

THRILLER HISTÓRICO



A floresta do Sri Lanka, antigo Ceilão, foi palco de lutas ferozes entre portugueses, cingaleses e holandeses e esconde há muitos séculos um segredo que promete revolucionar a ciência

OFICINA
DO LIVRO

www.oficinadolivro.com.br

Ficha Técnica

Título: *Taprobana*

Autor: Eduardo Pires Coelho

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Capa: Rui Rosa / Leya

Mapas do interior: Fernanda Rocha / Leya

Revisão: Madalena Escourido

ISBN: 9789896608583

OFICINA DO LIVRO

Uma editora do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+ 351) 21 427 22 00

Fax. (+ 351) 21 427 22 01

© 2020, Eduardo Pires Coelho e LeYa, S.A.

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.oficinadolivro.leya.com

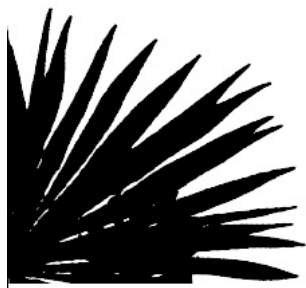
www.leya.pt

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990.



EDUARDO
PIRES
COELHO

Taprobana



OFICINA
DO LIVRO



Ao Vidal, que partiu cedo demais. VVV.



*As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana*
LUÍS DE CAMÕES, *Os LUSÍADAS* – CANTO I

Os ventos sopravam em rodopio, agitando o mar e fazendo ranger os cascos dos navios. A armada sulcava as ondas com dificuldade, e o almirante dera instruções para recolher as velas, amarrar a carga e desimpedir o convés. Fazia oito anos que os portugueses haviam chegado à Índia e conheciam bem o curso das monções. Sabiam do perigo que corriam, ainda assim o almirante decidira arriscar. Poderia ter ordenado o regresso a Cananor, mas não o fizera. Aquela missão era demasiado importante, capaz de assentar o domínio lusitano no Malabar, a costa sudoeste da Índia.

D. Pedro Velozo afastou os cabelos molhados dos olhos. Amarrara-se a um arnês dos aposentos, junto da janela para o convés, e agarrava-se com força ao parapeito. Acabara de ver um grumete a ser lançado borda fora pela rebentação, sem que ninguém o conseguisse salvar. As vagas pareciam-lhe monstros marinhos, devorando quem quer que se desequilibrasse no convés.

Um relâmpago rasgou os céus e o trovão sacudiu a nau. D. Pedro ficou apavorado, com medo de que o casco não resistisse. Ouviu gritos de desespero e apelos a Nossa Senhora; até mesmo o almirante e os capitães pareciam fraquejar.

A *São Miguel* tinha duzentas e cinquenta toneladas e fizera parte da sétima Armada da Índia, que zarpara de Lisboa em Março do ano anterior. Com três mastros e cento e trinta tripulantes, já resistira a muitas tempestades. Comandava uma frota de cinco navios que perseguia uma poderosa armada malabar, vinda do Sultanato de Malaca. Fora avistada ao largo do Cabo Camorim e dizia-se que rumava às ilhas de Maldiva, a cinquenta léguas de Cochim, para depois seguir para o Mar Roxo. O almirante tencionava punir os inimigos da Coroa que teimavam em atacar navios aliados. Tal poderia pacificar o Malabar de uma vez por todas.

Havia muito que o inimigo se escapara por entre as vagas. A frota portuguesa perdera o rumo e navegava ao sabor dos ventos e das correntes. D. Pedro cerrou os olhos, levou as mãos aos ouvidos e tentou

respirar fundo. Tinha dois anos de mar, sobrevivera a muitos temporais, mas os relâmpagos e a ondulação enlouqueciam-no e receava que a sua vida estivesse à beira do fim.

Cartógrafo de profissão e vocação, fora educado num dos castelos dos arrabaldes de Évora, onde se deslumbrara com a vida de Ptolemeu, Aristóteles, Marco Polo e até do infiel Ibn Battuta. Aprendera a decifrar os antigos portulanos e as cartas náuticas dos descobridores. Durante anos a fio, estudara geografia, astrologia, física e matemática que, mais tarde, passara a ensinar aos mais novos, na escola do castelo. Um dia, soubera que a Coroa procurava cartógrafos para a Índia e sentira que se tratava de um chamamento de Deus.

Embarcara em Abril de 1504 na sexta Armada da Índia e sete meses depois acostara em Cochim. Mais tarde, fora colocado a bordo de uma fusta e cartografara o Malabar; de Cananor, onde os portugueses construía uma fortaleza ao lado da feitoria, até ao Cabo Camorim. Aquele era um mundo por descobrir, cheio de riquezas e mistérios. Dobrara o Cabo Camorim e navegara pelo Coromandel, a costa leste, passando temporadas em Paleacate, onde muitos mercadores portugueses se instalavam. Sempre que a monção o permitia, percorria dezenas de léguas. Considerava-se afortunado por explorar aquelas terras. Nunca se sentira tão preenchido, mas o carácter secreto do seu trabalho impunha-lhe uma discrição absoluta e, de quando em quando, era atacado por uma solidão terrível, apenas atenuada pelas noites passadas nas tavernas dos entrepostos portugueses.

Fora numa delas, em Cananor, que conhecera, meses mais tarde, o almirante. D. Lourenço de Almeyda, filho do Vice-Rei da Índia, tinha vinte e seis anos e era o homem mais alto que já vira. Com nove palmos de altura, ombros largos e uma farta cabeleira, D. Lourenço era conhecido pelos mouros como o *Eblis* louro. Tinha grande destreza para o combate, que começara nas areias de Tânger e se aprimorara em Mombaça. Nomeado Capitão-Mor do Mar da Índia, estava em Cananor com uma missão temerária: bloquear Calecut, afundar todos os navios de Meca e proteger as embarcações portuguesas e aliadas que navegassem entre Cochim e Cananor.

Um grito vindo da popa trespassou o navio e sobrepôs-se ao rugir da tempestade. D. Pedro espreitou pela janela e viu o almirante a esbracejar. D. Lourenço perdera o ar confiante e estava agitado.

A caravela *São Bernardo* navegava a bombordo e era a embarcação mais fustigada pela tempestade. D. Pedro viu-a a galgar as vagas, e depois ser atingida por uma onda gigante de estibordo que lhe rasgou o casco. Foi tomada pelas ondas e perdeu o equilíbrio. O mastro principal partiu-se, as velas caíram na água e seguiu-se o pânico. Dezenas de homens atiraram-se ao mar. A maioria não sabia nadar e agarravam-se a qualquer coisa que os

mantivesse à tona, mas o mar revoltou arrastou muitos para o fundo.

O almirante depressa lançou uma operação de salvamento. Correu desde o castelo da popa, pelo convés, e ajudou os homens que se haviam juntado na proa. Lançaram cordas e ganchos ao mar e começaram a retirar os náufragos da água. Fizeram tudo o que podiam. O piloto, Raul Barbudo, um gentio de Cochim, tentou sustentar o rumo da *São Miguel*, para se recolherem os homens, mas o esforço parecia inglório. A nau afastava-se e os ganchos tornavam-se curtos. A névoa adensou-se, o vento não dava tréguas e a corrente parecia demasiado forte.

D. Pedro estava petrificado, a observar a agilidade do piloto. Raul conhecia bem o mar e tentava inverter o rumo, aproveitando as correntes e o vento. Num impulso, D. Pedro desamarrou-se e correu para o ajudar. Desafiou as ondas e a inclinação, mas escorregou num lençol de água, perto do mastro grande. Foi arremessado contra uma das escotilhas e, só a custo, conseguiu lançar mão a um dos cabos de vela. Ainda viu Raul a tentar virar o leme com a ajuda de dois marinheiros. O leme pouco se mexeu e o piloto acabou por ceder, deixando a *São Miguel* rumar ao desconhecido.

Um silêncio arrepiante instalou-se a bordo. Ao todo, salvaram-se vinte marinheiros. Para trás, ficavam cinquenta desgraçados, à deriva, perdidos nas vagas. A borrasca durou muito tempo, mas a *São Miguel* manteve-se a navegar. Quando, por fim, o vento amainou e as ondas perderam firmeza, caiu a escuridão. Os homens estavam exaustos. A *São Bernardo* naufragara e a armada malabar desaparecera. Todo o esforço parecia em vão. O tempo foi passando e a maioria não resistiu ao cansaço. D. Pedro foi dos últimos a adormecer.

O amanhecer trouxe a bonança. O vento cessou, a névoa dissipou-se e o mar amansou. D. Pedro acabou por despertar com o alvoroço no convés e levantou-se agitado. Avistavam-se os primeiros raios de sol e a frota parecia manter-se unida, mas os vigias do cesto da gávea bradavam sem parar. Algo os tomara de surpresa.

– Terra à vista! – ouviu de repente, lá de cima. – Quinze graus a nordeste!

A maior parte dos homens agrupou-se na amurada. Estavam eufóricos. Ao fundo, perto da popa, um grupo cantava e dançava, enquanto outros marinheiros se juntavam em redor do padre Vicente, para agradecerem a Nosso Senhor terem sido salvos. D. Pedro ia juntar-se-lhes, mas ficou maravilhado com o ponto negro que sobressaía no horizonte, na direcção que os homens apontavam. Deveria estar a umas duas léguas. Muitos questionavam que terra seria aquela e a maioria apostou em como estavam prestes a arribar a Coullão, no Sul do Malabar. D. Pedro olhava os contornos da costa a ganharem nitidez, quando se apercebeu da presença de D. Nuno Vaz Pereyra, um dos capitães do almirante.

– D. Pedro, vinde rápido – pediu, com voz grave. – O almirante chama-vos ao posto de comando.

D. Lourenço estava no castelo da nau, perto do leme, destacando-se entre os homens. Não podia ter um semblante mais diferente do que o que mostrara nos momentos mais sombrios da tempestade.

– D. Pedro, bons olhos vos vejam – declarou com veemência. – Avistámos terra. Sabeis onde estamos?

– Ainda não, almirante.

– A tormenta foi forte, mas o nosso piloto acha que poderemos estar prestes a arribar às cercanias de Coulão.

D. Pedro trocou um breve olhar com Raul, que mantinha as mãos no leme. O piloto repetiu-lhe o que, momentos antes, adiantara ao almirante:

– Os ventos levaram-nos a navegar em círculos, mas estamos a sul, e temos o Sol e terra à nossa frente. Não podemos estar no Coromandel.

D. Pedro assentiu. Observou a altura do Sol e a agulha da bússola, ao lado do leme. Rumavam a nordeste.

– A tempestade arrastou-nos de um lado para o outro – contou o piloto. – É difícil saber, mas creio que a terra que avistamos possa ser Coulão ou as ilhas de Maldiva.

– E vós, que pensais, D. Pedro? – indagou o almirante, com a pronúncia minhota bem marcada. – Afinal, conheceis esta costa como ninguém.

– Tenho de consultar as cartilhas e efectuar alguns cálculos – respondeu, disfarçando a hesitação.

– A tempestade durou muito tempo – continuou o piloto, imperturbável. – Quiçá fomos arrastados mais para leste.

– Sim, é possível – ajuizou D. Pedro, lendo as palavras do piloto. Não sabia quanto tempo dormira, mas tinha quase a certeza de que haviam navegado para leste, e não para oeste, durante grande parte do temporal. – Se assim for, poderemos estar além do Malabar!

– Além do Malabar? Tendes a certeza?

– Ainda não, almirante. Como disse, tenho de terminar alguns cálculos – desculpou-se, sentindo-se intimidado e trocando um olhar cúmplice com o piloto.

Os dois pareciam ter tido o mesmo pensamento, mas não se atreviam a partilhar o que lhes ia na alma. D. Pedro voltou a olhar para a altura do Sol, até os olhos lhe doerem. Sabia que o astrolábio não lhe daria uma resposta conclusiva e que não seria capaz de calcular a longitude com precisão, mas tentou não pensar nisso e manteve a compostura.

– Peço-vos algum tempo para vos dar uma resposta cabal.

Os navios aproximaram-se de terra e entraram numa baía muito larga. O arvoredado era denso e centenas de coqueiros cobriam a linha de costa, formando uma muralha impenetrável.

D. Lourenço sentiu-se extasiado com a beleza da baía. Quando

chegaram a sete braças de profundidade, deu ordem para se lançar o ferro e decidiu ir a terra com os homens. O moral iria melhorar se conseguissem obter água fresca, frutas e, quem sabe, alguma caça. Estavam no mar havia duas semanas e sequiosos de descanso, mormente depois daquela tempestade aterradora.

– Quero um contingente de soldados no primeiro batel – ordenou, perscrutando o promontório rochoso a bombordo e os coqueiros a perder de vista. – Os *rumes*² podem estar à espreita.

Três batéis foram a terra. D. Lourenço ignorou os avisos de El-Rei para que todos os almirantes permanecessem a bordo dos navios. Cerrou os dentes e observou os soldados e marinheiros ao seu lado. Ansiavam por terra firme, mas estavam com receio de serem tomados por alguma surpresa. Não se avistava uma vela no horizonte, nem qualquer movimento em terra. Apenas se ouvia o som dos remos no mar, as aves e a rebentação das ondas.

Assim que o batel embateu na areia, D. Lourenço desembainhou a espada e foi o primeiro a saltar para terra. Avançou pela praia e observou a barreira verde à sua frente. Tentou descortinar algum perigo, mas nada o alarmou e, aos poucos, baixou a guarda.

Os homens pareciam deslumbrados, mas caminhavam pela praia de espada em riste. Foi então que o almirante avistou dezenas de rochas negras a brilharem ao sol, perto da rebentação. De repente, ganharam vida e um pescoço esguio saiu de dentro de uma delas. Os soldados assustaram-se e dois deles iam decepá-lo, mas D. Lourenço foi a tempo de sustentar o ataque.

– São tartarugas gigantes – proferiu, fazendo sinal para contornarem os animais. Eram dezenas que descansavam na areia e a maior parte não parecia incomodada. – Conheço-as da Guiné e de Mombaça. Não são perigosas.

Seguiram pela praia e, mais adiante, encontraram um riacho que desaguava no mar. Resolveram penetrar na floresta ao longo da margem e viram que o riacho formava uma lagoa antes de chegar à praia. O mato era tão denso que tapava o Sol e, por todo o lado, ouvia-se o zumbir dos insectos e a aragem a bater na copa dos coqueiros. D. Lourenço acercou-se da lagoa, agachou-se e bebeu um trago de água. Era límpida e fresca. Sorriu para os homens. Parecia que haviam chegado ao paraíso!

D. Pedro permanecia na *São Miguel*, fechado nos aposentos dos oficiais. Refez os cálculos sobre o mapa do Malabar e Coromandel que ele próprio desenhara, mas continuava intrigado. Mesmo depois de falar com Raul Barbudo, era difícil saber quanto tempo durara a borrasca. Não podia recorrer ao relógio de areia, mas apostava que deveriam ter sido quase dois dias. Voltou a calcular a velocidade e as rotas possíveis, tendo em conta os ventos. Deveriam estar a mais de cento e cinquenta léguas de

Cochim, longe de qualquer baía perdida do Malabar ou Coromandel. Estavam muito além dos limites do mapa.

Respirou fundo e pousou as mãos sobre a mesa. As suas suspeitas não eram infundadas. Lembrou-se das leituras de Marco Polo e das conversas dos mercadores mappilas, os mouros da terra, descendentes dos árabes e persas de Paleacate e São Tomé de Meliapor. Contavam que, por vezes, iam vender arroz e comprar canela e elefantes a uma ilha que Adão visitara, vindo do Paraíso. Dizia-se que era uma ilha mágica que, de quando em quando, estava ligada ao continente por uma ponte gigante, de areia e pequenos recifes, a que chamavam Ponte de Adão. As lendas sobre o local eram muitas e o seu nome fizera parte do imaginário dos descobridores. D. Pedro largou as cartilhas, saiu dos aposentos e subiu à ponte de comando.

– Preciso de falar com o almirante – intimou, assim que chegou ao castelo da popa. – É urgente.

– D. Lourenço não se encontra a bordo. Foi a terra no primeiro batel – respondeu o marinheiro de serviço, apontando para a praia.

D. Pedro não hesitou. Desceu as escadas até ao convés e saltou para o último batel que ia a terra. Apesar do som da rebentação ao longe, a ondulação era suave e o batel deslizou com ligeireza. Assim que chegaram ao areal, saltou para fora de borda. Sentiu-se tonto, como se a terra se estivesse a mover, mas agarrou-se a um dos marinheiros ao seu lado e recuperou o equilíbrio. Prosseguiu pela areia e vislumbrou D. Lourenço perto dos homens. Havia capturado um animal semelhante a um javali e estavam em festa. O almirante viu-o a aproximar-se e veio, de imediato, ao seu encontro.

– D. Pedro, tendes novidades? – perguntou, sorridente.

– Almirante, julgo que descobri onde estamos – informou, ofegante, sentindo o bater agitado do coração.

D. Lourenço franziu a testa e acercou-se. Caminharam lado a lado, em direcção à rebentação, não muito longe das tartarugas gigantes.

– Dizei, que terra é esta?

– Taprobana, senhor – revelou, com orgulho. – Arribámos à Taprobana.

– Taprobana? – murmurou D. Lourenço, duvidando do que ouvira. – Tendes a certeza?

– De acordo com os cálculos, estamos seis graus a norte do Equador – respondeu, emocionado. Receava já não conseguir ver a Estrela Polar, ainda assim acrescentou: – Podemos esperar pelo anoitecer, para observar as estrelas, mas julgo estarmos a sul do Cabo Camorim, a quarenta léguas a leste.

– Tão longe? – estranhou D. Lourenço, coçando a cabeça.

D. Pedro percebeu a desconfiança do almirante. Todos os marinheiros

sabiam que o cabo era a ponta mais a sul, onde o Malabar e o Coromandel se tocavam e a terra acabava.

– Sim, podem até ser um pouco mais de quarenta léguas – confessou, baixando o olhar. Era difícil ter certezas.

– Para leste? – insistiu o almirante, ainda com a testa franzida.

D. Pedro assentiu e os dois ficaram-se em silêncio. Ninguém era indiferente àquele nome. D. Lourenço balbuciou algo, quando um animal saiu do mato, de baixo dos coqueiros. Os soldados exaltaram-se, mas cedo viram que não havia causa para tamanho alarido. O lagarto era grande, mas desapareceu logo de seguida, por entre a folhagem.

D. Lourenço inspirou e sentiu o odor forte da maresia. Nunca vira uma praia de tamanha beleza. Sentiu-se embriagado com o som das aves e com a paisagem. Tinham desembarcado num lugar mítico, cheio de lendas e histórias que encantavam a corte em Lisboa. Havia séculos que se dizia que a Taprobana era o paraíso na Terra. Uma ilha misteriosa e afortunada, famosa pela canela e pelas pedras preciosas. Sabia que o pai, em Cochim, ficaria orgulhoso e, acima de tudo, que a boa nova agradaria a El-Rei D. Manuel!

1 Termo português que designa genericamente hindus, budistas e outros não-cristãos.

2 Termo português para designar os otomanos e mamelucos, escravos dos califas.



*Aqui se encontram sepultados os restos mortais do Príncipe
de Candea, que fundou esta sagrada casa de Maria.*

EPITÁFIO DE UMA PLACA TUMULAR DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PORTA DO CÉU, EM
LISBOA

– Mas então chegaram lá por acaso...

– Sim, foram arrastados por uma forte tempestade – repetiu Ernest, esboçando um sorriso ao ver o espanto do cientista japonês. – Os portugueses já tinham ouvido relatos da ilha, mas estavam demasiado ocupados a combater e não tinham tempo para viagens exploratórias.

– Desde esse dia, o Sri Lanka nunca mais foi o mesmo.

– Foi o encontro entre o Oriente e o Ocidente – anuiu Ernest, bebendo mais um gole de café. Conhecia a história daquele almirante português. Fora um aventureiro destemido que se deslumbrara com a canela e marcou o início da presença portuguesa no Sri Lanka, mas tivera uma morte trágica dois anos depois. – Foi há mais de quinhentos anos, mas os problemas já vinham de trás.

– Bem, desta vez o alvo dos budistas foram os cristãos – lamentou o japonês, ainda incomodado com as notícias da véspera. – Irromperam pela missa e até mataram mulheres e crianças.

O Sri Lanka regressava às notícias internacionais pelas piores razões, relembando o grande atentado do Estado Islâmico contra igrejas e hotéis de luxo que ocorrera em tempos. Ernest sentia-se consternado com o que se passara e até perdera o apetite. Uma multidão atacara três igrejas em Kalutara, agredindo os fiéis que assistiam à missa de domingo. Os ataques haviam sido liderados por um punhado de monges budistas, que se opunha à presença cristã na cidade e alegava serem as missas ilegais. Na confusão, sete pessoas haviam morrido e oitenta ficaram feridas. Ataques semelhantes já haviam ocorrido em Colombo; e, em Kandy, mesquitas e lojas de muçulmanos haviam sido vandalizadas.

– Pelo menos desta vez a polícia foi rápida e prendeu os responsáveis.

– Foi perto da tua cidade? – perguntou Yoshito, com curiosidade.

– A oitenta quilómetros, mas poderia muito bem ter ocorrido em Galle.

O sol estava radioso, mas, ao fundo, vislumbrava-se um manto de nuvens cinzentas. Tinham almoçado juntos no refeitório, mas Ernest mal tinha comido. Tomavam um café e fumavam um cigarro na esplanada defronte da foz do rio, antes de voltarem ao laboratório. Tal como muitos

outros funcionários, observavam um porta-aviões norte-americano, ancorado mesmo em frente, com dezenas de aviões no convés. Tinham-lhes contado que regressava de exercícios da NATO na Noruega e fazia escala em Lisboa alguns dias, antes de seguir para os Estados Unidos.

– Sempre achei que o budismo fosse a religião mais tolerante e pacifista de todas.

– Talvez seja, mas no Sri Lanka e em Myanmar não. A maior parte das pessoas segue os ensinamentos de Buda, mas estes ataques contra cristãos, hindus e muçulmanos têm sido frequentes – salientou Ernest, abanando a cabeça, indignado. – E vão contra os princípios do budismo.

– Pois, exacto. A não-violência é um ponto central em todas as escolas do budismo.

– O problema é que alguns monges radicais entraram para a política há uns anos e têm um discurso muito nacionalista. Advogam que o Sri Lanka é uma terra santa e tem de ser um bastião budista – explicou Ernest, acabando o café. – O Sri Lanka é dos países mais religiosos do mundo. Setenta por cento da população é budista e a religião e a política andam de braço dado há milhares de anos.

– Bem, isso não é só lá – lembrou o japonês, mantendo um tom sério. – Às vezes, a luta religiosa não é mais do que uma luta pelo poder.

– Até já houve períodos de paz, mas basta aparecer alguém a acender o rastilho e, num ápice, tudo se incendeia – lastimou Ernest, depois de expirar o fumo do cigarro. Gostava de conversar com o japonês. Era o investigador da sua equipa de quem mais gostava. Chegara ao CIC, Centro de Investigação Caravela, semanas depois dele e tinham bastante em comum. – Com a independência, tomaram-se graves medidas contra as minorias, principalmente contra os tâmile hindus. É óbvio que eles se sentiram discriminados, e foi a desgraça que se conhece.

– Eu lembro-me de ver as notícias da guerra civil – recordou Yoshito, deitando o copo de plástico na reciclagem e olhando uma última vez para o porta-aviões. – Durou muito tempo, não foi?

– Vinte e seis anos, com alguns cessares-fogo pelo meio – precisou Ernest, apagando o cigarro. – Uma tragédia. Cem mil mortos e outros tantos feridos e desalojados.

– Já não me lembro bem, mas os tâmile queriam ser independentes, não era?

– Sim, queriam ter um Estado numa parte da ilha, onde são maioritários.

Haviam-se passado mais de duas décadas desde aquela manhã de Janeiro, mas sentia-se desolado sempre que pensava no que acontecera. Um bombista tâmil conduziu um camião com cem quilos de explosivos e detonara-se junto do Banco Central, em Colombo, matando noventa pessoas e ferindo mil e quatrocentas. Os pais e o irmão estavam a caminho

do porto quando foram pulverizados na explosão. Tinha sido um dos mais de cento e cinquenta atentados suicidas dos Tigres Tâmil e fora-lhe impossível reconhecer os corpos.

Fazia-se tarde e a maior parte dos funcionários já se tinha ido embora da esplanada. Os dois voltaram a entrar no refeitório meio vazio e dirigiram-se para a saída.

– Com estas notícias lembrei-me de que ando há dias para te dizer uma coisa – revelou o japonês, já no corredor que dava acesso aos elevadores. – Na semana passada, jantei com um casal português que me contou uma história que talvez te interesse.

– Ah, sim?

– Parece que existe um convento e uma igreja em Lisboa, construídos há muito tempo por um príncipe do Sri Lanka.

Ernest susteve o passo, admirado. A porta do elevador abriu-se, mas ele ficou parado à entrada. – Príncipe do Sri Lanka? – questionou, estupefacto. – Em Lisboa?

– Sim, eles estavam a falar da filha e contaram que estudava num colégio construído nas antigas instalações de um convento, anexo à tal igreja.

– Onde é que isso fica?

– Perto da casa deles. Não me recordo do nome da rua, mas é perto de um estádio de futebol. Quando chegarmos lá acima, mostro-te.

– Estrada de Telheiras. – Ernest leu em voz alta o que dizia na placa.

Sorriu satisfeito e encostou o carro na berma. Acabara de passar por um conjunto de moradias e pelo Colégio Alemão e reconheceu o local que Yoshito lhe mostrara na Internet. Era um edifício branco e moderno, que deveria ser o colégio, construído a partir da estrutura do convento. Pelas fotografias antigas que vira, o convento fora de construção sólida, mas havia estado abandonado durante anos, em ruínas e com as janelas emparedadas.

Lera que Telheiras fora uma pequena aldeia nos arredores de Lisboa, formada por quintas em redor do convento e da igreja, mas agora parecia ser um bairro de prédios elegantes e moradias, não muito longe do aeroporto. O convento e a igreja haviam sido erigidos no século xvii, por ordem de D. João de Candea, um príncipe cingalês que fugira de Kandy ainda jovem e fora educado por padres em Mannar e em Goa, antes de embarcar para Lisboa. Desde a conversa com Yoshito que não parara de pensar no tempo dos portugueses no Sri Lanka. Conhecia bem essa época.

Quando desembarcaram na ilha, os portugueses foram olhados com estranheza. Vinham de longe, tinham pele clara, comiam pedra, bebiam sangue e usavam casacos de ferro. Foram rápidos a marcar presença. O próprio D. Lourenço de Almeida mostrara o poder da artilharia dos navios

e afugentara os mercadores muçulmanos que dominavam o comércio. Nunca se vira nada igual.

Os portugueses encontraram a ilha dividida em três reinos. Kotte era o mais poderoso e rico em canela, ocupando as costas oeste e sul, onde mais de metade da população vivia. Kandy era o reino das montanhas, no interior da ilha, e, tal como Kotte, era budista, ao passo que Jaffna, na ponta norte, famosa pela quantidade de pérolas no mar, era hindu.

Durante anos, Kotte recebera vassalagem dos outros reinos, mas estava em declínio. Pouco depois da chegada dos portugueses, parte do seu território autonomizara-se, passando a chamar-se Sitawaka e tornando-se o quarto reino na ilha. Fora uma questão de tempo para eclodir uma guerra civil e os portugueses serem chamados a proteger os seus aliados de Kotte e, mais tarde, de Kandy.

Sitawaka mostrara-se mais forte do que todos, mas não conseguira vencer os portugueses, que pacificaram Kotte, salvaram Kandy e passaram a controlar a corte dos dois reinos e todo o comércio de canela. A partir daí, tornaram-se onnipresentes. Contavam apenas com quatrocentos ou quinhentos soldados na ilha, mas detinham um poder fabuloso. Durante anos, Sitawaka fizera-lhes uma guerra sem tréguas, com avanços e recuos, mas nunca os conseguira expulsar ou tirar-lhes a canela.

Fora nesses tempos sangrentos que D. João de Candea nascera. Era filho do pretendente ao trono de Kandy, que chegara a rei com o apoio dos portugueses para um ano mais tarde ser assassinado por rebeldes. D. João conseguira escapar com vida, mas nunca mais voltara às montanhas.

Um avião rasgou os céus, aproximando-se do aeroporto, e despertou-o. Ernest saiu do carro, acendeu um cigarro e olhou emocionado para o colégio. Tentou decifrar os contornos do antigo convento e a seguir vislumbrou a igreja, mais ao fundo. Tinha uma torre sineira e telhados vermelhos. Parecia bem conservada, mas dali era-lhe difícil ter uma perspectiva da fachada. A rua era estreita e a igreja estava cercada por vivendas.

Viu os candeeiros do passeio a acenderem-se e teve a sensação de estar numa aldeia perdida, sem ninguém, onde apenas se ouviam os pássaros ao entardecer. De repente, sentiu um mal-estar e voltou-se para trás. A rua continuava deserta e sem tráfego. Desde que viera para Lisboa que baixara a guarda, mas sabia que tinha de se manter alerta. Tentou acalmar-se e acabou de fumar o cigarro, enquanto admirava a porta da igreja. Era esverdeada e parecia robusta, rodeada por uma moldura de pedra. Olhou para os números 16 e 96 inscritos em cada lado da porta e tentou decifrar o seu significado.

– 1656! – exclamou, ao ver que se tratava de um 5, e não de um 9.

Naquela altura, os portugueses estavam quase a ser expulsos do Sri Lanka. Três janelas altas dominavam a fachada da igreja, mas por cima do

friso da porta Ernest descortinou a figura de um anjo a segurar uma chave. Não teve dúvidas; chegara à Igreja de Nossa Senhora da Porta do Céu.

Quando ultrapassou a pequena antecâmara, foi surpreendido. Não havia vivalma na igreja, e o interior era maior do que pensara. Tinha uma nave única com duas janelas altas de cada lado que deixavam passar imensa luz natural. Ao fundo, avistou a capela-mor, mais estreita, com o altar de pedra e uma imagem de Nossa Senhora na parede, por baixo da Cruz de Cristo. Tudo lhe parecia simples, mas acolhedor, com um odor a madeira encerada. Contou treze filas de bancos corridos e sentou-se na penúltima, em silêncio, a adivinhar os segredos que por ali se esconderiam. Ainda lhe custava acreditar que a igreja tivesse sido construída por um seu antepassado.

Pouco depois, ouviu uma das portas laterais da capela-mor a abrir-se e viu um homem de batina preta a cruzar o altar. Era alto, calvo e de meia-idade, e Ernest notou que caminhava na sua direção.

– Tenho imensa pena, mas temos de fechar – informou, com um sorriso. Tinha óculos de aros finos e uma postura direita. – Precisais de ajuda?

Ernest teve dificuldade em seguir-lhe as palavras; o padre falava muito rápido e com um sotaque indecifrável. Ernest estava habituado a ler em português, e dominava bem as palavras, mesmo as mais antigas, mas não lhe era fácil acompanhar as conversas dos colegas portugueses do CIC e acabava sempre por se refugiar no inglês.

– Desculpe, falo mal português – respondeu, atrapalhado.

– A missa acabou há uma hora – disse o padre em inglês, espantado. – Vamos ter de fechar.

– Não cheguei a tempo da missa. Só queria rezar um pouco.

– Claro, a casa de Deus está sempre aberta para os seus filhos – acedeu, com uma voz afável. Parecia que ia deixá-lo à vontade, mas depois hesitou. – Sois de onde?

– Do Sri Lanka – afirmou Ernest, olhando-o fixamente, para depois arriscar: – O antigo Ceilão.

– Ah, percebo a vossa visita; esta igreja está muito ligada a essa terra tão bonita – comentou o padre, não disfarçando a surpresa. – A antiga Taprobana, mas, pelo que sei, a ilha já teve muitos nomes.

– Sim, Taprobana para os gregos e romanos, Xilan para os chineses e Serandib para os árabes – detalhou, com satisfação. Estava a milhares de quilómetros do seu país, ainda assim sentia uma proximidade aconchegante. – Ceilão para os portugueses.

– E agora Sri Lanka – completou o padre, com um sorriso rasgado. – O nome tem algum significado?

– Lanka quer dizer «ilha» na nossa língua. Sri significa «venerável».

– Ah, compreendo. A ilha venerável, a ilha sagrada.

– Pode dizer-se que sim.

O padre parecia comovido e aproximou-se dele. Ernest percebeu que deveria ser o primeiro cingalês a visitar a igreja. Percorreu o corredor central ao seu lado, ouvindo as explicações sobre a imagem de Nossa Senhora ao fundo, e o estuque do tecto, com uma coroa esculpida, por cima de um brasão português.

– Estais de passagem por Lisboa? – quis saber o padre, parando por momentos.

– Não, trabalho cá há quase um ano. Sou médico – adiantou, simplificando. Havia muito que deixara de dizer que era cientista ou investigador. – Mas só ontem soube da existência desta igreja.

– Estamos longe das zonas turísticas – assentiu o religioso, ajeitando os óculos, mantendo um semblante indagador. – Viestes em busca de raízes da vossa terra, não é assim?

– Sim. Contaram-me que foi construída por um príncipe do Sri Lanka.

– D. João de Candea. Quando ele aqui chegou, estas colinas eram apenas campos e vinhas – esclareceu o padre, caminhando até ao altar-mor. – D. João foi um grande senhor, conhecido como o Príncipe Negro.

– E o seu túmulo? – questionou Ernest, impressionado. – Está aqui na igreja?

O padre anuiu. Parou diante do altar-mor e apontou para a pedra funerária desenhada no chão de mármore branco, com um friso rosado.

– Crê-se que repousa neste local. Em tempos, havia aqui um pequeno mausoléu de mármore e uma pedra tumular em sua honra. Hoje está no Museu do Carmo, no centro de Lisboa.

– Perto do Chiado?

– Exactamente. Sabe, a igreja ficou bastante danificada no Terramoto de 1755, sendo mais tarde reconstruída por ordem do Marquês de Pombal. Infelizmente, foi saqueada e vandalizada no século XIX, sobretudo durante as guerras liberais – explicitou com a testa franzida. – Acabou por ser recuperada apenas há umas dezenas de anos, quando se transformou em igreja paroquial.

– Não existem quaisquer inscrições funerárias – notou Ernest, surpreso. – Pensei que fosse comum nas igrejas mais antigas.

– Nem sempre, e nesta igreja temo que não seja assim. A maior parte das ossadas eram de monges e religiosos, mas há muito que foram recolhidas.

Ernest deixou-se arrastar pelas palavras do padre. As suas pesquisas tinham-no obrigado a saber muitos detalhes históricos do final do século XVI, mas nunca estudara a vida daquele príncipe depois da sua fuga de Kandy. Foi com surpresa que soube que ele chegara a Lisboa em 1610, depois de vários anos em Goa, e fora ordenado padre. Mais tarde, viajara até Madrid para negociar com D. Filipe II a renúncia dos seus direitos ao trono do Ceilão.

– Com isso, consegui dobrar a sua pensão eclesiástica – relatou o padre, ajeitando de novo os óculos. – Comprou esta propriedade e iniciou a construção do convento, destinado à convalescença dos franciscanos.

– E vivia no convento?

– Tinha uma casa aqui perto, mas residia no centro de Lisboa – respondeu o padre. – Criou a Fundação da Irmandade da Nossa Senhora da Porta do Céu, embora as obras da igreja só terminassem em 1656, catorze anos depois da sua morte.

– Eu nasci em Galle, mas fui muitas vezes a Kandy. Conheço bem a cidade – revelou Ernest, com emoção. Agora percebia a data inscrita na porta. – Não estava à espera de descobrir aqui tanta coisa sobre o meu país.

O padre sorriu-lhe, mas depois revirou os olhos e mudou o semblante, olhando para o relógio.

– Peço desculpa, estou atrasado – explicou, com um ar agitado e coçando a testa. – Os meus amigos escuteiros já estão à minha espera.

A despedida não demorou, mas Ernest ainda teve tempo de aceitar o convite para assistir à missa do domingo seguinte. O padre insistiu em que proferisse uma das leituras. Seria uma honra se o fizesse em português, mas, se falasse em inglês ou latim, também não haveria problema.

Mal saiu para a rua, Ernest acendeu um cigarro. Ficou admirado com o ar fresco da noite, mas sentia-se reconfortado: não sabia se por ter visitado a igreja, por ir assistir à missa do domingo seguinte ou por se recordar do tempo em que ia à missa com os pais, em Galle e Colombo.

Estava longe de casa há muito tempo. Pensando bem, deixara de ter raízes desde que saíra do Sri Lanka, após o atentado que vitimara os pais e o irmão. O tempo ajudara a amenizar a dor. O calor da companhia feminina, as festas regadas a álcool, as viagens constantes e o trabalho intenso fizeram o resto. Concluía os estudos na Universidade de Johns Hopkins, em Baltimore, e desde então tivera uma carreira fulgurante. Fazia investigação oncológica havia quase vinte anos e, depois de um período a trabalhar nos Estados Unidos, conseguira ganhar uma ainda maior projecção em Singapura. Trabalhara no National Oncology Institute durante cinco anos e fora aí que conhecera Ling, uma cientista malaia por quem se apaixonara. Havia vivido juntos três anos num apartamento luxuoso, até Ling o abandonar, depois de descobrir que ele estava, de vez em quando, com outras mulheres.

Fora-lhe difícil aceitar aquela perda, apesar das festas e das noites. Ao mesmo tempo, a relação com a MediVal, o principal patrocinador do instituto, entrara em ruptura, e Ernest sentira-se cada vez sufocado na pequenez de Singapura. Quando recebera uma proposta de trabalho de uma instituição portuguesa para liderar uma equipa especial de investigação oncológica, nem hesitara. Não conhecia Lisboa, mas Portugal

era-lhe familiar. As referências e o projecto do CIC não podiam ser melhores, para além de as condições financeiras e fiscais serem bastante atraentes.

A par das suas funções, Ernest nunca deixara de trabalhar numa outra investigação. Começara-a, quase por acaso, oito anos antes, quando estivera de férias no Sri Lanka. Resolvera tentar decifrar os arquivos do mosteiro budista em Kandy, onde costumava meditar, e descobrira algo de perturbador. Pesquisara então muitos eventos desconhecidos da maioria das pessoas, que haviam tido lugar no Sri Lanka séculos antes, e cedo percebeu o que tinha entre mãos. Ficou maravilhado e resolveu fazer secretamente o primeiro teste clínico, ainda nos Estados Unidos. Com o tempo, ficou animado com o que poderia atingir e progrediu com novos testes, eliminando erros, sem precisar de ajuda ou de visitar recorrentemente a ilha. Os resultados foram surgindo e surpreenderam-no. Primeiro em minhocas e moscas, mais tarde em ratos.

Nos primeiros tempos de Singapura, mantivera a investigação sigilosa para a desenvolver, mas depois entusiasmara-se e negociara uma bolsa avultada com a MediVal. A partir daí, ficara absorvido e a investigação ganhou outra dimensão, chegando a colaborar ocasionalmente com alguns cientistas da MediVal. Fizera testes em pessoas e alcançara um sucesso inicial estrondoso que o deslumbrara.

Todavia, o que se seguira deixara-o angustiado e deprimido. Não mais conseguira repetir o êxito inicial, nem perceber o que falhara. À medida que os fracassos se sucediam, a MediVal revelara-lhe uma face sombria. Ernest tentara corresponder aos desafios e alterar a relação de forças, porém, a tensão tornara-se insuportável. Procurara mudar de interlocutor, mas fora mal entendido e, mais tarde, ameaçado, caso não cumprisse os objectivos da bolsa de investigação. Exigiam-lhe resultados que não conseguia alcançar, como se a investigação científica fosse tão exacta como a matemática.

A princípio, não dera importância às ameaças, mas aos poucos apercebera-se do perigo e temera pela própria vida. Por isso, um dia desapareceu. Após a oferta do CIC, demitiu-se do National Institute e abandonou Singapura sem deixar rasto, eliminando todos os seus contactos de telefone, *e-mail* e redes sociais. Foi como se, de um dia para o outro, tivesse mudado de identidade. Foi a única maneira de a MediVal o deixar em paz.

Tomara a decisão acertada e estava a gostar muito de Lisboa. O clima era suave, simpatizava com a cidade e sentia-se identificado com o CIC. Tinha óptimas condições de trabalho, os fundos necessários e autonomia na investigação. Além disso, a mudança para Lisboa e os últimos meses de trabalho haviam sido preponderantes na sua investigação. Encontrara novas informações num arquivo histórico da cidade, bem como dados mais

rigorosos que completaram o que descobrira em Kandy.

Kandy fora conhecida como Candea e era um dos locais cruciais para a investigação. Tratava-se de um lugar mítico, no meio das montanhas, e ainda era vista como um símbolo de resistência contra os europeus: primeiro os portugueses, depois os holandeses, por fim, os britânicos. Continuava também a ser um lugar santo para o budismo. O templo principal da cidade albergava um dente de Buda que se dizia ter-lhe sido arrancado antes de o seu corpo ser cremado no Norte da Índia, mais de dois mil anos antes. Havia muitas versões sobre se o dente seria verdadeiro, mas Ernest não deixava de sorrir. Ele próprio iria garantir que Kandy seria mundialmente conhecida por outras razões.

O que acontecera nas últimas semanas fora histórico. Estava à beira do sucesso, depois de finalmente perceber o erro que cometera em Singapura. Os últimos testes e exames médicos haviam comprovado o que suspeitara pouco depois de chegar a Lisboa. Filmara a experiência. Conseguira repetir o sucesso que inicialmente obtivera em Singapura, e ainda com menos efeitos secundários. Era um segredo só seu!

Tinha de pensar no que iria dizer ao Dr. Perlov, o director de investigação do CIC. Enviara-lhe algumas informações sobre a pesquisa, mas nunca lhe revelara o seu verdadeiro objectivo. Depois do que se passara com a MediVal em Singapura decidira resguardar-se; apenas confidenciara parte do sucedido a Elizabeth, sua namorada, mas ela não dominava a linguagem científica, nem o levava muito a sério. Estava prestes a revolucionar a ciência e o Prémio Nobel iria ser certamente seu.

De repente, ouviu um relâmpago e assustou-se. Passou o gradeamento do colégio e começou a chover com força ainda antes de chegar ao carro. Foi como se estivesse no Sri Lanka durante as monções. Questionou-se se Elizabeth estaria em casa, mas voltou a sentir-se indisposto. Estava perto de uma estação de metro, de duas escolas e das traseiras de alguns prédios, ainda assim o local era isolado e não se via ninguém.

Ernest ia abrir a porta do carro quando lhe pareceu sentir movimento e voltou-se para trás. Reconheceu a silhueta do homem alto e sentiu o ar faltar-lhe. Fora descoberto!

Tentou recordar onde tinha as duas *pens* principais. Levou a mão ao bolso das calças e sentiu apenas uma. Lembrou-se. Saíra de casa à pressa e deixara a outra ligada ao portátil, perto do sofá da sala. Cogitou se teria alguma coisa relevante no carro, mas não teve tempo para mais nada.

– Ernest Fonseka – ouviu uma voz cortante. – Fugiste de Singapura, de um dia para o outro, mas finalmente encontrei-te!

– Tive de vir embora de repente – respondeu, tentando não transparecer o espanto. Algures deveria ter cometido um erro: era Aarni Leppa, da MediVal. Passados tantos meses, aquela voz ainda o intimidava.

– Achavas mesmo que podias fugir de Singapura e que ninguém te iria

encontrar? – inquiriu, no mesmo tom. – Tenho estado à tua procura há quase um ano. Primeiro deixaste de responder às chamadas, depois o teu telemóvel deixou de funcionar, o *e-mail* passou a dar erro e ninguém sabia para onde tinhas ido. Percorri Singapura de ponta a ponta, passei horas com o teu senhorio, e até fui a Kuala Lumpur falar com a tua antiga namorada. Felizmente o *Google alert* captou uma pequena notícia sobre ti num centro de investigação em Portugal.

– Tenho estado ocupado – explicou, então mais nervoso. Equacionou as opções de que dispunha. Podia correr e desaparecer, podia tentar entrar no carro e arrancar o mais depressa que conseguisse, ou enfrentar Aarni e pôr fim aos seus temores.

– A MediVal está muito desiludida contigo. E eu também – reclamou Aarni. – Não gosto de ser enganado, especialmente depois de tudo o que fiz por ti.

– Enganado? – questionou Ernest, elevando a voz. – Enganado como?

– Éramos uma equipa – lembrou Aarni, incisivo. – Adiantámos-te uma quantia elevada por dados que são insuficientes. Esperávamos receber material conclusivo.

– Tratou-se de uma bolsa de investigação, para cobrir os custos – corrigiu Ernest, tentando manter a serenidade. – Não fiquei com dinheiro nenhum para mim.

– Quase dez milhões de dólares em dois anos – interrompeu o finlandês, irritado. – Existem departamentos nas melhores universidades e fundações que não dispõem desse dinheiro.

– Sabias que as pesquisas que estávamos a realizar tinham custos elevados e resultados imprevisíveis. Avisei-te várias vezes sobre o risco de a investigação falhar. Na altura, não pareceste incomodado.

– Tínhamos um objectivo comum. Ninguém estava à espera de que desaparecesses sem dar explicações – adiantou Aarni, aproximando-se, indiferente à chuva. – Podias ter telefonado, ido ao instituto ou à empresa esclarecer o que se passou.

– Dei-te todas as explicações em Singapura. Tu é que não quiseste ouvir – protestou Ernest, tentando ganhar tempo. Aarni tinha quase dois metros de altura e um corpo possante; era impossível vencê-lo fisicamente. Tentou calcular quantos segundos precisaria para se fechar no carro, trancar a porta e arrancar.

– Fugiste, de um dia para o outro.

– Não, os dois anos da bolsa já tinham terminado. Entreguei tudo o que tinha e depois aceitei uma oferta de trabalho – respondeu, amedrontado, pois Aarni estava muito perto. – Uma óptima oportunidade que me levou a mudar de país.

– Deves achar que somos idiotas. Tinhas um contrato para cumprir. Estás em dívida para com a MediVal, e em dívida para comigo – insistiu

Aarni, com voz grave. Estava tão próximo que Ernest lhe sentiu a respiração. – Ficaste de nos fornecer todas as informações sobre o composto. Sem exceções!

– Passei-vos todos os testes, memorandos e resultados das pesquisas – teimou Ernest, dando um passo atrás. – Cumpri o nosso contrato.

– Mentiroso! – acusou Aarni, fora de si. – Nenhum dos testes que repetimos com os teus dados foi bem-sucedido ou conseguiu atingir os resultados que tivemos de início. Omitiste alguma coisa.

– Eu não sei o que falhou. Tenho muita pena, mas tu sabes que a ciência é mesmo assim – recordou. Pegou na chave do carro e decidiu-se a entrar. – Os resultados nem sempre são os que nós queremos.

– Há muito tempo que perdi a paciência contigo – advertiu Aarni, agressivo. – Vim buscar os dados que faltam. A bem ou a mal.

A chuva não parava e Ernest estava encharcado. Um novo relâmpago irrompeu nos céus e iluminou a Estrada de Telheiras. O estrondo foi violento, mas Ernest foi surpreendido pela pancada no estômago. Sentiu uma vontade incontável de vomitar. Quando voltou a abrir os olhos, Aarni agarrou-o e ele sentiu-lhe o hálito quente. Tentou libertar-se e ripostar, mas foi esmurrado mais uma vez. Primeiro na barriga, depois no peito e na face, o que o deixou à beira de perder os sentidos.

– E agora? – perguntou Aarni, quase ao ouvido. Deu-lhe mais um soco na cara e insistiu: – Continuas sem nada para me dizer?

Ernest sangrava do nariz e da boca e doía-lhe a cabeça. Receou que tivesse o maxilar e o nariz partidos e sentiu-se sem forças. Perdeu o equilíbrio e caiu na estrada empedrada, ferindo os joelhos. Uma sucessão de relâmpagos cortou os céus e teve a sensação de ver uma luz imensa. Tentou mexer-se, levantar-se, mas o corpo não lhe obedeceu.

– Tenho andado a seguir-te há semanas e a ver o que andas a fazer. Sei tudo da tua vida em Portugal. As tuas rotinas, onde moras, onde trabalhas, por onde anda a tua namorada sul-africana, tudo! – segredou Aarni, debruçado sobre ele. Revistou-o, tirou-lhe o *smartphone* e a chave do carro. – Qual é o código do teu *iPhone*? – questionou, esmurrando-o nas costelas. – Diz-me!

Ernest sentiu-se indefeso e disse-lho. Balbuciou algo, mas o ar faltava-lhe. As dores nas costelas eram insuportáveis e não o deixavam pensar. Aarni arrastou-o para dentro do carro. Ernest tentou levar a mão ao bolso para agarrar na *pen*, mas não conseguiu. Pensou que ia morrer e tentou um último esforço.

– Larga-me!

– Antes vais dizer-me tudo o que sabes sobre a Taprobana.



A medicina é a ciência da incerteza e a arte das probabilidades.

WILLIAM OSLER, FÍSICO E FUNDADOR DA UNIVERSIDADE JOHNS HOPKINS

A onda embateu no paredão, agigantou-se no ar e desintegrou-se na Estrada Marginal. Rui manteve o olhar fixo no sinal vermelho, tentando ignorar a força do mar, que, aos poucos, invadia a estrada. Assim que o semáforo ficou verde, acelerou por entre as poças, ultrapassou o Forte da Giribita, de baluartes amarelados, e seguiu em direcção a Lisboa.

Dez minutos mais tarde, ouviu no rádio que a polícia cortara o trânsito na Marginal. Felizmente, já chegara ao CIC. Como sempre, fora dos primeiros a entrar. O relógio do *lobby* marcava sete e vinte.

O complexo fora inaugurado havia quatro anos, agrupando as diferentes estruturas do Centro de Investigação Caravela. Ocupava dois elegantes edifícios envidraçados, de cinco andares, defronte da praia da Cruz Quebrada, nos antigos terrenos de uma fábrica. Rui ficava maravilhado sempre que ali entrava. Até em dias chuvosos, parecia que rio e mar irrompiam pelo edifício e isso fazia com que se sentisse mais bem-disposto.

O seu gabinete, no último andar, estava virado ao rio. Conseguia ver a torre inclinada que controlava o tráfego marítimo, a Ponte 25 de Abril e o Cristo-Rei. Por norma, o início da manhã era a altura mais produtiva do dia. Não tinha ninguém a bater-lhe à porta do gabinete, nem recebia telefonemas, mensagens ou *e-mails*. Era dono do seu tempo e tinha apenas o Tejo como companhia, à hora de muitos navios entrarem na cidade.

Pousou a pasta na secretária e foi buscar café. A par da Fundação Champalimaud, em Belém, o CIC era um lugar muito especial no país. Tratava-se de uma das instituições mais avançadas no ramo da oncologia e das neurociências em todo o mundo. Para além de funcionar como hospital oncológico na vanguarda da tecnologia, operava um grande centro de investigação, onde trabalhavam duzentos cientistas de trinta nacionalidades diferentes, distribuídos por vinte laboratórios. Estudavam os vários tipos de cancro, as doenças de *Parkinson* e de *Alzheimer*, numa forte articulação com o corpo médico.

Saboreou o café e ficou a observar um pacote a entrar no rio. Estava prestes a fazer cinquenta anos e sempre se esforçara por ver a vida pelo lado positivo, mas ainda não se libertara da depressão e da letargia em que mergulhara. O casamento de vinte e cinco anos com Cláudia esfumara-se

de um dia para o outro e, em grande medida, fora sua culpa. Estivera tão embrenhando no trabalho que não se apercebera de que deixara de lhe dar atenção. Um dia, Cláudia ganhou coragem e contou-lhe: conhecera outro homem no ginásio, onze anos mais novo, e estava desejosa de recomeçar a sua vida.

Haviam-se passado quase dois anos desde o divórcio, mas não era um assunto de que gostasse de falar. Nem do divórcio, nem do que acontecera a seguir. Cláudia voara para o Brasil, e a partir dali iniciara uma longa lua-de-mel pela América Latina. Só que a viagem terminara da pior maneira na Guatemala. A avioneta turística onde seguia com o noivo despenhou-se, e nenhum dos dez ocupantes sobreviveu à queda.

Pelo menos, os filhos pareciam estar bem, dadas as circunstâncias, e ele sentia-se contente com a mudança de carreira que fizera. Trabalhara numa grande consultora internacional durante mais de vinte anos, mas ficara saturado. Conseguira negociar a saída, quando já estava a ser sondado para um cargo na administração do CIC. Gostava do que fazia e tinha cada vez mais apego à instituição, mas sentia-se só sempre que estava em casa. Esforçava-se por apoiar os filhos, ocupar o tempo, e chegara a namorar com uma jornalista, mas a relação terminara tão depressa como começara.

Voltou a olhar para o rio acinzentado. O pacote desaparecera e deveria estar prestes a acostar nas docas da cidade. Já passava das oito da manhã. Tentou concentrar-se, mas foi interrompido por um telefonema.

– Ainda bem que te apanho.

Era a voz de Kristoffer Andersson, o novo director clínico, após a saída súbita do Dr. Saraiva para o Canadá. Rui gostava dele. Via-o como um amigo com quem se encontrava às vezes, ao fim-de-semana, e jogava ténis no Jamor.

– Olá, Kris, tudo bem? – perguntou, admirado com o tom abrupto do sueco, normalmente bem-humorado.

– Preciso de falar contigo. Importas-te de vir aqui ao meu gabinete?

– Agora? – questionou, surpreendido. Apesar da recente nomeação, Kris preferira manter-se no seu gabinete de sempre, encostado à unidade de radioterapia, no outro edifício.

– *Ja*, preciso de te mostrar uma coisa.

– Pode ser daqui a pouco? Vou entrar numa *conference call* dentro de vinte minutos e ainda preciso de preparar algumas informações – explicou Rui, olhando para o relógio. Fora muito poucas vezes ao hospital, em especial às secções da radioterapia e quimioterapia, e não estava habituado a conviver com a doença tão de perto. Mas Kris parecia aflito, o que não era nada dele. – Que se passa?

– Quero que vejas uns exames.

– Exames?! – estranhou Rui. Ele era responsável por vários pelouros na administração, mas a sua formação era gestão e tinha pouco contacto com

o dia-a-dia dos médicos e cientistas. – Exames clínicos?

– *Ja*, pedidos pelo Ernest Fonseka – esclareceu, baixando a voz, como se estivesse a sussurrar. – Ele não aparece há três dias e ninguém o consegue localizar. Estava com esperança de que viesse hoje, porque é segunda-feira, mas até agora nada.

– E não avisou ninguém?

– *Nej*, nem deixou mensagem.

– Será que resolveu tirar uma semana de férias sem dizer? – perguntou.

Ernest era um cientista conceituado, com artigos publicados em todo o mundo, mas Rui suspeitava de que ele vivia num mundo à parte e fosse um tanto ou quanto imprevisível. Tal como Kris, era dos poucos que trabalhava tanto na parte clínica como na investigação, sendo responsável por um dos laboratórios e pela Unidade de Testes Clínicos do hospital.

– *Nej*, Rui. Ele nunca fez uma coisa destas sem avisar – insistiu Kris. Parecia transtornado. – Ernest é o primeiro a chegar e o último a sair. Não o estou a ver tirar férias sem deixar instruções à sua equipa.

– Está bem, deixa-me só terminar a *conference call* e já vou ter contigo – acedeu Rui, contrafeito.

– Temo que tenha acontecido algo de grave – desabafou Kris, sem desligar a chamada. – Ele não atende o telemóvel, não responde a mensagens nem *e-mails* desde quarta-feira. A equipa de investigadores não sabe dele, o pessoal clínico também não, e não conseguimos falar com o Dr. Perlov.

Yitzhak Perlov, o director de investigação, estava numa conferência internacional em Bangucoque, na Tailândia, com o presidente do CIC. Rui engoliu em seco e assentiu: Kris não lhe estava a ligar apenas por ser seu amigo. Os dois eram, de facto, os quadros hierárquicos mais altos no CIC, naquele momento.

– Na sexta pedi ao Yoshito, um dos seus investigadores mais próximos, que fosse a sua casa. Tocou à campainha vezes sem conta e esteve à porta do prédio mais de uma hora, sem sucesso – continuou Kris, sem mais rodeios. – Voltou lá no sábado, mas ninguém atendeu. Nenhum dos vizinhos com quem falou o viu nos últimos dias.

– Nesse caso, é melhor contactarmos a polícia – retorquiu Rui fitando o rio, tentando manter-se calmo. Tinha de cancelar a *conference call*.

– Não antes de veres os exames que tenho aqui à minha frente – teimou Kris, categórico. – Ninguém consegue explicar o que se está a passar. Vários pacientes terminais do Piso 5 melhoraram subitamente.

– Vou já para aí.

Rui pousou o telefone e levantou-se. Conversara com Ernest Fonseka várias vezes no refeitório e na esplanada do CIC. Não o conhecia bem, mas sempre o achara afável e simpático, ao contrário da opinião generalizada das pessoas, incluindo a de Kris. Ernest estava satisfeito por viver em

Lisboa e gostava de falar sobre o Sri Lanka e o tempo dos portugueses no seu país. Rui recordava-se de que ficara admirado quando ele lhe contara que haviam sido os holandeses a expulsar os portugueses do Ceilão e que os britânicos só dominariam a ilha muitos anos depois. Sempre tivera a ideia de que o Ceilão fizera parte do dote de D. Catarina de Bragança quando se casara com o rei de Inglaterra.

Já estava fora do gabinete quando ouviu o telefone tocar de novo e voltou atrás.

– Dr. Fernandes, desculpe incomodá-lo – disse a telefonista. – Tenho aqui uma senhora...

– Agora estou ocupado, não posso – interrompeu Rui. Kris estava à sua espera. As suas últimas palavras tinham-no perturbado.

– É da Polícia Judiciária – informou a telefonista, com a voz trémula. – Pediram para falar com o Dr. Fonseca, mas tenho indicação de que ele ainda não chegou.

– A polícia está ao telefone? – perguntou Rui, perplexo.

– Sim, sugeri que ligassem mais tarde, mas pediram para falar com o seu superior hierárquico ou com o Senhor Presidente. Como sabe, estão ambos na Tailândia, mas a agente insiste em falar com alguém da administração. Gostaria que me desse instruções sobre a melhor maneira de proceder.

– Pode passar a chamada, Sara.

– Bom dia, fala Raquel Mendonça, sou inspectora da Polícia Judiciária – ouviu pouco depois.

– Rui Fernandes, administrador do CIC. Em que posso ser-lhe útil?

– Precisava de confirmar algumas informações – solicitou a inspectora com uma voz ríspida. – O senhor conhece Ernest Fonseca?

– Sim, o Dr. Fonseca é cientista nesta instituição – respondeu, sentindo um rubor na face. – Trabalha connosco quase há um ano, liderando uma das equipas de investigação.

– Disseram-me que ele ainda não chegou às instalações. Sabe-me dizer quando chegará?

– Eu não trabalho com ele directamente – replicou, levantando-se da cadeira e aproximando-se da parede de vidro. Kris dissera-lhe que seria melhor não contactar a polícia por enquanto, mas esta fora demasiado rápida. Ele devia ter razão: algo de grave se passava. – Vou pedir à segurança que me avise mal ele chegue e peço-lhe para entrar em contacto consigo.

– Notou algo de estranho na última semana? – insistiu a inspectora, ignorando o que ouvira.

– Não, mas como disse não tenho contacto diário com o Dr. Fonseca.

– Sabe dizer-me a que horas ele saiu do CIC na sexta-feira? – continuou a agente, como que sabendo a resposta.

– Posso tentar entrar em contacto com os nossos serviços de segurança – reforçou, sabendo que a agente não iria ficar satisfeita. – Mas passa-se alguma coisa de que o CIC deva ter conhecimento?

A inspectora ficou, por momentos, em silêncio e depois respondeu.

– Infelizmente, penso que temos más notícias. Foi encontrado um corpo que suspeitamos ser o de Ernest Fonseca.

– Um corpo? Do Dr. Fonseca?

– Tudo indica que sim – respondeu a inspectora, perdendo a frieza e com um tom mais delicado. – Foi encontrado hoje de madrugada, num baldio, entre o IC-19 e o Hospital Amadora-Sintra. Tinha uma chave *tag* do CIC pendurada ao pescoço, com o nome de Ernest Fonseca.

Rui ficou petrificado, sem voz. Ernest morrera e o CIC acabava de ser envolvido num caso de polícia?!

– Vou precisar de alguém para fazer o reconhecimento do corpo – adiantou a inspectora. – Se se confirmar, gostaria depois de falar consigo e com as pessoas que trabalhavam directamente com ele.

Rui passou a ponte de vidro que ligava os edifícios e chamou o elevador para o Piso 2, onde se localizava o gabinete de Kris.

Estava prestes a entrar na parte clínica do CIC, cujo ambiente era muito diferente do dos serviços administrativos, e dos laboratórios dos cientistas, nos pisos abaixo. O hospital tinha um centro ambulatório, bloco operatório e quartos de internamento, podendo receber cerca de quinhentos doentes. O último piso era o que lhe causava mais desconforto, mas felizmente era uma área reservada: tinha vinte quartos para pacientes em quimioterapia intensiva, estado vegetativo ou fase terminal, que requeriam cuidados paliativos.

Rui nunca gostara de visitar aquele edifício e ainda não se habituara a olhar de frente para os pacientes. Era um gestor, tratava de grandes números, compras, recursos humanos, parcerias e financiamentos. O pelouro da comunicação ocupava-lhe cada vez mais tempo, e assumira recentemente a responsabilidade de estabelecer vários acordos de cooperação com instituições de outros países.

As portas do elevador abriram-se e sentiu o embate das luzes brancas e o ar mais seco. Mesmo antes de ser nomeado director clínico, Kris Andersson tinha a seu cargo quase todo o Piso 2 e o seu gabinete ficava mesmo a meio, perto das salas de diagnóstico e tratamentos. Era um espaço apertado e quase integralmente ocupado por uma secretária e três grandes monitores.

– Finalmente! – Kris estava com os olhos raiados de sangue e visivelmente nervoso, diferente da sua postura normalmente descontraída.

Rui ia dizer-lhe o que acabara de saber pela polícia, mas hesitou. Ainda não tomara consciência do que ouvira e não sabia qual a melhor maneira

de contar o sucedido; Kris e Ernest não eram exactamente próximos, mas já os vira trabalhar juntos e eram ambos membros do Conselho Científico.

– Olha para isto – indicou Kris, puxando-o para junto dos monitores.

– Kris, escuta. Acabei de receber um telefonema importante...

– A tua *conference call* pode esperar. Tens de ver isto – interrompeu, assertivo, apontando para dois dos monitores. – Bem sei que não és médico, mas repara nas diferenças.

– De que se trata? – inquiriu Rui. Apenas via contornos a preto e branco.

– A evolução recente de um tumor cerebral. Esta ressonância foi feita há um mês.

Olhando com mais atenção, distinguiu uma enorme mancha branca que parecia um polvo. Tinha um centro branco e dezenas de ramificações de diferentes tamanhos, como se fossem pequenos tentáculos.

– Agora, vê esta. Foi feita na semana passada ao mesmo paciente. Repara, as diferenças são enormes – mostrou Kris, apontando para algumas partes brancas das imagens. O tumor retrocedera e estava circunscrito a uma pequenina bola. – O paciente sofre de um tumor cerebral do grau mais elevado que existe. Eu próprio aprovei o seu programa de radioterapia há cinco meses. Fiz tudo o que podia.

– E então? Parecem ser boas notícias.

– Sem dúvida, mas não estás a perceber.

– Não sou médico – ironizou Rui, tentando manter a calma. Custava-lhe ter os olhos abertos devido à forte luz branca no gabinete e teve uma vontade súbita de sair dali.

– Este paciente foi tratado com fortes doses de quimioterapia e radioterapia durante meses. Os tratamentos foram ineficazes. O seu estado agravou-se há dois meses e o desfecho estava traçado.

– E isto prova o contrário, certo? – adivinhou Rui, com o olhar fixo nos ecrãs.

– Exactamente – confirmou Kris, esbracejando. – Eu segui este paciente de perto, conheço-o bem. Chama-se Alberto Moraes e tem cinquenta e cinco anos. O Dr. Saraiva transferiu-o para o Piso 5, pouco antes de se ir embora, e o Ernest passou a ser o seu médico principal.

– E as ressonâncias não estarão trocadas? – questionou Rui, franzindo o sobrolho quando ouviu a referência a Ernest. – Parece que a mais antiga é a mais recente e vice-versa.

– O problema é precisamente esse – explicou, apontando para as datas nos ecrãs. – Algo de muito invulgar aconteceu nestas semanas. E queres saber o que é ainda mais estranho?

Kris pegou em várias películas que tinha na secretária e colocou-as contra a luz. Pertenciam a três outros doentes. Rui ficou assombrado. Não era preciso ser médico para compreender. O resultado era o mesmo: os

tumores haviam diminuído consideravelmente e, num dos casos, o tumor parecia ter sido erradicado.

– Fiz uma impressão *laser* para ter a certeza. É mais um caso de tumor no cérebro e os outros no rim e no pulmão.

– Não será um efeito retardado da radioterapia ou da quimioterapia?

– *Nej* – refutou Kris, abanando a cabeça. – Sabes o que estes quatro pacientes têm em comum?

Rui ia responder, mas Kris nem o deixou falar.

– Ernest Fonseka passou recentemente a ser o seu médico principal.

– E como descobriste estes exames?

– Estão no sistema, mas apenas a equipa de Ernest tem acesso a eles. Foi o Yoshito que mos mostrou na sexta-feira à tarde. Também ele estava admirado – relatou. – Deixei de acompanhar estes casos quando passaram para o Piso 5, e o Ernest nunca me falou deles. Nem sabia que tinha pedido novas ressonâncias.

– Kris, acabei de receber uma chamada...

– Estou desconfiado de que isto possa ser resultado de um novo teste clínico – adiantou, com gravidade. – Se for o caso, eu deveria ter sido informado. Eu sou o novo director clínico. A responsabilidade é minha, percebes?

– Sim, mas...

– E agora, ninguém consegue falar com ele. A equipa está desorientada com a sua ausência e esta melhoria súbita dos pacientes. Por isso vieram ter comigo.

Rui levantou a mão e fez sinal para que Kris parasse de falar.

– Acabei de receber uma chamada da Polícia Judiciária – revelou finalmente, tentando encontrar as palavras certas. – Acho que aconteceu uma tragédia: suspeita-se de que Ernest tenha morrido.

Kris ficou atônito e demorou a recuperar.

– Eu bem sabia que se passava algo de grave – proferiu, com a voz trémula. – Esta ausência não era nada dele.

– Encontraram um cadáver com a sua *tag* do CIC ao pescoço.

Kris sentou-se pesadamente com os cotovelos na secretária e as mãos na cabeça, fitando a mesa coberta de exames.

– Que desgraça!

– A polícia pediu-me para ir fazer o reconhecimento do corpo – continuou Rui, com a voz embargada. – Se o pior se confirmar, os inspectores vão querer falar com a equipa do Ernest.

Um toque seco na porta interrompeu-os e ambos olharam para ver quem era. Um indivíduo baixo e de nariz fino estava parado, como que esperando autorização para entrar.

– Entra, Ric – disse Kris, fingido recompor-se. Fez um gesto com a mão e apresentou-o a Rui, mas já se conheciam. Era um dos dois médicos-

assistentes da Unidade de Testes Cínicos. – O Dr. Fernandes já está a par do que se passa.

– Tinha razão, descobri mais dois casos – informou o médico-assistente com um semblante carregado. Trazia um *DVD* na mão. – Encontrei a informação no sistema, mas nem eu, nem o Bruno estivemos envolvidos nestes casos.

– Quem são?

– Manuel Gonzalez e Emília Leitão, do Piso 5. Também mostraram melhorias significativas nas últimas semanas.

Rui sentiu o coração a bater e olhou pasmado para Kris. Ficou alarmado por vê-lo tão desorientado e deixou-o a analisar aqueles dois novos casos com o médico-assistente. As notícias sucediam-se em catadupa. Não acompanhava de perto a dinâmica da parte clínica com a investigação, mas estava abalado com o telefonema da polícia. O bom nome do CIC podia estar em risco.

Regressou ao gabinete. Chamou o director de informática e pediu-lhe para aceder ao correio electrónico e a todas as directorias pessoais de Ernest Fonseca. Tinha autoridade para isso e o caso exigia medidas rápidas.

Foi fácil ter acesso aos seus *e-mails*, mesmo os que enviara através do *smartphone*. Percorreu rapidamente os mais recentes. Nada lhe chamou a atenção, mas deparou-se com tanta informação médica que ligou de novo ao informático, para que desse igual acesso a Kris Andersson. Tinha também de contactar o presidente em Banguetocoque quanto antes, mas queria ter informações mais concretas para lhe transmitir. Ia preparar um comunicado, caso a notícia da morte de Ernest viesse a público e pudesse envolver o CIC nalgum escândalo.

Rui voltou a olhar para o ecrã e notou que o correio electrónico continuava a descarregar as mensagens dos últimos dias. Ernest trocara centenas de *e-mails* nas últimas semanas. Qualquer um poderia explicar o que se estava a passar. Tentou ver a data do último envio, mas o correio electrónico ainda não terminara a actualização.

Bateram à porta e, antes que pudesse responder, Kris entrou no gabinete. Parecia mais confiante e tinha umas chaves na mão.

– É o que eu estou a pensar? – perguntou Rui, admirado.

– *Ja*, devem ser da casa de Ernest. Encontrei-as numa das suas gavetas – avançou Kris. O porta-chaves tinha a forma de um leão com corpo de sereia, e em baixo lia-se «*Singapore*». – Tenho de ir a casa dele num instante, antes que a polícia não nos deixe lá entrar.

– Como?! – questionou Rui, não acreditando no que ouvira. – Para quê?

– O Ernest trabalhava sobretudo no portátil. Via-o sempre com ele de um lado para o outro – contou. – Revirei o laboratório e o gabinete e não o

encontro. Só pode estar lá em casa.

– Ou ele tinha-o consigo. É o mais provável – atalhou Rui, elevando a voz. – Não podes ir a casa dele. Isso é invasão de propriedade.

– Ele trabalhava muito em casa e tinha a mania dos segredos, mesmo com a equipa – explicou Kris, debruçando-se sobre a secretária. – É a única maneira de termos acesso às suas notas e comentários. Só assim vamos perceber o que se está a passar no Piso 5.

– Calma, eu já acedi ao seu *e-mail* e já pedi para te darem acesso. Deves encontrar lá tudo aquilo de que precisas – declarou, tentando tranquilizar o sueco. – Isto deve ser um processo que vem de trás e de certeza que o Dr. Perlov está ao corrente.

– *Ja*, isso pode ajudar, mas não chega. O Dr. Perlov continua inacessível e tenho os investigadores e os dois médicos-assistentes dos Testes Clínicos a pesquisar o sistema, mas tenho a certeza de que o Ernest tem informação crucial no portátil que não queria partilhar. Eu acho que ele evitava trabalhar em rede.

– É muito arriscado – frisou Rui, peremptório, tentando manter a frieza. Percebia o valor do portátil de Ernest, porém, Kris não media as consequências. – A polícia vai investigar o caso e procurar pistas. Se descobre que fomos a casa de Ernest, vai achar que estamos envolvidos na sua morte.

– Eu estou envolvido, o CIC está envolvido e os pacientes estão envolvidos – insistiu Kris, tirando um par de luvas de cirurgia do bolso. – Tudo indica que perderam o seu médico. Por alguma razão, os assistentes não acompanharam estes casos e eu não fui informado de nada. Eu sou responsável por esta situação e preciso de ter toda a informação sem demora. Estamos a falar de salvar vidas!

Rui ficou estarrecido com o desespero de Kris. Nunca o vira assim. Talvez ele tivesse razão e o que se passava era ainda mais grave do que supunha. Fixou as luvas de cirurgia e leu-lhe o pensamento. Fez um esgar, mas anuiu.

– Sabes a morada? – perguntou, com os olhos no computador.

O correio electrónico de Ernest terminara a actualização. O último *e-mail* fora enviado dia 22 de Maio, terça-feira, às 18h42. Seis dias antes!

– Pergunto ao Yoshito.

Rui entrou rapidamente no sistema e descobriu o que procurava.

– Não vale a pena. Está na ficha dele dos Recursos Humanos – adiantou, entredentes. – Fica perto do Marquês, a vinte minutos daqui.

Rui bloqueou o computador e saiu do gabinete com Kris. O relógio do *lobby* marcava dez e meia da manhã. Eram quatro e meia da tarde em Banguetcoque. Dentro de quatro horas, deveria encontrar-se com a Polícia Judiciária, no Instituto de Medicina Legal.

A chave rodou na fechadura da entrada do prédio e Rui e Kris trocaram um sorriso. Ernest morava num edifício de cinco andares, pintado de fresco em tons rosados, entre o Consulado da Venezuela e o Hotel Ritz. Os dois haviam-se lembrado de colocar luvas de cirurgia, ainda antes de entrarem no prédio, aproveitando não estar ninguém por perto. Tocaram várias vezes à campainha, esperaram por uma resposta e depois arriscaram. Mal abriram a porta, foram invadidos por um odor intenso a madeira, logo seguido por um perfume doce e relaxante.

– Que cheiro tão estranho – comentou o sueco, inspirando fundo.

– Frangipani – reconheceu Rui, de imediato. Recordava-lhe a jornalista com quem namorara, que andara com uma flor de frangipani no cabelo durante as férias que tinham passado nas ilhas Quirimbas. Na prateleira do bengaleiro do *hall* de entrada descobriu duas pequenas taças de água. No interior de cada uma, flutuava uma flor de cinco pétalas brancas com o centro amarelado. – Já estão a murchar, mas são tal e qual as que vi em Moçambique.

O apartamento era maior do que esperava e tinha muita luz, por causa das janelas grandes que davam para a rua principal, coberta de jacarandás em flor. O odor a frangipani também se sentia na sala, embora mais suavemente. Rui deu por si a descobrir pequenas taças com as pétalas brancas e amarelas, espalhadas pelos vários cantos.

– A casa está bastante arrumada – comentou Kris, ajeitando as luvas. Olhava para tudo com um olhar esgazeado. – Muito diferente do seu laboratório e do gabinete no CIC.

– Estava a pensar o mesmo.

Rui não conhecia a vida privada do cientista, mas estava admirado por ver a casa tão bem arranjada e decorada com tanto gosto. Parecia que entrara num mundo diferente, com vários artefactos orientais, estatuetas, molduras e batiques coloridos na parede.

– O computador pode estar em qualquer lugar – avançou Kris, olhando para a estante. – Se vires documentos ou outro material com o símbolo do CIC, leva-os também.

– Isso na prática é propriedade do CIC – concordou Rui, tentando evitar que o soalho de madeira rangesse. Observava os vários recantos da sala com embaraço quando, de repente, ouviu um estrondo vindo da rua. Voltava a trovejar e a chuva começou a bater com força nas janelas. Olhou para as luvas de cirurgia que lhe cobriam as mãos e ficou nervoso. Tinham de se despachar. – É melhor ires ver os quartos e a cozinha. Eu procuro na sala.

– *Ja*, boa ideia. Assim examinamos tudo mais rápido.

– Não podemos demorar muito tempo.

– O apartamento ainda é grande – ouviu Kris a dizer lá ao fundo. – Para além da cozinha e de uma *suíte*, ainda tem um escritório. Está cheio de

livros e papéis.

Os livros diziam sempre muito de uma pessoa e Rui suspeitou de que o escritório fosse o local provável para Ernest ter deixado o computador e documentos de trabalho. De todo o modo, revistou a sala com cuidado, verificando as estantes, gavetas e atrás dos móveis. Cabisbaixo, perscrutou à volta, tentando adivinhar onde é que Ernest poderia ter guardado o portátil, e acabou por olhar para uma das molduras. Era uma fotografia a preto e branco de uma mulher, ainda nova, de biquíni, a sorrir à beira-mar. Na mesa ao lado, perto do sofá, existia uma outra da mesma mulher. Tinha pele branca, cabelos louros e estava vestida com um fato de *surf*, segurando uma prancha.

Rui preparava-se para inspeccionar o sofá, quando tropeçou no fio de um candeeiro de mesa. Ficou abismado! Parecia o cabo de um computador. Agachou-se e viu-o por baixo do sofá, encostado à parede. Estava fechado, com uma *pen* ligada, com a ficha na tomada.

– Encontrei-o, Kris!

O sueco não o ouvira e continuava a falar alto.

– Vou levar isto tudo, para vermos depois.

Rui preparava-se para sair, mas, num impulso, sentou-se e ligou o computador. Queria certificar-se de que era o portátil que procuravam. Voltou a chamar por Kris, mas o sueco não lhe respondeu. Sentiu as mãos a tremer e ficou perplexo.

Ernest tinha milhares de ficheiros, organizados em directorias. Rui percorreu o nome de todas elas. Não sabia o que procurar, mas Kris deveria ter razão. Pareciam ser registos médicos, testes clínicos ou relatórios de investigação, mas não conseguiu abrir nenhum, porque pedia um código de acesso. Acabou por se focar nos ficheiros que estavam abertos. Não podiam ser mais desconcertantes.

O primeiro era uma cópia de um documento antigo, com o carimbo do Arquivo Nacional Ultramarino de Lisboa. Ampliou-o e leu-o com atenção. Estava em português arcaico, mas percebeu que se tratava de instruções do Vice-Rei da Índia, D. João de Castro, para a construção de um forte em Matara, na costa sul do Ceilão. A carta datava de 23 de Abril de 1548 e Ernest tinha escrito em inglês uma anotação de lado: «*Mafalda de Castro nasceu aqui em 1575.*»

– A secretária está uma confusão, cheia de papelada – continuou Kris, do outro lado da casa.

Rui passou ao ficheiro seguinte. Era uma cópia de um edital do Tribunal do Santo Ofício de Goa sobre o julgamento de uma mulher portuguesa, acusada de heresia. A ré tinha dezassete anos e chamava-se Teresa de Castro. A sentença fora de sete anos de prisão, a ser cumprida nos «Cárceres do Segredo». O documento também tinha o carimbo do Arquivo Nacional Ultramarino e uma data: XXX de Maio de MDLX. 1560!

Pouco depois, Kris entrou na sala com uma resma de papéis na mão e soltou um grito quando o viu sentado no sofá.

– Fantástico – exclamou, em êxtase, com um sorriso aberto. – Eu sabia!

– Tinhas razão. Estava debaixo do sofá.

– Nem acredito! – exclamou Kris, delirante, aproximando-se. – Deve ter os dados de que precisamos.

– Espero que ele não tenha outro portátil – desabafou Rui. – Parece ter muita informação médica, mas os ficheiros estão protegidos. Os que estão abertos são apenas documentos históricos. Nada que interesse.

– Históricos?!

– Muitos estão escritos em português – respondeu, fechando os ficheiros, um a um. Os informáticos iriam facilmente desbloquear os restantes. – São sobre duas mulheres do tempo em que os portugueses estiveram no Sri Lanka.

– Nem sabia que os portugueses andaram pelo Sri Lanka – reconheceu Kris. Estava mais tranquilo por ter encontrado o computador. – Agora, que dizes isso, o apelido do Ernest é português, não é?

– Sim, Fonseka. E tu, descobriste mais alguma coisa?

– Encontrei estas pastas com documentos do instituto de Singapura, onde Ernest trabalhou. Alguns também estão em português.

– Eu ajudo-te a vê-los – garantiu Rui, levantando-se e tirando o cabo da tomada da ficha. – Agora, temos é de ir embora.

– *Ja*, o Ernest não deve viver sozinho.

– Como assim? – perguntou Rui, alarmado.

– Parece que ele tinha uma namorada. Está uma lista de compras presa num íman do frigorífico. Termina com «*Love, Elizabeth*».

– Deve ser a mulher daquelas fotografias – deduziu Rui, apontando para as molduras. Saiu da sala para o *hall* de entrada e abriu a porta de casa. – Vamos, antes que seja tarde demais.



Portugal tem uma costa pequena, mas possui uma enorme variedade de ‘spots’, muito perto uns dos outros. O país tem de tudo: ‘point breaks’, ‘reef breaks’, fundos de areia e bocas de rio. A onda dos Coxos destaca-se entre todos – é possivelmente um dos melhores ‘point breaks’ na Europa.

CHRIS NELSON E DEMI TALYOR EM *SURFING THE WORLD*

Os Coxos eram uma pequena praia a três quilómetros da Ericeira e cinquenta de Lisboa. Rui já ali estivera anos antes com a sua ex-mulher, e as recordações não eram as melhores. Estacionou o carro e olhou para o areal vazio lá em baixo. A enseada era estreita, rodeada por escarpas de calcário e salpicada de canaviais e sardinheiras.

Rui confirmara que Ernest tinha a namorada como contacto de emergência na sua ficha de funcionário. Chamava-se Elizabeth du Toit, e aquela era a morada que constava na ficha. A Coxos Surf House era uma estalagem afastada da estrada principal, rodeada por um jardim de buganvílias escarlates. Foi com agrado que viu reconhecerem o nome de Elizabeth.

– Mas estão todos dentro de água, desde manhã.

Estava com receio de que se recusassem a dar-lhe informações sobre a rapariga, mas a conversa com a recepcionista correu bem, assim que se identificou como amigo do namorado e disse ter urgência em falar com ela.

Elizabeth fazia parte de um grupo de surfistas alemães, holandeses e sul-africanos que estava na estalagem havia várias semanas. A maior parte chegara à Ericeira meses antes e ficara por ali, vagueando de praia em praia. Ninguém parecia ter vontade de se ir embora e tinham feito reserva para mais um mês.

– Tem de se afastar da praia e ir por uma estrada de terra, paralela ao mar, até encontrar uma placa a dizer «Baía Protegida» – explicou a recepcionista, saindo com ele para a rua. – A Baía dos Coxos fica a uns quatrocentos metros, nesta direcção.

O caminho foi fácil. A baía era larga e delimitada por um promontório escuro, no qual as ondas embatiam com fúria. Distinguiu sete surfistas dentro de água e outros dois numa laje de rocha, perto da rebentação.

– *Hi* – cumprimentou os dois surfistas que o haviam seguido com um olhar curioso enquanto descera o carreiro de terra. Eram estrangeiros. –

Estou à procura da Elizabeth. Sabem se ela ainda está dentro de água?

– Saiu há uma hora – respondeu um deles em inglês. Tinha uma mancha de creme solar na ponta do nariz e a cara queimada do sol.

– Disseram-me que ela estava aqui, nos Coxos.

– Esteve, *mate*. Já não – corrigiu o outro, divertido. – O grupo dela entrou na água de manhã bem cedo e agora devem estar a almoçar. Este é o grupo da tarde, ou melhor, o grupo da noite.

– E onde é que eu a posso encontrar?

– A esta hora deve estar no Rodrigues.

– Rodrigues?

– Sim, um dos restaurantes da aldeia – respondeu, a rir. – Até parece que sou eu que sou português, *mate*.

Uma onda embateu na rocha e elevou-se bruscamente no ar. Rui baixou-se por instinto, mas o surfista continuou a falar.

– Tens de voltar a subir a encosta, passar a estrada principal que vem da Ericeira e entrar na aldeia. Aí é melhor perguntas, mas não é difícil.

O Rodrigues era um restaurante modesto no interior de Ribamar. Por fora, parecia uma antiga casa de pasto, mas, assim que Rui abriu a porta, foi contagiado por um forte odor a peixe e marisco. O restaurante estava cheio de gente, fazendo um enorme alarido, mas ao fundo, junto às janelas, distinguiu um grupo de estrangeiros e reconheceu Elizabeth.

Era uma mulher atraente, mais bonita do que nas fotografias. Tinha trinta e poucos anos e os cabelos louros, lisos e compridos. Falava com entusiasmo e, por instantes, Rui tentou imaginá-la com Ernest. No CIC, dizia-se que ele era obcecado pelo trabalho e sem tempo para mais nada, mas afinal estavam enganados.

Acabou por sair do restaurante, incomodado. Não fazia sentido interromper o almoço para lhe dar a notícia. Regressou ao carro, estacionado defronte da estalagem. Porém, a espera relevou-se longa, mais de uma hora. Pensou em desistir, mas sabia que tinha de ficar. Pedira ao Yoshito e a um dos médicos-assistentes de Ernest para irem reconhecer o corpo ao Instituto de Medicina Legal. O pior confirmara-se: era Ernest!

Por fim, viu o grupo de surfistas a descer a rua e saiu do carro.

– Elizabeth? – abordou-a à porta da estalagem.

Ela parou e encarou-o, surpresa. De perto, impressionou-o ainda mais. Alta, com a pele bronzeada e os cabelos louros pelos ombros, tinha um rosto cativante e uns olhos azuis intensos. Parecia mais nova do que ele pensara.

– O meu nome é Rui Fernandes. Sou colega do Ernest – apresentou-se em inglês. – Trabalho com ele no Centro de Investigação Caravela.

– *Hi* Rui, prazer em conhecê-lo.

– Podemos conversar? – indagou, tentando manter-se firme. O grupo entrava na estalagem e os dois ficaram para trás.

Elizabeth mudou de expressão e pareceu intrigada.

– Passa-se alguma coisa?

– Talvez seja melhor entrarmos – sugeriu, apontando para as nuvens negras por cima do mar. – Parece que vem aí uma forte tempestade.

– Claro, venha por aqui. A estalagem tem um bar agradável.

Rui seguiu-a e entraram. A recepcionista acenou-lhe, contente por ver que a encontrara. O bar, ao fundo, perto da varanda, estava vazio. A decoração de madeira dava-lhe um ar acolhedor e a vista para o mar, lá em baixo, era deslumbrante.

– É o primeiro colega do Ernest que eu conheço – comentou Elizabeth, num tom mais apreensivo. – Surgiu algum problema?

– Receio que as notícias não sejam boas – revelou Rui, mal se sentou numa das poltronas. Sentia-se desconfortável e recordou quando dissera aos filhos que a mãe morreria. – Peço desculpa por ir direito ao assunto. Não sei bem como dizer-lhe, mas acabámos de saber: o Ernest faleceu.

Elizabeth ficou boquiaberta, com um olhar atordoad, como se não tivesse ouvido bem. Franziu a testa e apanhou os cabelos lisos com uma das mãos, cobrindo parte do rosto com eles, como se isso a protegesse.

– Lamento muito. Estamos todos incrédulos – continuou Rui, esforçando-se por olhá-la nos olhos, como se isso a pudesse reconfortar. – O Ernest falava pouco da sua vida pessoal, mas deixou o seu contacto nos Recursos Humanos para alguma urgência. Por isso estou aqui...

– Tem a certeza? – balbuciou Elizabeth, soltando os cabelos. Estava branca e com os olhos cheios de lágrimas. – Mas... que aconteceu?

Rui hesitou, mas acabou por contar o que sabia. Ernest fora encontrado sem vida perto de uma via-rápida que ligava Lisboa a Sintra. Um agricultor que cultivava uma horta ao lado da estrada encontrara o corpo, com ferimentos múltiplos, numa plantação de alfaces, entre o Palácio de Queluz e o Hospital Amadora-Sintra.

A porta de vidro giratória moveu-se com velocidade e Rui finalmente viu-a. A inspectora Raquel Mendonça era diferente do que imaginara. O telefonema do dia anterior levava-o a pensar que se tratava de uma mulher mais velha. Pelo contrário, a inspectora parecia-lhe irradiar juventude, e deveria ter uns trinta anos. Tinha cabelos escuros, um corpo atlético e uns óculos grandes, com hastes cor-de-rosa.

– Agradeço o seu tempo. Sei que não o conhecia intimamente, mas talvez nos consiga dar algum enquadramento – avançou a inspectora, num tom formal. – Depois tenho de falar com os colegas que trabalhavam directamente com a vítima.

– Claro, ajudá-la-emos no que pudermos. Vamos por aqui, se não se importa – indicou Rui, encaminhando-a em direcção ao Jardim Interior, numa das alas do piso térreo. A voz da inspectora era suave, muito

diferente do tom seco do telefonema. – Ninguém estava à espera desta tragédia. Pelo que me disseram, o corpo estava em muito mau estado.

– É verdade.

– Parece que foi espancado até à morte, com muitos ferimentos na cabeça – continuou, ainda perturbado com o relato de Yoshito. – Contaram-me que deve ter morrido com uma hemorragia interna.

– Não gosto de fazer especulações – refutou a inspectora. – Temos de esperar pela autópsia.

O Jardim Interior era um local agradável, cheio de flores, arbustos e árvores elegantes. O espaço era amplo, virado para o rio e coberto por uma pérgula, ao nível do tecto do edifício.

– Terá sido um assalto?

– É pouco provável. É verdade que não encontrámos o seu telefone e a carteira, mas poucos assaltantes deixariam para trás um anel e um relógio de ouro. O corpo foi encontrado meio enterrado. Tudo indica que se tratou de um homicídio, talvez mesmo premeditado.

– Premeditado? – repetiu Rui, arrepiado. – Com que motivo?

– É isso que procuramos saber – respondeu a inspectora, categórica. – Queremos perceber o motivo para podermos encontrar o assassino.

– Já tem algum suspeito? – insistiu Rui, arrependendo-se logo de seguida. Tinha de refrear-se: estava a fazer demasiadas perguntas.

– Nestes casos, é comum o agressor conhecer a vítima. Todos os que o conheciam são suspeitos – respondeu, evasiva, ante a sua curiosidade. – A forma como o corpo foi encontrado indicia que se pode tratar de um crime passional ou de vingança pessoal.

O ambiente do jardim transmitia uma tranquilidade nada condizente com a gravidade da conversa. Percorriam o caminho empedrado, por entre os arbustos, e já estavam perto das árvores mais altas, defronte do rio.

– Sabe se ele tinha problemas com alguém no trabalho?

– O Dr. Fonseka era muito reservado e estava em Portugal há poucos meses – respondeu Rui, medindo as palavras. – Conversava informalmente com ele, sobretudo no refeitório, mas nunca me apercebi de que tivesse qualquer inimizade.

– Falavam de quê?

– De trabalho, sobre a actualidade, o que se passava no mundo, de Portugal, de Singapura, do Sri Lanka. O Dr. Fonseka era uma pessoa muito viajada.

– E sabe se tinha ou teve problemas de drogas, álcool ou jogo? Ou dívidas?

– Desconheço, mas sempre pareceu ser uma pessoa equilibrada – notou Rui, com um ar sério. – Tinha uma grande capacidade de trabalho e era muito respeitado no meio científico.

A inspectora estudara o caso e Rui percebeu que sabia mais do que ele.

Ernest tinha quarenta e dois anos, não tinha família em Portugal e tinha um visto de residência por dois anos emitido havia menos de um ano. Ficara surpreendida por Ernest não estar em qualquer rede social, mas descobrira várias informações na Internet, como a sua tese de doutoramento na Universidade de Johns Hopkins e artigos científicos publicados nos Estados Unidos e em Singapura.

– Exacto, o Dr. Fonseka é uma referência mundial na especialidade. Aliás, como muitos outros cientistas do CIC – acrescentou Rui. – Naturalmente existe alguma competitividade nas equipas. São vinte, aqui no CIC. Mas nada que justifique uma tragédia destas, pois não?

A inspectora aproveitara a presença de Yoshito no Instituto de Medicina Legal para o interrogar. Tentara reconstituir o último dia em que Ernest fora visto, a terça-feira anterior. Chegara ao CIC antes das oito da manhã e trabalhara sem parar no laboratório com a sua equipa. Visitara pacientes no hospital, almoçara no refeitório e depois regressara ao laboratório. Saíra do CIC mais cedo do que habitual, pouco antes das sete da tarde, e não mais fora visto. O corpo fora encontrado, por acaso, seis dias depois. A polícia ainda não descobrira o seu carro e calculava que o crime ocorrera noutro local e o corpo fora levado para ali.

– Portanto, não tem conhecimento de qualquer situação, profissional ou pessoal, que possa ter levado a este desfecho? – rematou a inspectora.

– Não, mas tem de falar com o director de investigação – respondeu Rui, tentando antecipar-se. Yoshito contara-lhe que a inspectora fizera várias perguntas sobre o chefe de Ernest. – Ele conhecia-o melhor e foi o responsável pela sua contratação. Eu estive pouco envolvido no processo.

– Os seus colegas disseram-me que está num congresso na Tailândia – adiantou a inspectora, ajeitando de novo os óculos. – Quando é que regressa a Portugal?

Rui respondeu, embora notando que a pergunta não fora inocente. A inspectora queria aceder ao computador e ao correio electrónico de Ernest e já sabia que só o seu superior hierárquico o poderia aprovar, a não ser que ela tivesse um mandado para isso.

Remeteu-se ao silêncio. Sem se aperceber, caíra numa situação desconfortável. Com o objectivo de proteger Kris e o CIC, adiantara-se na investigação e tomara algumas atitudes que poderiam ser consideradas suspeitas. Fora a casa de Ernest, revistara os seus pertences, trouxera o computador pessoal e uma *pen*, e informara a sua namorada da morte. Questionou-se sobre se deveria contar o que descobrira, mas não podia revelar o que fizera nem o que se passava com os pacientes de Ernest do Piso 5. Tinha de falar com o presidente com urgência.

– Para além do Dr. Perlov, quem era a pessoa mais próxima do Dr. Fonseka aqui no CIC? – insistiu a inspectora, elevando a voz, percebendo que ele parecia ausente. – Alguém que conheça a sua vida pessoal?

– O Dr. Yoshito Takamine, com quem já falou, e os outros investigadores da sua equipa – retorquiu Rui, com sinceridade.

Tinham circundado o jardim e encaminhavam-se para a saída. A conversa aproximava-se do fim.

– Há uma outra pessoa com quem deve falar – avançou, cauteloso. Recordou o apartamento de Ernest, o odor a frangipani e as fotos de Elizabeth. A imagem dela não lhe saía da cabeça desde que a conhecera. – O Dr. Fonseka tinha uma namorada. Era o contacto da sua ficha no CIC em caso de emergência. Ainda há pouco estive com ela, para a informar do sucedido. Chama-se Elizabeth du Toit.

– Qual a sua nacionalidade?

– Sul-africana ou australiana, não sei bem – revelou. Já tinham saído do jardim e estavam perto da saída. O movimento no *lobby* era mais intenso àquela hora, com a saída de vários funcionários. – Eu dou-lhe a morada. Penso que deve ser a pessoa que melhor conheceu o Dr. Fonseka aqui em Portugal, e talvez a possa ajudar.

A inspectora havia saído há quase meia hora quando Rui regressou ao gabinete. Fora beber um chá gelado à esplanada, para tentar arrumar as ideias. O movimento no rio continuava intenso, cheio de cargueiros e barcos de recreio. Estava apreensivo, mas ao mesmo tempo sentia-se aliviado por ter contado à polícia sobre a namorada de Ernest. A palavra «homicídio» matraqueava-lhe o espírito e deixava-o arrepiado. Se a isso somasse as dúvidas sobre o trabalho de Ernest, tudo levava a crer que o CIC tinha um problema grave entre mãos.

Ouviu bater à porta. Era Kris. Vinha de bata branca, mas tinha a barba por fazer e um olhar exausto.

– A inspectora já se foi embora?

– Sim, mas deve regressar amanhã, para falar com o resto da equipa.

– Como correu a conversa?

– Normal. Conte-lhe que o Ernest tinha uma namorada – respondeu Rui, com a imagem de Elizabeth ainda a povoar-lhe o pensamento. – Acho que saiu daqui para ir falar com ela.

– Disseste-lhe que fomos a casa dele? – sussurrou Kris, fechando a porta do gabinete.

– Claro que não. Temos de falar com o presidente e com o Dr. Perlov quanto antes. Não estou nada confortável com isto.

Kris anuiu. Sentou-se na cadeira defronte da secretária e deixou descair os ombros. Parecia que não dormia desde que tudo começara.

– Descobriste alguma coisa de novo? – perguntou Rui, observando-o.

O sueco endireitou-se na cadeira, mas acabou por se levantar. Parecia tenso e com formigueiro no corpo.

– Não tenho parado nas últimas horas. Temos de falar com o Dr. Perlov

assim que ele aterrorizar. Tenho estado a analisar os ficheiros e os *e-mails* do Ernest, mas estou com mais dúvidas do que certezas.

– Eu também fiquei de te ajudar com os documentos dele que estão em português. Talvez isso possa ajudar.

– *Ja*, talvez – assentiu, passando a mão pela barba. – Estudei os processos clínicos dos pacientes e tentei falar com eles para perceber o que se passou no último mês. Alguns têm pouco tempo de vida.

– Pois, imagino...

– A conversa que mantive com o paciente de que te falei foi bastante elucidativa.

– Alberto Morais?

– Esse mesmo – confirmou Kris. – Contou-me que começou a sentir-se melhor há algumas semanas e que um dia teve forças para se levantar da cama e acompanhar o Sporting-Braga na televisão do quarto.

– E daí?

– Fui confirmar. Esse jogo teve lugar há dezoito dias. Uma semana depois, viu o Estoril-Sporting. Ou seja, quatro dias antes do desaparecimento do Ernest.

– E o que estás a pensar?

– Fui ver os registos médicos. A informação sobre as últimas semanas é escassa, mas encontrei várias notas sobre Alberto Morais no portátil que trouxemos. O Ernest começou a administrar-lhe um medicamento novo em 25 de Abril. Foi feriado em Portugal e grande parte do pessoal do CIC estava de folga. Fê-lo outra vez uma semana depois, a 1 de Maio, igualmente feriado.

– Um medicamento novo? – questionou Rui, perplexo. – De que tipo?

– Parece ser uma solução administrada oralmente. Não quis fazer muitas perguntas ao pessoal de enfermagem, mas alguns membros da equipa viram-no a dar de beber aos doentes. Um deles contou-me há pouco que o Ernest lhe disse uma vez que era chá do Ceilão. É um chá famoso?

– Sim, é forte, excitante – adiantou Rui. Ainda estava abalado com o inquérito da inspectora e custava-lhe acompanhar o raciocínio de Kris. – Eu próprio tomo várias vezes chá preto, do Ceilão.

– Parece que ele deu esse medicamento durante um mês aos seis pacientes. Uma vez por semana. No sistema, não encontrei registos de qualquer medicamento novo ou tratamento adicional.

– Que estás a sugerir? – perguntou, mais incisivo.

– O que desconfio desde o início. O Ernest estava a realizar um novo teste clínico sem o conhecimento da equipa.

– Estás a dizer que o Ernest não obteve as devidas autorizações? – questionou Rui. Sabia que a ligação entre os cientistas e os médicos do CIC era estreita e que se realizavam muitos testes clínicos aos pacientes, mas não era uma área que conhecesse em detalhe.

– Algo aconteceu para os seis pacientes melhorarem de repente. Não tenho dúvida, o Ernest estava a levar a cabo algum tipo de teste secreto.

– E isso não é ilegal? – inquiriu Rui, assustando-se com a própria pergunta. Estavam a falar de vidas humanas.

– Os testes têm de ter a autorização do Dr. Perlov e do director clínico. Mesmo admitindo que foram aprovados pelo meu antecessor, a equipa não estava ao corrente – explicou. – E ainda não se encontraram os papéis assinados pelos pacientes ou familiares dando autorização para os tratamentos.

– Isso parece gravíssimo – declarou Rui, alarmado, tentando raciocinar. Lembrou-se da conversa com a inspectora e sentiu um calafrio. – E nenhum outro paciente do Piso 5 apresentou melhoras?

– *Nej*, e os seis mostram um padrão coincidente: ausência dos efeitos nefastos da quimioterapia e uma tensão arterial mais saudável – explicou o sueco. – A glicemia também subiu, mas já estamos a tentar controlar esse efeito.

– Que medicamento será esse? – interrogou Rui, impressionado.

– Não sei, mas o Ernest chamou-lhe Taprobana – revelou, esboçando pela primeira vez um ligeiro sorriso. – Aparece referenciado em várias notas guardadas no portátil. Fui ao *Google* e descobri o que é.

Rui franziu as sobrancelhas e interrompeu-o.

– Não preciso do *Google*. Em Portugal, aprende-se isso na escola. Faz parte d’Os *Lusíadas*, um livro que todos os estudantes têm de ler – adiantou, pasmado com a ligação. – Taprobana é o antigo nome do Sri Lanka.

– Nem mais – concordou o sueco, com um misto de satisfação e desconforto. – O lugar onde o Ernest nasceu!

A sexta-feira amanhecera cinzenta e chovia sem parar. Rui decidira regressar ao Coxos Surf House. Elizabeth du Toit fora a pessoa mais próxima de Ernest e talvez os pudesse ajudar. A esta hora, a polícia já deveria ter falado com ela sobre o crime, mas talvez Elizabeth tivesse mais informações sobre o trabalho de Ernest. Ainda pensara em trazer Kris, mas ela sentir-se-ia mais à vontade se estivessem a sós, e ele também preferia assim.

Mal entrou no Coxos Surf House, Rui reconheceu a recepcionista. Ela pareceu contente de o rever, mas estava abalada com o que acontecera. Contou-lhe que Ernest era presença assídua na estalagem e que Elizabeth perdera a alegria contagiante que ela sempre lhe conhecera.

– Está destroçada, o *surf* ainda é a única coisa que a anima.

– Pode avisá-la de que estou cá em baixo?

Rui ficou à espera no bar, sentado na poltrona onde estivera três dias antes. Assim que a viu descer, levantou-se. Os olhos estavam vermelhos,

ainda lacrimojantes, mas parecia menos combatida e a maquilhagem disfarçava-lhe o desgosto. Tinha os cabelos apanhados e trazia um vestido branco comprido, que lhe marcava as formas do corpo e fazia sobressair a pele queimada do sol.

– Conseguiu descansar?

– Com a dose de comprimidos que tomei nos últimos dias, nem um elefante se aguentaria de pé – respondeu, sentando-se à sua frente. – Ainda me custa acreditar nisto tudo.

– Vim saber se precisa de alguma coisa. O CIC terá todo o gosto em ajudar.

Elizabeth abanou a cabeça e puxou de um cigarro, acendendo-o em seguida.

– Não preciso de nada, obrigada.

– A polícia ainda não libertou o corpo – adiantou Rui, surpreendido com o tom ríspido e por ela ser fumadora. – Imagino que deva estar para breve.

– Sim, a inspectora esteve cá – revelou ela, com algum desconforto, mas um olhar inquiridor. – Mas diga-me: como é que sabia que eu estava aqui?

Rui explicou-lhe que era administrador do CIC, com o pelouro dos Recursos Humanos, e que, por questões de segurança, todos os funcionários tinham de deixar um contacto, em caso de emergência.

– O Ernest não tem mais família, pelo menos próxima – contou Elizabeth, com a voz a falhar-lhe. – Tem uns primos afastados, mas não se falam há anos: os pais e o irmão morreram há muito tempo, num ataque terrorista.

– Eu não trabalhava directamente com ele, mas conhecia-o bem – arriscou Rui, com a voz firme. – Sabia, como todos no CIC, que era uma pessoa apaixonada pelo trabalho.

– Sim, ele vivia para o trabalho – corrigiu ela. – Sete dias por semana.

Rui ficou a ouvi-la. Elizabeth nascera em Melbourne e tinha passaporte australiano, mas era filha de sul-africanos e mudara-se, ainda criança, com os pais para a África do Sul. Estudara Direito durante dois anos, mas depois desistira para viver as suas paixões: desenhar jóias e praticar *surf*. Rui ficou surpreendido quando ela lhe disse que ia fazer quarenta anos; parecia mais nova.

– Mas conheciam-se há muito tempo? – inquiriu, levando de novo a conversa para Ernest.

– Conhecemo-nos em Bali há dois anos. Estávamos hospedados no mesmo hotel, perto de Jimbaran – recordou, esmagando a beata no cinzeiro. – Eu estava com uns amigos australianos. A praia tinha óptimas ondas.

– Mas o Ernest fazia *surf*?

– Não, ele estava num congresso, em representação do hospital onde trabalhava, em Singapura. Foi o destino. Ele não quis ficar no hotel do evento. Escolheu um mais pequeno, do outro lado da encosta. Começámos a falar e acabámos por tomar um *sundowner* juntos.

– Um quê?

– Uma bebida, ao pôr-do-sol – explicou Elizabeth, recostando-se na poltrona. Parecia mais alegre ao recordar aqueles tempos e falava com elegância. – Lembro-me de ele dizer que gostava de andar à vontade e que não queria ser visto de chinelos, *t-shirt* e fato de banho pelos outros médicos – continuou. – Fiquei logo fascinada por ele. Acho que foi o seu olhar e a voz que me atraíram. Ao todo, estivemos oito dias juntos, foi uma loucura. Terminado o congresso, despedimo-nos sem deixar os contactos um ao outro. Ele brincava que o destino nos iria juntar de novo, mas na altura achei que nunca mais iríamos ver-nos.

– Mas não foi assim...

– Fiquei meses sem o ver e até deixei de pensar nele. Um dia, ele ligou-me. Descobri o meu contacto nas redes sociais e queria saber onde é que eu estava.

– E estava onde?

– Em Cape Town, e ele acabou por ir ter comigo. Estivemos cinco semanas juntos. Vagueámos pelas praias e baías perdidas da Garden Route e passámos alguns dias em Jeffreys Bay, onde decorria uma etapa do mundial de *surf*. Foram dias inesquecíveis.

– E foi aí que decidiram vir para Portugal?

– Não, separámo-nos outra vez, como se nada tivesse acontecido. Ele não voltou a ligar, eu não lhe quis ligar e estivemos um ano sem nos vermos – recordou, emocionada. – Até que, um dia, me telefonou a dizer que se mudara para Portugal. Convidou-me a vir ter com ele – continuou, mais solta. – Disse-lhe que não, mas por coincidência, uns meses mais tarde, um grupo de amigos meus estava a organizar uma viagem de *surf* pela Europa, que incluía Portugal. Acabámos por nos encontrar.

– E assim se passaram quatro meses – adiantou Rui, tentando fazer contas. Estava confuso, sem perceber se eles viviam juntos, se ela estivera ali hospedada durante a maior parte do tempo.

– Parece mentira, mas é verdade. Acabámos por estar juntos mais tempo do que eu estava à espera, mas sempre foi uma relação desprendida, sem pensar muito no dia de amanhã.

Elizabeth contou que não tivera notícias de Ernest durante uma semana, mas não achara isso estranho. Não era a primeira vez que sucedia. Acontecia especialmente quando ele se perdia nas investigações e ela não ia a Lisboa. A relação que tinham era mesmo assim. Estavam juntos, mas deixavam espaço um ao outro. Elizabeth remeteu-se depois ao silêncio, presa nos seus pensamentos.

– O superior hierárquico de Ernest ainda não chegou a Portugal e estamos um pouco perdidos – contou Rui, aproveitando a pausa. – Sabemos que ele estava a trabalhar numa investigação importante, mas não encontramos os registos das últimas pesquisas. Por acaso, sabe de alguma coisa?

– Tentávamos não falar de trabalho – respondeu Elizabeth, evasiva, mas a pergunta não pareceu surpreendê-la.

– O nome Taprobana diz-lhe alguma coisa? – insistiu Rui.

Elizabeth não ficou indiferente e pareceu nervosa. Murmurou algo imperceptível e voltou a acender um cigarro.

– Sim, é o nome antigo do Sri Lanka. Era também um dos seus projectos, talvez o mais importante. Não sei se falava a sério, mas às vezes brincava e dizia que ia ganhar o Prémio Nobel.

– Prémio Nobel?

– Sim, ele dizia que a Taprobana era o maior segredo do Sri Lanka e que iria mudar o mundo – esclareceu, mudando de posição na poltrona. – Sempre achei que estava a brincar.

– E tem ideia do que era?

Elizabeth encarou-o, com um olhar intenso, mas depois levantou-se e disse-lhe que esperasse. Quando voltou, trazia na mão duas pastas de cartolina amarela.

– Há uns tempos, o Ernest pediu-me para guardar estas pastas – declarou, passando-lhas para as mãos. – Contêm informações sobre a Taprobana e muitos documentos estão em português.

– Por que razão é que ele pediu para as guardar? – questionou Rui, espantado.

– Na altura, achei estranho, mas supus que fosse um segredo qualquer que ele achasse que ficaria melhor comigo – confessou, soltando os cabelos. – Mais tarde, contou-me que eram sobre a Taprobana.

– O Ernest tinha medo de que alguma coisa lhe acontecesse? – perguntou Rui, olhando para as pastas que tinha na mão. Fizera bem em voltar a ver aquela mulher. – Sabe se ele tinha algum problema grave?

– Bem, não sei ao certo. Há tempos, ele contou-me que teve uma situação complicada em Singapura – relatou Elizabeth, baixando os olhos. – Não percebi o que aconteceu, mas ele sentiu-se ameaçado e resolveu ir-se embora.

– Para onde?

– Para Portugal, foi quando veio para cá. Mas ele nunca gostou de falar sobre isso e eu também nunca lhe fiz muitas perguntas.

– Contou isso à polícia?

– Não, limitei-me a responder às perguntas da inspectora – admitiu Elizabeth, desviando, de novo, o olhar. – A conversa foi difícil porque ela não falava bem inglês.

Rui suspirou e entreabriu uma das pastas. Nem reparou que ela se levantara.

– Peço desculpa, mas a maré está a mudar e eu tenho de ir vestir-me – disse Elizabeth, estendendo-lhe a mão, com um sorriso sedutor. – Mas fique à vontade, pode depois deixar as pastas na recepção.

Rui agradeceu-lhe com cortesia. Viu-a subir as escadas para o quarto e depois olhou para as pastas. Voltou a sentar-se na poltrona e respirou fundo. Não deu pelo tempo passar, até a ver regressar. Elizabeth descia as escadas, vestida com o fato preto de *surf* colado ao corpo. Estava deslumbrante.

– Se precisar de mais alguma coisa, sabe onde me encontrar – lembrou ela, enquanto tirava a prancha do grande armário perto do balcão. Tinha um semblante mais descontraído e parecia que saltitava.

Rui ia responder-lhe, mas não teve tempo e viu-a desaparecer pela porta da estalagem. Deu por si a pensar se deveria deixar-se ficar por ali, só para a ver mais uma vez, mas depois olhou para a primeira página e ficou admirado. Era uma fotocópia de uma carta em português arcaico, datada de Dezembro de 1602. Estava assinada por D. Jerónimo de Azevedo, Governador do Ceilão. Pareciam instruções militares, mas era difícil decifrar a caligrafia. A página seguinte era um mapa antigo de Colombo. Estava desenhado com pormenor, com muralhas, bastiões com nomes de santos, igrejas e ruas bem delineadas. Virou a página e viu a cópia de um mapa de Matara, onde era visível um aglomerado de casas e o serpentear de um rio, que desaguava no mar. Lembrava-se daquele nome da casa de Ernest. Ficou atónito quando leu a nota em rodapé «*Mafalda de Castro nasceu aqui em 1575*». Lera algo semelhante na casa de Ernest!

Cada minuto que passava, mais surpreendido ficava. Esperava encontrar documentos médicos para entregar a Kris, mas só via registos históricos. Folheou página após página e confirmou que a pasta continha uma variedade de informações sobre Mafalda de Castro e o passado do Sri Lanka.

«Período Português, de 1506 a 1658», dizia um dos títulos escritos por Ernest. «De D. Lourenço de Almeida à queda de Jafanapatão, Jaffna.»

Descobriu dezenas de cópias de páginas de livros antigos, registos e notas. Meia hora depois, susteve a leitura. Estava confuso, sem perceber porque é que Ernest pedira a Elizabeth para guardar aquelas pastas. Era uma tentativa de reconstituir a vida de Mafalda de Castro. Abriu a porta envidraçada do bar e foi à varanda. Parara de chover e dali conseguia ver a Praia dos Coxos, mas sabia que Elizabeth estava para além do promontório e que ainda deveria demorar.

Voltou para dentro, pediu um café e continuou a folhear os papéis. Não conhecia o Sri Lanka, nunca visitara a Ásia e tinha alguma dificuldade em localizar a ilha no mapa. Pegou no *iPhone* e fotografou vários documentos.

Leu nomes que lhe pareceram cidades ou aldeias, até que por fim identificou um que lhe era familiar. Galle! Fora um dos locais mais afectados pelo grande *tsunami* do Sudeste Asiático, havia anos, onde milhares de pessoas tinham morrido. Depois lembrou-se de que Ernest lhe contara que nascera em Galle e que a cidade fora portuguesa durante muitos anos. Quando olhou para a página seguinte não ficou indiferente à nota de Ernest: «*Mafalda de Castro no Forte de Santa Cruz de Gale, em Março de 1598.*» Gale deveria ser o nome antigo de Galle!

Uma hora depois, Elizabeth regressou à estalagem. Rui ainda ali estava, embrenhado nos documentos.

– Ainda por aqui? – questionou ela, bem-disposta. Não parecia surpreendida por o ver, e estava com uma expressão mais leve e um olhar vivo. – Conseguiu ler os registos portugueses?

– Sim, mas estou espantado. São cópias de documentos com mais de quatrocentos anos – notou Rui, olhando-a fixamente. Elizabeth parecia rejuvenescida e até a voz estava diferente: – O Ernest esteve a estudar a fundo o tempo em que os portugueses estiveram no Sri Lanka, nos séculos XVI e XVII.

– Faz sentido.

– Uma das referências mais frequentes que encontrei foi Mafalda de Castro – declarou, intrigado. – Um nome bem português...

– Sim, eu sei – concordou Elizabeth. Parecia ainda mais bonita, como se o mar lhe tivesse lavado a alma. – Durante semanas, o Ernest não parava de falar dela. Até cheguei a perguntar-lhe se deveria sentir ciúmes, apesar de estar morta há mais de quatrocentos anos.

– E quem é?

– Uma portuguesa que viveu no Sri Lanka nessa altura.

– Alguém importante?

– Mafalda de Castro foi o ponto central da sua investigação – revelou, hesitante. Estava nervosa, mas acrescentou: – Ao princípio, pensei que fosse mais uma brincadeira, mas depois percebi que não.

– Mafalda de Castro está relacionada com a Taprobana? – inquiriu Rui, tentando mostrar-se indiferente. Elizabeth acabara de confirmar que havia uma ligação entre aqueles documentos e a investigação médica. Kris iria ficar satisfeito e ele próprio tinha bastante informação a reportar ao presidente e ao Dr. Perlov na próxima segunda-feira.

– Sim, mas tudo começou antes, com Teresa de Castro.

IMPÉRIO PORTUGUÊS DO ORIENTE 1583

LISBOA



ORMUZ

MASCATE

Diu

DAMÃO

GOA

CANANOR

COCHIM

CEILÃO

CHATIGÃO

MACAU

MALACA

MACASSAR

SUNDA

TIMOR

MOLUCAS

(Ternate e
perdida em 1575)

NAGASÁQUI



MOMBAÇA

MOÇAMBIQUE

ZANZIBAR

CABO DA BOA
ESPERANÇA





*A nobre ilha de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa,
Dela dará tributo à Lusitana*

LUÍS VAZ DE CAMÕES, *Os Lusíadas* – CANTO X

A noite já ia avançada, mas a brisa fresca do mar tardava em chegar. Teresa revirou-se no leito. Não conseguia adormecer. Estava nua, sem qualquer pano por cima, mas sentia o corpo em brasa, coberto de suor. Janeiro era, por norma, um mês mais fresco; contudo, os últimos dias tinham sido muito abafados. Ao menos, era reconfortante ouvir o rebentar das ondas na areia e sentir a seu lado o corpo do homem que amava.

Abriu os olhos e vislumbrou a Lua. Estava redonda e dava uma luz bonita. Tocou de novo em Visanda, percorrendo-lhe o braço, e sentiu-lhe a respiração pesada. Sorriu na escuridão. Dormiam juntos havia mais de vinte anos, desde que haviam desembarcado no Ceilão, mas aqueles momentos continuavam a encher-lhe a alma. Voltou a fitar a Lua amarelada, cerrou os olhos e sentiu a mente a flutuar. Reconheceu a luz de Goa e viu-se mergulhada na imensa «Casa do Despacho» do Tribunal da Inquisição, decorada com tapeçaria na parede e cortinados de tafetá.

A humidade era pesada, o ar irrespirável e as vestes pegavam-se-lhe ao corpo. Lá fora, começava a chover e o ar ficava mais fresco, trazendo algum alívio a todos os presentes. Maio chegava ao fim e a monção estava à espreita. Teresa afastou os cabelos ruivos para trás e respirou fundo. Esforçava-se por manter uma postura confiante, mas as mãos não paravam de tremelicar. O discurso do Segundo Inquisidor fora fervoroso e as provas contra ela, irrefutáveis.

O odor a suor na sala era difícil de suportar, mas tentava manter a mente distante. Os presentes na audiência fitavam-na com espanto, sem conter a ansiedade. Remetidos ao silêncio, com os olhos postos nela, aguardavam que comesse a sua defesa. Teresa sabia que era formosa e já ouvira comentários na sala. Muitos apontavam-lhe os cabelos encaracolados. Outros mencionavam as feições delicadas e os olhos verdes, que brilhavam com a luz. Todavia, todos pareciam ser unânimes em considerá-la culpada.

Nascera em Goa em 1542, numa altura em que a cidade sofrera um

grande surto de cólera, que ceifara centenas de almas. Sobrevivera e estava à beira de completar dezoito anos. Os pais descendiam de uma família nobre do Reino, mas tinham caído em desgraça na corte do anterior Vice-Rei, com desconfianças de serem cristãos-novos. Ambos haviam morrido havia alguns anos, deixando-lhe vários bens, incluindo uma casa de dois pisos na Rua de Nossa Senhora do Monte. Ficara sozinha no mundo, sem família, mas não se resignara a entregar-se às autoridades da cidade. Declinara ser uma «Órfã de Goa» destinada a casar-se com um qualquer fidalgo ou suserano das Índias. Queria decidir o seu destino e recusara-se a mudar para a Casa de Recolhimento da Misericórdia. Ficara aos cuidados da vizinha, viúva de um fidalgo importante, que morava sozinha desde a morte dos filhos. Teresa ajudara-a nos afazeres e ganhara uma segunda mãe. A vizinha ensinara-a a fazer contas, cozinhar, bordar, cantar e dera-lhe força para continuar em frente até ao dia, três anos depois, em que também ela sucumbiu a uma febre violenta, mal a monção assolou a cidade.

Teresa opusera-se mais uma vez a recolher-se. Tornara-se uma mulher vistosa e com cabelos ruivos compridos, raros na cidade. Vários homens de bem haviam-se abeirado dela, sabendo de antemão o dote que receberiam. Contudo, ela resistira a tudo e a todos. O falatório na vizinhança fora inevitável e o próprio pároco, antigo amigo da vizinha e professor de Latim no Colégio de São Paulo, vincara a sua desaprovação. Teresa encolhera os ombros e não se importara. Virara as costas à fé e seguira com a sua vida.

As acusações que agora recaíam sobre ela eram terríveis. Estava apavorada e tentava conter as lágrimas. Culpavam-na de praticar actos de bruxaria. Havia muito que desafiava as autoridades religiosas, revoltada com a intolerância da Igreja e com a vida que lhe queriam impor. Uma noite, arrancara as cruzes de Cristo da parede das Igrejas da Misericórdia e da Nossa Senhora do Rosário e atirara-as ao rio. Dias depois, fizera o mesmo na velha Catedral – a Igreja de Santa Catarina, construída logo após a tomada da cidade – mas lançara-lhes fogo à entrada quando não estava ninguém por perto. Por azar, o fogo descontrolara-se e consumira parte da igreja, até ser apagado, já ela fugira para casa. Aquele acto chocara as altas instâncias da cidade, que não desistiram até encontrar o culpado daquela infâmia.

Amargurava-se pela má sorte que tivera e por não ter conseguido conter a raiva. Fechou os olhos e recitou baixinho o que depor. Haviam-lhe dito que o seu caso era dos primeiros a serem julgados. Depois de anos de debate, a Inquisição instalara-se nas Índias. Contava-se que fora o próprio Papa a nomear o Arcebispo que desembarcara em Goa meses antes, e que o Tribunal da Inquisição, o primeiro fora do Reino, tinha uma autoridade divina, do Cabo da Boa Esperança às ilhas Molucas, para vigiar a pureza da fé, erradicar os bruxos e converter todas aquelas terras.

Teresa fora levada para o Palácio do Santo Ofício, onde aguardara julgamento. Recordava-se bem daquele edifício junto do Senado, numa rua perpendicular à Rua Direita. Era o antigo Palácio dos Vice-Reis, que tantas vezes visitara em menina e onde se perdera, divertida, pelos corredores, a tentar esconder-se do pai e dos outros nobres. Continuava a ter três pisos, mas estava diferente, e Teresa sentiu-se atemorizada com as paredes escuras e a majestosa porta central, que dava acesso à grande escadaria de granito.

A «Casa do Despacho» era uma sala espaçosa no terceiro piso e Teresa nunca havia ali estado antes. Levantou-se do banco dos réus, encarou o grande crucifixo pregado na parede e começou a falar para os membros do tribunal. A voz era fina, quase celestial, e foi em lágrimas que confessou que tinha saudades da família e estava arrependida. Viu muitos oficiais a olharem-na com compaixão e ouviu um dos notários clamar por misericórdia: afinal, ela era uma donzela e tudo não passara de um acidente. Todavia, quando se sentou e fitou o olhar imperturbável do Inquisidor, soube que estava perdida. Quando ele tomou a palavra, Teresa desfez-se num pranto. Ouviu que Goa precisava de orientação divina e não era tempo para contemplações. Queimar igrejas e arrancar crucifixos eram crimes contra Deus e não podiam ser tolerados.

– Condeno a ré Teresa de Castro a sete anos no cárcere!

De súbito, Teresa abriu os olhos e voltou a vislumbrar o luar pela janela. Não estava na «Casa do Despacho», mas no Ceilão. Sonhara. Tinha a respiração acelerada e sentia o coração a bater. Procurou o colar de conchas no pescoço e depois estendeu o braço, até sentir o peito de Visanda. Suspirou de alívio. Aninhou-se nele, abraçou-o e ficou mais tranquila.

Aqueles dias haviam selado a sua sorte. Arrestaram-lhe todos os bens e foi presa nos «Cárceres do Segredo», no segundo piso do palácio, depois de lhe cortarem os cabelos. Semanas mais tarde, travou amizade com outros prisioneiros e juntou-se a eles num plano de fuga das masmorras, aproveitando a euforia em Goa. Não se falava noutra coisa na cidade. O Vice-Rei e o Arcebispo haviam marcado uma cerimónia religiosa para celebrar a destruição de um dente de Buda, uma relíquia gentia capturada durante uma expedição militar no Ceilão.

A cidade aglomerara-se à beira-rio para assistir à comemoração. Nessa altura, Teresa e outros prisioneiros conseguiram sair da cela, aproveitando a hora de ventilação das câmaras para purificação do ar. Com facilidade, ultrapassaram os limites dos «Cárceres do Segredo» e escaparam-se do palácio. A fuga fora planeada com minúcia. Tal como esperavam, as ruas da cidade estavam sem vitalma. Seguiram por um caminho que julgavam ser o mais seguro. Em vez de correrem direitos ao rio, subiram até ao Terreiro dos Galos. Num ápice, chegaram à Rua das Naus de Ormuz,

passando defronte da mancebia, e avistaram o cais deserto, onde normalmente desembarcavam os cavalos persas e árabes.

Em pouco tempo, embarcaram num junco que os esperava, acostado numa pequena barra, próxima da Capela de São Pedro de Panelim. O navio levava cerca de duzentas almas a bordo e era capitaneado por um macaense habituado àquelas andanças. Assim que levantaram ferro, rumaram em direção a Cochim.

Teresa deixou a sua terra para trás, levando apenas as suas recordações dos pais e da vizinha que a ensinara a ser mulher. Tinha o destino por escrever, mas foi num pranto que viu a Fortaleza dos Reis Magos desaparecer. Ficou sentada, com os olhos semicerrados, encostada à amurada, durante horas, a cantarolar baixinho, embalada pelas vagas do mar.

Estava em alto-mar quando saiu desse entorpecimento e lhe disseram que o junco não ia para Cochim. O capitão macaense possuía um cartaz de navegação português, mas nem por isso respeitava as regras. Rumavam a Sirião, no Golfo de Bengala, com toneladas de pimenta e muitos sacerdotes gentios, até ali escondidos no porão, também eles salvos do tronco de Goa.

Naquela tarde, Teresa foi tomada por uma emoção que a fez estremecer. Sentiu um encanto singular por um jovem encorpado, de cabelo curto e testa larga. Descobriu que se tratava de um sacerdote-aprendiz gentio. Deveria ser da sua idade e tinha os olhos mais belos do mundo. Ao princípio, trocaram apenas alguns sorrisos, já que pouco conseguiam falar, pois Visanda falava mal português. Mas, aos poucos, conseguiu explicar-lhe que era de Arracão e pretendia voltar à sua terra. Fora capturado no Jafanapatão e era o único do seu grupo a chegar vivo a Goa.

Quando, duas semanas mais tarde, avistaram o Cabo Camorim, a ponta sul da península, já eram inseparáveis. Observavam juntos os golfinhos a saltar, as tartarugas a nadar ao longo do casco e o Sol a cair no horizonte. À noite, contavam as estrelas no céu e tentavam falar na língua um do outro, aprendendo pequenas palavras, ao mesmo tempo que ouviam os cânticos religiosos, vindos da outra ponta do navio. Protegida pela escuridão, Teresa teve uma vontade urgente de o abraçar, como nunca sentira antes, mas conteve-se e respeitou os votos de Visanda. Durante dias nada aconteceu, para além de olhares cúmplices e pequenos toques, mas, quando o navio fez a primeira escala, tudo mudou.

– Estamos a chegar a Matara...

A Lua afastara-se e Teresa já não distinguia os contornos de Visanda. Haviam passado mais de vinte anos desde que chegara ao Ceilão e os dois continuavam a viver em Matara. Teresa amava-o mais do que nunca. Já não era uma jovem revoltada, mas uma mulher feliz com a família que

construía. Beijou-lhe o peito, sentiu-lhe a força dos braços e voltou a fechar os olhos.

– Vamos chegar com dois dias de atraso – vaticinou D. Vasco Telles, com um olhar carregado. – Isto se não tivermos mais percalços.

– Talvez menos, se caminhar-mos depressa, mas vai ser difícil recuperar o tempo perdido – respondeu D. Teodósio Silva, o comandante dos lascarins. Parecia cansado da marcha, mas não perdera a compostura.

– Ainda temos dois rios pela frente e a travessia poderá ser tão difícil como esta. Com sorte, o caudal estará mais baixo.

– Sim, as chuvas já pararam há várias semanas – concordou o nobre lascarim, sem se resignar. – Um dos rios tem uma passagem segura, sem crocodilos, e poderemos atravessá-lo mais à vontade. Deus estará do nosso lado.

D. Vasco passou as mãos pelos cabelos compridos e observou o rio, lá em baixo, desaguando no mar. Estava arreliado com o atraso e temia que Deus pouco pudesse fazer por eles. Sabia que os homens estavam assustados: acabara de perder um dos lascarins no rio, devorado por um crocodilo que aparecera de surpresa, a dois passos da margem. Ninguém o conseguira salvar. Depois, D. Vasco montara bem as defesas e lograra evitar mais mortes.

Liderava uma companhia de sessenta homens, a caminho de Matara, para escoltar uma das maiores caravanas de canela de sempre, desde as matas até ao porto, e vistoriar o embarque dos fardos. Normalmente, a canela era enviada para Columbo, para ser guardada no Armazém Real de Cotta, até à chegada das Naus de Canela. Costumavam acostar em Setembro e Novembro, vindas de Cochim e Goa, e regressar ao Malabar um mês depois, com o tributo a bordo, a tempo de o carregar para Lisboa. Mas desde há uns anos que a Coroa permitia carregamentos fora do tributo com mercadores, desde que tivessem a mercê do Capitão-Mor. Nesses carregamentos, preferia-se muitas vezes encurtar a viagem por terra e embarcar a carga de Matara ou Gale para Malaca, o mais importante entreposto dos Mares do Sul.

– Os navios já chegaram a Matara? – perguntou D. Teodósio.

– Estão ancorados há mais de uma semana – revelou o fidalgo com desagrado, afastando-se da muralha. Se tivesse conseguido reunir cavalos para a expedição, poderiam avançar mais depressa, mas a verdade é que também duvidava de que os lascarins aguentassem a montada. – Estavam a contar que chegassemos ontem com os fardos de canela.

– Teremos tempo para descansar depois disso? – questionou o nobre lascarim, cabisbaixo, como que receando a resposta.

– Temo que não. Esperava dar dois dias de folga, assim que a canela estivesse a bordo, mas agora já não sei. Não contava com este atraso.

– Compreendo, capitão. Os homens vão perceber. Os acontecimentos em Ambalantota são muito graves.

De Matara, a companhia seguiria para Ambalantota. Iria juntar-se ao contingente que zarpara de Columbo, a bordo de uma fusta, para pacificar a fronteira. Havia relatos de que várias aldeias se haviam revoltado contra o rei de Cotta e tirado a vida aos lascarins que asseguravam a ordem naquelas terras. Não havia suspeitas de que se tratasse de um golpe do Reino de Ceitavaca, mas a morte de soldados do rei não poderia ser tolerada.

No entanto, a expedição correria mal desde o início. Deveria ter sido Gale a assegurar aquela missão, mas a pequena fortaleza não dispunha de homens suficientes. Por isso, haviam-se preparado à pressa e saído de Columbo com atraso. Por azar, apanharam um desabamento de terras no caminho, que os obrigou a dar uma volta, e depois ocorrera aquela tragédia durante a travessia do rio. Pelo menos, haviam conseguido chegar ao Forte de Calutara, um posto seguro, sete léguas a sul de Columbo, antes do pôr-do-sol.

– Precisais de algo mais, D. Vasco?

– Não, irei cear com o capitão do forte – retorquiu, olhando o nobre lascarim de frente. – Aproveitai para descansardes. Os homens devem fazer o mesmo, sairemos assim que o Sol raiar.

D. Vasco apreciava a companhia de D. Teodósio. Os dois eram de poucas falas, mas entendiam-se bem. Tinham enfrentado muitas escaramuças em Ceitavaca e combatido, lado a lado, no último cerco de Columbo, que durara quase dois anos. Ambos haviam dado provas de lealdade e confiavam um no outro. Talvez por isso aquela companhia era uma das maiores da ilha e vista como um exemplo pelo Capitão-Mor do Ceilão.

O Sol já se havia posto e começava a ser difícil distinguir o curso do rio. Dentro em pouco, iria ficar escuro como breu e o portão do forte já se cerrara. D. Vasco acompanhou os passos de D. Teodósio a afastar-se, fitou as sentinelas ao longe e encostou-se à muralha, observando o esvoaçar dos pássaros no lusco-fusco.

Tinha quarenta e sete anos, mas era como se tivesse vinte e cinco. Estava nas Índias desde que se lembrava. Seguiu na Carreira da Índia com apenas cinco anos e não tinha quaisquer recordações do Reino, por mais que se esforçasse. A família era originária do Algarve, onde ainda possuía terras, perto de Silves. Crescera nas ruas de Goa, numa altura em que a cidade se expandira para lá do Rio Mandovi, após se tornar a capital das Índias. Fora lá que vira os pais e, mais tarde, os irmãos perderem a vida em sucessivas epidemias que assolaram a cidade. Fora igualmente em Goa que se formara como oficial, estudara Filosofia e conhecera D. Beatriz de Sousel, como quem viria a casar-se na bonita Igreja da Senhora da Luz.

Cumprira várias comissões nas praças de Diu e Malaca e chegara a Capitão de Ternate, nas Molucas, onde ganhara fama de destreza nas lutas contra os sultões inimigos.

Todavia, os últimos nove anos tinham sido inolvidáveis. Fora destacado para o Ceilão, aonde o seu avô materno, D. Pedro Velozo, arribara décadas antes e tomara parte na primeira comitiva portuguesa à corte do rei de Cotta. D. Vasco lembrava-se bem das histórias que o avô cartógrafo lhe contara da ilha e depressa se encantara pelos seus mistérios, pelas especiarias e frutas deliciosas. Estava na terceira comissão e cada vez mais ligado àquela terra e aos chingalás. Vivia feliz com Beatriz em Columbo, como nunca se sentira em Goa. Tinham uma pequena propriedade perto da Misericórdia com um jardim de flores perfumadas, pequenos arbustos, ananases e laranjeiras. A temperatura era amena e dali conseguia ver o mar e as velas a entrarem e a saírem da baía.

Columbo era uma terra abençoada, de cores exuberantes, com dois invernos e dois verões, entrecortados por monções. A grande monção atingia a cidade em Abril, um pouco mais cedo do que no resto da ilha, e durava até Junho. Não era tão forte como em Goa, mas obrigava a fechar a navegação e ter os navios amarrados. A ilha ficava isolada e as distâncias em terra tornavam-se mais longas. A pequena monção chegava por sua vez em Setembro e imperava até Dezembro, rivalizando com a grande. O tráfego no Mar do Ceilão continuava intenso, mas havia muitos naufrágios e a ilha acabava por ficar, amiúde, entregue a si própria.

Nem tudo fora fácil nos últimos anos. Custara-lhe assistir às ofensivas de Ceitavaca, à ferocidade dos elefantes de guerra e ao enfraquecimento do poder militar português. O último cerco a Columbo fora prolongado. Assim que a monção chegara, um exército de vinte e cinco mil soldados, com duas centenas de elefantes de presas afiadas, avançara contra as muralhas, determinado a expulsar os portugueses da ilha de uma vez por todas. As forças da cidade eram apenas compostas por trezentos soldados portugueses e mil lascarins. Tinham sido tempos fatídicos e julgara-se o pior. O próprio rei de Cotta, sitiado na fortaleza, vira a morte à sua frente e assinara o seu testamento aos trinta e nove anos, doando o reino a El-Rei de Portugal, caso não tivesse descendência.

Todavia, Columbo continuou a receber víveres de embarcações vindas de Mannar. As muralhas resistiram e os defensores lutaram com bravura, apesar da fome e das doenças. O cerco acabou por se desmantelar com a chegada de reforços de Goa, que desbarataram as forças de Ceitavaca. Contava-se que haviam morrido mais de nove mil chingalás, enquanto os portugueses tiveram noventa baixas. Desses tempos, D. Vasco guardava muitas cicatrizes e recordações que gostaria de olvidar.

Ceitavaca fora outrora uma pequena povoação na margem do Calani Ganga, a poucas léguas de Columbo, mas tornara-se poderosa e controlava

um vasto território. Houve alturas em que os portugueses haviam estado confinados a Columbo e Mannar, as duas fortalezas principais. As expedições punitivas repunham a ordem e a autoridade por algum tempo, mas exigiam um esforço cada vez maior. Em muitos casos, impunha-se uma permanência constante do exército para assegurar que a situação não voltava a deteriorar-se.

A estratégia militar lusitana nem sempre fora clara. Deveriam existir entre quatrocentos e quinhentos soldados portugueses ao longo do ano no Ceilão. Lutavam com valentia, mas eram poucos e a ilha dependia de Goa que, por norma, enviava reforços duas vezes por ano. Nessa altura, desembarcavam mais de cem soldados e grandes quantidades de mantimentos, armamento e cavalos. Porém, esses reforços também eram insuficientes.

As ordens do Capitão-Mor eram – essas, sim – claras. Deveriam evitar combater fora das terras baixas, longe das minas de pedras preciosas e das matas de canela. Era preciso manter o controlo das terras férteis, entre Negumbo e Tangale, com o menor número de baixas, prescindindo do interior, pouco relevante para a Coroa.

A árvore da canela era nativa do Ceilão, sendo a ilha o único produtor no mundo. Demorava três anos a crescer até ser colhida e descascada, entre Junho e Novembro, e o comércio já era um monopólio do rei de Cotta, muito antes da chegada dos portugueses. Todavia, ressentia-se com a guerra contra Ceitavaca e os carregamentos para Goa e Malaca haviam diminuído. Houvera anos em que fora difícil o Capitão-Mor receber o tributo de Cotta, que andava pelos quinhentos bares⁷. O acesso à canela era cada vez mais trabalhoso: Goa gastava muito dinheiro para manter o exército na ilha e hesitava em dispensar mais meios. Vozes próximas do Vice-Rei defendiam que os reforços serviam mais para proteger o rei de Cotta do que o comércio da canela. Outras advogavam que era aquela amizade que garantia que toda a canela fosse portuguesa.

D. Vasco não tinha dúvidas: a assistência a Cotta era vital para assegurar o controlo da canela e, por isso, ele defendia a necessidade urgente de reforços. Com agrado, viu chegar quinze pedreiros vindos do Reino, para reforçar as muralhas de Columbo. Ainda assim, a situação militar nas terras baixas continuava frágil.

D. Vasco descera aos seus aposentos e preparava-se para ir cear. Foi com espanto que ouviu baterem-lhe à porta. Era D. Teodósio. Segurava numa vela e tinha um ar decidido.

- Peço desculpa, D. Vasco, mas preciso de vos dar uma palavra.
- Dizei.
- Podemos seguir um outro caminho, mais curto.
- Um caminho mais curto?
- Existe um trilho antigo que liga Bentota a Matara, contornando os

rios e as quedas de água. Julgo que não deve ser usado há muito e parte pode ter sido tomado pela selva, mas conheço bem o percurso.

– Deixou de ser usado? – estranhou D. Vasco. Fizera o caminho entre Columbo e Matara vezes sem conta e nunca ouvira falar de tal coisa.

– Era um dos acessos a uma antiga mina de pedraria, que fechou há anos. Os meus tios chegaram a trabalhar lá.

– Encurtaríamos a distância até Matara?

– Chegaríamos às matas de canela antes do pôr-do-sol.

– Antevêem-se muitos perigos? – perguntou D. Vasco, tentando refrear o entusiasmo, lendo-lhe a mente. Em vez de contornarem a costa até Gale, e depois seguirem para Matara, iriam entrar na selva do interior, a direito.

– Os homens de Ceitavaca andam por todo o lado, mas estaremos longe da fronteira.

– E as cobras? Os leopardos?

– Sim, teremos de ter cuidado – admitiu, coçando a barba. – Na selva, os perigos são sempre muitos, mas nada a que não se consiga escapar.

– Ide então informar a companhia – ordenou D. Vasco, sem hesitar, com um sorriso rasgado. O caminho pela selva era mais arriscado, mas podia compensar o atraso e cair nas boas graças do Capitão-Mor. – Sairemos antes do nascer do Sol.

O contingente avançava pela selva, em surdina, e apenas se ouvia o restolhar das folhas e o zumbir dos mosquitos. Abriam caminho por entre o arvoredado, seguindo o trilho abandonado. A humidade era insuportável, a carga que levavam às costas era pesada e todos suavam em abundância.

D. Vasco seguia no grupo da frente, ao lado de D. Teodósio. Depois de uma noite tranquila no Forte de Calutara, tinham penetrado na selva ao raiar do dia. Caminhavam havia horas a bom passo e tinham feito uma pausa diante de uma queda de água, onde se refrescaram e fizeram uma pequena oração. D. Vasco nunca fora um homem muito próximo de Deus, mas a reza de D. Teodósio reconfortara-o e enchera-lhe a alma. No entanto, exasperava: o calor fazia-lhe mal à cabeça e estava apreensivo com a escolha que fizera. A selva era densa, estava infestada de animais, e as aldeias eram muito distantes umas das outras. Estavam longe da fronteira, ainda assim o instinto obrigava-o a manter os homens alerta. Se fossem surpreendidos pelo inimigo, não poderiam fugir para o mar e dificilmente as espingardas lhes salvariam a vida.

– Não vos apoquenteis. Os leopardos só costumam atacar à noite – confortou D. Teodósio. Tinha a pele reluzente do suor e os olhos bem vivos. – Teremos tempo suficiente para assentar arraiais nas matas de canela antes do pôr-do-sol.

– E se descêssemos pela margem do rio que avistámos, não seria mais rápido?

– Tem muitas quedas de água e vai na direcção de Bentota – explicou, determinado. – Confiai em mim.

D. Vasco assentiu, mas não estava com receio dos leopardos, nem das cobras voadoras ou dos lagartos gigantes. A imensidão da selva amedrontava-o. Era tão cerrada que o impedia de ver o sol. Parecia o local perfeito para uma emboscada. Nos últimos tempos, as incursões de Ceitavaca na costa sul haviam-se multiplicado e chegavam muitos relatos tenebrosos a Columbo.

O que se vivera nos últimos meses era muito grave para Goa permanecer complacente. O filho mais novo do rei de Ceitavaca ascendera ao trono, intitulado-se Rajasinha⁸. Era um guerreiro ainda mais feroz do que o pai e partilhava do mesmo sonho: expulsar os portugueses e tornar-se imperador do Ceilão. De um momento para o outro, conquistara o Reino de Candea com uma força de trinta mil homens. O rei, que governava havia quase trinta anos e era amigo dos portugueses, fora obrigado a fugir com a família. Columbo não dispunha de meios para uma expedição vitoriosa às montanhas e nada pôde fazer.

Ao mesmo tempo, o Ceilão vivia um confronto religioso havia muitas décadas. A evangelização apenas fora bem-sucedida nas terras baixas, onde se dizia haver setenta mil fiéis. D. Vasco ainda guardava na memória os relatos sobre o massacre de seiscentos cristãos em Mannar e as sentenças de morte decretadas por Ceitavaca a todos os cristãos da ilha. Os franciscanos bradavam que o Ceilão vivia nas trevas, subjugado por feiticeiros que tinham trato com o Diabo. Todavia, os pagodes faziam-lhe lembrar, de alguma maneira, as igrejas de Goa, e o budismo chegara à ilha havia mais de mil e setecentos anos. Era um pensamento que guardava para ele, mas ficava abismado sempre que pensava nisso. Nessa altura, o Reino de Portugal ainda nem existia.

O rei de Cotta, havia muito convertido ao cristianismo, tinha doado vários pagodes aos franciscanos. O rei de Candea havia-lhe seguido o exemplo e levava muitas almas a abraçar o Evangelho, mas a fé avançava pela selva com timidez. Havia provas da destruição de símbolos cristãos e demolições de igrejas recentemente construídas. Só as edificadas na costa resistiam. Os missionários não desistiram e pregavam nas aldeias perdidas nos vales e nas montanhas. Os que dominavam a língua chingalá até debatiam teologia com os sacerdotes gentios. Muitos haviam pago com a própria vida e sido decapitados ou atirados aos crocodilos.

Ao mesmo tempo, as leis do Tribunal do Santo Ofício eram cada vez mais severas e, por isso, muitos templos gentios tinham sido destruídos. D. Vasco liderara várias expedições para demolir templos budistas e quebrar a autoridade de Ceitavaca. Incendiara dezenas de pagodes e punira aldeias que se haviam revoltado contra a fé do rei de Cotta.

Tentava não pensar muito nisso, mas às vezes era-lhe difícil distinguir o

bem do mal. Goa chamava gentios a todos os não-cristãos, mas ele sabia que não eram todos iguais e, por isso, compreendera o que sucedera nos últimos meses. Rajasinha convertera-se ao culto dos brâmanes⁹, a quem oferecera o santuário da montanha mais sagrada da ilha. O Pico do Adão não ficava longe dali e era o local de muitas peregrinações havia mais de um milénio, porque se dizia que Buda lá deixara uma pegada com mais de um passo.

Ceitavaca deixara de ser guardião do budismo para lhe declarar guerra. Perseguiu todos os sacerdotes até à morte e arrasara os templos e estátuas de Buda com mais fervor do que perseguia os franciscanos. Centenas de sacerdotes haviam sido executados e até o Changatar¹⁰ de Ceitavaca fora esquartejado. Com a conquista de Candea, os budistas não estavam a salvo em parte alguma. O próprio Rajasinha proclamara a extinção do budismo no Ceilão, tal como o antigo Vice-Rei o fizera antes, numa cerimónia em Goa de muito má memória para D. Vasco.

Subitamente, D. Teodósio fez sinal para pararem a marcha. Estavam a subir uma colina, mas ouvira algo que o perturbara e tinha as feições endurecidas. Os homens agacharam-se, encostando-se às árvores, e todos se esforçaram por parecer invisíveis no meio da selva.

– Que se passa? – sussurrou D. Vasco, perscrutando o mato à sua volta, sem vislumbrar qualquer movimento suspeito.

– Ceitavaca! – grunhiu D. Teodósio.

D. Vasco sentiu um tremor e desembainhou a espada. Os homens seguiram-lhe o exemplo e aprontaram-se para o combate. O inimigo estava ali.

– Devem estar do outro lado da colina – segredou D. Teodósio, avançando alguns passos, procurando esclarecer as dúvidas.

O comandante dos lascarins advertiu-os e a coluna militar afastou-se do trilho. Estavam no fio da navalha. Instantes depois, D. Vasco percebeu o alerta: ouviu um grito ao longe e cheirou-lhe a queimado.

– Sabeis quantos homens são?

– Devem ser dez, quinze, não mais do que isso – murmurou D. Teodósio. Tinha as narinas abertas e o queixo levantado. – Estamos perto de uma lagoa e existe um pagode e uma pequena aldeia do outro lado.

– Como sabeis que são homens de Rajasinha?

– Pelos berros. Suspeito de que estejam a atacar os monges. Temos de ver o que se passa antes de pôr os nossos homens em perigo.

D. Vasco concordou e ordenou à companhia que se mantivesse em posição de ataque. Agora não se ouvia qualquer voz e até os papagaios e macacos se tinham silenciado, deixando o ruído dos mosquitos omnipresente. D. Teodósio fez sinal para os dois subirem a ladeira. Estavam protegidos pelo declive e talvez conseguissem ver o que se passava.

Deixaram os soldados para trás. Assim que chegaram ao topo da colina, viram que os vaticínios de D. Teodósio se tinham cumprido: o pagode estava em chamas e mais de uma dezena de sacerdotes fora decapitada defronte de uma grande fogueira, à entrada do templo. Ao fundo, vislumbraram a pequena aldeia: as palhotas ardiam e viam-se corpos mutilados por todo o lado. Tal como D. Teodósio adiantara, eram cerca de quinze guerreiros e os seus efeitos, devastadores. Ouviu um grito de fúria e viu mais um sacerdote de vestes alaranjadas a ser decapitado à entrada do pagode.

O ataque não parecia estar terminado. Três guerreiros acercavam-se da estátua de pedra ao lado do templo. Era do deus gentio, vestido com um hábito e com a altura de mais de quatro homens. Tentavam destruir os pés com um machado, mas a rocha era dura e estavam acirrados. Ao mesmo tempo, avistou cinco homens saindo do interior do templo, carregados com relíquias. O pagode parecia mais rico do que muitas igrejas de Goa.

– Estão a pilhar o pagode – observou D. Vasco. Os guerreiros caminhavam por entre os corpos, mas um dele voltou atrás com duas tochas e atirou-as para o interior. – Estátuas e cofres de ouro, castiçais e candelabros.

– Pior do que isso. Partiram as pedras sagradas e estão a queimar as escrituras, que devem ter centenas de anos – apontou D. Teodósio, horrorizado.

Dezenas de manuscritos haviam sido empilhados à porta. Eram jogados para a fogueira e consumidos pelas labaredas num instante. O lascarim parecia transtornado e murmurava algo em chingalá.

– Escrituras? – questionou D. Vasco, baralhado. – A Bíblia, aqui?

– São manuscritos com os ensinamentos do Buda – esclareceu D. Teodósio, com uma voz abalada. – Muitos têm mais de mil anos e foram escritos pouco depois da sua morte em folha de palmeira ou na parte interior da casca de árvores.

D. Vasco ficou desconcertado, estranhando o lamento do lascarim com a destruição daqueles manuscritos gentios. As chamas do pagode cresciam sem parar, queimando tudo em redor. Nenhum sacerdote fora poupado. Alguns corpos ardiam e sentia-se o fedor a carne queimada. Olhou, de novo, para a aldeia e descortinou dezenas de crianças e mulheres ainda vivas, gritando sem parar. Nada as impedia de fugir, mas ali se quedavam, ao lado dos corpos, testemunhando a destruição das suas casas. Pouco depois, parte da estátua do Buda ruía e ficava em pedaços, ante a satisfação dos guerreiros.

– D. Vasco, quais são as vossas ordens?

O odor a carne queimada era nauseabundo e revirou-lhe o estômago. D. Vasco sentiu um vômito subir-lhe à garganta, mas conseguiu controlar-se. Os guerreiros começavam a distanciar-se: penetravam na selva, levando

consigo o saque do pagode e deixando para trás as mulheres e crianças.

– Não podemos perder mais tempo, D. Teodósio – proferiu, tapando o nariz, incomodado com o cheiro. – Temos de continuar a nossa marcha até Matara.

D. Teodósio fitou-o com tristeza. Benzeu-se, assentiu e começou a descer a ladeira. O tecto abobadado do pagode desabava com estrondo e os gritos não esmoreciam. D. Vasco coçou o nariz e pôs-se a caminho atrás de D. Teodósio, afastando-se do topo. Tinham de despachar-se O Sol já estava alto.

3 Órfãs de nobres ou funcionários da Coroa, equiparadas às «Órfãs d'El Rei», que eram enviadas para a Índia com um dote.

4 Prisão.

5 Cingaleses e tâmile que lutavam ao lado dos portugueses, a maior parte deles baptizados.

6 Termo português para designar os cingaleses, grande parte dos habitantes do Ceilão.

7 Noventa toneladas.

8 Raja Singha; o Rei Leão.

9 Hinduísmo.

10 Termo português para *SanghaThera*; líder espiritual dos monges budistas, normalmente um ancião.

COROMANDEL

CEILÃO

1583

MANNAR

CANDEA

NEGUMBO

CEITAVACA

COLUMBO

COTTA

0 20 40 km

YALA

AMBALANTOTA

GALE

MATARA





Será que o Brasil, Arábia, Pérsia, algum reino da Índia, Pegu, Sião, as Molucas, a China ou o Japão, são capazes de produzir tamanha riqueza como o Ceilão?

JOÃO RIBEIRO, CAPITÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS NAS ÍNDIAS

Um bando de corvos-marinhos sobrevoou os coqueiros e desapareceu por detrás dos ramos. Parara de chover, a temperatura baixara e soprava uma brisa fresca do mar. A pequena monção, finalmente, dissipava-se. Teresa aproveitou para estender os *saris* ao sol e voltou a olhar as vagas. Tentou descortinar o batel de Visanda, mas não teve sorte. Deveria estar para lá de Tanavarê, a extremidade sul do Ceilão, aonde gostava tanto de ir pescar. Dizia que era um lugar especial, que estava sob o olhar vigilante de um grande templo, venerado por budistas e brâmanes.

A vida no Ceilão dera-lhe liberdade e paixão, mas trouxera infortúnios. Os primeiros tempos haviam sido espinhosos. Visanda falava mal chingalá e apenas conseguira trabalho nas matas de canela, mas depois aventurara-se nas lides da pesca e, com o tempo, a situação melhorara. Havia conseguido fazer amigos e construir uma casa só deles, defronte da praia, a uns passos de Matara. Era uma casa grande, de madeira de teca, rodeada por árvores de fruto e um manto de coqueiros. Nas traseiras, possuíam uma horta e as verduras cresciam rápido. Aquele era o seu refúgio e tinham sido felizes ao longo de todos aqueles anos.

Apesar disso, haviam tido de superar provas ainda maiores. Por duas vezes, o fruto do seu amor não resistira e os filhos haviam perecido, pouco depois de nascerem. Anos mais tarde, porém, Mafalda fora mais forte do que os irmãos e sobrevivera. Ia fazer agora oito anos e herdara as feições e os cabelos encaracolados da mãe, os olhos rasgados do pai e um tom de pele que era uma mistura dos dois. Teresa acompanhava-a com o olhar, a brincar na areia e a guardar pedrinhas coloridas na mão. A maré vazava e dezenas de caranguejos percorriam a areia, enquanto Mafalda brincava e fugia, divertida, da água. Os seus olhos escuros brilhavam ao sol, com um sorriso que espalhava felicidade. Apesar de tenra idade, a filha parecia destemida e não se amedrontava com os animais do mato. Era uma menina inteligente, curiosa, que se deliciava a ouvir as histórias sobre os avós em Goa. Teresa nunca lhe falara da desgraça que sofrera após a morte dos pais e esforçava-se por que tivesse orgulho nas suas raízes. Sabia que o pai haveria de ficar contente.

Por fim, avistou dois batéis, não muito longe da costa, vindos da Ponta Dagana. Ficou mais descansada. Por certo, Visanda estaria a bordo e traria peixe fresco. A maior parte seria vendida no Bazar de Matara e, com isso, iriam ganhar um bom sustento. Mais ao longe, vislumbrou três naus portuguesas, a navegar lado a lado, envoltas num manto de neblina. Deveriam rumar a Malaca.

Conhecia os formatos de todas aquelas velas desde os tempos de Goa, quando passeava com o pai no cais da cidade ou pelas praias da ilha. Caminhara horas a fio, a deambular pela Horta do Bacharel, onde se deixava encantar com os navios a entrarem e saírem do porto, enquanto ouvia as histórias que o pai lhe contava. Como aqueles marinheiros aventureiros sulcavam mares pouco conhecidos, cheios de piratas e ventos traiçoeiros. Como, depois de meses de viagem, chegavam a locais longínquos, onde as montanhas cuspiam fogo, a terra rugia, as florestas não tinham fim e os naturais nunca haviam visto homens brancos. Como regressavam com os porões carregados de riquezas que, mais tarde, eram vendidas no Grande Bazar ou embarcadas para Lisboa.

Voltou a observar os *saris* a esvoaçarem e bateu as palmas, afastando três esquilos que rondavam a roupa colorida. Aquelas velas portuguesas, ao longe, lembravam-na das mudanças à sua volta. Tentava viver o dia-a-dia no seu paraíso, porém, bastava atravessar o Nivale Ganga e ir ao centro de Matara para ouvir o que se passava. A luta entre os reinos de Cotta e Ceitavaca deixava um rasto de violência. Visanda já lhe contara histórias terríveis, mas o rei de Cotta e o Rajasinha diziam-lhe pouco e não queria saber das quezílias entre aqueles reinos, nem dos deuses de cada um. Queria apenas viver em paz com a sua família naquela praia maravilhosa. Todavia, a crescente presença portuguesa deixava-a desassossegada. Os portugueses moravam quase todos em Columbo, a mais de vinte e cinco léguas de distância, mas isso parecia estar a mudar.

Matara era uma das quatro *dissava*¹¹ de Cotta e, por isso, aliada dos portugueses, que frequentavam cada vez mais a região. As suas naus zarpavam de Columbo, mas Matara começava a ganhar protagonismo por estar perto das matas de canela; ali eram mais densas, às vezes até difíceis de penetrar. Dizia-se que aqueles navios saíam dali carregados de canela, rumo a Ormuz, Malaca e outros lugares de que nem o pai lhe falara. O comércio aumentava, ano após ano, e isso enriquecia a região. As gentes de Matara agradeciam e a povoação crescia como nunca. Era uma terra afortunada, não faltava nada.

O Sol começava a descer e Visanda já deveria ter desembarcado em Matara. Estaria em casa dentro de pouco tempo e iria poder abraçá-lo. Por certo, teriam peixe fresco para a ceia. Teresa deixou os *saris*, pegou no cesto com a roupa e olhou em volta, inquieta. Sentia um odor perturbante no ar. Sabia o que era, Visanda avisara-a. Uma força militar acampara nos

arrabalde da povoação, não muito longe dali, na tarde anterior. Pelo que lhe contara, eram soldados portugueses e lascarins, liderados por um fidalgo importante de Columbo, que viera escoltar um grande carregamento de canela.

Arranjou o pano que lhe apanhava os cabelos compridos, mas, de repente, sentiu um aperto no coração. Levou a mão ao peito e teve a certeza de que o chão estava a tremer. Imaginou que seria uma manada de elefantes ou búfalos em debandada, mas logo depois a agitação cessou, como se nada tivesse acontecido. Voltou a ouvir os corvos-marinhos grasnarem nos céus e as ondas rebentarem na areia. Tudo lhe parecia normal. Olhou em volta e não viu Mafalda. Sentiu um arrepio. A filha estivera sempre ali, perto dela, a brincar na areia, mas tinha desaparecido. Teresa largou o cesto e correu pela praia. Assim que chegou a casa, ficou sossegada. Afinal, estava tudo bem! Visanda já lá estava e escamava o peixe com afinco, debaixo do telheiro. Mafalda brincava ao seu lado, a olhar desconfiada para os olhos dos peixes, passando a ponta dos dedos, da cabeça à cauda, vendo, divertida, as escamas a saltar.

– Hoje, o mar estava agitado, mas foi generoso – comentou Visanda, com vaidade, apontando para o cesto cheio de peixe. – Deixei em Matara vinte cestos maiores do que este, para serem vendidos amanhã no Bazar.

Teresa não chegou a ouvir as palavras de Visanda. Voltou a sentir o chão a tremer e fitou a imensidão da floresta, temendo o pior. Não eram elefantes nem búfalos, mas algo não estava bem.

D. Vasco estava sentado à entrada da tenda. Ficara exausto com a caminhada. Tinha as pernas cheias de marcas de sanguessugas, mas o sal e o limão aliviaram-lhe o incómodo. A refeição também lhe soube bem. Comera uma galinha assada com pimenta e bebera duas taças de vinho, para celebrar o transbordo da canela.

A missão fora um sucesso. Embarcara mais de cento e trinta bares, um carregamento fora do tributo, comprado a preços baixos, que seria bem recebido pelo Capitão-Mor de Malaca. A caminhada pela selva valera a pena, apesar do susto com os guerreiros de Ceitavaca e de ter perdido outros dois homens. Ambos se deixaram ficar para trás e foram, mais tarde, encontrados sem vida, com marcas de animais selvagens.

Os homens dormitavam, a recuperar do esforço dos dias de marcha e do carregamento dos navios. Também ele se sentira sonolento e com os olhos a fecharem-se, até D. Duarte Varella lhe pedir que se sentasse junto dele. Aceceu com agrado, pois gostava de conversar com o fidalgo. Conheceu-o em Columbo e era dos poucos destacados em Matara. Era muito jovem, mas com provas de valentia e sempre interessado no que se passava à sua volta.

– E o Vice-Rei, D. Vasco? – insistiu D. Duarte, servindo-lhe mais vinho.

Estava encantado com a história da grande expedição ao Norte do Ceilão, que capturara uma importante relíquia gentia. – Aceitou o resgate do rei do Pegu e cedeu-lhe o dente de Buda?

– Não – respondeu D. Vasco, sem disfarçar o desagrado. – O Vice-Rei não acatou a opinião dos nobres que defendiam que se deveriam usar esses fundos para reforçar as nossas praças nos Mares do Sul.

– Que aconteceu?

– O Vice-Rei preferiu acatar os conselhos do Arcebispo de Goa e decidiu matar o diabo.

– Matar o diabo? – questionou D. Duarte, baralhado.

– Preparou-se uma cerimónia a preceito, à qual assistiram milhares de cristãos e gentios. Aí, o próprio Arcebispo, na presença do Vice-Rei, esmagou o dente de Buda num almofariz. Depois, deitou fogo aos pedaços para ter a certeza de que o diabo era, para sempre, erradicado.

– Pondo fogo ao dente?

– Bem, o dente ficou em cinzas, que depois foram lançadas para o rio, ao som dos aplausos da multidão.

D. Duarte esticou-se para trás. Estava com os olhos encovados e o rosto cansado, mas com um ligeiro sorriso nos lábios, como que duvidando do que ouvira. Tinha apenas dezassete anos e ainda nem era nascido quando aquela cerimónia tivera lugar.

As memórias daqueles tempos deixavam D. Vasco angustiado. A relação com D. Constantino de Bragança, o antigo Vice-Rei, fora tumultuosa e, agora, passados mais de vinte anos, lamentava como terminara. Os dois haviam sido próximos desde que o Vice-Rei chegara a Goa e celebrado juntos a conquista de Damão, mas o crescente poder da Inquisição e o destino do dente de Buda haviam ditado o fim da confiança entre ambos. D. Vasco deixou de frequentar o palácio e não se falaram até ao final do mandato do Vice-Rei. Tinha sido a custo, por insistência de Beatriz, que se fora despedir, momentos antes de ele embarcar para Lisboa.

– E conseguiram matar o diabo? – perguntou D. Duarte, com um tom mordaz.

– O diabo não sei, mas parece que o dente nos escapou – gracejou, encolhendo os ombros. – Anos mais tarde, Ceitavaca declarou que continuava na posse do verdadeiro dente de Buda. Parece que aquele que capturámos era falso.

D. Duarte soltou uma gargalhada, mas D. Vasco não o acompanhou. Teve uma sensação estranha, que o fez olhar para o acampamento. Abriu as narinas e levantou-se. O acampamento permanecia adormecido, mas sentia-se um mau cheiro no ar. Afastou-se da tenda, tentando perceber o que se passava. Voltou a inspirar fundo e desembainhou a espada, mas nesse instante um zumbido rasgou o céu. Baixou-se por instinto e escapou a uma morte certa. Uma seta voou por cima dele e cravou-se no tronco de

um coqueiro. Estupefacto, fitou a seta e compreendeu o que estava prestes a acontecer.

– Alerta! – gritou de imediato com voz de comando. – Às armas!

Não foi a tempo. Uma chuva de flechas sobrevoou o acampamento, de lés a lés, vindas de múltiplas direcções e atingindo muitos homens. Alguns foram feridos com gravidade, enquanto a maioria teve mais sorte, mas um novo ataque de archeiros não tardaria. O objectivo deles era claro: aniquilar a coluna militar.

– Aos vossos postos! – berrou D. Vasco. Sentia a voz falhar, mas continuou a gritar em esforço. D. Duarte escapara-se para junto dele e buscava o inimigo com o olhar.

Escondido pelo mato, o *Modeliar*¹² observava, com cautela, o alvoroço lá em baixo no acampamento. Escolhera o momento perfeito e conseguira apanhar os portugueses de surpresa. Sabia que estavam cansados e deixara que se entregassem ao vinho, como era habitual. Esperara que baixassem a guarda, mantendo as tropas em silêncio, e depois deu ordem para atacar.

A primeira vaga atingira, pelo menos, quinze soldados. Alguns ainda se encontravam deitados. Os que haviam escapado procuravam esconder-se ou corriam, aos gritos, tentando fugir, mas pareciam perdidos, sem perceber de onde vinha a ofensiva. O *Modeliar* não esperou mais tempo e ordenou a segunda investida de flechas. Tinha de ser rápido, sem dar oportunidade a que se reorganizassem e contra-atacassem.

O regimento, com duzentos e setenta homens, cercara o acampamento nas cercanias de Matara. Juntara informações e estudara o inimigo. Alguns batedores haviam vigiado, à distância, a sua marcha, desde que tinham sido avistados na selva, perto de uma aldeia. Sabia que se tratava da companhia de Columbo que viera escoltar a caravana de canela. As informações que recebera eram precisas. Dali, seguiriam para Ambalantota, onde eclodiam várias revoltas.

Os portugueses haviam-se movido com rapidez e fora difícil acompanhá-los na selva. O regimento chegara tarde a Matara e não conseguira travar o transporte da canela em terra, nem o embarque nos navios, que já rumavam ao horizonte. Porém, sabia que o Rajasinha iria ficar satisfeito. Acima de tudo, comandava aquelas tropas com a missão de eliminar o poder militar português nas terras mais a sul, e era isso que pretendia fazer. As ordens eram claras: não deixar sobreviventes, mesmo lascarins.

A terceira vaga foi fulminante. Uma carga de flechas incandescentes tombou sobre o acampamento e nem deu tempo para os inimigos se levantarem. As setas atingiram muitos soldados, rasgaram as tendas e atearam fogo ao recinto. Os cadáveres amontoavam-se no chão e o fogo alastrava, consumindo as tendas e a floresta em redor. O *Modeliar* tentou ser indiferente à gritaria dos lascarins e contou o número de sobreviventes.

Ainda havia um punhado de portugueses vivos que se haviam protegido atrás das rochas, tentando descortinar a origem do ataque. Dominou a ansiedade e ordenou o golpe final.

D. Vasco conseguira esconder-se atrás de um pedregulho, mas estava aflito. Os homens tentavam salvar-se, mas as flechas voavam imparáveis. Sebastião, um lascarim alto de Mannar, morreu mesmo à sua frente, com uma seta a furar-lhe a cara. Ao lado, um outro lascarim berrava com as chamas a devorarem-lhe o corpo, sem conseguir arrancar a seta espetada nas costas. Queria correr até ele para o salvar, porém, uma nova vaga de flechas inibiu-o de sair do esconderijo. O inimigo era invisível, não havia maneira de ripostar, e o pânico tomava conta de todos.

D. Vasco tentou reagrupar as tropas, mas percebeu a gravidade da situação. Estavam cercados! As sentinelas tinham falhado ou sido abatidas em silêncio. O inimigo aproximara-se, estava bem posicionado e atacava com rapidez. Se nada fizessem, iriam ser massacrados sem dó nem piedade.

Instantes depois, um silêncio arrepiante tomou conta do acampamento. De onde estava, apenas ouvia o gemido surdo dos feridos e o crepitar das chamas. Os atacantes haviam suspenso o assalto e isso só podia ter um significado – estavam a avançar para concluir a matança corpo a corpo. Fez sinal aos homens que estavam perto dele para se aproximarem. Eram apenas cinco – o jovem D. Duarte Varella e quatro lascarins de Columbo, entre eles, o próprio comandante. D. Teodósio fora ferido de raspão no braço direito, ainda assim mantinha-se imperturbável.

D. Vasco perscrutou o mato em busca de uma saída. Suspeitava de que o inimigo viera do interior. Matara já deveria estar cercada e, quiçá, os soldados que lá deixara também estariam sob ataque. Tentou não desesperar, mas o fogo parecia incontrolável, as baixas eram muitas e os sobreviventes estavam dispersos.

Ordenou aos cinco homens que avançassem na direcção do mar. Talvez assim se conseguissem libertar do cerco e atacar pelos flancos. Estes reagiram de imediato e correram em silêncio por entre o arvoredor. Ninguém os seguiu. Afastaram-se do campo de batalha e o mar surgiu diante deles. Ainda se ouviram berros de aflição no acampamento, mas nenhum ousou olhar para trás e não demoraram muito a pisar a areia da praia.

De repente, um dos lascarins levantou a mão e pararam, agachando-se de seguida. Não estavam sozinhos! Ao fundo, à beira-mar, distinguiram uma casa de teca coberta por um manto de folhas de coco. Ouviram gritos estridentes vindos de lá de dentro. Parecia português! Os seis homens avançaram, rastejando, tentando passar despercebidos. Estavam perto e, pouco depois, D. Vasco avistou uma sentinela à entrada da casa. Tinha o uniforme de Ceitavaca. Tentou adivinhar o que se passaria lá dentro, e

depois olhou para o corpo prostrado no chão, perto do guarda: um homem de tronco nu que parecia estar morto.

D. Vasco confirmou que não existiam mais soldados nas redondezas e indicou a D. Duarte que atacasse. Recordava-se de o ver nos torneios de Columbo e sabia que tinha boa pontaria. Protegido pelos arbustos, o jovem fidalgo lançou um punhal e a sentinela caiu de repente. D. Vasco anuiu, satisfeito, mas logo percebeu que o golpe não fora silencioso, porque se ouviu um alvoroço dentro de casa.

D. Vasco fez sinal para a contornarem, na esperança de que os chingalás saíssem cá para fora. Ouviu os gritos desvairados de uma criança vindos do interior, e três soldados apareceram à porta. Fitavam, perplexos, o corpo no chão. D. Vasco levantou-se e os chingalás olharam para ele, mas foram apanhados pelos punhais voadores dos lascarins e dois tiveram morte imediata. Correu até eles e viu que o terceiro ainda respirava, caído, com os olhos abertos e o sangue a escorrer-lhe pela cara. Desviara-se, mas o punhal ainda lhe rasgara a face. Gritava aflito, com as mãos na ferida ensanguentada. D. Vasco desembainhou a espada e espetou-lha no peito, num golpe certo no coração. O infeliz expirou pela última vez.

D. Duarte e dois lascarins não perderam tempo e entraram de rompante na casa, para acabar a matança. Ouviram-se berros, urros de morte e o ressoar das lâminas. Os homens lutavam com espadas, mas o combate foi rápido.

– Podeis vir, D. Vasco! Estas duas almas já estão a arder no inferno.

Os restantes lascarins correram até lá, observando os corpos em redor. Desarmaram os soldados e certificaram-se de que estavam mortos. Voltaram a ouvir o choro descontrolado de uma criança e entreolharam-se, nervosos.

– D. Vasco, vinde rápido!

Assim que passou a porta, compreendeu o que se passava. D. Duarte estava ao fundo, com uma menina mestiça nos braços, tentando acalmá-la. Ela parara de gritar, mas tremia de medo e soluçava, com a cara suja de terra e ranho. O rosto parecia português e os cabelos eram encaracolados, mas os olhos rasgados não deixavam esquecer as suas origens. Tinha laivos orientais, sinal de que um dos pais não era português.

D. Vasco observou os corpos dos chingalás à entrada, e depois debruçou-se sobre o cadáver mais adiante. Tratava-se de uma mulher branca, de feições finas e cabelos ruivos compridos. Questionou-se quem seria e o que estaria ali a fazer. Era raro encontrarem-se mulheres lusitanas nas Índias. Podia contar pelos dedos as que viviam no Ceilão e uma delas era Beatriz, a sua mulher.

– É a primeira vez que vejo uma portuguesa nestas paragens, tão longe de Columbo – confessou D. Teodósio, boquiaberto. – Foram dela os gritos em português.

A criança não parava de gemer. D. Duarte, que ainda a segurava, começou a cantar-lhe uma canção de embalar e afastou-se para o fundo da casa, desaparecendo por uma abertura, tapada por um grande pano colorido.

D. Vasco tentou ignorar a melodia do jovem fidalgo e tocou na face da mulher, intrigado. Ela tinha muitas sardas, a pele queimada do sol, e ainda estava quente. Tinha mais de trinta anos. O vestido estava rasgado e jazia de pernas abertas. Deveria ter sido violada antes de morrer e o golpe profundo na barriga parecia ter sido a causa de morte. Do pescoço pendia um colar prateado, com pequenos búzios e conchas marinhas, e dois rubis incandescentes. Já vira muita pedraria no Ceilão, mas a delicadeza daquela jóia era invulgar.

– Deus tenha misericórdia da menina – adiantou D. Teodósio, benzendo-se e trocando olhares com os lascarins. – Por certo, assistiu a tudo...

– O pai deve ser o homem que está lá fora – asseverou D. Vasco, voltando a olhar para os rubis no centro do colar. Se não tivessem interrompido a matança, os chingalás tê-lo-iam levado. – Pelo tom de pele, feições vincadas e olhos rasgados, deve ser natural do Pegu ou do Sião.

– Notam-se sinais de luta – adiantou um dos lascarins. – Apunhalaram-nos pelas costas.

D. Vasco sentia o coração a palpitar. Não podiam demorar mais tempo, mas não conseguia tirar os olhos do corpo da mulher portuguesa. Tinha a sensação de que a conhecia. Talvez de Columbo ou, quem sabe, de Goa. Talvez fossem os cabelos ruivos. Baixou-se e retirou-lhe do pescoço, com cuidado, o colar prateado de conchas marinhas. Quando o ia meter no bolso, ouviu vozes ao longe e ficou em sobressalto.

Os homens calaram-se e entreolharam-se. D. Vasco espreitou lá para fora, pelas frinchas da madeira, e viu um grupo de guerreiros de Ceitavaca a aproximar-se, vindo da povoação. Traziam três prisioneiros: dois sacerdotes gentios, com as mãos amarradas, e um menino *kaffir*¹³, também calvo. Caminhavam, olhando em redor, na direcção da casa. Mal vissem o primeiro cadáver no chão, debaixo do telheiro, iriam descobrir o que acontecera.

Ordenou aos homens que se preparassem, mas estes já tinham as armas na mão. Estavam em desvantagem numérica, mas contavam com a surpresa do lado dos outros. Tinham de ser rápidos. D. Duarte também já se apercebera do que estava a acontecer. Ouviu-o a falar baixinho com a menina.

– Não sais daqui a não ser que haja fogo. Aí, sim, corres pela praia, sem parar.

Mal viu D. Duarte aparecer por detrás do pano, a tirar os punhais ensanguentados da cinta, D. Vasco ordenou o ataque.

– Dois para cada um de nós. Quero punhais nos que estão mais ao longe, para não escaparem. Depois, eu e D. Teodósio sairemos contra eles.

D. Duarte encostou-se à parede, perto da porta, e espreitou pela frincha, escolhendo os alvos. Atrás dele, o lascarim fez o mesmo e esperou pelo sinal. D. Duarte fez pontaria e lançou os punhais com desenvoltura. Os soldados foram colhidos de surpresa, sem tempo de se baixar. Num ápice, D. Duarte passou para o outro lado da porta e o lascarim tentou a sua sorte. Atingiu um dos soldados no peito, mas falhou o segundo.

D. Vasco e D. Teodósio não hesitaram e saíram da casa, de espada em riste, aos berros, decepando os dois homens que lhe estavam próximos. Os lascarins e D. Duarte seguiram no seu encalço e caíram em cima do inimigo. Atarantados, os chingalás não conseguiram ripostar. Dois ainda desembainharam a espada, contudo, os lascarins foram mais rápidos e golpearam-nos, antes de lhes perfurarem o peito com a lâmina. Outro, muito novo, atirou-se contra D. Teodósio e tentou derrubá-lo, mas o comandante dos lascarins agarrou-o pelos cabelos, deu-lhe uma cabeçada e trespassou-o com a espada. O guerreiro morreu-lhe nas mãos, salpicando-o de sangue.

D. Vasco correu para o último homem que guardava os sacerdotes. Deu um urro e elevou a espada. No último instante, o guarda desviou-se, largou os prisioneiros e desatou a correr. D. Vasco não teve forças para o perseguir e receou que ele alertasse as tropas que cercavam o acampamento.

– D. Duarte! – berrou, apontando para o soldado em fuga. Começava a afastar-se e ninguém o iria conseguir apanhar. – Ali!

O jovem fidalgo reagiu depressa. Pegou na espada como uma lança e atirou-a com força, mal teve ângulo. A espada voou como uma flecha e atingiu o soldado, que tombou no chão. Dois lascarins correram até ele e tiraram-lhe a última réstia de vida.

D. Vasco sorriu, aliviado, e olhou em volta, ofegante. Todos os guerreiros inimigos estavam caídos e os seus homens pareciam bem, sem ferimentos de maior. Deu ordem para darem o golpe de misericórdia, caso fosse preciso, mas a matança parecia terminada. Observou a praia em ambas as direcções e não avistou vivalma. A sorte protegera-os, não havia sinal de perigo. À sua frente, restavam os dois sacerdotes, que se haviam atirado para o chão, e o pequeno *kaffir*, emaranhado entre as vestes acastanhadas dos sacerdotes.

– Levantai-vos! – ordenou, fixando o olhar no mais velho. Era difícil adivinhar-lhe a idade: tinha a pele dourada, olhos vivos e uma expressão que o desconcertou. Estava aterrorizado, como se tivesse visto o Diabo, mas logo pareceu serenar. – Falais português?

– Sim, meu senhor. Aprendi a falar português em Cotta.

– Qual a vossa graça?

– Chamo-me Mahastana – respondeu com voz rouca. As cordas cortavam-lhe a pele dos pulsos, tinha o pescoço ferido e dificuldade em manter-se direito. – Sou o Changatar de um dos mosteiros de Candea.

– Sois acusado de quê?

– Para Ceitavaca, ser um Changatar é suficiente – afirmou num português escorreito, olhando depois para os lascarins que se acercavam. – Somos os sobreviventes de um grupo de doze religiosos que regressava às montanhas.

D. Vasco esforçou-se por não mostrar qualquer emoção. Sabia o que lhe ia no espírito. Os portugueses faziam o mesmo: primeiro, porque os sacerdotes gentios incentivavam à revolta contra o rei de Cotta e, mais tarde, para cumprir as ordens de Goa. Centenas de sacerdotes tinham sido perseguidos e executados. Por uma razão ou por outra, todos perseguiram o budismo.

– E o *kaffir*? – inquiriu, apontando para o menino. Tinha um corpo robusto, mas estava apavorado. Pelo tom de pele, testa e nariz largos parecia ser de São Jorge da Mina. Vários navios acostavam em Columbo, carregados de escravos africanos. A maior parte era logo vendida no porto, depois de serem lavados e tratados. Nos últimos tempos, alguns haviam sido integrados no exército e os seus feitos começavam a ser conhecidos.

– Chama-se Abel. Está connosco há pouco tempo – respondeu o sacerdote mais jovem, também ele com uma pronúncia portuguesa perfeita.

– Vós também tendes escravos?

– Não, senhor. Os pais dele eram escravos numa casa fidalga de Columbo e, após a morte do seu amo, entregaram o filho ao nosso cuidado, para que aprendesse a ler e a escrever.

A resposta não o convenceu. Os gentios ou antigos escravos eram sempre entregues às missões franciscanas ou enviados para os Colégios Jesuítas em Goa. Ia questionar a identidade do fidalgo quando mudou de ideias e observou o menino negro que se escondia por entre as vestes dos sacerdotes. Fez sinal para que avançasse e viu-o mais de perto. Aparentava cerca de dez, onze anos, mas parecia ter força de braços.

– Quantos anos tendes?

– Não sei, senhor.

– Vindes de Moçambique ou da Guiné?

– O meu pai contava que viemos do reino de Ashanti.

D. Vasco não sabia onde ficava Ashanti. Pensou em apoderar-se do escravo, mas estava a demorar muito tempo e decidiu deixá-lo ao seu destino.

– Libertai-os! – ordenou.

Os lascarins retiraram as cordas e correntes aos sacerdotes gentios. Ao fundo, D. Duarte aproximava-se com a menina mestiça, que ficara dentro

da casa.

– Vós conseguis andar? – perguntou ao sacerdote mais velho, olhando ainda de soslaio para a criança ao colo de D. Duarte.

– Sim, senhor – respondeu ele, fitando-o ainda com estranheza. – Com a vossa permissão, gostaríamos de continuar a nossa marcha até Candea.

– Ide então para leste, mas tendes de subir as montanhas, assim que possível – alertou, limpando o suor da testa. – Há muitos soldados de Ceitavaca nas cercanias. Ninguém está a salvo.

O sacerdote pareceu compreender. A menina mestiça já estava no chão, encolhida, ao lado do jovem fidalgo. D. Vasco aproximou-se dela e agachou-se, para a observar melhor. Nunca vira uma criança tão formosa e, por momentos, lamentou que Deus tivesse levado os seus filhos em tão tenra idade.

– Qual o vosso nome?

A menina passou as mãos pelos cabelos encaracolados, olhou com espanto para a criança africana e depois virou-se de frente para D. Vasco, pousando o olhar no seu nariz pontiagudo.

– Mafalda.

– É um nome bonito. Nascestes aqui?

A menina anuiu, em silêncio, continuando a olhar para o nariz e a barba comprida. Por certo, nunca tinha visto uma.

– E a tua mãe, também?

– A minha mãe nasceu em Goa – respondeu, com uma voz muito fina, mas num português escorreito. – Foi lá que os meus pais se conheceram.

– Quero que me prometas uma coisa, Mafalda – declarou, com Goa a importunar-lhe o espírito. Puxou-a pelo pulso e colocou-lhe o colar prateado de conchas marinhas na palma da mão, fechando-lhe os dedos em torno dele. – Sabes o que é isto, não sabes?

Mafalda voltou a assentir, mas tinha os olhos cheios de lágrimas e parecia que ia de novo soluçar.

– Prometes-me que vais guardar este colar e que, mais tarde, quando fores crescida, vais usá-lo para todo o sempre? – continuou D. Vasco, olhando-a nos pequenos olhos cintilantes.

Os lábios de Mafalda tremiam, mas agarrou o colar da mãe com ambas as mãos. Teve um novo ataque de soluços e o olhar fugiu-lhe para a casa. Começava a chorar e D. Vasco sabia o que lhe ia no pensamento.

– Prometes?

– Sim.

– Sou D. Vasco Telles. Eu também venho de Goa. Um dia havemos de nos reencontrar e vais lembrar-te de mim e eu de ti. Nesse dia, quero ver-te com o teu colar bonito ao pescoço.

Os homens entreolharam-se, remetendo-se ao silêncio. D. Vasco sabia que estavam habituados a vê-lo como um militar rigoroso. Nunca o tinham

visto falar daquela maneira, mas nenhum deles sabia que, em tempos, tivera filhos e que ambos lhe haviam morrido nos braços, sem que nada pudesse fazer para os salvar.

– Agora ide, tendes de sair daqui – ordenou ao sacerdote mais velho, que se mantinha ao lado do *kaffir*. – Podem aparecer soldados de Ceitavaca a qualquer momento. Levai os meninos e zelai por eles.

D. Vasco observou-os a afastarem-se e viu a menina mestiça a olhar para trás, antes de desaparecer na selva. A luz do sol desvanecia-se e, dentro de pouco tempo, iriam ficar cercados pela escuridão.

– Temos de nos apressar, D. Vasco – advertiu D. Teodósio, com um semblante apouquentado. O ferimento que tinha no braço estancara e parecia recomposto. – Que fazemos?

Ao fundo, ainda se ouviam gritos de terror vindos do acampamento. Cheirava a queimado e um manto negro de fumo elevava-se no ar, por cima das árvores.

– Vamos atacá-los quando eles menos esperarem – vociferou para os homens. Voltou a desembainhar a espada e erguê-la bem alto. – Quero apenas um sobrevivente.

– Um sobrevivente, D. Vasco? – questionou D. Duarte, com a testa franzida e o suor a escorrer-lhe pela face.

– O comandante do batalhão. O *Modeliar* – elucidou, com um esgar. – Já deve ter dado a batalha por ganha. Chegou a hora de contra-atacarmos e vingarmos os nossos companheiros.

Os seis homens sorriram uns para os outros e concordaram. Ninguém questionou a desvantagem numérica que levavam ao inimigo, nem o cansaço que sentiam. Afastaram-se da praia em passos largos e embrenharam-se na selva.

11 Províncias, com grande autonomia. O Governador da província também se designava Dissava, normalmente um oficial militar.

12 Alta patente militar cingalesa, comandante de um regimento.

13 Africano.



A curiosidade é mais importante do que o conhecimento.

ALBERT EINSTEIN

– Até fiquei sem fôlego – admitiu Kris, parando por instantes. Parecia emocionado. – Foi a namorada do Ernest que te contou isso tudo?

– Por alto, mas também foi o que consegui depreender das leituras do fim-de-semana – contou Rui, suspirando. Elizabeth cedera-lhe as pastas amarelas de Ernest e acabara por ter mais trabalho do que julgara, sem tempo para ver todos os ficheiros na *pen*. – São milhares de documentos e nem percebo como estão organizados. Vou demorar semanas...

– Ainda por cima sem saberes o que procurar exactamente – acrescentou o sueco. Estava com olheiras profundas, sinal de que ainda não recuperara o sono. – Ela disse-te mais alguma coisa?

– Não, mas insistiu em que Mafalda de Castro era o ponto principal da investigação do Ernest, o elo entre o passado e o presente. – Julgara-se perdido durante quase todo o fim-de-semana, até, de repente, se sentir transportado para Matara dos finais do século XVI. – O Ernest estudou a fundo a vida dessa mulher.

Haviam chegado ao molhe da Torre de Tráfego Marítimo e voltavam para trás. Depois de tantos dias de mau tempo, o Verão parecia finalmente estar a chegar. Tinham combinado encontrar-se mais cedo e fazer uma caminhada ao longo do rio para discutir as últimas descobertas e assegurar que tinham um discurso coordenado. O presidente e o Dr. Perlov haviam regressado de Banguet no sábado à noite e agendado uma reunião para aquela manhã.

– Eu passei o fim-de-semana aqui no CIC. Os pacientes continuam a melhorar, apesar de terem interrompido a medicação há treze dias – contou Kris, satisfeito. Adiantou que uma paciente conseguira ir à casa de banho sem ajuda, e um outro, que perdera os movimentos da mão esquerda havia meses, recuperara a autonomia e comia agora à mesa, de faca e garfo. – O caso mais impressionante é o de Alberto Morais: conseguiu caminhar pelo Jardim Interior, como se nunca tivesse estado acamado, e depois veio até aqui, à beira-rio. Já me passou pela cabeça dar-lhe alta, para aproveitar a vida.

– Isso são ótimas notícias.

– *Ja*, mas é perigoso deixar de estar sob vigilância, até percebermos o que aconteceu. – Kris parecia mais perdido do que ele. – Depois da

reunião, vou ter de discutir o caso com o Dr. Perlov.

– Vai ser uma reunião insólita. Vejamos: o Dr. Fonseka foi assassinado por motivos que se desconhecem. Ao mesmo tempo, descobrimos que estava a realizar testes clínicos, aparentemente secretos, em pacientes terminais, com uma substância oriunda do Sri Lanka, relacionada com a história de uma descendente de portugueses que lá viveu há centenas de anos.

– Dito assim, concordo que pode parecer um absurdo – respondeu Kris, sorrindo. – Esqueceste-te de acrescentar que esses testes clínicos parecem estar a ter um sucesso estrondoso, e com isso, podem muito bem ter salvo seis vidas.

– Tens razão, mas são acontecimentos de há mais de quatrocentos anos...

– *Ja*, mas o uso medicinal de plantas tem milhares de anos. A medicina está cheia de fármacos provenientes de substâncias naturais, de plantas ou fungos, que foram usados durante séculos de diferentes formas – salientou o sueco, gesticulando. – A casca de salgueiro, que é a base principal da aspirina, a quinina e drogas como o ópio ou a canábis são exemplos disso. A natureza dá-nos tudo, nós é que temos de a decifrar.

– Não tinha pensado nisso.

– Infelizmente, por cada descoberta, há muitas investigações que fracassam – lembrou Kris, desviando o olhar para o enorme cargueiro que entrava no rio. – Algumas só conseguem ser bem-sucedidas porque acontece algo de extraordinário. Por exemplo, o modo como Alexander Fleming descobriu a penicilina foi mais do que um somatório de coincidências, foi um milagre.

– Talvez tenha ocorrido o mesmo com o Ernest – intuiu Rui, tentando reter o que ouvia. – Ele parece ter estado a trabalhar nisto durante muito tempo. A namorada contou-me que ele, às vezes, dizia que ainda ia ganhar o Prémio Nobel.

– Ainda não sei se a Taprobana é um fármaco natural, se o Ernest chegou a isolá-lo ou modificá-lo, mas tem de ser algo muito potente. Normalmente, os fármacos muito eficazes numa dada patologia têm um elevado grau de toxicidade, com bastantes efeitos secundários. Neste caso, parece que estamos na presença de uma droga quase milagrosa.

– Temos mesmo de descobrir a ligação entre a Taprobana e os documentos históricos do Ernest – afirmou Rui. Estavam a chegar aos edifícios envidraçados e notava-se mais movimento.

– *Ja*, é crucial encontrarmos os registos das experiências. O Ernest podia estar simplesmente a reproduzir o que se fez há quatrocentos anos, porque a substância parece ter sido administrada oralmente, sem qualquer tecnologia ou terapia intravenosa. – Já tinham atravessado a ponte sobre o Rio Jamor e viam a entrada principal, mas passava um comboio em

direcção a Cascais e o barulho era ensurdecedor. – Embora ele também possa ter purificado a substância ou adicionado outro organismo para estimular o princípio activo e, nesse caso, será mais difícil sabermos com o que estamos a lidar.

– Vamos ver como corre a reunião. Mais importante do que aquilo que vamos dizer, será o que vamos ouvir – rematou Rui, olhando para o relógio. Dentro de dez minutos, teriam de estar no gabinete do presidente. – Eles devem conhecer o Ernest melhor do que nós e espero que saibam o que ele andava a fazer.

Rui ficava sempre impressionado quando se encontrava com Yitzhak Perlov. O Director de Investigação era um homem grande, alto, com cerca de sessenta anos. Normalmente, irradiava tranquilidade, mas estava abatido. Com uma longa vida académica e de investigação médica iniciada em Israel, fora um dos pioneiros do CIC e mostrava sempre uma grande cumplicidade com o presidente, o Dr. Mendes.

– Queria agradecer-vos terem protegido o nome do CIC e mantido o seu normal funcionamento sem que os pacientes e a maioria dos funcionários se tenham apercebido do que se passou – começou o presidente, com um semblante comovido. – Assim que soubemos, tentámos regressar o mais depressa possível. Realmente, não podíamos ter estado fora numa altura pior.

– Que grande tragédia – corroborou o Dr. Perlov. Estava inconsolável. – O Dr. Fonseka era um cientista brilhante. O mundo e a nossa instituição ficaram mais pobres. Não compreendo como é que uma coisa destas pôde acontecer.

O gabinete era amplo e tinha muita luz, com uma vista desafogada para o Farol do Bugio e o Forte de S. Julião da Barra. Os quatro sentaram-se nos cadeirões, em redor de uma mesa de vidro com café e chá, e o presidente foi direito ao assunto.

– Agradeço-vos as informações que nos foram enviando enquanto estivemos fora, mas, por favor, contem-nos em detalhe o que se passou.

Rui tomou a palavra. Relatou o primeiro contacto da polícia, a visita da inspectora, o reconhecimento do corpo, as suspeitas de homicídio e como conseguira manter a notícia longe da imprensa durante os primeiros dias. Mais tarde, duas televisões haviam noticiado o ocorrido e uma delas fizera a reportagem diante das instalações do CIC.

– A polícia avança a hipótese de ter sido um homicídio premeditado – adiantou Rui, com ar solene. – É provável que os contactem nos próximos dias.

– Já falaram com a minha secretária e uma inspectora estará cá hoje à tarde para conversar connosco – informou o presidente, pousando a chávena. – Isto é um choque para todos nós. Um homem tão novo.

– Pelo que sei, a polícia ainda não encontrou qualquer motivo ou suspeito – continuou Rui, como a prepará-los para o encontro com a inspectora.

– Eu não conhecia muito da sua vida privada, mas julgo que nada faria pensar uma coisa destas – respondeu o presidente, trocando olhares com o Dr. Perlov.

– Concordo, o Dr. Fonseca tinha uma vida pessoal bastante recatada – respondeu o outro, com um ar triste. – É verdade que tinha um feitio especial, mas sempre foi muito profissional.

– A polícia irá pedir o acesso ao seu correio electrónico e à sua área de trabalho – alertou Rui, olhando de soslaio para Kris. – Penso que se trata de um procedimento habitual nestes casos.

– Colaboraremos no que for preciso, mas irei alertar a inspectora para as informações sensíveis com que trabalhamos. Temos de garantir que as pesquisas do CIC não são tornadas públicas – retorquiu o presidente. – Esta tragédia não pode afectar a imagem da nossa instituição.

O Dr. Mendes era uma pessoa sensata. Rui nunca o vira desorientado e gostava de o ter como superior. Deveria ter à volta de setenta anos e fora ministro de dois governos, mantendo uma imagem de rigor e cultivando amizades dentro e fora da política.

– Pelas vossas mensagens, percebi também que estão preocupados com algumas das investigações do Dr. Fonseca – continuou o presidente, cauteloso.

– Ninguém consegue explicar o sucedido no Piso 5 – esclareceu Rui, voltando a olhar para Kris, que continuava em silêncio. – Mas o Dr. Kris Andersson já se tinha apercebido de que alguma coisa de estranho se passava.

Kris explicou o que acontecera. O desaparecimento misterioso de Ernest e a perplexidade dos investigadores e médicos-assistentes com as melhoras inexplicáveis de seis pacientes do Piso 5. Descreveu a evolução do seu quadro clínico e colocou as imagens das ressonâncias magnéticas em cima da mesa.

– A informação que está no sistema sobre os seis pacientes nas últimas quatro semanas é muito escassa – relevou Kris, indo ao ponto crucial. – Encontrámos alguns exames e relatórios, mas desconhece-se que tratamento lhes foi administrado. A Equipa de Testes não tem conhecimento de novos procedimentos e não encontrámos qualquer documentação adicional assinada pelos pacientes ou familiares.

– Deve estar no sistema, mas apenas os elementos seniores da equipa de Testes Clínicos têm de estar ao corrente das alterações – lembrou o Dr. Perlov, com uma expressão sisuda.

– Eles confirmaram que não houve qualquer alteração – ripostou Kris. – Suspeitamos que o Dr. Fonseca tenha administrado pessoalmente uma

substância nova aos seis pacientes.

– Isso não segue o protocolo – contrapôs o Dr. Perlov, estarecido. – De qualquer modo, vou verificar a lista de testes clínicos. Deve tratar-se de algum que já vinha de trás – afirmou, levando a mão à testa, ante o olhar decidido de Kris. – Percebo a coincidência de esses pacientes terem uma reacção positiva simultânea, mas têm provas de que se administrou um novo fármaco?

– *Ja*, encontrei várias notas no portátil do Dr. Fonseka a indicar que o primeiro tratamento ocorreu no dia 25 de Abril – informou. Kris estava nervoso e, às vezes, misturava palavras em sueco. – Os pacientes têm patologias diferentes, mas o resultado geral foi uma diminuição das lesões e uma ausência repentina dos efeitos secundários da quimioterapia. Alguns parâmetros das análises de sangue também se alteraram.

Kris mostrou as imagens da ressonância, com os contornos das lesões, apontando para as datas em que cada uma fora realizada. Rui mantinha o olhar em Yitzhak Perlov, que ia acompanhando a explicação. A partir de um certo momento, foi-lhe difícil seguir a conversa, porque se tornou muito técnica.

– As mais recentes mostram uma regressão do tumor – comentou o presidente, pouco depois. Parecia ter mais questões, mas esperou que o Director de Investigação tomasse a iniciativa.

Perlov mantinha-se calado, a analisar cada película em detalhe.

– O quadro clínico tem estado estável, mas, pelas minhas contas, os pacientes devem estar sem o tratamento há duas semanas.

– Encontraram alguma pista? – perguntou Perlov. Parecia mais convencido, mas tinha um ar crispado. – Já sabem de que substância química se trata?

– Não sabemos a sua composição, nem o princípio activo, mas a toxicidade parece baixa – respondeu o sueco, com prontidão. – Suspeito de que até seja uma substância natural administrada oralmente.

– E sabemos o nome – acrescentou Rui, percebendo que Kris se esquecera de o mencionar. – Taprobana! Talvez lhe diga alguma coisa.

– O Dr. Fonseka gostava de trabalhar com substâncias naturais, mas não me recordo de alguma vez ter discutido essa referência comigo.

Rui olhou para Kris, pasmado. O desconhecimento do Dr. Perlov confirmava as piores suspeitas.

– Tem a certeza? – insistiu Rui. A namorada do Ernest fora clara em dizer que a Taprobana era, desde há muito, o seu principal trabalho.

– Vou conferir os memorandos – respondeu, hesitante. – É estranho não me recordar desse nome.

– Taprobana faz-me lembrar *Os Lusíadas* – declarou o presidente, que se mantivera silencioso, a bebericar o chá. – Se bem me recordo, trata-se do nome antigo do Sri Lanka.

– Exactamente. O país do Dr. Fonseka.

– Ah, faz sentido – reconheceu o Dr. Perlov, aliviando um pouco a tensão. – O Dr. Fonseka sempre teve um grande apego à sua terra.

Rui recordou as conversas que tivera com Ernest sobre o Sri Lanka. Sabia que ele emigrara havia muito tempo, mas os últimos dias tinham-lhe mostrado que a vida pessoal dele era um mistério.

– Conhecia o Dr. Fonseka antes de o contratarmos? – resolveu perguntar. Rui entrara no CIC alguns meses antes e estivera pouco envolvido no processo.

– Conheci-o pessoalmente numa conferência em Bali, e a partir daí, o nosso contacto passou a ser frequente. Mas já mo tinham referenciado como um jovem promissor, que trabalhava em oncologia nos Estados Unidos.

– Em Bali? – questionou Rui, surpreso. – Quando foi isso?

– Há pouco mais de dois anos.

Rui recostou-se no cadeirão, avaliando aquela coincidência. Perlov e Elizabeth haviam conhecido Ernest exactamente na mesma altura.

– E alguma vez notou se ele tinha problemas? – questionou, repetindo o que a inspectora lhe perguntara.

– Não, sempre me pareceu uma pessoa muito equilibrada, mas reconheço que a sua contratação teve algumas peculiaridades.

Rui e Kris entreolharam-se. Perlov também trocou olhares com o presidente. Parecia ofegante, mas tentou ganhar fôlego.

– No ano passado, quando estive em Singapura, fiz-lhe uma proposta para ele integrar o CIC. Passámos o fim-de-semana a discutir o âmbito da sua posição e ele mostrou-se radiante. Mais tarde, porém, confidenciou-me alguns detalhes da sua situação, de que eu não estava à espera – relembrou, encolhendo os ombros. – Queixou-se de problemas de financiamento no instituto onde trabalhava, que limitavam o seu trabalho. Referiu atritos com alguns financiadores e parceiros do instituto, que interferiam nas investigações.

– Que parcerias eram essas? – inquiriu Kris, apreensivo. – Laboratórios, farmacêuticas ou universidades?

– Segundo me recordo, era uma farmacêutica multinacional, mas a situação era invulgar. A bolsa fora-lhe atribuída pelo instituto, mas na prática os fundos vinham da farmacêutica – relatou, afagando a testa. – O Dr. Fonseka estava desgastado. Também estava num processo de separação e tudo se conjugou para uma mudança de projecto e de país.

– Nós queríamos que ele liderasse uma área especial de investigação, nos cancros mais letais – interveio o presidente, no mesmo tom sereno. – Tentámos acomodar a sua situação. Assegurámos-lhe o financiamento durante dois anos, uma forte ligação ao corpo clínico, e respeitámos as suas condições.

– Condições?

– O Dr. Fonseka pediu-nos que a sua ingressão no CIC fosse tratada com discrição – confidenciou o presidente, recostando-se no cadeirão. – Ele seguia o protocolo interno habitual, tal como todos os funcionários, mas, se repararem, o seu nome não consta de nenhuma brochura nem está no *website*. Apenas compareceu a três eventos médicos, todos eles muito restritos.

– Queria manter-se incógnito – deduziu Rui. Relembrou a conversa com a inspectora e o que Elizabeth lhe dissera. Talvez o que se passara em Singapura fosse mais grave do que se pensara.

Notou-se alguma tensão no gabinete. Rui olhou-os com insistência, à procura de respostas, mas ambos se remeteram ao silêncio. Foi quando Kris começou a falar.

– Pelo que me recordo do que foi falado no Conselho Científico, as suas investigações estavam ligadas aos cancros mais agressivos. Como o do cérebro e do pâncreas.

– Sim, e com uma vertente adicional, que estava incluída no financiamento.

Rui e Kris trocaram um olhar cúmplice.

– O Sri Lanka, tal como a Índia e outros países asiáticos, tem uma cultura *ayurvédica* muito forte, a que normalmente se chama no Ocidente medicina alternativa. É muito espiritual, baseada em conhecimentos de milhares de anos, com práticas que aumentam o nível de glóbulos brancos, que reforçam o sistema imunitário. – O Dr. Perlov parecia ter recuperado alguma da sua tranquilidade habitual. – O Dr. Fonseka gostava de aplicar esses métodos tradicionais nas suas pesquisas.

– Portanto, fármacos naturais?

– Sim, a última conversa que tive com ele foi sobre uma substância natural extraída de algas marinhas, no combate ao cancro da pele. Os testes têm sido eficazes, mas não pode ser aquilo a que agora se referem – esclareceu, com a chávena na mão e olhando para Rui e Kris. – Vou confirmar os memorandos e tentar encontrar referências à Taprobana e ao efeito abrangente de que falam.

– Penso que também é urgente encontrarmos os documentos assinados pelos pacientes ou seus familiares – persistiu Kris. – Tenho receio de que esses testes possam ter sido irregulares.

– Não estou a ver o Dr. Fonseka a fazer uma coisa dessas, mas temos de nos certificar – concordou o Dr. Perlov, apoiando as mãos nas orelhas do cadeirão. Parecia ter pressa em sair dali. – Amanhã voltamos a conversar, espero ter novidades.

– Há mais alguma coisa que queiram referir? – questionou o presidente. Também ele parecia querer que a reunião terminasse.

Rui percebeu que o presidente estava desconfortável com o que ouvira,

mas tinha de lhe contar o resto.

– Fizemos uma outra descoberta – revelou, assertivo. – Como referi numa das mensagens que lhe enviei, tomámos a iniciativa de ir a casa do Dr. Fonseca e de contactar a sua namorada.

Os dois homens mais velhos fitaram-no com ansiedade. Rui admitiu que não fora sensato ir ao apartamento, mas estavam sem saber o que se passava e haviam-se sentido responsáveis pelo bom nome da instituição. Tiveram a esperança de encontrar o portátil, onde Ernest trabalhava, para esclarecer o que se passava e assegurar que o CIC não perdia informação relevante, até para os doentes não piorarem. Por precaução, haviam usado luvas de cirurgia.

– Felizmente, encontrámos o computador – informou Rui. – Parece que as pesquisas do Dr. Fonseca estão relacionadas com acontecimentos que ocorreram no Sri Lanka no tempo da ocupação portuguesa.

– Ocupação portuguesa? – questionou o presidente, espantado.

– Séculos XVI e XVII. O Dr. Fonseca estudou a vida de algumas pessoas da época que pensamos estarem relacionadas com a descoberta da substância em questão. Principalmente, uma mulher, filha de mãe portuguesa e pai birmanês.

– É uma suspeita apenas – clarificou o sueco, percebendo a estupefacção deles. – Na ausência de dados mais concretos, parece-nos provável que essa substância tenha sido descoberta pelos portugueses daquela altura e, por alguma razão, o seu conhecimento não tenha chegado aos nossos dias.

– A namorada do Dr. Fonseca confirmou-me que essa mulher, Mafalda de Castro, foi o ponto crucial da sua investigação sobre a Taprobana – reforçou Rui, assertivo. – E cedeu-me umas pastas do Dr. Fonseca com bastante informação sobre a sua vida.

– Quem era ela? – perguntou o presidente, interessado.

Rui explicou o que sabia, sem entrar em grandes detalhes. Ainda tinha de acabar de ler os ficheiros.

– Vou ler o resto e tentar descobrir mais pistas.

– Não sabia que o Dr. Fonseca tinha uma namorada – comentou o Dr. Perlov, visivelmente surpreendido. – É portuguesa?

– Sul-africana. Uma desenhadora de jóias, apaixonada pelo *surf* – respondeu Rui, tentando descrevê-la com imparcialidade. – Penso que não viviam juntos. Ela está hospedada numa estalagem, perto da Ericeira.

– O que é que a polícia sabe neste momento? – questionou o presidente.

Rui descreveu em pormenor a conversa com a inspectora. Reconheceu que estivera quase a contar-lhe da visita ao apartamento de Ernest, mas achara melhor não o fazer.

– Acabei por nunca referir nada sobre as pesquisas históricas do Dr.

Fonseka, mas dei-lhes o contacto da namorada.

Ficaram em silêncio. Lá fora, ouvia-se um comboio a passar. A reunião parecia estar a acabar, contudo, o presidente olhava para ele, parecendo ponderar no que ouvira. Por fim, levantou-se. Frisou de novo a importância de esclarecer a situação, tentando esboçar um sorriso, mas a sua ansiedade era notória.

– Temos muito que fazer. Teremos uma nova reunião amanhã à tarde – adiantou o presidente, com cordialidade, encaminhando-os para a porta. – Depois acertamos a hora.

Rui estava sentado na secretária quando o presidente lhe ligou a pedir para passar pelo seu gabinete. O Dr. Mendes estava de pé, a observar o mar, com um ar carrancudo. Rui não se recordava de alguma vez o ter visto assim.

– Fico satisfeito que os pacientes estejam a reagir bem, mas depois do que ouvi fiquei mais preocupado – confessou, sem o convidar a sentar-se. – Este fármaco parece ser formidável, mas isto pode ter um efeito devastador no CIC. Não só na imagem junto dos doentes e do público em geral, mas também na nossa relação com o Governo e os fundadores e amigos da instituição.

Rui anuiu. O CIC estava envolvido num caso de homicídio e, presumivelmente, em pesquisas ilegais. Por momentos, sentiu-se aliviado por notar que o presidente estava tão preocupado como ele.

– É uma questão de credibilidade e sentido de ética. Ninguém nos olhará da mesma maneira se souberem que andámos a realizar experiências ilícitas e a brincar com a vida das pessoas – afirmou o presidente, aproximando-se com um semblante rígido. – Eu vou insistir com o Dr. Perlov. É urgente encontrarmos a documentação, mas temos de perceber, ao certo, em que é que o Dr. Fonseka andava a trabalhar.

Voltou a questioná-lo sobre o que ele e Kris tinham visto na sua área de trabalho, no correio electrónico, no portátil e em sua casa. Rui ficou mais tranquilo quando o ouviu dizer que fora acertado terem ido à casa de Ernest.

– Eu tenho uma grande confiança em si – afirmou, com um olhar gélido. – Sei que tem estado muito ocupado com a negociação dos novos acordos de cooperação, mas eu não quero envolver mais ninguém nisto.

– Já sabe que pode contar comigo.

– Tente descobrir o que se passou no Ceilão, no tempo dos portugueses, e como é que os documentos históricos do Dr. Fonseka podem indicar a natureza do fármaco – pediu o presidente. Continuava de pé, defronte da secretária, recuperando a afabilidade. – E tente saber mais da vida dele. Talvez consiga encontrar alguma coisa que explique o que aconteceu.

– Vou acabar de ler os documentos o mais rapidamente possível –

assentiu Rui, percebendo que o presidente queria os investigadores focados no trabalho científico de Ernest e que ele assegurasse que nada mais lhes escapava. – E vou falar outra vez com a namorada dele.

– Sim, ela devia conhecê-lo melhor do que qualquer um de nós.

– Acha que vale a pena ir a casa dele novamente? Com mais calma, talvez consigamos encontrar mais alguma informação.

– A casa ainda deve estar selada pela polícia. Talvez a inspectora me diga quando é que ela será devolvida ao senhorio.

Rui assentiu, tentando disfarçar a inquietação. A inspectora deveria estar a examinar o apartamento de Ernest e receava que as luvas de cirurgia pudessem não ter sido suficientes para os proteger. Pouco depois, voltou ao seu gabinete, mas a imagem de Elizabeth veio-lhe à cabeça. Recordou os seus olhos azuis, os cabelos louros e o sorriso que ela lhe dirigira antes de entrar no mar. A perspectiva de revê-la deixava-o entusiasmado.

O edifício da Polícia Judiciária ia-se esvaziando. Raquel olhou para o relógio e controlou a ansiedade. Ainda tinha tempo! O ATL da filha só fechava dali a uma hora e demoraria menos de quinze minutos a lá chegar. Desde que se divorciara no ano anterior, era obrigada a fazer um esforço considerável para conciliar tudo. Ignorou o ruído do trânsito lá fora, voltou a olhar para o ecrã e para as folhas à sua frente. Ajeitou os óculos e tentou raciocinar sobre o esquema que delineara no *Moleskine*.

A morte do médico estrangeiro do CIC era um caso complexo e desafiante. Passara-se uma semana desde que o corpo fora encontrado e era-lhe difícil seguir uma linha de investigação. Nada lhe parecia fazer sentido, nem mesmo depois de ter interrogado a namorada, o superior hierárquico e os colegas, e ter acedido à sua área de trabalho. Descobrira poucos vestígios em sua casa e ainda não vislumbrara um motivo, um suspeito e o local onde pudera ter ocorrido o crime.

Felizmente conseguira fazer alguns avanços nos últimos dias. A autópsia indicara que Ernest Fonseca morrera de hemorragia interna, não tinha qualquer doença, nem vestígios de drogas ou álcool. Ficara surpreendida por não se encontrarem impressões digitais no corpo e com a indicação de que a morte deveria ter ocorrido na noite de quinta-feira, 24 de Maio. Isso significava que o crime acontecera dois dias após a vítima ter sido vista pela última vez e quatro antes de o corpo ser descoberto.

Reconstituíra o último dia em que Ernest fora visto, mas faltava-lhe explicar o que acontecera nos dois dias em que estivera desaparecido. Tinha a certeza de que o corpo fora levado de carro para o local onde fora encontrado, dado que não descobrira vestígios de sangue ou de luta. Infelizmente, não conseguira encontrar o telemóvel e ainda aguardava respostas da operadora para saber a localização das chamadas e quais as

últimas torres de rede a serem acedidas. Um dos cientistas do CIC havia-lhe dito que ligara insistentemente para o telemóvel de Ernest durante aqueles dias, mas que se encontrava desligado.

Com a investigação, conhecera melhor a vítima e as suas rotinas. Voltou a olhar para o *Moleskine* e para os três pontos que assinalara. Não eram propriamente pistas, mas tópicos que ainda não estavam claros para si.

O primeiro ponto era a Igreja em Telheiras, o último local em que Ernest fora visto com vida, na noite de 22 de Maio, terça-feira. O cientista japonês que fizera o reconhecimento do corpo dissera-lhe que conversara recentemente com a vítima sobre uma igreja ligada ao Sri Lanka, em Lisboa. Raquel ficara animada por ver o padre da Igreja de Nossa Senhora do Céu reconhecer a fotografia que lhe mostrara. O religioso ficara em choque com o sucedido e dissera-lhe que realmente esperara, em vão, por ele na missa de domingo. Fizera-lhe um relato emocionado do encontro. Haviã-se separado às oito e meia da noite, pouco antes de se encontrar com o agrupamento de escuteiros. Raquel chegara a interrogar os proprietários das casas em redor da igreja, bem como responsáveis da Escola Alemã e do Colégio Mira Rio. Mostrara-lhes a fotografia da vítima, mas ninguém a vira, nem encontrara qualquer vestígio dele nas redondezas.

O segundo ponto era o carro da vítima. Encontraram-no estacionado no final da Rua Rodrigo da Fonseca, perto da esquina com a Rua Braamcamp, a trezentos metros da sua residência. Parecia-lhe um indício de que Ernest havia regressado a casa depois de ter ido à Igreja. De acordo com os seguranças do CIC, Ernest saíra de carro às seis e cinquenta da tarde, e Raquel confirmara que ele chegara à Igreja antes das oito, sendo o tempo curto para ele ter ido a casa primeiro, tendo em conta o trânsito àquela hora. Pedira várias análises ao interior do carro e à casa e esperava que isso a ajudasse a explicar, de algum modo, o que se passara nos dias seguintes ao seu desaparecimento.

O terceiro ponto era a namorada: Elizabeth du Toit. Não a considerava suspeita, nem descortinara um motivo para poder estar envolvida no crime, mas era a pessoa mais próxima da vítima. Conhecera Ernest na intimidade e resumira a sua vida ao trabalho no CIC, com poucos amigos e sem família. Haviã estado juntos no fim-de-semana anterior e passado a noite de sexta e sábado em casa dele. No dia do desaparecimento, Elizabeth estivera em Peniche e nos dias seguintes na Ericeira. Parecera-lhe sincera e disposta a ajudar no que fosse preciso. Contudo, havia algo nela que a deixava desconfortável. Talvez fosse o seu ar altivo ou o facto de, às vezes, não perceber tudo o que ela dizia.

Respirou fundo, baixou os braços e fechou o *Moleskine*. Não tinha um único suspeito! Durante o interrogatório aos funcionários do CIC,

certificara-se de onde haviam estado no final do dia 22 de Maio e confirmara que todos, sem excepção, tinham álibis. Tinha de insistir com a operadora de telecomunicações e também obter mais informação sobre a vítima antes de ter vindo para Portugal. De repente, o telefonou tocou. Receou estar atrasada e que o ATL já lhe estivesse a ligar, mas enganou-se.

– Inspectora? Daqui Matos. O momento é oportuno?

– Sim, sim, Matos – respondeu, animada. Pedira ao jovem agente para investigar o passado da vítima e de alguns funcionários do CIC. – Diga!

– Encontrei o contacto de um antigo colega de Ernest Fonseca – relatou o jovem, entusiasmado. – Do National Oncology Institute, em Singapura.



As empresas recolhem informações sobre os rivais, do mesmo modo que as nações. A espionagem industrial nem sempre é um crime, mas facilmente ultrapassa o limite da legalidade.

CSO

Helen abriu a porta de vidro do salão da *Villa* e sentiu a brisa amena do Mediterrâneo. Estava de regresso a casa e sorriu ao vislumbrar a luz esbranquiçada no azul da baía. Sentira falta da vista do terraço, da piscina e dos passeios pelas ruas medievais de Birgu e da cidadela, do outro lado da baía. Chegara a Malta na noite anterior, via Milão, e o corpo ressentia-se da viagem de mais de quinze horas. O relógio marcava meia-noite, de acordo com o fuso horário de São Francisco. Tinha sono, a cabeça pesada e os músculos tensos, mas sabia como resistir ao *jet-lag*. Dentro de dois ou três dias tudo voltaria ao normal.

– A senhora vai querer tomar o pequeno-almoço na varanda? – perguntou a empregada, uma viúva de setenta anos que trabalhava para ela desde o seu primeiro dia na casa. – A manhã está linda.

– Sim, daqui a meia hora. Agora vou tomar um banho de piscina.

Helen ia fazer cinquenta e dois anos em Agosto, mas a sua aparência e porte atlético eram enganadores. Talvez fosse do exercício que praticava, dos cremes que punha todas as noites ou dos cuidados que tinha com o sol. Nunca levava os elogios muito a sério, mas sabia que continuava a ser uma mulher sedutora e que a sua presença não deixava ninguém indiferente.

Tirou o roupão de seda e avançou pela laje morna até à borda da piscina. Dali conseguia ver a Marina de Kalkara, o recorte das muralhas amareladas da cidadela e a cúpula da Basílica Carmelita. Dezenas de barcos de recreio flutuavam nas águas transparentes do Grand Harbour. Ouviu Fwastina a preparar-lhe a mesa no terraço. Estava exausta, mas ia fazer-lhe bem nadar.

– Espero que não vá de carro para a cidade – advertiu a empregada. – Estão muitas ruas cortadas. Parece que está cá alguém importante da União Europeia.

– Não, hoje estou de folga – respondeu Helen, num tom alegre. Quase nunca ia de carro para o trabalho. Havia muito que usava o táxi aquático do Senhor Spiteri e do seu filho, que estavam sempre prontos para a levar a Floriana e trazer de volta. A viagem durava menos de dez minutos. – Quero ver se acabo de arranjar os canteiros das ervas aromáticas e talvez

vá até à marina ao final da tarde.

Mergulhou na água tépida e soltou um suspiro, satisfeita. A cabeça ficou mais leve, os músculos relaxaram e sentiu-se revigorada.

Vivia ali há cinco anos, longe dos turistas e estrangeiros que preferiam as zonas afluentes de Sliema e St Julian's. Apaixonara-se pelo bairro antigo de ruas estreitas, cheias de canteiros de flores, e depois por aquela casa, numa rua encravada entre o Forte de St Angelo e o Albergue de Inglaterra. Era espaçosa, de paredes de calcário amarelado e uma decoração moderna, com um terraço que dava para o jardim e a piscina, onde podia nadar oito meses por ano.

Fora uma decisão arrojada, mas acertada. Deixara São Francisco, o namorado, a banca de investimento, e decidira recomeçar a milhares de quilómetros, na esperança de ter uma vida diferente e apagar as tristezas, desilusões e erros que cometera. Tinha tido uma carreira de vinte e cinco anos na banca que a habituara a situações-limite e a manipular pessoas com facilidade, contudo, acabara por sofrer quando menos esperava.

O casamento de sete anos com Richard tornara-se sufocante e a paixão por Martin fora incontrollável. Pedira o divórcio e pensara que finalmente iria ser feliz, mas um ano depois o destino traíra-a. Chegara mais cedo a casa e descobrira o namorado na cama com outra mulher. Percebeu que o caso durava há bastante tempo. Na semana seguinte, tomou a decisão de deixar a Califórnia e ir viver na Europa, seguindo o conselho da filha, que morava em Paris.

Depois do banho, Helen terminou o pequeno-almoço e ficou a descansar na espreguiçadeira do jardim, a beber um *cappuccino* e a ler. Já não pegava num livro há muito tempo, mas começara um novo romance durante o voo e não conseguia parar. Ouviu o telemóvel a tocar e presumiu tratar-se da filha.

– Já chegaste? – Era a secretária do seu chefe, afinal. As duas tinham uma amizade improvável, talvez por serem ambas divorciadas.

– Sim, aterrei há pouco.

– Ótimo. O Dr. Muff pede se podes vir ter com ele à sede às três da tarde – informou. – Parece que é urgente.

– Não pode ficar para amanhã? – questionou Helen, desalentada. – Estou de folga e com *jet-lag*.

– Ele cancelou todos os compromissos que tinha depois do almoço. Não me parece que possa ficar para amanhã.

– Não podes mesmo adiantar o assunto?

– Ele pediu-me para juntar uma pasta com todas as informações sobre a Taprobana – confessou a secretária, com uma voz trémula, com receio de estar a falar demais. – Imagino que saibas do que se trata.

Aquele nome não lhe dizia nada. Talvez já tivesse visto apresentações, mas não se recordava. Desligou o telefone e levantou-se. Encostou-se à

barra de alumínio do varandim e fitou a baía lá em baixo. Um cargueiro com a bandeira das Bahamas largara as docas de Senglea e preparava-se para deixar o porto. Helen sentiu o calor do sol a bater-lhe nas costas e o odor forte do manjerição que crescia nos potes de barro. Ainda tinha quatro horas.

Raquel abriu a porta do carro e observou o grupo de surfistas, de prancha na mão, a descer a encosta para o mar. Elizabeth du Toit seguia no meio deles, cabisbaixa. Acabara de a interrogar mais uma vez e fora exigente com ela. Ouvira-a descrever a relação com a vítima, mas ficou desanimada por ela saber tão pouco dos seus antecedentes e não conhecer nenhum amigo ou colega de Ernest em Portugal, além do administrador do CIC que a informara da sua morte.

Ajeitou os óculos e fez um trejeito. Não tinha razões para desconfiar dela, e talvez tivesse sido injusta, mas não simpatizava com aquela mulher e sentiu alguma inveja. De início, suspeitara de que ela fosse daquelas mulheres bonitas que vivem à custa dos homens; tinha uma vida desprendida, sem preocupações, como se o mundo se limitasse ao mar. Depois ficara admirada quando soubera que ela era uma artista conhecida e vira imagens suas em eventos de moda, em sítios tão diferentes como o Dubai ou Antuérpia. Lamentou-se o quanto a sua vida era difícil, especialmente depois do divórcio, mas sorriu ao pensar na filha. Era a menina mais bonita do mundo e merecia todos os sacrifícios.

Assim que entrou no carro, viu que recebera uma chamada. Não a deveria ter ouvido por causa do barulho do mar. Era Matos, o jovem agente. Estava a gostar da forma como ele agarrara o desafio. Raquel decidira alargar o âmbito da investigação, dada a ausência de um suspeito imediato, e incumbira-o de investigar a vida da vítima antes da sua chegada a Portugal. Matos já falara com a Polícia de Singapura, e fizera outros tantos contactos informais, aproveitando o facto de falar bem inglês.

– Consegui finalmente apanhar o antigo colega de Ernest Fonseca em Singapura – adiantou ele. Encontrara o seu cartão-de-visita entre os pertences da vítima e resolvera ligar-lhe directamente. – Confirmou-me que ele trabalhou no instituto durante cinco anos.

O jovem fez-lhe um relato objectivo. Ernest Fonseca era um indivíduo muito inteligente, embora reservado e nervoso, que se incompatibilizara com vários colegas. Alguns funcionários tinham pedido para sair da sua equipa. Matos não soube adiantar muito sobre a natureza do trabalho de Ernest, mas percebeu que ele deixara o instituto de um dia para o outro, sem se despedir de ninguém.

– Deu-me o contacto de outros dois colegas que lhe eram mais próximos e de uma colega, com quem teve um relacionamento amoroso

durante algum tempo.

– Uma namorada? – questionou Raquel. Isso significaria mais uma pessoa que conheceria a vítima na intimidade, contudo, a referência recorrente ao seu feitio conflituoso matraqueava-lhe a cabeça.

– Chama-se Ling Soo, uma cidadã malaia. Vive em Kuala Lumpur – revelou, orgulhoso. – Já lhe liguei duas vezes, mas não atendeu.

– Excelente! Continue a tentar.

– Também já liguei para a MediVal, mas ainda estou à espera de um contacto. A Polícia de Malta prometeu ajudar-me.

– MediVal?

Assim que Helen se afastou do terminal dos *ferries* e começou a subir a encosta, confirmou que a cidade estava em ebulição. Via polícia em todo o lado, estradas cortadas e, pouco depois, ouviu helicópteros no ar. Fwastina avisara-a e depois vira as notícias: decorria uma cimeira da União Europeia em Valletta. O maior aparato, por certo, ocorria dentro da cidadela, à volta do Forte de St Elmo, mas não havia maneira de o Bairro de Floriana escapar ao frenesim.

Helen estava apreensiva com a urgência da reunião. O CEO sabia que ela deveria estar exausta da viagem e que estava de folga e, mesmo assim, não adiara a reunião para o dia seguinte. Helen procurara o significado de Taprobana no *Google* e ficara espantada.

Trabalhava na MediVal há cinco anos. Nunca se imaginara a viver em Malta e a trabalhar na indústria farmacêutica, mas candidatara-se num impulso e fora aceite. Entrara para o departamento financeiro e dedicara-se a avaliações de projectos e de novos medicamentos. Ganhara visibilidade e dois anos mais tarde fora promovida a Assessora do Conselho de Administração. As suas funções eram tudo menos monótonas. Na empresa, comentava-se que era uma excelente negociadora e que trabalhava em projectos confidenciais, mas, na prática, o que fazia era resolver problemas. Negociava parcerias, acordos de distribuição, desbloqueava entraves e, em alguns casos, obtinha informações de concorrentes e fazia lóbi junto de reguladores e políticos. A amplitude de tarefas era desafiante, mas normalmente sentia-se confortável e tirava partido da sua capacidade de negociação e sedução para obter o que precisava.

Helen chegou à praça sossegada, perto da Embaixada de Itália, e avistou a sede da empresa. Ficava no antigo Palazzo Giacomo, rodeada por um jardim bonito e delimitada por um gradeamento de ferro forjado. Visto de fora, era mais um edifício de fachada antiga, com o típico calcário da ilha e janelas altas, mas por dentro era moderno e com espaços amplos; trabalhavam ali quase quinhentas pessoas.

Passou pela segurança, atravessou o jardim e subiu as escadinhas da

entrada. O Grand Hall cheirava a fresco e o chão de mármore estava reluzente. Olhou para o relógio enquanto esperava pelo elevador. Ainda tinha tempo de passar no gabinete, para pousar a pasta e se arranjar.

A MediVal tivera um crescimento vertiginoso nos últimos anos e ela ganhara muito dinheiro com a valorização das acções na Bolsa de Zurique. Era uma empresa dinâmica e com uma ampla gama de produtos oncológicos vendidos em todo o mundo. Apostava muito na investigação e na colaboração com laboratórios e universidades e tinha um vasto *pipeline* de fármacos previsto para os próximos anos. O número de cientistas residentes aumentava ano após ano; eram oriundos de vários países e chegavam atraídos pelas condições de trabalho, projecção, remuneração e incentivos fiscais. Fora uma das razões para a transferência da sede da Suíça para Malta, anos antes, e parecia estar a resultar.

No entanto, Helen sentira algum mal-estar nos últimos meses, depois de desempenhar duas missões algo obscuras. A última, num laboratório na Holanda, fora uma situação grave. Helen ficara alarmada com a atitude do CEO, que lhe pedira para subornar um funcionário e recolher uma série de dados, suposta informação sobre os testes clínicos de um novo medicamento para combater a leucemia. Mais tarde, descobrira que, afinal, se tratava da própria fórmula do fármaco e que ele já sabia disso de antemão. Helen reconhecia que o mundo farmacêutico era tão competitivo como a banca de investimento e que a fronteira entre o aceitável e o reprovável dependia do ponto de vista. Contudo, ficara perturbada e nunca mais olhara para o chefe da mesma maneira.

– Sempre pontual, Helen – comentou a secretária, sorridente, levantando-se para a abraçar. – Nem parece que chegaste hoje de São Francisco.

– Estou a ver se aguento o *jet lag*, mas não é fácil.

– Acredito. Anda, eu levo-te lá.

Hans Muff nascera em Zurique havia sessenta anos e parecia um aristocrata encantador, sempre com o cabelo prateado, puxado para trás. Era filho do fundador da MediVal, doutorado em Genética e em Gestão Empresarial, e presidia à empresa havia mais de quinze anos.

– Muitos parabéns pela parceria com a Universidade de Berkeley. Excelente trabalho – começou, com um sorriso tenso, levantando-se para a receber. Helen tentou ler-lhe o pensamento e pressentiu que o assunto era grave. – Desculpe chamá-la assim. Sei que está cansada. Vou tentar ser rápido.

O gabinete era espaçoso, bem decorado, mas cheirava a cachimbo. Tinha uma vista esplêndida para o Grand Harbour, embora as cortinas japonesas se encontrassem corridas e o gabinete estivesse sombrio.

– Percebi que se trata de um assunto urgente – atalhou Helen, compreensiva. O CEO parecia-lhe mais envelhecido do que da última vez.

– Sim, e bastante delicado. Sente-se por favor – pediu, indicando-lhe um dos sofás. – Vou direito ao assunto. Temos um problema com uma investigação e com um dos nossos cientistas.

– Quem?

– O Dr. Aarni Leppa. Como sabe, trabalha connosco há muitos anos na área da quimioterapia e é membro do Conselho Científico – adiantou, enchendo o cachimbo de tabaco e acendendo-o de seguida. – Ultimamente, tem estado envolvido nos mercados asiáticos, sendo responsável por várias parcerias e pelo acompanhamento de bolsas de investigação.

Helen conhecia bem Aarni. Fora ele quem a acolhera quando entrara na MediVal e explicara o funcionamento da empresa. Fora professor na Finlândia, antes de trabalhar em vários laboratórios na Europa. Helen tinha ideia de que ele estava na MediVal há dez ou onze anos.

– Uma dessas bolsas foi atribuída a um cientista de Singapura, que trabalhava num instituto muito conceituado, com o qual temos uma relação de longa data. Tratou-se de uma das maiores bolsas de investigação que concedemos e o projecto era muito promissor. Infelizmente, acabou da pior maneira.

– A investigação fracassou?

– Teve um sucesso notável ao início, mas falhou na altura crítica. Nada de muito novo, como sabe – acrescentou, tirando o cachimbo da boca. – Neste caso, o cientista teve uma atitude inaceitável. Recusou-se a enviar-nos os dados da investigação e deixou de comunicar connosco.

– Alegou algum motivo?

– Não. Deixou uma carta de demissão no instituto e desapareceu – relatou o CEO. – O Dr. Leppa ficou convencido de que o falhanço nos últimos testes foi encenado e que o cientista omitiu informações, porque pretendia vender o projecto a um concorrente nosso.

Aarni era inteligente, charmoso e com sentido de humor. Helen gostava dele e tinha uma excelente impressão do seu trabalho, embora tivessem tido pouco contacto ultimamente, talvez por ela estar sempre a viajar.

– Desde então, temos tentado localizá-lo e o Dr. Leppa tem sido incansável – continuou. – Ele ficou bastante perturbado com o sucedido. Recomendei-lhe que tirasse umas férias, mas ele não quis descansar enquanto não resolvesse esta situação.

– Pois, eu talvez fizesse o mesmo – concordou, cautelosa. A situação parecia-lhe inaceitável e a empresa, na prática, fora vítima de fraude. Ao contrário da maioria das farmacêuticas, a MediVal era muito dinâmica na atribuição de bolsas de investigação, estabelecendo pré-acordos para a possível patente. Por isso, monitorizava de perto as investigações. – Mas em que posso eu ajudar?

– Na verdade, o caso é complicado – admitiu o CEO. Tinha a cara franzida e um olhar perturbado. – Acabámos de saber que o cientista que

procurávamos estava em Portugal, mas apareceu morto na semana passada. Foi assassinado.

– Assassinado?! Foi o Dr. Leppa que o informou?

– Não. Recebemos uma chamada da Polícia Portuguesa que nos comunicou o sucedido. Sabiam da colaboração que tivemos com ele no passado e queriam obter esclarecimentos – revelou o CEO, com um ar sério. – Não prestámos declarações, dado que o cientista nunca foi nosso funcionário, mas ficámos de entrar em contacto, se tivéssemos informações.

Helen tentou disfarçar o espanto, mas o caso parecia-lhe cada vez mais grave e agora compreendia a urgência da reunião.

– E o Dr. Leppa?

– Tem estado em Portugal, mas ainda não conseguimos comunicar com ele.

– Em Portugal?

– A última vez que falámos foi há três semanas, já ele estava em Lisboa. Tenho tentado contactá-lo desde há dias quando estranhei o seu silêncio, e mesmo hoje, quando soube da morte do cientista – contou o CEO, baixando ligeiramente a voz. – O telemóvel não dá sinal e ele não responde às mensagens. A irmã dele, na Finlândia, também não tem notícias. Receio que tenha acontecido uma desgraça.

– Desgraça?

– Que também tenha sido morto ou feito uma loucura.

Helen mexeu-se no sofá, esforçando-se por manter a calma. Estava chocada com o que acabara de ouvir.

– Não tenho tido muito contacto com o Dr. Leppa, mas não consigo imaginá-lo envolvido num crime desses – declarou Helen, lembrando-se do tempo em que eram mais próximos. Sempre o achara bem formado e íntegro.

– Também me custa a acreditar. Conheço-o há muitos anos e tenho uma grande confiança nele – concordou o CEO, incomodado, voltando a puxar pelo cachimbo. – Enfim, o Dr. Leppa pode ter sido mais uma vítima do que aconteceu, mas temos de considerar todas as possibilidades.

– Vê alguma razão para alguém querer matar o cientista? – inquiriu Helen, tentando manter a cabeça fria. – Ou para o Dr. Leppa cometer um crime?

– O fármaco que o cientista estava a desenvolver era muito inovador. A ter sucesso, iria ter um grande impacto no mercado.

– É oncológico?

– Sim, mas pode ter uma incidência mais alargada. Chama-se Taprobana, uma referência ao Sri Lanka, donde era o cientista.

– Temos algum tipo de acordo para a patente?

– O habitual. Um pré-acordo para a compra da futura patente ao

instituto, que receberia 80% do valor, sendo que os outros 20% seriam para o cientista – explicou, com desconforto. – O problema é que ele se demitiu do instituto e levou grande parte da informação.

Helen franziu a testa. O acordo com o instituto de nada valia e, se o cientista tivesse vendido essas informações a outra farmacêutica, seria um caso legalmente complexo. O desaparecimento de Aarni parecia-lhe preocupante. Assustou-se ao pensar que ele pudesse estar morto ou tivesse sido o autor do crime para passar a ser o único detentor das informações sobre o fármaco. Não achava que ele fosse capaz de o fazer, mas o CEO poderia não lhe ter contado tudo, tal como ocorrera no caso holandês...

– E o que precisa de mim? – insistiu, tentando perceber o teor da missão de que ele a queria incumbir.

– Preciso que vá a Lisboa o mais depressa possível – respondeu, sem hesitar. – Temos de saber o que se passou com o Dr. Leppa e garantir que não perdemos a Taprobana. Gostava que o encontrasse e que entrasse em contacto com o CIC em Portugal.

– CIC? – questionou.

– Centro de Investigação Caravela, onde o cientista trabalhava em Portugal – asseverou. – Estou certo de que ele continuou a investigação lá.

– E acredita que estabeleceu um novo acordo para a futura patente?

– Sim. Só ele estaria na posse de toda a informação sobre as fases de investigação, os testes e a composição da substância – relatou, com um ar decidido. – Temos de obter a composição da Taprobana ou estabelecer um bom acordo de compra da futura patente. No fundo, temos de reaver o que é nosso e que resultou de um investimento avultado da nossa parte.

– E o Dr. Leppa? – inquiriu, receando a resposta.

– Se ele estiver vivo e continuar incontactável, só posso concluir que a MediVal foi ludibriada mais uma vez, e desta feita por um alto funcionário da empresa. Eu próprio tudo farei para que seja preso – avançou, sem disfarçar a revolta. Levantou-se e dirigiu-se para a secretária. Pegou numa pasta azul e entregou-lha. – Julgo que tem aqui toda a informação de que precisa. Confidencial, naturalmente.

Helen abriu os olhos e recostou-se no sofá, percebendo o que estava em causa. Estava a lidar com um ou dois homicídios, mas pelo menos, desta vez, parecia-lhe ter a razão do seu lado. Abriu a pasta azul e viu duas fotografias. Uma de Aarni e outra de um homem indiano de meia-idade.

– Esse centro de investigação português opera exclusivamente em oncologia?

– Trabalha também com *Alzheimer* e *Parkinson*, mas está sobretudo vocacionado para a investigação oncológica e dispõe de um hospital com alguma dimensão – respondeu o CEO. – Foi criado há uns anos, com dinheiro de duas famílias portuguesas. Tem vindo a ganhar nome, com o recrutamento de vários cientistas internacionais, e já tivemos uma pequena

colaboração com a instituição no passado.

– Não me recordo.

– Foi uma parceria em países africanos de língua portuguesa, principalmente em Moçambique, relacionada com o cancro da mama – esclareceu, acercando-se de novo da secretária e mostrando-lhe um cartão-de-visita. – Eu próprio estive com um dos administradores num evento em Maputo.

Helen leu-o. Rui Fernandes, Administrador do CIC. Tinha o número de telemóvel e a morada.

– Eu posso fazer o primeiro contacto. Posso informá-lo de que a Helen vai estar em Lisboa nos próximos dias e gostaria que se encontrassem – declarou, mantendo-se em pé. – A partir daí, sabe o que tem a fazer.

– Não vai ser fácil, mas vou dar o meu melhor.

– Excelente! Pedia-lhe que lesse a informação que lhe passei e que voltássemos a falar antes de ir para Lisboa.

– Claro, telefonar-lhe-ei assim que acabar de ler.

– Pode vir ter comigo. Eu cancelo o que for preciso.

– Quando quer que eu parta? – perguntou Helen, sentindo a pressão.

– Quando se sentir em condições. Sei que está cansada da viagem, mas não quis deixar de falar já hoje consigo – explicitou, levando-a à porta. Estendeu-lhe a mão e advertiu: – Tenha cuidado. A Taprobana tem uma grande importância para a MediVal, mas não sabemos exactamente com quem estamos a lidar.

A missão parecia-lhe complexa. A possibilidade de Aarni estar morto deixava-a perturbada, mas, se estivesse vivo, as implicações seriam igualmente graves e não iria gostar de revê-lo. Tentou ver os pontos positivos. Pelo menos, iria conhecer Lisboa. Nunca tinha estado em Portugal.

– Desta vez é diferente.

– *Ja*, nem precisamos de andar com luvas de cirurgia – ironizou Kris, abrindo a porta de entrada. – Foi boa ideia voltarmos cá, mas a esta hora já deveríamos ter mais informação do Dr. Perlov.

– Tens razão – admitiu Rui. Também ele já estranhava o silêncio do Director de Investigação. – Mas assim talvez consigamos descobrir mais alguma coisa.

O apartamento parecia-lhe quase igual, mas o odor a frangipani desvanecera-se e já não encontrou as pétalas flutuantes nos potes. Parte do encanto da casa esmorecera e a polícia tinha ali estado, a revistar todas as divisões com minúcia, em busca de pistas e indícios.

Para além de ter libertado a casa, a polícia também entregara o corpo. Rui voltara a ver Elizabeth durante a cerimónia de cremação, mas mantivera-se distante, ao lado do presidente. Ela mostrara-se bastante

abalada, junto dos amigos da estalagem.

Rui sentia os músculos tensos, mas tentou concentrar-se. Era a última vez que estaria ali e, pelo que percebera, quase todos os bens de Ernest iriam ser doados à caridade. Tinha esperança de encontrar algo que tivesse passado despercebido à polícia, nomeadamente sobre as pesquisas do cientista. Voltou a percorrer a sala com o olhar e viu o lugar vazio onde tinham estado as molduras com fotografias de Elizabeth. Também ela já ali estivera para levar os seus pertences.

– Vou revistar o escritório – avisou Kris, pouco depois. – Talvez ele tenha para aí um *DVD* ou uma *pen*, com exames. O Yoshito disse-me que o via muitas vezes a filmar experiências.

– Acho bem, eu vejo a sala e depois passo para o quarto dele.

Rui esteve mais de vinte minutos a inspeccionar a sala, com cuidado, incluindo as gavetas e as prateleiras. Não encontrou nada de relevante e ficou admirado por Ernest não ter televisão. Não se lembrava de a ver durante a primeira visita e duvidava de que Elizabeth a tivesse levado.

Ouviu Kris no escritório e depois entrou no quarto. Olhou para a cama e para as gavetas das mesas-de-cabeceira entreabertas. Estavam cheias de lenços de papel, medicamentos, canetas e outras coisas avulsas. Abriu os cortinados para ter mais luz e olhou lá para fora. As copas dos jacarandás estavam carregadas de flores e davam um ar alegre à rua.

– Encontrei alguma coisa? – questionou alto, depois de ouvir Kris a bradar em sueco.

– Já te digo.

Rui afastou-se da cama e olhou para o espelho da cómoda, na parede contrária. Ficou perturbado ao ver o tampo da cómoda repleto de objectos pessoais de Ernest. Era como se ele ainda estivesse vivo e fosse regressar em breve. Verificou as gavetas da cómoda, mas depois ficou com o olhar preso numa caixa branca de tampa abaulada, encostada ao espelho. Parecia servir de guarda-jóias e pensou que talvez fosse de Elizabeth. Era de marfim, com desenhos de animais gravados. Examinando-a de perto, viu que eram elefantes à volta de uma figura humana, que lhe pareceu Jesus Cristo.

Lá dentro, descobriu um crucifixo de marfim, com Cristo de olhos fechados e em tronco nu, apenas com um pano na cintura. Parecia real. Por baixo, viu um molho de cartões e fotografias, presos com um elástico. Soltou-os e olhou para o primeiro cartão. Era amarelado, com letras verdes, e a morada de uma loja em Kandy, mas depois viu uma nota escrita por Ernest: «*Sri Rahula Thera – Mosteiro de Malwathu.*»

Kris apareceu à porta do quarto e aproximou-se. Trazia dois livros na mão e mais alguns papéis.

– Descobriste alguma coisa? – perguntou, curioso.

– Um crucifixo de marfim e um molho de cartões e fotografias. Estavam

dentro desta caixa.

– Não sabia que o Ernest era religioso – comentou o sueco, pegando por momentos no crucifixo e sentindo-lhe a leveza. – E esse cartão, é o quê?

– É um cartão de uma loja em Kandy, no Sri Lanka.

– Deve ter sido a loja onde ele comprou a caixa ou o crucifixo.

– Trata-se de uma loja de batique, mas estes postais e fotografias parecem ser todos de um mosteiro budista – notou, pousando o crucifixo na caixa e olhando depois para os livros. – Estás carregado. O que levas aí?

– Descobri estas pastas do instituto de Singapura – revelou Kris. – Estavam bem escondidas, entre os livros da estante.

– Não as tinhas visto da primeira vez?

– Nem eu, nem a polícia. Dei uma vista de olhos, mas tenho de as analisar com mais cuidado, em conjunto com o resto – adiantou Kris, empolgado.

– Essa documentação é de quando?

– Tem seis anos e vê-se o nome de Taprobana, aqui no final – indicou Kris, mostrando-lhe o que lhe parecia ser um exame médico. – É o registo de uma experiência com três ratos. Não sei que tipo de tumor tinham, mas o Ernest anotou que um deles apresentou uma redução significativa da lesão após lhe ter administrado a substância.

Saíram do quarto e entravam na cozinha quando Rui parou. Virara o cartão que tinha na mão e estava atónito.

– Não tinha reparado, mas o Ernest escreveu uma nota no verso, em português.

– O que diz?

– D. Vasco Telles e D. Martim Albergaria nas montanhas de Candea.

– O que é que isso quer dizer?

– D. Vasco foi o português que salvou Mafalda de Castro quando ela era pequena. O outro não sei – respondeu Rui, tentando recordar-se do que lera no fim-de-semana. Candea deveria ser Kandy.

– E isto aqui? – perguntou o sueco, apontado para um dos cantos. – É uma data?

– Acho que sim: 1594!



Columbo está plantada em uma enseada do Ceilão, em sete graus menos um terço setentrional. O porto é abrigado ao sul e soeste, e a cidade tem de comprido setecentas braças e de largo, duzentas. É esta fortaleza cabeça das que temos no Ceilão e tem sua Majestade aí Capitão-Geral com gente para conquistar o Reino de Candea. Tem dois mil vizinhos gentios, lascarins, modoliars e trezentos casais portugueses, com mil e quinhentos escravos.

PEDRO BARRETO DE RESENDE, *LIVRO DAS PLANTAS DE TODAS AS FORTALEZAS*

D. Vasco acordou com o próprio grito. O quarto estava escuro, o ar abafado e tinha a respiração ofegante. Voltara a sonhar com Matara. Tinham-se passado onze anos, mas continuava atormentado. Fora uma matança maior do que todas as outras. Cerrou os olhos e voltou a ver corpos no chão, enlameados e cheios de sangue e a floresta em chamas. Perdera muitos homens naquela tarde, mas no final da batalha matara o *Modeliar* com as próprias mãos. Cometera actos terríveis, mas vingara Portugal, e o seu nome tornara-se lendário em todos os postos portugueses do Ceilão.

Passou a mão pela perna nua da bonita meretriz chingalá que dormia a seu lado. Afinal, estava em Columbo. Então, teve uma visão que o reconfortou. No meio daquele inferno, conseguira salvar duas crianças inocentes. Recordou os cabelos encaracolados da menina mestiça que perdera os pais e o olhar atemorizado do *kaffir*, a espreitar por entre as vestes dos sacerdotes gentios. Nunca mais os procurara e as feições de ambos estavam envolvidas por uma névoa, mas dela guardava uma imagem que perdurara todos aqueles anos: conseguira deixar-lhe um legado da mãe, ao entregar-lhe um colar prateado de búzios e conchas marinhas.

D. Vasco arrastou os lençóis de seda para o lado e levantou-se. Caminhou descalço pelo piso de pedra até à janela, em busca de ar fresco. A cidadela dormia e ouvia-se o coaxar das rãs. Pequenos focos de luz cintilavam no escuro e, ao fundo, distinguiam-se os archotes nas muralhas da fortaleza e muitas velas ancoradas à entrada da baía. A Carreira de Macau fundeara durante a manhã, para se abastecer de alimentos e carregar alguns fardos de canela. Ao todo, D. Vasco contou treze navios, incluindo quatro galeões. Talvez fossem mais, mas não conseguia ver bem na escuridão. Imaginava o que ia a bordo: toneladas de sedas e porcelana

da China, prata do Japão e drogaria da Insulíndia. Uma riqueza difícil de calcular que chegaria a Goa dentro de duas semanas, se os ventos estivessem de feição.

Ainda tinha a respiração entrecortada, mas a brisa do mar fazia-lhe bem. Estivera longe demasiado tempo. Após a carnificina de Matara, zarpara para Goa com Beatriz, sua mulher. Decidira mudar de vida e embarcara na Carreira da Índia, em finais de 1584, rumando ao Reino. Primeiro a Lisboa e, mais tarde, ao Algarve, a terra dos pais, onde se estabelecera perto de Silves.

Os anos passados nas serras algarvias ajudaram-no a esquecer os horrores que vivera nas Índias e, com ajuda divina, quase só se lembrava das coisas boas. A partir de certa altura, começou, porém, a sentir-lhe a falta e, por diversas vezes, pensou em regressar. Nunca comentou o assunto com Beatriz, que parecia feliz com o clima temperado, de quatro estações, do Algarve. Mas dois anos passados, o dever falou mais alto. As Índias urgiam de veteranos para defender os fortes mais longínquos, mormente as fortalezas de Tidore e Amboíno, nas Molucas, sempre cercadas por sultões inimigos. Assim que se inteirou dos feitos de Rajasinha no Ceilão, não hesitou: tinha de regressar. Apesar de ter cinquenta e seis anos e ser visto como um velho, alistou-se e partiu, acompanhado por Beatriz e pelo afilhado.

D. Martim Albergaria completara vinte anos e era filho de um grande amigo seu, antigo Capitão de Moçambique, que falecera em Zanzibar. Desde essa altura, passara longas temporadas na sua casa em Silves e, tanto ele como Beatriz, tinham-se-lhe afeiçoado como a um filho. Martim tornara-se um homem destemido e confessara-lhe várias vezes que abandonaria o Reino assim que vendesse as terras dos pais. Fora com essa convicção que deixara o Tejo para trás, numa manhã fria de Março: a Índia era o seu destino. Levara consigo apenas uma relíquia do pai: um pergaminho com umas estrofes d'*Os Lusíadas* oferecido pelo próprio poeta em agradecimento pela sua ajuda durante a invernada em Moçambique.

D. Vasco desembarcara em Columbo no início do ano, após a pequena monção. Não fora capaz de voltar à sua casa antiga, perto da Misericórdia e do poço principal da cidade. Para seu grande desgosto, Beatriz não resistira à viagem e morrera de febres ao largo de Melinde. D. Vasco perdera a companheira de uma vida e foi como se uma parte sua também perecesse. Por mais conforto que tivesse no leito, não conseguia deixar de pensar nela, e dava por si a falar sozinho muitas vezes. Decidira viver do outro lado do ribeiro, numa casa apalaçada, com dois pisos, entre a Porta de S. João e o Pelourinho. Fizera pequenas benfeitorias, comprara algum mobiliário, plantara árvores de fruto no jardim e sentia-se bem ali: Beatriz haveria de gostar!

Columbo estava diferente do que recordava. Espraia-se ao longo da

baía, até ao Morro de Mapane e às margens do Tanque dos Mainatos, um lago cheio de crocodilos. Deixara de ser um entreposto de canela ou um simples aglomerado de casas à volta da fortaleza-feitoria. O casario já não se limitava a duas ruas e dividia-se em dois núcleos, separados pelo riacho: a paróquia Matriz e a de S. Lourenço. Parecia uma cidade portuguesa, de casario formoso, de pedra e cal, com um traçado semelhante a outros postos que cresciam nas Índias. Sobressaíam agora edifícios imponentes, como o Senado, o Hospital Real, a Câmara, fundada há um par de anos, e a Misericórdia, que sofrera obras de ampliação. Várias igrejas, conventos e colégios haviam sido erigidos e outros mais estavam em planta. Por todo o lado se sentia a presença de Deus e viam-se dezenas de missionários franciscanos pelas ruas da cidade, muitos deles a retemperar-se de uma expedição na selva.

Vários cercos de Ceitavaca tinham transformado Columbo numa cidade-fortaleza, especialmente o último, cinco anos após D. Vasco ter saído da ilha. Assim que a monção chegara e o mar ficara interdito, Columbo fora cercada por cinquenta mil homens e centenas de elefantes de guerra, comandados por Rajasinha. Contudo, o acesso ao mar nunca fora quebrado e a cidade resistira, até Goa vir, mais uma vez, em socorro: o próprio Vice-Rei, um antigo Capitão-Mor do Ceilão, liderara uma força de seiscentos homens e desbaratara o inimigo.

As muralhas já não eram de taipa, mas de pedra, suficientemente robustas para repelir as investidas dos elefantes. A cidade era agora defendida por duas centenas de canhões e doze baluartes. Parecia inexpugnável! Lá dentro, sentia-se o cheiro a poder e a dinheiro. Para além da corte do rei de Cotta, do Capitão-Mor e dos fidalgos, a cidade albergava centenas de famílias portuguesas, artesãos, mercadores dos vários cantos das Índias, aos quais se juntava uma imensidão de gentios, escravos e um largo contingente de soldados. Columbo era também porto de abrigo de muitos aventureiros, perdidos nas Índias, com quem D. Vasco gostava de conversar nas tavernas. Quase todos tinham fugido à hierarquia militar, fartos de receber o soldo em atraso ou porque os monarcas gentios lhes pagavam mais. Havia tentado a sorte em Arracão, Pegu, Sião ou mesmo nas Molucas. Alguns alcançavam lugares de destaque nessas cortes e por lá ficavam largos anos; outros acabavam por regressar aos entrepostos portugueses.

D. Vasco suspirou e afagou a barba. Devia regressar à cama e ao conforto da meretriz. O corpo pedia-lhe descanso, mas continuava desperto. Inspirou a brisa da noite e não deixou de esboçar um sorriso. Desde pequeno que tinha um fascínio singular pelo Ceilão, muito por causa das histórias do avô cartógrafo que arribara na ilha muitos anos antes. Todavia, estava prestes a fazer algo que nunca antes tentara.

Martim contornou o edifício da Câmara e seguiu em frente. Adquirira o gosto de vaguear à noite, sem direcção, pelas ruas de Columbo. Deliciava-se com as noites tropicais, o som das ondas, os cheiros dos pomares, e gostava de sentir a brisa do mar. Desembarcara no Ceilão seis meses antes, mas continuava a olhar para tudo com surpresa. Por vezes, receava estar a viver um sonho e acordar em Silves, mas ficava sempre radiante por recordar a grande viagem, de Lisboa até Goa. Levava mais de cento e sessenta dias, e depois mais duas semanas até desembarcar na antiga Taprobana, pronto para viver o sonho de uma vida.

Ainda conhecia mal o Ceilão. Apenas se aventurara pelos arrabaldes de Columbo e pela costa sudoeste, até Calutara, mas nunca havia visto tamanha beleza. A ilha era mais vistosa do que alguma vez imaginara, mesmo depois de ouvir os relatos apaixonados de D. Vasco. Até a sua forma nos mapas era perfeita, como se fosse uma pequena lágrima a cair da imensidão das Índias.

Atravessou a Praça da Câmara, cruzou o padrão português e chegou ao Baluarte da Alfândega. Aí, ouviu vozes ao longe e estranhou o rebuliço. Afastou-se do casario em passos ligeiros e avistou seis carroças no cais. Vivia-se uma grande azáfama e alguém resmungava alto. Escravos africanos descarregavam fardos de canela e embarcavam-nos em batéis, que fariam o transbordo para os navios. Arriscou, aproximando-se; porém, foi parado à entrada do cais por dois guardas, armados de lança e escudo.

– Alto, o cais está vedado – informou um deles, um lascarim de elevada estatura, cabelo apanhado ao alto e barba escura cerrada. – Somente pode passar quem tem uma carta especial.

Martim ficou atónito, sem saber o que fazer. Um novo grupo de carroças vindo do Bastião de S. João passava sem dificuldade por entre os guardas. Estavam carregadas até cima e pararam no final do pontão, defronte dos escravos. Transportavam sacas de arroz e caixotes de madeira que pareciam estar cheios de galinhas, fruta e legumes.

– Estive aqui ontem – protestou Martim, enervado.

– Isso foi ontem – retorquiu o guarda, exasperado, agitando a lança. – Agora, tendes de afastar-vos. Trata-se de uma zona interdita.

O outro guarda acercou-se e falou-lhe num tom mais apaziguador:

– São as regras, quando chegam navios dos *lugares*. A permanência no cais não é permitida a estranhos. Estou certo de que sois novo na cidade, mas estas medidas são conhecidas e os moradores sabem como agir.

Martim anuiu, embora desconfiado, mas não insistiu. Deixou o cais, atravessou a ponte sobre o riacho que dava para o tronco, e virou à esquerda. A cidade estava deserta e sombria, apenas alguns macacos quebravam o silêncio com os seus guinchos. Caminhou ao longo de um jardim de limoeiros e virou antes de chegar ao Bastião de S. Mateus. Ao fundo da rua, viu uma luz e sorriu, reconhecendo o local. Já ali tinha

estado. Chamava-se a Taverna do Manoel.

Assim que abriu a porta de madeira, foi surpreendido pela luz ofuscante do interior e a música incessante dos bandolins. O ar era pesado, numa mescla de cheiros, e o salão, apinhado, fervilhava de vida, com dezenas de homens, velhos e novos, a dançar e conversar ao balcão e num par de mesas encostadas aos cantos. O barulho era ensurdecedor.

Pediu uma malga de vinho, quedando-se por ali, a observar os músicos. A cara de alguns não lhe era desconhecida e suspeitou de que se tratasse de soldados da fortaleza ou vindos de Goa. No meio da confusão, ouviu uma voz conhecida chamar por ele. Era Bernardo Tondela, fidalgo de Viseu, que estava no Ceilão havia quase três anos e com quem gostava de conversar. Tinha a face avermelhada, os olhos lacrimejantes e vinha um tanto ou quanto cambaleante.

– D. Martim, folgo em ver-vos de novo. Espero que não tenhais trazido a vossa espada, porque senão ficamos todos em apuros.

– Podeis continuar à vontade. Estou desarmado, à vossa mercê.

– Procurais alguém? Uma princesa de Candea, talvez? – zombou, divertido.

– Não, venho sozinho, de um passeio pela cidade.

– Nesse caso, vinde comigo. O Capitão-Mor do Ceilão convida-vos para vos sentardes à sua mesa – adiantou Bernardo, apontando para a mesa mais ao fundo. – É domingo, noite de Santo António, uma noite de festa. Terei todo o prazer em vos apresentar aos presentes.

Martim observou a mesa do fundo e contou dez homens. Reconheceu o Capitão-Mor encostado à parede. Haviam-se conhecido logo que desembarcara em Columbo: estava na ilha havia três anos e alcançara a glória com a tomada de Ceitavaca, mas entrara em desacordo com o Capitão-General vindo de Goa, recusando-se acompanhar a expedição às montanhas de Candea.

– Junte-se a nós – cumprimentou o Capitão-Mor, sem o ar arreliado das últimas semanas. – Meus senhores, apresento-vos D. Martim Albergaria, ilustre fidalgo de Silves. Desembarcou no Ceilão há uns meses e ficará na ilha nos próximos três anos.

– Pelo menos – acrescentou Martim, divertido, passando o olhar pelos homens à mesa. – Por este caminho, fico no Ceilão o resto da minha vida.

Os homens riram-se e beberam à sua saúde, sem se importar se dizia a verdade ou estava embriagado. Muitos eram oficiais dos navios de Macau que se encontravam fundeados à entrada da baía. A seu lado, viu também gente de Goa que, como ele, se preparava para subir as montanhas. Pareciam alegres, entretidos com jogos de cartas e as histórias uns dos outros. Discutiam as belezas de Macau e Nagasáqui e as diferenças entre os chinchéus¹⁴ e os japões.

O Capitão-Mor mantinha-se de pé e não cessava de intervir, mas nem

sempre conseguia seguir-lhe as palavras por causa do barulho. Pôs-lhe a mão no ombro e indicou-lhe que se sentasse ao lado dele e de um homem corpulento que se mantinha em silêncio, com os cotovelos na mesa.

– D. Ambrósio de Menezes. Almirante da *Nossa Senhora da Luz*, galeão de cinquenta peças, e comandante da Carreira de Macau – apresentou, num tom pomposo, mas jovial. – Um grande amigo, dos tempos de Ormuz.

Martim ficou pasmado. Não estava à espera de encontrar ali o próprio almirante da frota de Macau. Cabelos ruivos compridos, barba farta e olhos azuis, o almirante parecia ser um descendente dos suevos. Tinha um grande anel dourado num dos dedos e cumprimentou-o com simpatia.

– É uma honra conhecer-vos – avançou Martim, tentando disfarçar o nervosismo, sentando-se em seguida. – Vossa senhoria, fizestes boa viagem?

– Sem tumultos até agora, com ventos e escalas a condizer – informou o almirante, com uma expressão enigmática e os olhos raiados de sangue. – Vimos de Malaca, aportámos em Columbo hoje de manhã, mas será mais uma escala curta. Zarpamos amanhã.

– Não podeis ficar mais tempo?

– O almirante tem um problema mal resolvido com o Ceilão – brincou o Capitão-Mor, como se estivesse a confessar um segredo. – Está sempre a dizer mal desta ilha e nunca fica muito tempo.

– Não se trata disso. Goa não nos deixa demorar. Mas sempre consigo ver o meu amigo Capitão-Mor, dar folga à tripulação em terra firme e comprovar se é verdade o que se diz pelas Índias...

– O que é que se diz por lá?

– Que as mulheres da Taprobana são as mais feias de toda a Índia.

O Capitão-Mor deu uma gargalhada e tentou ripostar, porém, o almirante rebateu. Enumerou lugares cheios de belas mulheres, que levavam os homens à perdição. Martim reconheceu Malaca e Solor, mas perdeu-se com os outros nomes, admitindo o quão pouco conhecia das Índias.

– E nenhum desses lugares fica na ilha de Ceilão – rematou o almirante, fingindo-se sério, com os punhos na mesa.

Alguns homens ouviram as palavras do almirante e riram-se. Conheciam aquela conversa de outras aguadas. O Capitão-Mor desistiu da discussão e os dois fizeram as pazes com mais um trago de vinho, dedicado às ninfas do Ceilão.

– Isso é uma prova cabal de que é verdade o que se conta – continuou o almirante, com a voz enrolada a sobrepor-se à música dos bandolins. – Que o Ceilão, apesar da canela, do marfim e das pedras preciosas, é um posto penal. Um posto penal para soldados condenados...

Martim observou os homens responderem com nova gargalhada.

Tentou esboçar um sorriso, mas ficou incomodado. Talvez tivesse chegado tarde à conversa, mas não lhe parecia bem estar a chamar condenados a quem se preparava para percorrer dezasseis léguas até Candea para pôr cobro a uma grande revolta de chingalás.

– D. Martim, não fique amedrontado com estas palavras – retorquiu o Capitão-Mor, sorrindo, depois de esvaziar a malga de vinho. – D. Ambrósio está apenas com inveja de quem vive num paraíso como Columbo, onde a terra é fértil, o clima é ameno e as mulheres doces como mel.

– Tenho de passar mais tempo por estas bandas, para acreditar no que dizeis. – insistiu o almirante, levantando-se e indo ao encontro do Capitão-Mor.

– Aqui não há sereias – garantiu o Capitão-Mor, agitando o dedo no ar. – Apenas mulheres meigas, de carne e osso, que sabem amar como ninguém.

Os dois amigos riram-se e abraçaram-se, como se já não se vissem há anos. Parecia uma festa. Martim percebeu que os oficiais celebravam estarem num entreposto português e prestes a receber um soldo generoso assim que descarregassem a carga na Alfândega de Goa. Faltavam apenas duas semanas de mar. Procurou Bernardo na mesa, mas depois viu-o a dançar, perto dos músicos.

– O Capitão-Mor contou-me que sois afilhado de D. Vasco Telles – disse o almirante, com um tom mais sério, depois de voltar a sentar-se.

– Sim, o meu pai foi companheiro de armas de D. Vasco, em Diu, quando ambos eram jovens. D. Vasco recolheu-me em sua casa no Reino, após o meu pai falecer. Não tive a graça de Deus de conhecer a minha mãe.

– Folgo em saber que D. Vasco ainda é vivo e se encontra com saúde no Ceilão – pronunciou, com os olhos avermelhados. – Apenas estive com ele uma vez. Eu era capitão de uma nau a caminho de Malaca, quando carregávamos fardos de canela. Era ele quem fiscalizava a carga no porto e lembro-me de que fiquei impressionado com a sua destreza.

– Em Columbo?

– Em Matara – respondeu o almirante, antes de beber mais um trago. – Só soube o seu nome mais tarde, já em alto-mar, mas ouvira falar dele em Amboíno, na minha primeira missão nas Índias, aos comandos de uma fusta a navegar pelas Molucas. D. Vasco era uma lenda por aquelas bandas.

– Recordo-me de D. Vasco me contar que esteve lá muito tempo.

– Foi Capitão de Ternate, o nosso principal entreposto das Molucas. Um lugar maravilhoso, cheio de cravo e noz-moscada, mas demasiado perigoso, com muita chuva e um vulcão que nunca dorme.

O almirante recordou alguns feitos que lhe haviam contado sobre D. Vasco, a maior parte dos quais Martim desconhecia. Soube que a Fortaleza

de S. João Baptista em Ternate era, porventura, o posto mais distante das Índias, a mais de três meses de viagem do Ceilão, a não ser que se apanhasse uma rota perigosa, que podia levar um mês e meio. Tinha graves problemas de disciplina e estava em convulsão permanente, por causa das rivalidades entre as ilhas.

O almirante arrotou e limpou a boca com o braço. Teceu um comentário indecifrável sobre o vinho e levantou-se, sem palavras, em direcção às latrinas. Martim ainda tinha o almirante em vista quando um homem novo se aproximou. Já o vira perto dos músicos, mas não se recordava se haviam sido apresentados.

– D. Bernardo contou-me que viestes sem espada. Quando vos vi, tive esperança de conseguir desafiar-vos.

– Vamos sempre a tempo de um duelo – sorriu Martim, olhando-o com cautela: os cabelos lisos, a pele clara e uma testa comprida. Estava sem espada, mas parecia ter força de braços. – Vamos a isso?

– D. Martim, é uma honra conhecer-vos pessoalmente. Chamo-me Emmanuel Dias e sou o pajem do Capitão-General – declarou com satisfação, mostrando os dentes muitos brancos. – Já tinha ouvido falar de vós e já vos tinha visto na fortaleza. Não existe duelo que não ganheis na Praça de Armas.

Martim convidou-o a sentar-se e beberem juntos, mas Emmanuel manteve-se de pé. Martim pensou que alguém esperava por ele, mas depois compreendeu que evitava estar próximo do Capitão-Mor.

– Acompanhais o Capitão-General há muito tempo?

– Há quatro anos, quando foi nomeado Capitão-Mor de Malaca. Tenho saudades dos Mares do Sul, mas não conheço sítio mais belo do que o Ceilão – confessou, com os olhos a brilhar. – Vim no primeiro contingente que chegou de Goa há dois meses.

Os dois falaram sobre o que os esperava em Candea e depressa descobriram que tinham muito em comum. Martim gostou dele. Ambos haviam deixado o Reino para ficarem nas Índias para sempre. Emmanuel parecia um sonhador como ele, com uma atracção pelo desconhecido, sem recear enfrentar o destino. Sentiam-se bem no Ceilão e nenhum deles se achava um condenado.

– Ainda não sei bem onde vou assentar – adiantou Emmanuel, empolgado. – Mas pressinto que me vou perder de amores por uma princesa do Ceilão.

Uma grande algazarra irrompeu perto dos músicos. Um punhado de oficiais da frota de Macau envolveu-se numa luta com soldados da fortaleza. No meio da zaragata, Martim vislumbrou Bernardo de camisa rasgada, pronto a ripostar. Fora empurrado contra o balcão e parecia zangado. Uma intervenção rápida do Capitão-Mor acalmou, porém, os ânimos e, pouco depois, os homens acabaram aos abraços, ao som dos

bandolins.

– Vosso padrinho é um fidalgo muito respeitado. Será uma honra estar convosco em Candea – adiantou Emmanuel, em tom de despedida, vendo o almirante a regressar. – Havemos de celebrar os nossos feitos nas montanhas.

O almirante voltou a acercar-se dele pouco depois, e ficou tão próximo que Martim lhe sentiu o hálito pesado. Continuava bem-humorado e brincava com uma pequena bolsa de veludo que colocara em cima da mesa.

– E D. Vasco não veio convosco? – inquiriu, recuperando a conversa onde a deixara. – Gostaria de o saudar e saber o que tem feito durante todos estes anos.

– O meu padrinho recolhe-se muito cedo. Enviuvou há poucos meses, na viagem para Goa.

Martim contou-lhe o que sucedera durante a Carreira da Índia e o desgosto que corroía o padrinho.

– Talvez amanhã ainda o consiga ver – retorquiu o almirante, pousando a malga vazia na mesa e agarrando a bolsa de veludo. Abriu-a e retirou umas pétalas avermelhadas. – Imagino que não saibais do que se trata, mas é um dos segredos mais bem guardados de Bengala.

– Cheguei há seis meses à Índia – lembrou, fascinado. – Só conheço Goa, Cochim e... Columbo.

– Eu ando aqui há vinte e seis anos e ainda há muita coisa que desconheço. São terras exóticas, estas, muito diferentes do Reino – contou o almirante. – O Sultanato de Bengala ocupa as confluências de um grande delta. Obriga a um desvio da rota de Malaca e está nas mãos dos mogóis, mas mantemos lá dois entrepostos.

– Não sabia que andávamos por essas bandas.

– Trata-se de uma terra livre, cheia de aventureiros, renegados e desertores. Até os mercadores e casados¹⁵ pouco acatam as ordens de Goa.

– E o que se vende por lá?

– Arroz, panos coloridos e preciosidades, como estas pétalas.

– De que se trata?

– Os bengalis ensinaram-me a mascá-las. Têm um sabor forte, mas tiram todas as maleitas e dão alegria ao espírito. Não vos ofereço porque tendes primeiro de ir a Chatigão para compreender o segredo de Bengala.

Martim assentiu, incrédulo. Nunca vira flores que se pudessem mascar. O almirante acabou com as pétalas e recostou-se à cadeira. Estava cansado, mas mantinha uma expressão alegre. Ao fundo, a euforia espalhara-se, ao sabor dos bandolins.

– A El-Rei! – bradaram muitos homens. – E à rainha de Candea, D. Catarina.

A noite era de festa e muitos soldados dançavam e riam. Martim

conseguiu descobrir Bernardo sentado a uma mesa, abraçado a Emmanuel e a duas chingalás. Acabou o vinho e ansiou pelo raiar do dia. Ia finalmente conhecer as montanhas do Ceilão.

D. Vasco subiu os degraus em surdina e regressou aos aposentos. Já tinha o estômago mais aconchegado, embora o sono teimasse em não vir. Apagou a vela e abeirou-se de novo da janela entreaberta. Continuavam a reabastecer a frota de Macau, pelo que suspeitou de que a escala deveria ser muito curta e os navios partiriam para Goa no dia seguinte.

«*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*»; e os tempos no Ceilão haviam mudado tanto que, às vezes, perguntava-se se andaria a sonhar acordado. Custava-lhe acreditar que, em poucos anos, os portugueses tinham passado de mercadores e missionários a verdadeiros conquistadores.

Sempre houvera planos para a conquista da ilha, mas Goa nunca a apoiara. Agora, a vontade era clara e D. Vasco desconfiava de que a ordem para ocupar todo o Ceilão viera mesmo de El-Rei. Seria o maior território das Índias! Era essa a conquista que estava em curso nos últimos quatro anos e que se movera, em paralelo, nos três reinos que se haviam separado de Cotta.

Ceitavaca, o temível inimigo dos últimos setenta anos, extinguiu-se de um momento para o outro. Rajasinha tivera uma morte insólita, ferido com um espinho de bambu que infectara e, pouco depois, o reino sucumbira, vergando-se ao Exército Português.

A norte, o Jafanapatão fora subjugado por uma expedição que colocara no trono um monarca leal aos portugueses, ao passo que Candea se libertara de Ceitavaca, pondo fim a uma ocupação de dez anos. O novo rei, apoiado pelos portugueses, era cristão e sobrinho do antigo monarca de Candea; vivera em Goa desde a invasão de Ceitavaca e assinara um testamento igual ao rei de Cotta.

D. Vasco esboçou um sorriso. Tudo se conjugara e os portugueses estavam à beira de conquistar o Ceilão. Os carregamentos de canela, elefantes, rubis e safiras, para Goa, iriam ser ainda maiores. D. Vasco ficara maravilhado com o movimento no porto de Columbo e ouvira dizer que a canela já quase representava um décimo das especiarias enviadas para Lisboa. A canela do Ceilão era única no mundo, ao passo que os mercadores de pimenta de Goa e Cochim tinham de suplantar os de Calecut e de outros sultanatos. Não sabia, ao certo, quão mais lucrativa era a canela, mas Columbo enriquecia como nunca.

Todavia, algo terrível acontecera em Candea. Meses depois de ser coroado, o rei morrera envenenado. O golpe fora perpetrado pelo comandante dos lascarins, D. João de Áustria, que liderara uma grande revolta em que afastara do trono o filho do rei e executara vários

franciscanos, pondo em fuga todos os portugueses que viviam nas montanhas. O desgraçado convertera-se ao budismo e declarara-se Guardião do Reino, numa grande afronta aos portugueses. Tinha de ser punido sem contemplações! Fora emitido um mandado de captura com uma elevada recompensa e aquela traição estava prestes a ser revertida.

Dezoito navios vindos de Goa, com oitocentos soldados, haviam acostado no Ceilão em Abril. Eram liderados por D. Pedro Lopes de Sousa, antigo Capitão-Mor de Malaca e nomeado, pelo Vice-Rei, Capitão-General do Ceilão. A sua missão era executar os rebeldes e coroar a única filha do rei de Candea que fora deposto por Rajasinha. D. Catarina era órfã desde terna idade e fora acolhida por um casal português em Mannar, crescendo à luz de Cristo. Tinha doze anos, e os chingalás ainda lhe chamavam Kusumasana Devi, como se fosse uma divindade. Se tudo corresse como planeado, iria ser aclamada rainha e casar-se-ia com um fidalgo a quem entregaria o governo.

No entanto, D. Vasco estava apoquentado. Conhecia o Ceilão! Partilhara as inquietações com o Capitão-General, ainda assim não tivera o acolhimento que ambicionara. Talvez devesse ter sido mais incisivo, mas fora cuidadoso com as palavras, ao ver a fúria de D. Pedro com outros fidalgos que tinham mostrado reservas à expedição; a maior parte deles acabara demitido. Concordava que a coroação de D. Catarina era a ocasião por que Portugal ansiava, porém, os perigos nas montanhas eram imensos.

Os portugueses apenas estavam habituados a combater nas terras baixas. Nas montanhas, tudo era mais difícil. O interior era povoado por muitas feras, cobras voadoras, rios cheios de crocodilos e sanguessugas. As florestas eram cerradas e apenas três caminhos poderiam ser usados pelo exército: eram sinuosos, por entre desfiladeiros estreitos, e em nenhum deles se poderia combater em formação. Grande parte dos fidalgos da expedição, incluindo o Capitão-General, nunca combatera no Ceilão.

Além disso, a monção pequena não estava assim tão distante. A expedição apenas iria ter mantimentos para um mês e, a partir daí, seria difícil garantir o abastecimento, mormente se os caminhos ficassem alagados.

Por último, D. João de Áustria não era um rebelde qualquer. O Traidor, como já lhe chamavam, conhecia bem os portugueses. Filho de um nobre de Ceitavaca decapitado por Rajasinha, D. João singrara no Exército Português durante dez anos, quatro dos quais em Goa. Abraçara a fé cristã, casara-se com uma «Órfã de Goa» e a sua bravura no último cerco de Columbo era proverbial.

D. Vasco sentiu um arrepio na espinha, mas foi distraído por um som melodioso. A meretriz acordara, acendera uma vela na mesa-de-cabeceira e cantarolava baixinho. Olhava para ele com um sorriso luminoso e o som da sua voz levou-o de regresso à cama. Estava deitada com um *sari*, que

deixava adivinhar os contornos do seu corpo.

– Acordastes a meio da noite?

– Tive um pesadelo e perdi o sono – confessou D. Vasco. Não sabia se tinha forças, mas a vontade de possuí-la de novo era muita. – Acordei-vos?

– Vinde a mim. Eu ajudo-vos a esquecer os pesadelos.

D. Vasco não resistiu e caiu-lhe nos braços. Sentiu-lhe o calor do corpo, o cheiro adocicado a coco, e libertou-se das vestes, mergulhando no leito. Num sopro, a ofensiva a Candea, os perigos das montanhas e as quezílias entre os fidalgos desvaneceram-se.

Quando o Sol se levantou, a cidadela estava repleta de estandartes com a Cruz de Cristo a esvoaçar. A frota de Macau preparava-se para zarpar e as tropas juntavam-se na Praça de Armas. Estavam ali mais de mil soldados em formação – portugueses, lascarins e um pequeno corpo de *kaffirs* de Moçambique. Iriam partir para Ceitavaca e receber vassalagem de uma força imensa de lascarins, perfazendo ao todo um exército de dezasseis mil homens e cinquenta elefantes de guerra. Juntos enfrentariam os perigos das montanhas, para repor a ordem e tornar o Ceilão uma ilha lusitana.

14 Termo português para designar os naturais da China.

15 Antigos soldados portugueses ou filhos de portugueses com mulheres locais.



O Exército Português continuou, sem parar, a perseguir as tropas inimigas, conquistando cada degrau, ao longo de duas léguas, até chegar ao rio.

FREI FERNÃO DE QUEYROZ, *CONQUISTA TEMPORAL E ESPIRITUAL DO CEILÃO*

A frescura sabia-lhe bem. Nadou em direcção à outra margem, sentindo o aveludado da água, e só parou no tronco esverdeado que flutuava na ponta do lago. Lá em baixo, por entre a folhagem, avistou o curso do rio e uma manada de elefantes a refrescar-se. Distinguiu fêmeas, machos e dezenas de crias na margem arenosa, atirando água umas às outras. Mergulhou de novo, tocando com os dedos no fundo; e, quando voltou à superfície, nadou até à pequena queda de água, desaparecendo por entre os lençóis transparentes. Passou os dedos na rocha escorregadia e sorriu feliz, na meia-luz, divertindo-se com os fios de água a cair. Aquela gruta era um esconderijo dentro do seu esconderijo.

Encontrara aquele local havia quase um ano, quando perseguia a cavalo um bando de veados e subira aquela encosta para dar o golpe final. Ficara tão maravilhada com a lagoa no meio das árvores que desistira da caça. Desde essa altura que era o seu refúgio, onde se refrescava nua, descansava e orava em sossego. O *sangha*¹⁶ habituara-a a rezar nos terraços de meditação e debaixo da árvore sagrada, mas Mahastana, o monge superior, ensinara-lhe que o mais importante era sentir-se em paz e em ligação com a natureza. Para ela, aquele era o lugar perfeito e era o seu segredo, longe de tudo e de todos, livre de crocodilos e protegido pela colina e pelo mato cerrado.

Ficou a boiar de costas, a fitar o céu azul, a forma das nuvens e as copas das árvores balouçando ao vento. De repente, dois papagaios amarelos esvoaçaram perto dela e assustaram-na. Talvez fosse um sinal para regressar ao mosteiro. Estava muito para norte, mas Candea encontrava-se em alerta e os *bhikkhus* andavam apreensivos. Dizia-se que o Exército Português se preparava para subir as montanhas, apoiado por milhares de lascarins, para capturar Konappu Bandara, o Guardião do Reino, e repor a Família Real no poder. Todos sabiam o que acontecera nos últimos dois anos, mas poucos tomavam partido. Por um lado, Konappu dizia defender o *sangha* e querer fazer de Candea um reino budista, longe das perseguições de Cotta e dos portugueses. Por outro, assassinara o rei, afastara o príncipe e preparava-se para lutar contra a legítima herdeira do

trono, a filha dos reis depositos por Rajasinha doze anos antes.

No mosteiro, alguns defendiam Konappu e lembravam os seus feitos contra Rajasinha, mas todos reconheciam que, aos olhos do povo, os portugueses tinham a razão do seu lado – apoiavam a herdeira do trono, tal como o haviam feito com os pais e o primo, e contavam com a graça dos nobres de Candea, fiéis à Casa Real. Dizia-se que Konappu juntara dez mil homens, mas por certo a sua força era mais pequena e não teria hipótese senão fugir para a selva, assim que os portugueses cruzassem as montanhas.

Nadou até à margem e saiu da água, puxando o cabelo comprido para trás. O cavalo não deu pela sua presença e continuou deitado a dormir. Ela caminhou então pela terra empapada, até onde deixara as vestes, até que ouviu um crepitar e ficou paralisada. De repente, uma rede caiu-lhe em cima. Com o peso, foi atirada para o chão. Apavorada, tentou desembaraçar-se, quando viu dois homens saírem de trás das árvores.

– Capturámos uma princesa – troçou o homem mais alto. – De perto, é ainda mais vistosa.

O esconderijo fora descoberto! Reconheceu os uniformes. Eram soldados de Candea; guarda avançada que vigiava a invasão portuguesa. Estavam muito a norte da cidade, embora perto de um dos trilhos vindos do mar. Tentou soltar-se, arrastando-se pelo chão, mas foi em vão.

– Largai-me – exigiu, tentando parecer forte. – Que quereis de mim?

– Com esses olhos rasgados ainda me perco de amores – zombou o homem, dando uma gargalhada e agarrando-a pelos tornozelos.

Os dois soldados deitaram-na ao comprido. O mais alto agarrou-lhe os braços, esticando-os no chão, enquanto o outro lhe prendeu as pernas, afastando a rede para o lado. Sentiu-se aterrorizada e berrou o mais que pôde. Não tinha salvação. Estava longe de qualquer povoação, na selva profunda, e ninguém se arriscaria a andar por ali, com medo de encontrar soldados portugueses.

– Soltai-me – gritou, desesperada. Tentou agarrar em alguma coisa, arranhar e morder os atacantes, mas estava presa.

– Quieta – advertiu o soldado, apertando-lhe os pulsos com força, para a amarrar. – Aproveita, que nós não somos nada maus partidos.

– Largai-me! Eu conheço Konappu Bandara – gritou, com veemência. – Se me tocardes, hoje será o último dia das vossas vidas.

Os homens hesitaram por momentos e entreolharam-se. Foi o suficiente para um deles aliviar o vigor e ela libertar as pernas. Num golpe brusco, pontapeou-o com força na face. O homem levou a mão ao maxilar com a dor, cambaleou e ela conseguiu torcer-se no chão, voltar-se e soltar as mãos. O outro homem foi rápido, desembainhou o *calachurro* e tentou golpeá-la. Falhou por um triz.

– Não vais sair daqui com vida – vaticinou, com um semblante

ameaçador, avançando sobre ela. – Antes, ainda me vais dar uma alegria...

Não terminou a frase. Levou com uma pedra na testa, que o atordoou, fazendo-o largar o *calachurro*, em desequilíbrio. Quando recuperou e ia agarrar o sabre, foi atingido por mais uma pedra na barriga, que lhe revirou as tripas. Num ápice, ela agarrou o *calachurro* e fez-lhe um corte no pescoço. O soldado esvaiu-se em sangue e tombou na terra.

– Vais morrer, vagabunda – berrou o outro, correndo com a lâmina em riste e acertando-lhe de raspão no braço.

Agarrou-a pelos cabelos e puxou-a, porém, ela libertou-se e caiu no chão. O soldado desferiu vários golpes no ar, mas ela rebolou e desviou-se, sem largar o sabre. Em vez de o enfrentar, desatou a correr e mergulhou na selva. Só parou quando encontrou uns arbustos densos e se encostou a um tronco caído. Tinha a respiração ofegante, estava nua, a tremer, e a ferida no braço não parava de sangrar. Teve receio de perder os sentidos e de atrair os animais, mas tentou aguentar-se.

– Vou apanhar-te. Sei que estás aí...

Ela olhou por entre os arbustos e viu-o penetrar na selva e avançar na sua direcção. Parecia aturdido, mas não desistira de acabar com ela, talvez com medo de que realmente conhecesse Konappu Bandara. Segurou com força no punho de marfim do *calachurro* e manteve-se deitada. Não teria uma segunda oportunidade. Quando o soldado passou perto dela e seguiu em frente, saltou para cima dele. Apunhalou-o pelas costas, espetando a lâmina por entre as costelas até ao fundo. O homem gritou. Voltou-se com os olhos raiados de sangue e acabou por cair de costas no chão. Perdera o ar sinistro e respirava com dificuldade. Parecia observar-lhe os cabelos compridos e depois repousou o olhar no colar prateado de conchas ao pescoço, antes de expirar pela última vez.

D. Vasco insistiu em liderar a missão, apesar da idade avançada. D. Pedro Lopes de Sousa acedeu. Era o capitão com mais experiência no Ceilão e o único que já havia estado em Candea. Compreendeu o que lhe ia na alma. O exército estava com sede de sangue e D. Vasco queria evitar um massacre.

Dois grupos de batedores tinham feito múltiplas incursões no dia anterior, ainda antes de as tropas chegarem às margens do Mahavali Ganga, relatando que a cidade estava livre de perigo e os revoltosos se tinham retirado para a selva. D. Pedro ordenara uma última vistoria antes de o exército avançar, com a esperança de que D. Vasco tivesse razão e não se tratasse de mais uma cilada – assim que soubessem que D. Catarina estava a caminho, todos iriam pousar as armas e receber o exército libertador de braços abertos.

– Não tenhais receio – insistiu o velho fidalgo, sentindo a ansiedade dos

cinco cavaleiros. – Vamos em paz, dar a boa nova ao povo de Candea.

Os homens entreolharam-se, antes de colocarem os elmos. Candea ficava a menos de uma légua de distância, do outro lado das colinas. Ninguém sabia quantos homens do Traidor haviam ficado para trás, nem o que iriam encontrar. Aquela era uma missão de paz, mas poderiam ser atacados a qualquer momento. Estariam protegidos por dois grupos de batedores, que os seguiriam, camuflados, até à cidade, mas isso não os salvaria de um ataque-surpresa.

D. Vasco estava acompanhado por dois portugueses e três lascarins de Mannar. Deixaram o acampamento à beira-rio a meio da manhã e contavam estar de regresso antes do pôr-do-sol. Martim e Bernardo iam à frente, com um estandarte português e uma bandeira branca. Os lascarins seguiam na retaguarda e também estavam confiantes de que nada de mal lhes aconteceria.

A comitiva avançava a cavalo para a cidade, e, segundo os batedores, o caminho estava livre de armadilhas. Mantinham-se em silêncio, atentos a qualquer sinal de alarme. A vegetação ali era mais rasteira e, assim que contornaram a colina, conseguiram ver o vale em todo o seu esplendor. Era maior do que pensavam, apesar da neblina que cobria as terras mais ao fundo.

A guerra ainda não estava ganha e havia razões para recear o pior. Tinham enfrentado muitas emboscadas desde a partida de Ceitavaca, três semanas antes. A grande resistência fora, como se esperava, em Balane, a quatro léguas de Candea, dois dias antes: centenas de rebeldes defendiam a fortificação à entrada do desfiladeiro, e o caminho estava obstruído por troncos, pedregulhos e presas de elefante. A batalha durara um dia e o inimigo sofrera uma pesada derrota. Ao ver a debandada, o Capitão-General ordenara ao exército que acelerasse a marcha e transpusesse, com celeridade, o desfiladeiro que o separava de Candea.

Por fim, D. Vasco avistou a cidade, imersa no centro do vale, e distinguiu os contornos das casas de bambu e madeira. A última vez que ali estivera fora muitos anos antes, na companhia de D. Teodósio, aquando de um carregamento de caixotes de olho-de-gato, rubis vermelhos e outras pedras preciosas, que mais tarde seria embarcado para Goa. Fora o maior carregamento de pedraria que alguma vez vira. Nessa altura, Candea era uma terra de paz, cheia de flores e jardins, com igrejas e uma forte presença portuguesa; juízes, professores, mercadores e conselheiros da corte. Agora, tinha esperança de que a paz e a ordem pudessem regressar às montanhas.

– Homens ao longe – alertou Bernardo, apontando na direcção dos arrozais.

– São apenas quatro. Dois homens e duas mulheres – corrigiu um dos lascarins, coçando a barba farta. – Parecem camponeses.

Uma grande manada de búfalos pastava perto dos camponeses e parecia domesticada. D. Vasco retirou o elmo e deu indicação para irem ao seu encontro. Observou Martim fitando os campos de arroz, à procura de um sinal de presença inimiga. Sabia que ele achava que estavam a arriscar em demasia e empunharia a espada ao mínimo alarme, pronto a tirar a vida a quem se metesse no caminho.

– Vimos em paz – começou D. Vasco quando chegou perto dos camponeses. Estavam assustados e haviam pousado as ferramentas. – Falais português?

– Sim, aprendemos com os padres – respondeu logo o mais velho. – Sabemos rezar o pai-nosso e a ave-maria.

Os dois jovens fidalgos estranharam a resposta e entreolharam-se.

– Sabeis onde está Konnapu Bandara? – indagou D. Vasco, chamando o Traidor pelo seu nome chingalá.

– Não, senhor. Conta-se que fugiu da cidade há dias.

D. Vasco trocou olhares com os lascarins e estes assentiram. O caminho para a cidade estava livre.

– E a nossa rainha? – inquiriu uma das mulheres em chingalá, perdendo o medo e saindo de trás dos dois homens. Tinha a cara enrugada e uma voz doce. – Quando chega?

– Falta pouco – respondeu D. Vasco, percebendo a pergunta com regozijo. D. Catarina ainda não fora coroada e já lhe chamavam rainha. – Assim que a cidade estiver em paz, virá ao vosso encontro.

A mulher esboçou um sorriso acanhado, fitou o brasão português e benzeu-se. D. Vasco observou o espanto dos companheiros e percebeu que eles não esperavam encontrar cristãos nas montanhas, depois dos relatos que tinham ouvido em Columbo. Os cavaleiros prosseguiram a marcha até às portas da cidade. Estavam mais confiantes. À medida que se aproximavam, foram encontrando pessoas. Muitas pararam para os ver, algumas acenavam, outras desviavam o olhar e afastavam-se. Mas D. Vasco confirmou as suas suspeitas – Candea estava em paz e à espera deles.

Cruzaram a entrada principal da cidade, sem que ninguém os impedisse. Bernardo e Martim mantinham-se vigilantes, mas os lascarins haviam baixado as armas. D. Vasco tentou disfarçar a emoção. A cidade estava diferente, com mais árvores e menos construções de pedra, mas reconhecia o caminho. Quando viu o Palácio Real ao fundo, teve a certeza do lugar onde se encontrava. O palácio tivera dois pisos, mas estava parcialmente em ruínas e perdera a grandeza. Sabia que Rajasinha ordenara a sua demolição, mas que o rei, antes de morrer, dera início às obras para voltar a albergar a Família Real. Estava certo de que o palácio iria recuperar em breve a sua dignidade.

– Bernardo!

O jovem beirão acercou-se de D. Vasco. As pessoas juntavam-se para os

ver. Adivinhava que muitos se questionavam se era aquele o exército por quem todos esperavam, mas os mais sábios saberiam que esse ainda estaria para chegar.

– Entregai esta mensagem ao Capitão-General quanto antes. Dizei que Candea está segura. A cidade espera por vós e pela futura rainha.

Horas depois, um gigantesco exército de dezasseis mil homens e cinquenta elefantes chegava ao planalto e entrava na cidade. A maior parte nunca havia ali estado e, talvez por isso, marchavam, ao som dos tambores, nervosos com o que poderia acontecer.

Assim que transpôs o último túnel e lhe abriram a segunda porta, voltou a ver luz. O pátio central do mosteiro estava deserto, mas, ao longe, do outro lado da figueira sagrada, reconheceu o irmão. Reparava uma das cisternas. Assim que a viu, largou as ferramentas e veio ao seu encontro. Estava com um olhar crispado.

– Mafalda, por onde andaste? O Sol já está quase do outro lado das montanhas. Estava preocupado e Mahastana perguntou duas vezes por ti.

– Desculpa, atrasei-me.

– O que aconteceu? – perguntou, levantando o sobrolho. Afastou-lhe os cabelos para o lado, viu os arranhões na cara e olhou para o pano amarrado à volta do braço. – Portugueses, lascarins ou encontraste um leopardo?

– Caí do cavalo numa ravina e fui contra as árvores – mentiu, voltando a cobrir a cara, envergonhada. – Magoei-me, mas estou bem, não é nada de grave.

– Foste caçar outra vez? – insistiu Abel, enervado. – Sabes o que o *sangha* diz sobre isso e que Mahastana ficaria desiludido se soubesse.

– Não, não fui caçar – refutou. Vestira-se à pressa, ainda estava suja de terra, mas decidira guardar para si o que acontecera na lagoa, mesmo que a obrigasse a faltar com os *preceitos do sangha*. – Fui dar um passeio pela floresta, mas o cavalo assustou-se.

– Estava preocupado. Não é altura para passeios. Os portugueses tomaram Balane e acabámos de saber que um pequeno grupo foi visto perto da cidade – contou, serenando. – Ninguém pode sair do mosteiro enquanto as suas intenções não forem claras. Não sabemos quanto tempo vão ficar nas montanhas e se são libertadores ou conquistadores.

– Não vi ninguém, mas perdi a espada – continuou, cabisbaixa. Fora Abel que lha dera, depois de a encontrar junto de dois soldados portugueses que jaziam à beira de um rio, em Trequimalé. – Devo tê-la perdido quando caí do cavalo.

– Tens de ter mais cuidado. A floresta está cheia de perigos.

Mafalda anuiu e teve uma vontade súbita de chorar. O desfecho na lagoa poderia ter sido mais grave e sentiu-se mal por mentir ao irmão. Ele

era a única pessoa que lhe chamava Mafalda e quase não tinha segredos para ele. Tentou afastar os maus pensamentos e abraçou-o.

– Desculpa, tens razão – lamuriou-se, aninhando-se no peito de Abel. – Não gosto que fiques preocupado comigo.

Mafalda estava prestes a fazer vinte anos, mas todos continuavam a vê-la como uma rebelde, capaz de coisas nunca vistas. Para os *bhikkhus*, tinha feições portuguesas, cabelos encaracolados e era tão ou mais teimosa e intempestiva como aqueles bárbaros do mar. Mas o tom dourado da pele, os olhos rasgados e a fluência na língua deixavam antever as suas origens. Nascera no Ceilão, sentia-se chingalá e seguia os *preceitos do sangha* à sua maneira, mas o sangue que lhe corria nas veias era arracanês e português. De Arração, a terra do pai, quase nada sabia, apenas o que Mahastana lhe contara – que era uma terra montanhosa do outro lado do mar de Trequimalé, e que vivia sob os princípios do *sangha* há quase tanto tempo como o Ceilão. De Portugal, sabia mais, por lhe ser mais próximo, apesar de ficar tão longe. Lembrava-se das histórias que a mãe lhe contara quando era pequena e, por isso, tinha um fascínio pelo avô que nunca conhecera, e que vivera em Goa, onde a mãe nascera e de onde viera o fidalgo que lhe salvara a vida em Matara. Mas era um nome que também lhe causava dissabores, por ser o local de onde vinham os soldados e padres portugueses que destruíam muitos templos sagrados.

Havia alturas em que queria esquecer as suas raízes e incomodava-a ser olhada como uma estranha. Mahastana dizia-lhe que ela não era estranha, mas especial: especial pelas origens, especial por ter enganado a morte, especial por ser a única mulher no mosteiro e especial pelo que conseguia fazer. À medida que crescera, tomara consciência de que era diferente do resto das pessoas e conseguia passar despercebida em todo o lado. Disfarçava-se de donzela portuguesa em Columbo, chingalá em Candea e caçador na Terra dos Vedas. Até passaria por um *bhikkhu*, se cortasse o cabelo e vestisse um robe acastanhado. Talvez por isso, Mahastana incumbia-a de tarefas invulgares, ao alcance de poucos, em qualquer ponto da ilha.

– E onde está Mahastana?

– No templo, a preparar-se para a oração do pôr-do-sol – respondeu Abel, indo buscar as ferramentas. – Vai lavar as feridas para depois te juntares a nós.

Mafalda crescera no mosteiro, lado a lado com o irmão *ashanti*, depois de Mahastana os ter resgatado das terras baixas. Todavia, Abel não passava despercebido em lado nenhum. Tinha a pele negra, o corpo possante e deveria ser o homem mais alto em todo o Ceilão. Várias vezes fora confundido com um dos *kaffirs* do Exército Português, o que levava muitos a temer o pior. Mas Abel não gostava de sobressair. Por isso, movia-se melhor na floresta do que em Candea ou Trequimalé e pouco se

aventurava nas terras baixas. Estava cada vez mais atarefado com os trabalhos em madeira e as benfeitorias no mosteiro. Fazia-os como ninguém. Os *bhikkhus* mais velhos gostavam de recordar quando ele, ainda menino, reconstruíra a ala traseira dos dormitórios destruída pela monção. E era a ele também que se devia a mais recente estátua de Buda e o fortalecimento do sistema de defesa do mosteiro.

Mafalda caminhou ao longo do muro, em direcção a uma das cisternas. Acabou de se lavar e sentou-se num dos bancos de pedra, junto a uma das janelas recortadas na sebe. Dali conseguia observar a floresta que cobria os montes e vales até onde a vista podia alcançar. Sabia-lhe bem o ar fresco do entardecer e ouvir o cantarolar dos pássaros no último voo do dia.

O mosteiro era a sua casa, mas só com o tempo desvendara os seus segredos. Ficava numa região remota, no planalto de uma das montanhas mais altas do Norte, a duas léguas da povoação mais próxima e dez de Candea. Segundo Mahastana, fora construído havia setecentos anos como local de meditação e refúgio para os *bhikkhus*, numa altura em que muitos mosteiros foram abandonados. Sobrevivera a invasões, guerras, doenças, e passara incólume às iras de Rajasinha, quando a harmonia com os brâmanes se perdera. Com o passar do tempo, a existência daquele mosteiro apagara-se da memória.

Viviam ali quase oitenta *bhikkhus* e todos haviam chegado *anagarika*, aprendizes muito novos, pelas mãos de Mahastana. Tinham superado muitas provas para além da ordenação habitual e mantinham, em conjunto, o mosteiro em segredo. Ela e Abel eram diferentes, mas todos sabiam porquê. Eram vistos como protegidos do mosteiro e chamados *upasika*; seguiam muitos preceitos religiosos, apesar de nunca terem sido ordenados, e viviam em aposentos separados dos *bhikkhus*.

O mosteiro ocupava todo o planalto e estava dividido por um grande pátio, onde o chão de pedra guiava a água das chuvas para as cisternas. De um lado, estava coberto por uma floresta habitada por centenas de pássaros e macacos, que escondia as construções de pedra, incluindo o templo principal, o pagode, que albergava as relíquias de Buda, e o hospital, onde Mahastana gostava de estudar as plantas da floresta.

Mafalda e Abel viviam do outro lado, aonde os *bhikkhus* pouco iam. Abel construíra duas casas de madeira, uma para cada um, bem como um casebre, que usavam como armazém. Estavam rodeados por uma horta, que desembocava num lago de flores de lótus, perto do pátio central.

O mosteiro ficava tão alto que não se conseguia ver lá de baixo, e a sebe viçosa que o rodeava confundia-se com o arvoredor à volta, protegendo-o da vista, mesmo de uma montanha circundante.

O acesso também era difícil. A entrada exterior era numa pequena gruta, a meio da encosta, por detrás de um manto de arbustos. A gruta crescia à medida que se subia por um trilho, iluminado pela luz ténue dos

buracos nas rochas, até um labirinto. No final de um dos túneis, chegava-se à primeira porta, que se abria seguindo as instruções dos *bhikkhus*. O caminho até à segunda porta era escuro e mais difícil. Nunca percebera como é que os *bhikkhus* mais idosos conseguiam chegar até lá na penumbra. A porta acedia ao pátio, sendo que só se conseguia abrir por dentro; fora uma das últimas benfeitorias de Abel.

Depois do assassinato do rei de Candea, a invasão portuguesa era inevitável. Todos sabiam o que se passava nas terras baixas. Não era apenas a doação de templos do rei de Cotta aos franciscanos. Havia relatos de destruição de templos para darem lugar a igrejas, e execuções de *bhikkhus*, acusados de se insurgirem contra o rei. Alguns lembravam que Buda elegera os chingalás como guardiões dos seus ensinamentos, mas, com as perseguições dos portugueses, do rei de Cotta e de Rajasinha, aquele deveria ser dos poucos mosteiros que restavam na ilha. Se fosse descoberto, teria o destino traçado.

Mafalda vislumbrou Mahastana, com o hábito acastanhado, a caminhar pelo passeio de pedra, vindo do templo. Era seguido pelos *bhikkhus*, em fila, em direcção à grande figueira. Ficou radiante. Ele irradiava uma paz que não conseguia explicar e, só de o ver, sentiu-se melhor. Fora já assim, anos antes, quando fugiam de Matara e não parava de chorar a morte dos pais. Desde então, seguia-o nos pensamentos, apesar da sua rebeldia. Mahastana mudara pouco desde que o conhecera, como se o tempo não passasse por ele e, talvez por isso, cada vez que o via parecia que voltava a ser criança.

Levantou-se e juntou-se aos *bhikkhus* e ao irmão, que já estavam de joelhos, debaixo da figueira, virados para o Sol. Mahastana olhou-a nos olhos e pareceu contente por vê-la ali. Com eles, Mafalda cantou, sentou-se na posição de lótus e deixou a mente flutuar, para ouvir apenas a respiração. Mais tarde, saiu de um profundo estado de meditação. Quando descerrou os olhos, viu tudo enevoado e sentia-se mais leve. O vento parara de soprar e o Sol há muito que desaparecera por entre as montanhas. Abel sorria-lhe e parecia que lhe lia a alma. A existência daquele mosteiro perdera-se com o tempo e era dever de todos que assim continuasse.

D. Vasco respirou fundo e continuou a caminhar pelo pátio. O encontro com o Capitão-General e os demais capitães correria de feição. Haviam chegado a Candea dois dias antes e a cidade estava em alvoroço. Os moradores queriam ver D. Catarina, mas tudo se iria resolver em breve e os preparativos para a sua coroação estavam encaminhados.

D. Vasco passou pelos guardas lascarins e ultrapassou o portão de ferro. A cidade ganhara uma outra vida. Os receios haviam desaparecido, o comércio de rua fervilhava e chegara gente de todos os lados das

montanhas com a boa nova de que Kusumasana Devi, a filha dos antigos reis de Candea, estava de regresso. Nas ruas dizia-se que já deixara as terras baixas e era seguida por uma procissão de gente que queria assistir à coroação. D. Vasco desceu em direcção aos arrabaldes, onde o grosso das tropas acampara. Sorriu agradado, imaginando D. Catarina a passar naquele local enfeitado com flores e rodeada de um mar de gente e dezenas de elefantes.

A expedição a Candea surpreendera os mais cépticos como ele. A entrada do exército na cidade havia sido eufórica, antecipando a chegada da futura rainha. Várias companhias percorreram os arrabaldes sem encontrarem resistência. O Traidor não fora tão astuto como D. Vasco receara e fugira para a selva.

Pouco depois, chegou ao acampamento português, que se estendia pelo campo aberto. Não muito longe, avistou Martim sentando à sombra, à entrada da tenda, com o amigo Bernardo. Comiam, bebiam vinho de palmeira e jogavam aos dados.

– D. Vasco, junte-se a nós – convidou o jovem beirão, esbracejando. – Acabámos de assar uma galinha-do-mato.

– Aceito com prazer.

– Estávamos aqui a conversar sobre Candea. É verdade que o nome vem da palavra *Kanda* em chingalá?

– Sim, *Kanda* quer dizer montanha – confirmou, sentando-se na sombra, à frente dos dois jovens. – Dai-me uma taça de vinho.

– Vejo que tendes boas notícias – comentou Martim, satisfeito.

D. Vasco assentiu. Limpou o suor da testa, abriu os botões da camisa e arregaçou as mangas. – Amanhã será um dia glorioso.

– D. Catarina está para chegar?

– Será recebida pelo Capitão-General ali mesmo, nas portas da cidade – asseverou, pegando na taça de vinho e bebendo um trago com sofreguidão. – Depois, seguirá para o Palácio Real e a cidade estará em festa durante três dias, antes de a coroação ter lugar.

Na manhã seguinte, nada foi deixado ao acaso. O momento era solene. A Família Real de Candea preparava-se para reassumir o trono. D. Catarina viera de Mannar e a viagem demorara oito dias. A sua presença nas portas da cidade comovia os presentes. Vinha em cima de um grande palanquim de bambu, no dorso de um elefante, acompanhada pela mãe adoptiva e quatro franciscanos. Sorria e acenava a todos por quem passava. Era escoltada por duzentos soldados portugueses e quatrocentos lascarins, seguidos por uma imensa procissão que se adensara no planalto. Celebravam o fim da tirania de Rajasinha e o regresso da Família Real. A morte dramática do anterior rei de Candea e a revolta dos lascarins pareciam ter ficado esquecidas no tempo.

O Capitão-General recebeu D. Catarina com grande cerimónia. Assim

que os elefantes pararam e ela pisou o chão, D. Pedro tirou o chapéu e curvou-se, seguido por todos. Atrás estavam os demais capitães, ladeados pelos comandantes de lascarins. D. Catarina tinha o cabelo apanhado, estava vestida com um *sari* colorido, com um cinto amarelo à cintura, e parecia enternecida, por baixo de um sombreiro.

O calor era abrasador. D. Vasco olhou para Martim com orgulho, ao vê-lo atento às palavras do Capitão-General e emocionado por ver o povo de Candea curvado no chão. Bernardo Tondela e Emmanuel Dias, ao seu lado, também acompanhavam os passos de D. Catarina, comovidos com a cerimónia. Tratava-se de um mundo diferente daquele a que estavam habituados.

Do outro lado da multidão, Mafalda assistia à passagem de Kusumasana Devi no meio das gentes da cidade. Estava acompanhada por dois *bhikkhus*, e vinham disfarçados de camponeses. Tinham descido à cidade, seguindo instruções de Mahastana, para averiguar o que se passava. Sabia que os portugueses haviam sido bem recebidos, mas estava maravilhada com a quantidade de flores nas ruas e a recepção calorosa. O exército era louvado e a cidade estava unida.

Kusumasana Devi era muito nova, e Mafalda sentiu-se próxima dela. Ambas tinham algo de chingalá e português, e as duas haviam sido salvas das garras de Rajasinha por soldados portugueses. No entanto, Kusumasana fora criada por portugueses desde os três anos de idade, depois de os pais terem morrido. Fora baptizada e todas as suas recordações e costumes deveriam ser portugueses. Mafalda duvidava de que soubesse falar chingalá, mas ninguém pensava nisso. Ela era a filha dos reis de Candea, que haviam governado o reino durante trinta anos, até serem depostos por Rajasinha. Trazia na mão uma flor de lótus, símbolo de Buda. A sua legitimidade era absoluta e iria ser coroada.

Mafalda acompanhava os seus passos delicados quando distinguiu vários fidalgos portugueses perto dela. Observou o general português que comandava as tropas. Era o mais alto de todos e tinha cabelos compridos e uma barba grisalha pontiaguda. Ouvira dizer que era um homem justo e nunca cometera as barbaridades de outros fidalgos. D. Pedro estava ladeado por um jovem, muito parecido com ele, que imaginou ser seu filho. Mas, logo a seguir, viu o fidalgo mais velho que lhe estava próximo. Os anos haviam passado, mas reconheceu-lhe o semblante e o nariz pontiagudo, e sentiu o coração a bater muito depressa. O corpo tremeu, as pernas fraquejaram e levou, sem querer, a mão ao pescoço, tocando no colar prateado de conchas marinhas. As lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto e, sem querer, murmurou o nome do fidalgo português.

– Temos de regressar ao mosteiro – sussurrou um dos *bhikkhus*, quebrando-lhe o pensamento. – Acabámos de saber que os lascarins se preparam para subir às montanhas.

– Quais montanhas? – estranhou Mafalda, sem conseguir tirar os olhos de D. Vasco. Não era tão alto como se lembrava, ou talvez estivesse mais curvado, embora continuasse a impor respeito. Teve vontade de ir ao seu encontro, mas os *bhikkhus* esperavam por ela. – A cidade está em festa.

– Os soldados receberam ordem para subir ao topo das montanhas. Batedores e uma guarda avançada, todos bem armados. Vão à procura de rebeldes.

Os dois *bhikkhus* adiantaram-lhe que a notícia era fidedigna. Os portugueses tencionavam pôr um fim à revolta e queriam a cabeça de Konappu Bandara, prometendo uma elevada recompensa a quem pusesse termo à sua vida.

– Não podemos esperar mais tempo – insistiu o outro, puxando-a ao de leve pela camisa. – Temos de chegar a Ritigala antes deles.

Mafalda anuiu. Não podiam pôr o mosteiro em risco, tinham de se apressar. Os lascarins, por certo, iriam achar estranho se os encontrassem a cavalo no meio da floresta. Mafalda sabia que não teriam piedade e que prenderiam todos os que pudessem ser próximos de Konappu Bandara.

Fitou D. Vasco pela última vez e desapareceu entre a multidão. O mosteiro era longe, impenetrável, e tinha a certeza de que seriam mais rápidos do que os lascarins. Mas depois sentiu um arrepio: podia estar iludida. Afinal, aquele era o maior exército que alguma vez havia estado em Candea desde que Rajasinha conquistara o reino, e ninguém sabia bem o que iria acontecer nos próximos dias.

16 Clero budista; comunidade de *bhikkhus*, monges budistas.



Após a deserção dos regimentos de lascarins, não havia esperança em reter Candea e D. Pedro Lopes de Sousa deu ordem de retirada.

TIKIRI ABEYSINGHE, HISTORIADOR CINGALÊS

O domingo chegava ao fim e o Sol desaparecia por entre as montanhas. A temperatura estava amena, centenas de pássaros percorriam as colinas e macacos trepavam, intrépidos, pelos troncos das árvores e prumadas das casas à procura de frutas e restos de comida. D. Vasco assistia à descida rápida do Sol, sentado no banco de madeira, num dos cantos do jardim do Palácio Real. Talvez fosse o último pôr-do-sol que via em Candea. Sabia que não podiam aguentar muito mais e que o Capitão-General estava prestes a ordenar a retirada.

O exército não recebia mantimentos havia semanas e estava isolado das terras baixas. Alimentar um exército de dezasseis mil homens provara ser um desafio ainda mais difícil do que se pensara. As incursões inimigas na floresta eram constantes e dificultavam a chegada de mensagens a Columbo, impedindo também as caravanas com alimentos de subir as montanhas. As baixas infligidas eram pesadas, quer entre portugueses, quer entre lascarins, e as notícias de emboscadas na floresta corroíam o moral das tropas.

O problema não era novo. Começara dias depois da entrada na cidade. Durante a festa de coroação da rainha, os portugueses receberam a informação de que o Traidor se refugiara em Vilacê, uma povoação a oito léguas de Candea. Montaram uma expedição com cento e cinquenta homens, porém, as baixas na selva foram devastadoras. Conseguira-se, no entanto, prender o braço-direito do Traidor. O rebelde fora executado depois de interrogado, mas o acto foi malvisto pelos lascarins e o descontentamento alastrou-se. Por mais de uma vez, D. Vasco alertou o Capitão-General, mas os seus argumentos não foram ouvidos e as semanas seguintes vieram a dar-lhe razão.

A situação ficou desgovernada. Primeiro, entre os próprios portugueses. O Capitão de Mannar que escoltara D. Catarina mostrou-se descontente com o Capitão-General e pediu para regressar às terras baixas com os seus homens. Depois, as deserções entre os lascarins tornaram-se inoportáveis e suspeitou-se de que eles estariam a juntar-se ao inimigo. Os nervos estenderam-se às mais altas esferas, com os portugueses a acusar o *Modeliar*, comandante de todos os lascarins, de fazer jogo duplo e apoiar

o Traidor, após o Capitão-General ter recusado o seu casamento com a rainha. Reuniram-se provas para levá-lo a conselho de guerra, mas tal não chegou a acontecer: o *Modeliar* foi colhido de surpresa e apunhalado por alguns fidalgos, à frente de todos.

A partir dali pouco havia a fazer. Noite após noite, grupos de lascarins fugiam para a floresta. Restavam apenas trezentos homens provenientes de Columbo e Mannar, os dois bastiões cristãos.

A cidade estava sitiada, em tumulto, com protestos incessantes dos chingalás por não verem a rainha. As notícias que davam como certo o seu casamento com um fidalgo português haviam deixado muitos descontentes.

Martim regressava de uma caçada nos arrabaldes quando vislumbrou o padrinho, melancólico, de ombros caídos, sentado no banco de jardim. D. Vasco envelhecia, dia após dia, desde que as relações com os lascarins se haviam deteriorado. Semanas antes, Martim ficara apreensivo. D. Vasco confessara-lhe que se sentia amarrado por pesadelos que o torturavam durante a noite e por presságios que o desgastavam de dia. O sonho da conquista desvanecia-se e os últimos desentendimentos com o Capitão-General deixavam-no combalido.

– Em que pensais, D. Vasco? – perguntou, assim que chegou mais perto.
– Estais com o semblante carregado.

– Tempos conturbados, meu filho. Mas vejo que a caçada vos correu bem. Que trazeis aí?

Martim esboçou um sorriso e levantou, com orgulho, as presas que carregava: três lebres e uma galinha-do-mato. Caçara sozinho, no meio da floresta, como sempre gostara. Sabia que os tempos eram perigosos e que poderia encontrar o inimigo: o Traidor prometera recompensar quem lhe entregasse cabeças ou narizes de portugueses. Mas não tinha medo; sentia-se confiante, como se estivesse protegido pelo destino.

– Vamos ter um belo repasto hoje à noite – assentiu D. Vasco, tentando sorrir, mas sem conseguir disfarçar o seu estado de espírito. – Vou pedir que nos preparem um lume bem alto.

– Tendes novas do Capitão-General? – questionou Martim, perturbado com o abatimento do padrinho.

– Estive com D. Pedro esta tarde. O seu ânimo não podia estar pior. Confessou que o Traidor se prepara para o golpe final e que espera por nós, com a paciência com que um predador espera pela presa.

– Vamos tentar apanhá-lo outra vez? – inquiriu Martim, mais empolgado. – Com a vossa permissão, tomarei parte na expedição.

– É tarde para isso. Temo que não tenhamos alternativa senão retirar.

Martim baixou os braços e fez um esgar. Sabia que a situação na cidade era grave e que as tropas estavam sem alento, mas sentia-se assustado ao ver assim o padrinho. Sempre pensara que seriam capazes de resolver os

contratempos e dar conta dos rebeldes que se escondiam na floresta; seria apenas uma questão de tempo e paciência. Falar em retirada soava-lhe a derrota.

– Retirar?! – indagou, com esperança de ter ouvido mal.

– Não temos outra hipótese. O exército está debilitado e a maioria dos lascarins abandonou-nos – adiantou D. Vasco, observando a imensa bola de fogo a desaparecer por detrás das montanhas. – Já se passa fome e as razias que temos feito nos arrabaldes têm levado a que as gentes das montanhas deixem de confiar em nós. O descontentamento é geral. Temos de retirar para as terras baixas.

– Vamos abandonar as montanhas?

– Sim. O Capitão-Mor estará em Balane à nossa espera, com reforços.

– E a rainha? – perguntou Martim, mal acreditando no que ouvia.

– Temos de a levar connosco – confidenciou-lhe, como se o plano estivesse há muito desenhado. – D. Catarina é o símbolo da autoridade real em Candea. Não a podemos deixar para trás. Se a perdemos, perdemos Candea para sempre.

– Tendes a certeza de que essa é a melhor solução? – questionou Martim, desanimado, pousando a caça no chão, ao lado do banco.

– Confiai em mim. Temos de ser fortes para a ambição não nos toldar a razão.

D. Vasco levantou-se e passou-lhe a mão pelo ombro, para o reconfortar. Começava a escurecer.

– Mas deixemo-nos de coisas tristes, meu filho. Está uma linda noite de domingo e tendes aí uma bela caça. Temos de ter o lume bem alto.

Três dias depois, o exército começou a retirar de Candea. A carga foi colocada no dorso dos elefantes, as tropas receberam a comunhão e avançaram para a floresta. Ao todo, eram trezentos e oitenta e cinco soldados portugueses e trezentos lascarins, organizados em três regimentos, com uma guarda avançada na dianteira. A rainha e os padres franciscanos seguiam a meio da coluna militar, em cima do palanquim, ladeados por elefantes e pelo próprio Capitão-General, sempre acompanhado pelo filho e o pajem, Emmanuel Dias.

Do alto do cavalo, Martim fitava o passo dos soldados ao ritmo dos elefantes e tentava afastar a desolação que sentia. Observou o padrinho a cavalgar ao seu lado com o olhar no vazio. Parecia-lhe destruído. Dezenas de bandeiras portuguesas esvoaçavam ao alto, enquanto o Sol se levantava por entre as montanhas. As tropas tinham apenas mantimentos para dois dias; mas, segundo os cálculos do Capitão-General, estariam em Balane antes do pôr-do-sol.

D. Vasco baixou o olhar e respirou fundo. Espetou a espada na lama e apoiou as mãos nos joelhos, tentando ganhar forças. Estava esgotado, após

três dias de marcha pela floresta, e por caminhos tortuosos, em direcção ao desfiladeiro. Percorrera duas léguas e meia, sobrevivendo ao calor, aos mosquitos, às cobras e aos ataques dos leopardos durante a noite. O caminho para Balane havia sido bloqueado, com árvores derrubadas e pedregulhos que estorvavam a retirada. Em vez de avançarem em formação, eram muitas vezes obrigados a caminhar por trilhos estreitos, ficando à mercê de emboscadas.

Haviam acampado na margem do Mahavali Ganga e ali passado a noite sem sobressaltos. Estavam num local que poderia ser bem defendido, embora longe de se sentirem em segurança. O exército havia perdido a iniciativa e não vislumbrava o inimigo para o confrontar. Os soldados caíam um a um, atingidos por flechas que surgiam do nada, ou apanhados por armadilhas escondidas no caminho. D. Vasco sabia o que o Traidor estava a fazer: evitava o confronto directo e desgastava os homens, infligindo pequenas baixas ao longo do dia. As tropas estavam desesperadas e sem mantimentos.

O dia clareara e o calor já se fazia sentir. D. Vasco passara a noite quase em claro, em busca de uma solução, mas receava o pior. Poderiam tentar arrastar o inimigo para campo aberto para lutar em formação, mas o Traidor não iria cometer esse erro. Ele parecia ter um plano bem traçado: barrar-lhes o caminho para o desfiladeiro e deixar o tempo correr até a selva os vergar.

D. Vasco observou o acampamento e fez um esgar, desanimado. O que restava do exército já estava acordado. Estavam em desvantagem, a floresta era cerrada e, pela quantidade de mosquitos logo pela manhã, deveriam estar perto de um pantanal. Era como se, de repente, o mundo estivesse contra eles.

Ouviu alguém aproximar-se e pôs-se em sentido, procurando a espada. Depois, reconheceu o Capitão-General, que caminhava até ele, seguido por Emmanuel Dias. D. Pedro estava envelhecido: tinha a cara enrugada, a barba grisalha, e andava curvado. Não parecia tão alto como antes e estava ferido num braço. Longe iam os tempos em que chegara a Columbo. Na altura, o Capitão-General sentira-se confiante, mas naquele pântano o seu olhar parecia derrotado. Também não deveria ter dormido.

– D. Vasco, conseguistes descansar?

– Pouco. A aflição é muita e a mente não nos dá um momento de paz.

– Temos de prosseguir a marcha. Não podemos ficar à mercê do inimigo. Estive a olhar aqueles montes. Sei que os homens estiveram lá ontem, mas pressinto que o inimigo se esconde por detrás deles e se prepara para atacar.

– Compreendo as vossas palavras. O Traidor quererá sempre manter-se mais alto do que nós, para facilitar o ataque. Ou então, manterá os seus homens escondidos na floresta – vaticinou, observando de novo os montes

que distavam umas centenas de passos. – Enviarei uma nova patrulha desde já.

– Estamos a ser vigiados, mas não sabemos o tamanho da força inimiga. Temos de chegar a Balane antes do anoitecer – insistiu o Capitão-General, cofiando a barba, desalentado. A marcha estava a ser lenta e o tempo corria contra eles. – As tropas já não comem há mais de um dia.

– De quantos homens dispomos?

– Cento e cinquenta portugueses e umas dezenas de lascarins – respondeu, sem encobrir a gravidade da situação.

Era fácil entender a dimensão das perdas desde que haviam deixado Candea. Mais de metade das forças portuguesas sucumbira e a maioria dos lascarins perdera a vida ou desertara. D. Vasco sentiu a cabeça a latejar e afagou as têmporas, tentando aliviar o desconforto. A posição portuguesa ainda era pior do que julgara. Do outro lado, a força inimiga deveria ter dez ou quinze mil homens, reforçada com as deserções de lascarins.

Pouco depois, o exército iniciou a marcha, em três colunas, tentando manter uma formação ordenada. A rainha seguia na coluna do meio, encabeçada pelo filho do Capitão-General. A comitiva avançou a bom passo. Com Martim a seu lado, D. Vasco manteve-se vigilante, mas não descortinou qualquer sinal de perigo. Pela primeira vez, achou que iriam conseguir chegar ao desfiladeiro. O Traidor ficara para trás, não quisera arriscar em demasia.

Horas mais tarde, ouviu um grito de alerta vindo da coluna dianteira. O inimigo fora avistado. Logo depois, uma carga de flechas vinda de um dos montes sobrevoou a copa das árvores e atingiu um dos flancos da coluna militar. Os danos foram ligeiros, ferindo apenas um dos homens, porém, o ataque indicava que o inimigo estava próximo.

O Capitão-General mandou dispersar, tentando evitar que os homens se tornassem um alvo fácil. Aquelas ordens salvaram a vida de muitos, mas o inimigo não desistiu. Uma nova chuva de flechas atingiu dois elefantes e trespassou o corpo de vários soldados. D. Sebastião Galvão, um dos capitães mais próximos do Capitão-General, foi atingido por três setas e não resistiu.

Estavam a refazer-se desse ataque quando vislumbraram milhares de homens a descenderem os montes à volta. D. Vasco ficou atordado: em todos aqueles anos nas Índias nunca vira tamanho aglomerado de gente a sair da selva. Aquele parecia ser o ataque final e vinham com uma força que ninguém adivinhara. O exército parecia estar cercado por mais de vinte mil homens.

– Martim, mantém-te próximo – ordenou, não tirando o olhar dos montes, acompanhando a corrida dos chingalás. – O Traidor decidiu que chegou a hora.

– Chegou a hora?

– Para o confronto corpo a corpo – respondeu carrancudo, ajeitando o elmo. – Vem ao nosso encontro para acabar connosco. Vai ser uma luta de morte!

Martim ficou enraivecido, mas não teve coragem de dizer fosse o que fosse. Estavam cercados por um inimigo que julgara inferior, mas que se revelara astuto e ganhara vantagem. Pela primeira vez desde que chegara ao Ceilão, viu a morte à sua frente. Sentiu o peito apertado e um nó na garganta, mas cerrou os dentes e agarrou na espada. Tinha de sobreviver!

O ataque ao exército foi impiedoso. Veio de todos os lados, sem que os arqueiros parassem de disparar. Nuvens de flechas voavam e muitos elefantes de guerra dispersaram, assustados, aos urros, em debandada, esmagando tudo o que encontravam pela frente. Os chingalás disparavam tiros de espingarda do topo das colinas. A pontaria era débil, mas o fogo não cessava. Os soldados foram caindo um a um. Quando mais tarde chegaram ao combate corpo-a-corpo, foi um inferno e a loucura apoderou-se de todos. Os portugueses mostraram ser mais organizados e combateram com bravura. Ceifaram centenas de vidas e conseguiram ganhar terreno contra um inimigo pouco disciplinado.

Martim não parava um instante e avançava com ligeireza. Tirou a vida a todos os que se lhe meteram no caminho e sentia o coração pulsar a um ritmo desenfreado. Estava desvairado. D. Vasco combatia a seu lado e vergava os oponentes em movimentos secos, porém, foi apanhado de surpresa; uma flecha atingiu-o no joelho esquerdo e derrubou-o. Martim correu para o ajudar a levantar-se, mas não chegou a tempo. Viu-o cercado por dois chingalás, mas o padrinho virou-se de repente e matou o mais alto com um golpe certo, ferindo o outro no ombro. O adversário foi rápido a afastar-se e, quando se preparava para apanhar D. Vasco em desequilíbrio, Martim já estava perto. Sem demoras, acercou-se do chingalá e perfurou-lhe a barriga, atirando-o moribundo para a lama.

– Salvaste-me a vida – reconheceu D. Vasco, com os olhos lacrimejantes. Perdera o elmo e fios de sangue escorriam-lhe pela face. Ainda tinha a flecha espetada no joelho, mas parecia mais forte do que um búfalo.

Martim não teve tempo para responder. Uma nova carga de flechas vinda da floresta colheu fatalmente dois capitães de Goa, que estavam ali perto. Martim baixou-se, mas foi atingido na perna esquerda. Gritou de dor e arrancou a seta da perna, para logo depois ver nova mancha de flechas descer na sua direcção. Desviou-se no último instante, ainda assim uma lâmina cortou-lhe a orelha.

De repente, viu-se defronte de dois chingalás aos gritos. Vinham armados de *calachurro* e lança. Recuou dois passos, tentando ganhar espaço, e atacou-os. Ficou surpreso por se defenderem com mestria, mas conseguiu apanhar um deles em contrapé e feriu-o mortalmente. Depois,

atirou-se ao outro com desenvoltura. O homem ripostou, mas deixou cair a lança ao chão e Martim não teve piedade. Tirou-lhe a vida num sopro.

D. António de Vasconcelos, o mais alto dos capitães, estava a dois passos, mas não teve a mesma destreza. Cercado, foi atingido por um punhal que lhe rasgou o peito. Quando embateu no chão, já estava morto. Ao mesmo tempo, vários outros capitães batiam em retirada, mas não resistiram às investidas, sem ninguém ter tempo de os salvar.

Martim ficou aterrado ao ver aqueles capitães perderem a vida. Limpava o sangue que lhe escorria da orelha quando viu Bernardo ficar sem espada e lutar apenas com uma lança contra dois chingalás. Correu até ele para lhe acudir, mas a perna ferida atraçou-o e o esforço foi inglório. Viu Bernardo aflito e logo a seguir uma seta perfurar-lhe a face. O amigo caiu de joelhos na lama e um dos oponentes cortou-lhe a cabeça.

A alguns passos, D. Vasco estava em agonia. Fora atingido por mais uma seta, desta vez no braço esquerdo. Momentos antes, ficara ferido com gravidade: um golpe de *calachurro* perfurara-lhe a armadura, atingindo-o no abdómen. Sangrava em abundância e estava zozinho. A visão toldou-se-lhe, viu tudo enevoado e, sem dar por isso, tombou. Quase não sentiu o embate. Inspirou o cheiro da terra e o odor das ervas e sentiu-se adormecido.

Quando abriu os olhos, ficou desorientado e pensou que chegara às portas do céu. Tudo lhe parecia azul. Em esforço, manteve os olhos abertos e depois descortinou uma figura familiar. Pousou o olhar no colar prateado de búzios e conchas marinhas à volta do pescoço.

– Ainda vos lembrais de mim? – perguntou a mulher de olhos amendoados e cabelos negros. Eram longos, encaracolados, tal como os da mãe.

– Como vos poderia esquecer? – respondeu D. Vasco, deliciando-se com aquela voz doce. Parecia uma sereia. – Matara!

– Sim, Matara.

Mafalda passou-lhe a mão pela testa, tentando suavizar a dor. Ouviam-se berros por todo o lado e os combates prosseguiam, sem cessar.

– Reconheci-vos à distância, mas não cheguei a tempo de evitar que fôsseis ferido.

– Cresceste tanto – comentou D. Vasco, com os olhos presos no colar. Sentiu uma súbita dor no abdómen, mas o brilho parecia ainda mais fulgurante do que se recordava. Durante anos, aquele colar fizera parte dos seus sonhos. – Tornastes-vos uma mulher muito bonita.

– Devo-vos a minha vida. A minha e a de Abel – lembrou, trocando olhares com o *kaffir*, que se mantinha imperturbável, seguindo a crueldade da batalha, de *calachurro* em punho. Mahastana pedira-lhes para vigiarem os combates à distância, porém, ela não descansara até descobrir o fidalgo. – Agora é a nossa vez de vos salvar.

– Deixai-me. Eu já não tenho salvação – respondeu, bruscamente. Perdera muito sangue e não aguentava as dores. – Peço-vos que me deixeis morrer nas montanhas do Ceilão. Mas tenho um pedido a fazer-vos.

Dezenas de homens perdiam a vida, ali bem perto. Os gritos eram ensurdecedores, mas logo abafados por um estrondo – mais um elefante tombava no chão, aos urros, ferido de morte. D. Vasco esvaía-se em sangue. Tinha frio e pressa de passar para o outro lado e abraçar a mulher que tanto amara. Nunca imaginara que os seus últimos momentos pudessem ser assim. As dores no abdómen agudizavam-se, em espasmos descontrolados, faltava-lhe o ar e os olhos estavam pesados.

– Dizei. Farei o que estiver ao meu alcance.

– Peço-vos que salveis D. Martim Albergaria!

Mafalda debruçou-se sobre o fidalgo, sem entender o sentido daquelas palavras. Uma mancha de sangue rodeava-lhe a barriga e tinha a face muito pálida. Lembrava-se bem do dia em que ele lhe salvara a vida, mas agora não tinha tempo para pensar nisso. Ela e Abel podiam ser confundidos com lascarins que ajudavam um fidalgo. Tinham de sair dali o quanto antes. Os portugueses estavam a ser dizimados.

– D. Martim Albergaria? – questionou Mafalda.

– É o meu afilhado. Estava aqui, a combater ao meu lado – contou em esforço, com os olhos fechados. Descreveu-lhe as feições e acrescentou: – Assim que o encontrardes, podeis ver-lhe um anel de ouro no mindinho esquerdo: tem um A gravado, com o brasão de família – adiantou, cerrando os dentes. As dores eram insuportáveis, mas agarrou-a pelo braço e insistiu. – Tendes de o salvar. Prometei-me!

Mafalda perscrutou em volta e viu alguns fidalgos a combater. Eram já poucos, mas qualquer deles podia ser D. Martim. Ao longe, reconheceu o Capitão-General, empunhando a espada, dando mostras de grande valentia, como se sozinho pudesse mudar o curso da batalha. Estava confusa e hesitava entre retirar D. Vasco do campo de batalha ou aceder ao seu pedido. Não sabia como encontrar alguém que não conhecia.

– Não sei onde está D. Martim – desesperou, voltando a olhar para o português.

D. Vasco, porém, já não respirava. Mafalda agarrou-lhe na mão, com força, como se isso o pudesse trazer de volta, mas era demasiado tarde.

– Mafalda, temos de ir – disse Abel, pousando-lhe a mão no ombro e fitando o corpo de D. Vasco. – É perigoso continuarmos aqui. Podemos ser acusados de cumplicidade com os portugueses.

Mafalda anuiu, em silêncio. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Cerrou os olhos do nobre português, afagou-lhe a barba branca e olhou-o de frente, num misto de desânimo e ternura. Reconhecê-lo-ia em qualquer lado, mas assim de perto, achava-o muito envelhecido; a vida fora dura para com ele. Apetecia-lhe abraçá-lo e dizer o quanto lhe estava grata.

– Temos de encontrar D. Martim – afirmou, decidida, limpando as lágrimas do rosto e levantando-se. – Devemos isso a D. Vasco. É graças a ele que estamos vivos.

– Bem sei, Mafalda – concordou Abel. – Não esqueci o que ele fez por nós, mas temos de sair daqui antes que seja tarde. Eu ajudo-te a encontrar D. Martim, mas temos de ir.

Mafalda e Abel afastaram-se, mas os combates prosseguiram com crueldade. Kusumasana Devi, a rainha de Candea, observava o curso da batalha, escondida entre os elefantes e um grupo de soldados. Ninguém desistia de lutar. Os portugueses combatiam com uma força desmedida e até os franciscanos haviam pegado em armas, porém, o tempo corria contra eles. Estavam a ficar esgotados e sem munições.

No meio da confusão, Mafalda e Abel ajudaram um punhado de portugueses moribundos, que adiantaram ter visto D. Martim Albergaria a correr para a floresta, arrastado pelos combates. Mais à frente, um lascarim, pouco antes de morrer, disse-lhes que havia visto D. Martim caído no pântano. Dezenas de corpos amontavam-se no chão, no meio de elefantes e cavalos abatidos, estandartes rasgados e feridos a gemer, que tentavam tudo para se salvar, sem estranhar as perguntas de um *kaffir* e uma mestiça, num português escorreito.

Começava a escurecer quando os dois encontraram finalmente o corpo de um português que se assemelhava à descrição que tinham: estava caído à beira do pântano, entre lianas e fetos, mas logo lhe viram o cabelo escuro, curto, cara redonda e nariz fino. Abel colocou-lhe a mão na testa e depois nos braços.

– Ainda respira!

Mafalda procurou a mão esquerda e viu o anel dourado, com o A gravado.

– É ele – declarou, satisfeita. Mesmo à meia-luz, via que sangrara da face e um dos olhos estava coberto de sangue seco. – Encontrámo-lo.

Os combates pareciam ter cessado. Cada um dos lados recolhera-se e preparava-se para o dia seguinte. Um silêncio inquietante circundou-os, apenas interrompido pelos sons da floresta. Ainda havia uma réstia de luz e conseguiam ver por onde caminhavam.

– Sim, parece que é ele – concordou Abel, tentando mover o corpo inconsciente. – Está entre a vida e a morte.

– Temos de o levar connosco.

– Para onde?

– Para o mosteiro!

Abel esbugalhou os olhos, não acreditando no que ouvira. Parecia-lhe um esforço gigantesco e contra as regras do mosteiro.

– Trata-se de um português – protestou, incrédulo. – O mosteiro iria ficar expostos e os *bhikkhus* horrorizados.

– Devemo-lo a D. Vasco – insistiu Mafalda. Era contra os princípios do *sangha*, mas sabia que Mahastana iria apoiá-la, pois D. Vasco também o salvara a ele. – Sei que fica a mais de um dia de caminho, mas é o local mais seguro.

– Levando-o em braços, vamos demorar mais de três dias – frisou Abel, relutante. – Já pensaste nos riscos que corremos? Não sei se seremos capazes nem se ele sobreviverá à viagem.

Mafalda assentiu. Os ferimentos de D. Martim não auguravam nada de bom, mas mais uma razão para o levar para o mosteiro.

– Mahastana é a única pessoa que o conseguirá salvar, e ele irá concordar connosco. Anda, ajuda-me.

Abel abanou a cabeça, mas acabou por ceder. Agarrou em D. Martim e colocou-o aos ombros, como se fosse um animal ferido.

– Não é tão pesado como pensava, mas, quando eu estiver cansado, vais ter de o levar sozinha.

Mafalda concordou e avançou para a floresta. Mesmo na escuridão, sabia por onde ir. Tinha de ter cuidado com os animais e dar forças a Abel. Iriam conseguir, nem que demorassem vários dias.

Quando o Sol voltou a nascer, Emmanuel Dias, o pajem do Capitão-General, mal teve forças para agarrar na espada. Tinha muitas feridas e, por pouco, não fora colhido por um elefante em fuga no dia anterior. Observou D. Pedro Lopes de Sousa, moribundo, debaixo de uma árvore, e aceitou o inevitável. Não restavam mais do que cinco capitães e estavam reduzidos a noventa e poucos homens, famintos, sem munições e cercados por um exército numeroso. Os portugueses acabaram por pousar as bandeiras de Cristo e as armas e ficar à espera de que viessem capturá-los.

Emmanuel viu as tropas de Candea descerem dos montes, bradando o nome do Traidor. Os portugueses foram cercados, desarmados e levados para a cidade. Emmanuel ouviu que haviam morrido mais de cinco mil chingalás na batalha, mas depois viu o Traidor entrar em Candea em grande triunfo, à frente dos prisioneiros: tinha vergado o inimigo que se dizia invencível.

O Traidor acabou por poupar o Capitão-General depois de ouvir as preces da rainha. D. Catarina foi feita prisioneira e o seu destino estava traçado: iria tornar-se sua mulher e dar-lhe a legitimidade real que até agora fora difícil de alcançar. O Traidor seria, dentro em breve, coroado rei de Candea.

Três dias mais tarde, o Capitão-General morreu, agarrado a uma imagem de Nossa Senhora. Não testemunhou o destino dos prisioneiros, nem assistiu às torturas a que foram sujeitos. Orelhas, narizes, olhos e, em alguns casos, partes íntimas, foram cortadas para não mais se esquecerem do que acontecera. Emmanuel foi dos últimos a serem sentenciados. Tiraram-lhe as vestes, ajoelharam-no e, num golpe seco, cortaram-lhe as

orelhas e a ponta do nariz. Berrou até perder os sentidos.

Dez semanas depois, um nobre português, de olhos azuis, desembarcou com grande solenidade em Columbo. Zarpara de Cochim vinte dias antes, em plena monção, com uma comitiva de vinte capitães e centenas de soldados. Quando colocou o pé na cidade, foi recebido pelo Capitão-Mor. Tinha cinquenta e quatro anos, era natural da cidade do Porto e estava nas Índias havia quase duas décadas, depois de quatro mandatos como Capitão-Mor do Malabar. Conhecia o Ceilão de outros tempos, mas ficou aterrado com o que encontrou.

As notícias eram bem piores do que lhe haviam dito. O exército fora dizimado na floresta, e o Capitão-General e todos os fidalgos haviam perdido a vida. Contava ver o hospital da cidade e a Misericórdia amontoados de feridos e mutilados, mas estavam ambos vazios. Columbo era uma cidade fantasma. As igrejas estavam encerradas, as ruas quase desertas e um sentimento de medo grassava entre os moradores e chegava até à fortaleza, onde o rei de Cotta se refugiara, solitário, sem saber o que fazer.

D. Jerónimo de Azevedo fora nomeado Governador do Ceilão assim que a notícia do desastre de Candea chegara aos ouvidos do Vice-Rei. A sua missão era clara: punir os rebeldes, tornar o Ceilão terra de Sua Majestade e erradicar, de uma vez por todas, o culto gentio. A partir daquele dia, o Ceilão não mais seria o mesmo...



Uma árvore cresce, que eles chamam de árvore da febre, na região de Loxa, cuja casca tem uma cor de canela. Quando transformada em pó e oferecida ao paciente em bebida, ela cura a febre.

PADRE ANTÓNIO DE LA CALANCHA, MISSIONÁRIO DO SÉCULO XVII

Rui estacionou na garagem e estranhou ver os carros de Kris e do Dr. Perlov. Poderiam ter ficado ali durante o fim-de-semana, mas suspeitou de que já estivessem ambos a trabalhar. Tentou concentrar-se. Acordara sobressaltado, com a imagem de soldados enlameados lutando nas montanhas, e viera a pensar nisso durante a viagem até ali. Passara mais um fim-de-semana a ler documentos das pastas amarelas e da *pen* de Ernest, à procura de pistas. Já sabia quem fora Martim Albergaria e o que acontecera a Mafalda de Castro, depois de ter sido salva em Matara.

Não demorou muito a chegar ao gabinete. Pousou a pasta e foi buscar café. Quando voltou e ligou o computador, viu que tinha uma mensagem de Kris: «Quando chegares, vem ao gabinete do Perlov.»

O gabinete de Yitzhak Perlov ficava no piso abaixo do seu, a meio de um corredor largo, que separava os gabinetes dos laboratórios de investigação. Assim que desceu as escadas, olhou para a parede de vidro e verificou que Kris também lá estava. Pareciam compenetrados. Rui bateu no vidro e entrou.

– O estado de Alberto Morais agravou-se na sexta-feira. Foi de repente – informou Kris, cabisbaixo. – Fizemos-lhe uma ressonância magnética e confirmou-se o pior: a lesão voltou a aumentar. Vamos reforçar o tratamento de quimioterapia, mas receio que o prognóstico não seja o melhor.

Rui ficou petrificado. Trabalhava no CIC há quase dois anos, mas poucas vezes tivera a consciência de quão frágil era a vida. Era algo em que não gostava de pensar.

– As boas notícias são que encontrámos os documentos a aprovar o teste clínico – contrapôs o Dr. Perlov, sentado na cadeira da secretária. – Estavam no sistema, gravados numa outra pasta, e o Dr. Fonseka também mos tinha enviado por *e-mail*.

– Isso é excelente – clamou Rui, radiante. Estranhou não os ver mais aliviados, mas pareciam preocupados com os pacientes. – Confirma-se que são para a Taprobana?

– Não refere o nome, mas tudo indica que sim – acrescentou o Dr.

Perlov, num misto de satisfação e desconforto.

Kris aproximou-se e sentou-se numa das cadeiras diante da secretária. Estava com grandes olheiras e os ombros caídos, mas parecia mais animado.

– Já estamos a perceber o que se passa – revelou o sueco, com um ligeiro sorriso. – É melhor sentares-te.

Rui ficou nervoso e trocou olhares com ambos, à procura de respostas. O Dr. Perlov recostou-se na cadeira e arregaçou as mangas. Pareceu-lhe desmazelado, diferente do habitual. Era evidente que os dois haviam trabalhado durante o fim-de-semana e pareciam não ter dormido na última noite.

– O Dr. Fonseka teve um comportamento eticamente reprovável, que eu não esperava. Não esteve propriamente a realizar testes irregulares, mas alargou o âmbito de investigação, aproveitando uma brecha nos termos da declaração – relatou Perlov, fazendo um trejeito na boca. – Os documentos assinados têm uma cláusula com a possibilidade de se complementarem os testes com substâncias naturais numa fase mais avançada dos tratamentos. É uma cláusula antiga, que pouco se usa, mas que serve para nos dar alguma flexibilidade quando julgamos necessário.

– Apenas substâncias naturais?

– Sim, mas é por isso que é vaga e que temos de a corrigir, tendo em conta o que aconteceu – observou, visivelmente irritado. – Isto pode incluir desde uma dose extra de alimentos ricos em ómega 3 até ao consumo de *cannabis*. E não é esse o espírito da cláusula.

– Compreendo.

– Nos últimos dias, temos estado a analisar os memorandos, as actas das reuniões do Conselho Científico e os *e-mails* que o Dr. Fonseka me enviou – explicou. – Ele nunca referiu o nome Taprobana, mas discutimos várias substâncias naturais do Sri Lanka e da Índia, que poderiam ter eficácia no tratamento de tumores. Julgo que descobri qual delas é a Taprobana.

– Alguns ficheiros do computador dão pistas sobre a sua composição – complementou Kris, com os olhos a brilhar. – Não se trata apenas de uma substância natural, mas de um composto, isto é, uma mistura de plantas, frutos ou partes de árvores. Tudo indica que sejam três e que uma delas seja a árvore da canela.

– Canela?! – estranhou Rui, mas lembrou-se do que lera e disse: – Pois, tenho ideia de que a canela vem sobretudo do Sri Lanka.

– *Ja*, mas a canela que conhecemos provém da parte interior do tronco da árvore. Neste caso, parece que inclui também seiva bruta, formada nas raízes – adiantou Kris, assertivo. – É o que diz um dos memorandos que o Ernest enviou ao Dr. Perlov e eu confirmei com a informação que encontrei no seu portátil.

– A canela é muito usada na medicina chinesa e existem indicações de que baixa o colesterol e o açúcar no sangue. No entanto, este composto natural é muito mais do que isso – esclareceu o Dr. Perlov, assentando os cotovelos na secretária. – Tudo indica que é muito eficaz, independentemente da idade do paciente. Consegue diminuir lesões que resistem à rádio ou à quimio, aparentemente, sem muitos efeitos secundários.

– Se isto se confirmar, estamos na presença de uma grande descoberta – atestou Kris, elevando a voz. Estava entusiasmado, embora fisicamente esgotado. Talvez não dormisse há duas noites. – Faz lembrar o que aconteceu com a quinina, em outros tempos...

– Quinina? – inquiriu Rui, confuso. – Isso não é uma bebida?

– *Nej*, estás a pensar no *gin* tónico: os britânicos misturavam a quinina com *gin* quando a davam aos soldados nos trópicos, porque o gosto era amargo – explicou. – A quinina é um fármaco natural da América do Sul: quando os europeus lá chegaram, viram que os índios usavam a casca de uma árvore para curar as febres; transformavam a casca em pó, dissolviam-no em água, e davam a beber aos doentes.

Rui anuiu. Dias antes, Kris mencionara que a substância de Ernest também se administrava oralmente.

– Os botânicos europeus nunca conseguiram estudar essa árvore, porque ela crescia em florestas inacessíveis – continuou Kris, gesticulando. – Demoraram duzentos anos a encontrá-la, e só aí é que conseguiram isolar o princípio activo e sintetizá-lo, ou seja, produzi-lo.

– Estás a quer dizer que uma das substâncias do Sri Lanka deve crescer num local de difícil acesso?

– *Ja*, a principal das três. A diferença é que a casca da árvore que curava as febres tornou-se conhecida, na altura, por causa dos jesuítas espanhóis.

– E a substância do Sri Lanka não...

– *Precis*. Esta descoberta parece incrível, mas não deve ter chegado ao conhecimento da maior parte dos portugueses que andavam lá na altura – defendeu, num tom mais acelerado. – Por alguma razão, permaneceu secreta, o que me leva ao outro ponto da investigação do Ernest.

– Qual?

– Encontrei referências a Mafalda de Castro em alguns relatórios médicos que o Ernest escreveu, em Singapura e aqui no CIC.

– Que referências? – questionou Rui, empolgado, olhando para os dois.

– Ela vivia num mosteiro budista, onde existia um hospital – contou Kris.

– Não era um hospital como nos tempos de hoje – atalhou o Dr. Perlov. – Tratava-se de um hospital *ayurdévico*, tal como existem na Índia, onde se administravam medicamentos naturais.

– As referências não são claras, mas pelo que percebemos eram prescritos aos monges budistas e a algumas pessoas de fora. Uma delas parece ter sido Martim Albergaria. Eu lembro-me de que falaste desse nome...

Um comboio passava lá em baixo. Entreolharam-se e esperaram que o barulho diminuísse.

– Sim, Mafalda de Castro vivia num mosteiro budista desde que ficou órfã – confirmou Rui, animado. – Foi para lá que levou Martim, o afilhado do fidalgo que a salvou quando era criança.

Rui detalhou o que descobrira no fim-de-semana, desde a expedição militar a Candea ao salvamento de Martim.

– Onde é que ficava esse mosteiro? – interrompeu Kris, levantando a mão. – É aquele dos cartões que encontrei na caixa de marfim, no quarto de Ernest?

– Não, esse fica em Kandy. Este devia ser mais afastado.

– Tens de saber onde é que ficava – afirmou Kris, resolutivo. – Eu sei que passou muito tempo, mas, se o descobrirmos, talvez encontremos essa substância.

– Vou tentar – assentiu Rui. Tinha de encontrar um mapa detalhado do Sri Lanka e apontar os vários nomes de locais que ia lendo. – Ainda me falta decifrar muitos documentos.

– O Dr. Fonseka estava mais adiantado nessas investigações do que eu supus – interpôs o Dr. Perlov, sem disfarçar algum incómodo. – A documentação de Singapura que o Dr. Kris Andersson encontrou não deixa margem para dúvidas. O Dr. Fonseka já estava a trabalhar na Taprobana com a bolsa de investigação da MediVal.

Rui arrepiou-se. Sentiu um calor a invadir-lhe o corpo e interrompeu.

– Disse MediVal?

– Sim, uma farmacêutica suíça no ramo oncológico – esclareceu o Dr. Perlov. – Eu conheci bem o fundador da empresa, o pai do actual CEO.

Rui levantou-se, deu alguns passos e encarou, inquieto, os dois cientistas. Mal podia acreditar.

– Pode ser coincidência, mas a MediVal contactou-me na semana passada – revelou, detalhando a mensagem que recebera do próprio CEO. – Pediu-me uma reunião para discutir a possibilidade de novas parcerias, aproveitando a presença de uma representante da empresa em Lisboa.

– Mas tu conheces a MediVal?

– Tivemos uma parceria com eles em Moçambique há um ano e tal. Foi dos primeiros assuntos que tratei quando aqui cheguei – explicou atabalhoadamente, recordando o evento em Maputo. O CEO parecera-lhe uma pessoa afável e profissional. – Achei o pedido normal, como se fosse uma visita de cortesia, e não fiz qualquer associação ao Dr. Fonseka.

Os dois cientistas olhavam-no boquiabertos.

– Quando é essa reunião? – questionou Kris.

– Amanhã!

Raquel desligou o telefone, ajeitou os óculos e olhou de novo para o *Moleskine*. As informações do estrangeiro eram escassas: a polícia de Singapura ainda não respondera ao pedido, e Matos, o jovem agente, não conseguira contactar a antiga namorada malaia de Ernest Fonseka, nem obter resposta de uma empresa farmacêutica com quem a vítima colaborara em Singapura. Todavia, o caso ganhara novos contornos, com a descoberta de três novas pistas.

Os dados que recebera da operadora de telemóveis davam conta de que a última chamada de Ernest fora realizada na tarde de 22 de Maio, perto do CIC, para a namorada. Mais importante era a informação das torres de rede, que mostrava o seu último percurso: ele fora directo do CIC para Telheiras e, mais tarde, fizera o caminho inverso, embora desviando-se para Porto Salvo. Fora essa a última torre a que o seu telemóvel acedera, por volta das onze e quinze da noite, o que indicia que fora desligado depois disso, ou ficara sem bateria.

Já iniciara buscas à volta de Porto Salvo para recuperar o telemóvel, contudo o aparelho estava desligado ou destruído, e era como encontrar uma agulha num palheiro.

Entretanto, o laboratório já lhe enviara os resultados dos testes de ADN ao carro. Tivera a confirmação de que os vestígios de sangue no lugar ao lado do condutor eram da vítima, o que a levava a crer que fora outra pessoa a conduzir. Haviām revistado o carro e encontrado muitos cabelos louros. Ainda estavam em análise, embora suspeitasse de que seriam da namorada, o que não fazia dela uma suspeita. Sabia que estivera no carro no fim-de-semana anterior e muitas outras vezes antes desse.

O telefone voltou a tocar e reconheceu, de imediato, a voz do jovem agente.

– Inspectora Mendonça, já recolhi os dados que me pediu sobre os funcionários do CIC.

– Ótimo!

– Mande-i-lhe a informação por *e-mail*.

– Sim, acabei de receber, vou analisar com atenção – respondeu, com os olhos no ecrã. – Alguém vive perto de Porto Salvo?

– Rui Fernandes, um dos administradores, e Yoshito Takamine, um dos cientistas, vivem em Paço de Arcos. No entanto, cerca de trinta funcionários moram entre o Restelo e a Cruz Quebrada, incluindo o presidente e Yitzhak Perlov, o superior hierárquico da vítima.

– Faz algum sentido – notou Raquel. – Estão perto do local de trabalho.

– Sim, é verdade. As moradas estão no ficheiro.

Raquel agradeceu, abriu o ficheiro e começou a ler a informação. Depois, voltou a pegar no *Moleskine* e focou-se no último ponto que escrevinhara. Fizera uma outra descoberta, que podia ser decisiva. Havia passado em revista todas as informações disponíveis sobre a vítima: analisara a conta bancária e o extracto da Via Verde, e pedira para se investigarem as imagens das câmaras de videovigilância das portagens da Auto-Estrada de Cascais e da CREL, bem como do Túnel do Marquês e das bombas de gasolina no trajecto. Dera prioridade à análise das portagens de Porto Salvo, e fora com um misto de surpresa e regozijo que vira a matrícula aparecer no Túnel do Marquês, na saída para a Rua Joaquim António de Aguiar, na noite de 24 de Maio, altura em que a autópsia indicara que a vítima morrera. A imagem mostrava que ia apenas o condutor no carro, porém, tinha má qualidade e estava a ser tratada pelos especialistas. Tinham-na avisado de que poderia demorar uns dias, mas mais tarde ou mais cedo deveria ter a cara do suspeito. O seu instinto dizia-lhe que, com grande probabilidade, encontrara o assassino de Ernest Fonseca.

– Inspectora, desculpe – Era Matos, de novo ao telefone. – O nome Aarni Leppa diz-lhe alguma coisa? Dr. Aarni Leppa?

– A senhora da MediVal acaba de chegar. Está no *lobby*. Posso mandar subir?

Rui confirmou e levantou-se, apertando o nó da gravata. Não estava nervoso e sabia a postura a adoptar, porém, a reunião iria ser complicada. A altura não podia ser pior e lembrou-se do que Elizabeth lhe dissera sobre os problemas de Ernest em Singapura. Fez um compasso de espera e saiu do gabinete em direcção à sala de reuniões. Quando entrou, ficou admirado. Estava à espera de alguém mais sisudo. A mulher à sua frente era elegante, bem vestida e sorria-lhe, com simpatia.

– Helen Stone.

– Muito prazer, bem-vinda ao CIC – respondeu, cumprimentando-a com um aperto de mão. Olhou-a: tinha um corpo atlético, cabelos curtos, e os olhos cintilavam. – Chegou a Lisboa há muito tempo?

– Aterrei ontem. É a primeira vez que estou em Lisboa. É uma cidade muito bonita – pronunciou num tom agradável, entregando-lhe um cartão-de-visita. Falava inglês com pronúncia americana. – Obrigada pela sua disponibilidade.

Rui olhou para o cartão e sentou-se. «Helen Stone, CFA – *Board Advisor*, MediVal. Morada: Valletta, Malta.» Conversaram breves instantes sobre Lisboa e Malta e depois ela resumiu-lhe o seu percurso profissional. Ingressara na MediVal havia cinco anos, primeiro no departamento financeiro e, mais recentemente, na área de parcerias e acordos de distribuição. Era por isso que estava a visitar vários países.

– Estamos neste momento a reequacionar as nossas parcerias em todo o mundo e gostaríamos de alargar a relação que temos em algumas áreas.

– Recordo que tivemos uma pequena colaboração no passado, em África. Correu bem, mas desde aí nunca mais trabalhámos em conjunto.

– Sim, tenho presente que a nossa comunicação foi limitada nos últimos tempos – concordou ela, assentindo, com à-vontade. – Gostaríamos de estudar a possibilidade de a aprofundar.

– Em África?

– Não necessariamente. Aliás, até teríamos interesse em que fosse uma parceria mais global, à semelhança da que temos com outras instituições – explicou, mantendo um sorriso aberto e bebendo um gole de água.

– Estamos sempre disponíveis a aprofundar as nossas parcerias. Existem áreas mais prementes do que outras, é uma questão de analisarmos – esclareceu Rui, disfarçando a ansiedade; ela tinha uma presença forte e parecia mais nova do que ele. – Estava a pensar em alguma área específica?

– O perfil das nossas instituições é muito compatível. Ambas trabalham sobretudo em oncologia e, pelo que sei, o CIC tem estado a desenvolver um trabalho notável nas áreas da Doença de *Parkinson* e de *Alzheimer*. São campos em que a MediVal ainda não está muito presente e tem interesse em investir.

Rui ouviu-a com atenção e acabou por se libertar da tensão. Ela tinha um discurso fluido e era bastante eloquente. Por momentos, recordou-se dos tempos em que trabalhava em consultoria empresarial, e ele próprio fazia apresentações estratégicas, com grandes planos de negócios e reestruturação. Tinha sempre uma exposição apelativa e bem estruturada, deixando, muitas vezes, as partes mais frágeis camufladas nos detalhes.

– Da nossa parte, estamos abertos a estudar uma parceria nessas áreas – acabou por dizer, esforçando-se por mostrar um ar simpático.

– Ótimo!

– Sugeria que me enviasse um plano concreto sobre cada uma, para depois as discutirmos em detalhe.

– Parece-me uma excelente ideia – respondeu Helen, bebendo mais um gole de água. Fez uma pequena pausa e depois continuou. – Para além disso, queria abordar um outro assunto consigo, um pouco mais delicado.

Rui tentou mostrar-se indiferente. Olhou-a nos olhos, mas não lhe detectou qualquer nervosismo.

– Tivemos conhecimento do infortúnio que aconteceu a um dos vossos cientistas – revelou. – Fomos contactados pela Polícia Portuguesa, porque colaborámos com ele durante alguns anos em Singapura.

– Sim, o Dr. Fonseka – admitiu Rui, disfarçando o espanto. Estava surpreendido com a rapidez da polícia em investigar todos os antecedentes de Ernest. – Desconhecia que havia trabalhado na MediVal.

– Não trabalhava – corrigiu ela, prontamente. – Atribuímos-lhe, na altura, uma bolsa de investigação num campo inovador.

– Campo inovador?

– Sim, não era uma área tradicional da MediVal, mas realizámos um forte investimento durante dois anos. O medicamento chama-se Taprobana, por certo estará a par.

Rui tentou manter-se imperturbável, mas foi difícil. Ficou desconfortável e remeteu-se ao silêncio. Não estava à espera de que a farmacêutica tivesse tanta informação.

– Dois dos nossos cientistas chegaram a trabalhar com o Dr. Fonseka – continuou Helen. Falava de um modo confiante e ao mesmo tempo agradável. – Talvez possam dar um contributo valioso às investigações, especialmente agora, que aconteceu esta desgraça.

– Como imagina, não estou a par de todos os trabalhos que estão a decorrer neste momento – desculpou-se Rui. Fora colhido de surpresa, mas recompôs-se rapidamente. – Não é a minha área.

– Claro, eu entendo. Só queria que transmitisse que, se o CIC estiver de acordo, nós estamos disponíveis para continuar a colaborar. Podemos financiar a restante pesquisa e estabelecer um acordo de princípio para a patente.

– O CIC raramente colabora com farmacêuticas, mas faz sempre uma análise caso a caso, dependendo da fase em que se encontram.

– Neste caso, trata-se de uma investigação muito importante – insistiu, com um olhar enigmático, como se lhe estivesse a ler o pensamento. – Como sabe, a MediVal é uma empresa sólida, com uma grande capacidade de distribuição e bastante flexível. Tanto podemos pagar a patente à cabeça, ou em *royalties*, se preferirem. Apenas exigimos exclusividade.

Rui esboçou um sorriso. Pela primeira vez, ela pareceu-lhe tensa. Não estava a ter as respostas que queria e via-se que não sabia o que fazer por ele estar a ser evasivo.

– Talvez a melhor maneira de prosseguir seja enviar-me uma proposta concreta por *e-mail*, para que depois eu a possa discutir com os meus colegas.

– Claro que sim. De qualquer maneira, eu estarei em Lisboa até sexta-feira – adiantou Helen, sorridente, sem desarmar. – Estou totalmente disponível para discutir esta e outras parcerias, em pormenor, consigo e com os seus colegas. Fique à vontade para me contactar se achar que é oportuno.

Rui assentiu e, pouco depois, levantou-se.

– Assim farei. Obrigado pela visita – agradeceu Rui, num tom mais simpático. Abriu a porta da sala, encaminhou Helen para o corredor e tentou dissipar a tensão. – Está hospedada em que zona?

– O meu hotel não fica longe daqui – respondeu, caminhando ao seu

lado. – Em Belém, ao lado de uma marina.

– É uma zona bonita, cheia de monumentos e com uma bela vista.

– Sim, aproveitei para correr esta manhã ao longo do rio – contou Helen, descontraindo. – Fiquei fascinada com a ponte, a pensar que estava de regresso a São Francisco, onde nasci.

Rui chamou o elevador e confessou-lhe conhecer São Francisco e também a parte mais a norte, incluindo Sausalito, San Rafael e Napa Valley. Ia contar que, muitos anos antes, chegara a viajar de carro com a mulher até Seattle, mas acabou por não o fazer.

– E pode recomendar-me algum local agradável para jantar? – perguntou Helen. De perto, Rui notou-lhe os brincos prateados em forma de estrela, que condiziam com o colar reluzente ao pescoço. – Eu gosto de experimentar a gastronomia de todos os locais que visito.

A porta do elevador abriu-se e Rui hesitou. Sorriu, deixou o elevador seguir e deu-lhe algumas sugestões de restaurantes à beira-rio. Alertou-a que era noite de Santo António, o padroeiro de Lisboa, e iria haver festa em vários bairros da cidade.

– Talvez ache demasiada confusão, mas se for ao Castelo, a Alfama ou à Graça, vai ver que é divertido.

Rui estava de volta ao gabinete do presidente; a vista de mar era soberba e o Farol do Bugio parecia brilhar com o sol. No entanto, estava perturbado, depois de relatar a conversa com a representante da MediVal.

– Concordo consigo – anuiu o presidente, pousando a chávena na mesa de vidro. – Deixe-a enviar a proposta por *e-mail*, mas é melhor evitarmos qualquer parceria com a MediVal nesta fase. Sabemos como as prioridades das farmacêuticas são diferentes de uma instituição como a nossa.

O presidente parecia ter recuperado a serenidade, depois de o Dr. Perlov o ter informado de que encontrara a documentação relativa aos testes clínicos de Ernest e, por isso, estavam mais perto de perceber a natureza da Taprobana. Rui aproveitou para lhe descrever o que lera nos documentos de Ernest sobre o Ceilão e contou-lhe que tentara encontrar-se com a namorada dele.

– Foi a um evento de *surf* no Algarve e regressa amanhã – adiantou. Trocara dezenas de mensagens com ela nos últimos dias e ansiava pelo seu regresso. Convidara-a para jantar e ela aceitara. – Entretanto, descobri duas coisas sobre o Dr. Fonseka que podem ser importantes.

Rui explicou que encontrara uma directoria na *pen* onde Ernest guardara alguma correspondência com um médico que trabalhava no Sri Lanka, que parecia ser seu amigo de longa data. Parte do texto estava em cingalês, no entanto havia muita coisa em inglês e o amigo parecia acompanhar o seu trabalho. Ernest estivera com ele aquando da sua última visita ao Sri Lanka.

– Também trabalha para a MediVal ou para outra farmacêutica?
– Penso que não. É médico num hospital – respondeu Rui, cauteloso. – Chama-se Robert Swaris.

– Swaris é parecido com Soares – notou o presidente, admirado. – Bem, Fonseka também é parecido com Fonseca.

– Enviei-lhe uma mensagem a informá-lo do sucedido e ele já me respondeu – continuou Rui. – Quero deixar passar uns dias para que se possa refazer da notícia, antes de voltar a contactá-lo.

– Talvez ele saiba de alguma coisa que nós não sabemos – assentiu o presidente. – Mas disse que tinha descoberto duas coisas. Qual é a outra?

Rui falou-lhe do que encontrara dentro de uma caixa, em casa de Ernest. Descobrira que os cartões se referiam a um grande mosteiro budista em Kandy, uma cidade no Sri Lanka, e a um monge que lá vivia. Encontrara esses mesmos nomes em outras notas de Ernest, incluindo na documentação histórica e em fotocópias de livros antigos, entre os quais *Os Lusíadas* e outros portugueses. Suspeitava de que o monge saberia qual o mosteiro onde Mafalda de Castro tinha vivido.

– Chama-se Sri Rahula Thera – leu a fotografia que tirara ao cartão com o *iPhone*. Não conseguia decorar aquele nome, mas encontrara várias fotografias do monge na Internet, em eventos religiosos.

– Parecem demasiadas peças soltas. Podem nem ter relação com o fármaco – comentou o presidente, pouco entusiasmado. – O que pretende fazer com isso?

– Ir ao Sri Lanka para falar com ambos – ripostou Rui, com firmeza. – E tentar ligar estas pontas soltas.

O presidente arregalou os olhos, surpreendido, e deixou escapar um sorriso.

Rui abriu a porta do carro e sentiu a força do vento. Estava de regresso à Coxos Surf House, em Ribamar. Elizabeth regressara do Algarve e tinham combinado jantar juntos naquela noite. Rui reservara uma mesa num restaurante da Ericeira e tentava refrear o entusiasmo. Entrou na estalagem, mas, mal viu a recepcionista, percebeu que algo estava errado.

– Más notícias – revelou-lhe emocionada e com o olhar lacrimejante. – A mãe da Elizabeth faleceu ontem à noite.

– Que aconteceu?

– Ligaram hoje de manhã. Parece que a mãe se sentiu mal à tarde e morreu durante o sono – contou com uma voz tremida e a mão no peito. – Pelo que soube, a senhora tinha alguma idade, mas era saudável e nada fazia prever uma coisa destas.

– Assim de um dia para o outro – desabafou Rui. Elizabeth devia estar devastada. Não bastara o que sucedera a Ernest, para acontecer uma nova tragédia. – A senhora estava na África do Sul ou na Austrália?

– Vivia na África do Sul. Acho que a Elizabeth vai para lá agora.

Rui ergueu o sobrolho e perscrutou à volta. Queria reconfortá-la.

– Onde é que ela está? – perguntou, apercebendo-se de que poderia ser a última vez que a via. Decerto, não regressaria a Portugal.

– Não sei, saiu – respondeu a recepcionista, encolhendo os ombros. – Não me admirava que estivesse no mar.

Rui deixou a estalagem em direcção da baía, mas resolveu parar primeiro no miradouro do final da estrada. Avistou a Praia dos Coxos, lá em baixo, e não ficou surpreendido quando viu Elizabeth sentada no sopé de uma ravina, do outro lado. O mar estava revoltado, com bandeira vermelha, e ela fitava a rebentação.

Desceu a rampa até à praia. Um grupo de jovens jogava às cartas no areal vazio. Quando iniciou a subida, Elizabeth desviou o olhar e reconheceu-o. Tinha a cara tapada com os cabelos, mas pareceu-lhe contente de o ver. Rui sentou-se ao seu lado e tentou medir as palavras.

– Acabei de saber. Os meus sentimentos – proferiu, com uma voz pesarosa, olhando para os braços dela, com a pele avermelhada do sol.

Elizabeth soluçava baixinho, mas assentiu com a cabeça e fitou-o, por instantes. Estivera a chorar, tinha os olhos vermelhos, mas as lágrimas pareciam ter secado. Rui deu-lhe a mão, tentando confortá-la, embora soubesse que seria difícil, ou mesmo impossível. Passou-lhe uma mão pelas costas, sem saber bem o que dizer, mas ela encostou a cabeça no seu ombro e chorou.

Depois, ficaram a observar o mar, em silêncio; as ondas rebentavam mais perto. Elizabeth pareceu-lhe mais calma, abriu os olhos e virou-se para ele. Rui sentiu-a próxima. Elizabeth não estava pintada, mas os olhos pareciam-lhe mais brilhantes e maiores do que se lembrava. Puxou-a para si e ela deixou-se ir e foi ao encontro dos seus lábios. Rui beijou-a ao de leve, acariciando-lhe os cabelos compridos, e depois fitou-a nos olhos. Elizabeth continuava deslumbrante, apesar do que acontecera. Rui sentiu um arrepio e não se conteve: beijou-a de novo, sentindo-lhe o sal nos lábios. Parecia enfeitiçado.

COROMANDEL

CEILÃO

1597-1603

JAFANAPATÃO

MANNAR

TREQUIMALÉ

•RITIGALA

BATTICALOA

CANDEA

•BALANE

NEGUMBO

*MALVANA

COLUMBO

0 20 40 km

YALA

AMBALANTOTA

GALE

MATARA





Saibam quantos este público instrumento de doação virem como no ano de 1580, aos doze dias de Agosto, na cidade de Columbo, aposento do rei de Ceilão, estando aí o dito senhor rei presente, disse a mim António Ribeiro, tabelião público, em presença das testemunhas nomeadas, que por se ver em idade e sem filhos e herdeiros que lhe de direito sucedam por seu falecimento, e vendo-se muito obrigado aos Reis de Portugal pelos muitos bens e mercês que deles sempre recebeu de fazer doação de todos os seus reinos ao senhor D. Henrique, rei de Portugal e a seus sucessores.
DOAÇÃO DO REI DE CEILÃO, D. JOÃO DHARMAPALA, AOS REIS DE PORTUGAL

As bocas de canhão expeliram fogo e o eco percorreu a baía. Pela cidadela, ouviram-se vivas, e soldados, casados e chingalás celebraram as primeiras salvas da nova artilharia, recém-chegada de Goa. Martim acenou para os moradores lá em baixo, amontoados no cais, e sorriu. O cheiro a pólvora era intenso. Os artilheiros voltaram à carga e acertaram nos alvos dispersos na praia. Ouviram-se novos vivas e os artilheiros entreolharam-se, orgulhosos. O primeiro teste correria bem. Martim respirou fundo, aliviado, e deu ordem para os homens fazerem uma pausa antes de prosseguirem. Fitou o mar e deambulou pelas muralhas, acompanhando o voo rasante das gaivotas.

Chegara a Gale cinco meses antes. A baía era larga, com quase uma légua de diâmetro, duas vezes maior do que a de Columbo. Era de águas profundas e circundada por um fio dourado de areia, que sobressaía por entre o azul cristalino do mar e a floresta por detrás. Ali, do alto das muralhas, sentia-se invadido por um poder divino. Depois de tudo o que vivera, era um homem diferente, mas em momento algum pensara em regressar ao Reino, nem mesmo quando estivera às portas da morte. Agradeceu a Deus estar vivo e de regresso ao Ceilão.

Estivera meses escondido num mosteiro gentio nas montanhas de Candea e depois quase um ano recolhido em Goa, em convalescença. Primeiro no Hospital d'El-Rei, dos jesuítas, e mais tarde numa casa de repouso da Ordem Franciscana, na Rua dos Chapeleiros. Vira a morte de perto, mas, com o passar do tempo, o espírito e as dores haviam-se acalmado e ganhara forças. Fora apenas uns meses antes de embarcar para Columbo, no começo do ano, depois da pequena monção, que se sentira recuperado.

Passou a mão pela orelha cortada e pela cicatriz que tinha até ao queixo, na face esquerda. O *calachurro* rasgara-lhe a cara. Não se conseguira desviar o suficiente, mas ainda fora a tempo de tirar a vida ao adversário. Lembrava-se de que a vista se lhe toldara e as pernas se esvaíam em sangue quando se refugiara à beira do pântano. Era a última recordação que tinha da batalha.

– Está tudo pronto, Capitão-Mor – informou o artilheiro, assim que o viu regressar. – Às vossas ordens.

A segunda salva de tiro foi, de novo, certa, ante o contentamento de todos. Seguiram-se vários disparos contra a praia, e o resultado não poderia ter sido melhor. Os artilheiros sabiam o que faziam: tinham combatido no Malabar e integravam os reforços pedidos pelo Governador.

– Bom trabalho. Agora ide descansar – ordenou Martim, satisfeito, para os cinco homens que transpiravam. Lá em baixo, a multidão dava vivas, mas começava a dispersar-se. – Recomeçamos amanhã de manhã.

Haviam-se passado quase três anos desde aquele desastre nas montanhas. Martim ainda se sentia perdido com recordações que se acumulavam, difusas e dispersas, mas havia algo que tinha bem presente: Mafalda! Lembrava-se do seu semblante doce e dos olhos amendoados quando acordara, ferido, num casebre escuro. Estava sentada ao seu lado, a cantarolar baixinho.

Mafalda contara-lhe que o resgatara de um pântano, com a vida por um fio, e que ela e Abel o haviam carregado em braços pela floresta durante dias. Apercebera-se de que estava num mosteiro gentio quase um mês mais tarde. Passara dias inconsciente, com febres altas, mas recuperara bem, o olho salvara-se e os ferimentos nas pernas haviam cicatrizado. Parte da cara ficara em ferida e fora assolado, muitas vezes, por dores intensas, mas Mafalda não descansara. Estivera sempre ao seu lado, dava-lhe um caldo de ervas que o acalmava e tratava-lhe das feridas com afinco. Fora ela quem lhe explicara o que acontecera em Matara, muitos anos antes, e que ela e Abel cumpriam uma promessa feita a D. Vasco pouco antes da sua morte.

Aos poucos, Martim levantara-se da cama e aventurara-se pelo jardim circundante. Sentira as pernas fracas, mas todos os dias conseguira progredir um pouco mais e descobrira flores, árvores de fruto e um lago, atrás do qual emergia uma árvore com quase três braços de altura.

Mafalda pedira-lhe para nunca passar desse lago, e Martim soubera apenas que estava no cume de uma montanha, onde havia um mosteiro gentio que se estendia pela floresta que se vislumbrava ao fundo e era habitado por mais de oitenta sacerdotes, chamados *bhikkhus*. Não tinham cabelo e estavam vestidos com hábitos simples, acastanhados, sempre com o ombro direito descoberto. Nunca se haviam aproximado do jardim ou olhado para ele.

Mafalda e Abel eram as únicas pessoas com quem Martim conversara. Viviam perto do casebre, separados dos sacerdotes, e comera com ambos muitas vezes. Haviam-lhe dito que não podiam caçar, mas comiam galinha ou peru de vez em quando. Alimentavam-se sobretudo de arroz, vegetais bem condimentados e fruta.

Com o passar das semanas, conhecera melhor a mulher que o salvara. Os passeios juntos no jardim haviam-se tornado um hábito. Mafalda evitava falar de si própria, mas confessara-lhe que era filha de mãe portuguesa e pai arracanês, e que os sacerdotes lhe chamavam Nayana, que significava olhos brilhantes, na sua língua sagrada. Vivia ali com Abel, o irmão adoptivo, desde que ficara órfã, e Martim percebeu que ela se movia pela ilha com facilidade, mesmo nas terras baixas, controladas pelos portugueses.

Mafalda quisera saber tudo da sua vida; do Reino, das viagens por mar e de Goa. Por mais de uma vez, Martim desconfiou de que ela seria uma espia ao serviço do Traidor, mas acabou por se esquecer disso e contar o que lhe pedia. A sua voz, os olhos amendoados e o rosto bonito haviam-lhe dominado os sentidos e dera por si a suspirar por ela.

Aos poucos, conseguira também vencer a distância do gigante africano. Confirmara o que suspeitara: Abel era filho de escravos e os *bhikkhus* chamavam-lhe Kala, por causa do tom de pele. Vivera em Columbo antes de ser salvo por D. Vasco, e era o responsável pelo estado de conservação do mosteiro. Martim nunca estivera num templo gentio e as histórias que ouvira tinham-no maravilhado. Tentara, muitas vezes, acompanhar ao longe as orações dos sacerdotes à roda da grande árvore do pátio. Ficavam longos momentos imóveis, sentados numa posição estranha, e Mafalda dizia que eram homens santos.

Semanas depois, Mafalda deixara de lhe dar o caldo e avisara-o de que iria ter um encontro. Martim penetrara na floresta, até ao edifício principal do mosteiro, onde uma grande estátua do deus gentio se encontrava à entrada. Construído em granito, o edifício tinha dois pisos, janelas estreitas e telhados inclinados. Mafalda revelara-lhe que albergava dormitórios, o refeitório e a biblioteca onde os sacerdotes liam as escrituras. Dentro do templo, Martim percorrera longos corredores e escadarias atrás de Mafalda, até chegar a uma varanda no piso superior, dominada por uma estátua de madeira de Buda, encostada à parede.

Mafalda apresentara-lhe o sacerdote sentado junto da estátua. Mahastana era o monge superior do mosteiro e Martim espantara-se quando soubera que também ele fora salvo por D. Vasco em Matara. Já o vira de longe algumas vezes, no pátio, mas de perto parecia mais jovem, com a tez acastanhada do sol e os olhos muito vivos.

A conversa fora demorada. Mahastana falava português e conhecia bem o Ceilão. Falara com serenidade. Recordara-lhe que D. Vasco lhe salvara a

vida, mas relatara-lhe a destruição dos templos perpetrada pelos portugueses, que continuavam a não entender o budismo. Martim ouvira-o dizer que tinha de se parar com a guerra entre os reinos da ilha, como se estivesse nas suas mãos construir uma ponte entre os adversários. Mahastana sabia-o recuperado e decidira que era hora de partir.

No dia seguinte, Martim despediu-se de Mafalda. Colocaram-lhe uma venda nos olhos e desceu a montanha com Abel. O *kaffir* guiou-o pela floresta. Comiam ao nascer do Sol e ao final da manhã e dormiam em grutas que o africano conhecia. Nunca se cruzaram com ninguém, nem avistaram animais selvagens. Por vezes, ao caminhar ao longo de um rio, Martim conseguia ver quedas de água ou uma montanha mais alta, mas fora-lhe impossível decorar o caminho. Abel fizera de propósito. Mesmo nas terras baixas, atravessaram pomares e campos de arroz sem vivalma, como se estivessem sozinhos na ilha. Quatro dias depois, chegaram às cercanias de Columbo. Quando avistou velas portuguesas na costa, Martim compreendeu que regressara ao seu mundo.

O que se seguiu foi doloroso. Apresentou-se ao novo Governador do Ceilão, D. Jerónimo de Azevedo, e relatou-lhe o que vivera em Candea, desde a conquista de Balane até à batalha final, adiantando-lhe que havia estado escondido na selva nos últimos meses. O Governador contou-lhe que ele fora um dos três sobreviventes portugueses a conseguir chegar a Columbo, e que nem os franciscanos haviam escapado. Fora a maior derrota portuguesa no Ceilão.

D. Jerónimo deu-lhe folga, para refazer a sua vida. Martim regressou à fortaleza e aos passeios nocturnos para olvidar o que vivera nas montanhas. Dias depois, o tabelião da cidade informou-o de que D. Vasco lhe deixara a casa em testamento, mas nessa mesma tarde tudo se alterou. A sua saúde agravou-se de súbito: as dores na cara atingiram-no com fervor, as feridas nas pernas voltaram a inflamar e as febres altas regressaram, sem dar tréguas. Semanas depois, levaram-no para Goa para ser tratado e foi a custo que chegou ao destino vivo, quinze dias mais tarde.

– Capitão-Mor, com a vossa licença – ouviu Martim.

Dois soldados tinham subido às muralhas, chamando-o de novo para o presente. Martim sabia do que se tratava. Iria ficar escuro em pouco tempo.

– Dizei, sargento. Todos os alvos foram destruídos?

– Nenhum escapou. Os nossos artilheiros estão de parabéns – respondeu, ajeitando a espada na cinta. – Já substituímos os alvos para amanhã e colocámos alguns ainda mais longe, conforme as vossas instruções.

– Excelente. Podeis fechar os portões da tranqueira ou tendes algo a reportar?

– Está tudo calmo, sem incidentes em terra e no mar.

Martim condescendeu e os dois soldados afastaram-se. Voltou a olhar para a imensidão da baía, o céu avermelhado e a bandeira com as quinas no topo das muralhas. Aos vinte e três anos, era o primeiro Capitão-Mor de Gale, nomeado pelo próprio Vice-Rei, com uma missão audaciosa pela frente.

O Forte de Santa Cruz de Gale começava a ganhar forma. Localizado no topo do promontório e separado de terra firme por um pequeno istmo, iria consolidar a presença portuguesa no Sul da ilha, controlar o embarque de canela e reforçar o comércio com o Golfo de Bengala. A paliçada, feita à base de troncos de coqueiros, misturados com corais e lama, já se estendia e deixava adivinhar a forma dos três baluartes de pedra. Martim queria erigir uma muralha de alvenaria, como em Columbo, para aumentar as defesas do casario que crescia à volta da fortaleza e da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, mas isso teria de ficar para mais tarde. Restavam apenas cinco pedreiros no Ceilão, pagos pela Fazenda Real, e só conseguira dispor de dois por três semanas.

Centenas de chingalás seguiam as instruções dos pedreiros, ampliando a pequena fortaleza construída havia mais de cinquenta anos. Não se podia equiparar aos castelos do Reino, mas seria uma fortificação sólida, suficiente para sustentar os ataques dos piratas arracaneses ou dos rebeldes de Candea.

Candea continuava fora do controlo português. Vivia cercada e dizia-se que apenas cem mil almas restavam nas montanhas, muitas delas passando fome. Todavia, o Traidor mantinha-se firme, apoiado por religiosos gentios e espões que vigiavam as terras baixas.

Talvez por isso, tinham ocorrido várias revoltas sangrentas nas terras baixas, mas o Governador pusera cobro a todas elas. Desde aí, vivia-se em paz, dezenas de fortalezas tinham sido reparadas, o contingente português tinha mais de mil soldados e o seu moral estava alto, até pelo pagamento atempado do soldo. Martim considerava D. Jerónimo um estratega: montava um cerco paciente aos rebeldes, ao mesmo tempo que pacificava as terras baixas.

As recentes notícias vindas de Columbo iriam marcar o futuro da ilha. O rei de Cotta falecera aos cinquenta e seis anos. Segundo a missiva que Martim recebera, a cerimónia fúnebre contara com milhares de pessoas e o corpo fora enterrado no Convento de S. Francisco. Dias depois, D. Jerónimo reunira os principais nobres de Cotta, bem como os *Dissavas*, representantes das províncias. O testamento do rei era inequívoco: Cotta passaria para a Coroa Portuguesa. A cerimónia de aclamação fora muito formal: todos os presentes juraram fidelidade a D. Filipe I, El-Rei de Portugal, e logo depois a bandeira portuguesa foi hasteada em todas as ruas da cidade.

Com a paz, o comércio prosperava, mas Martim sabia que tudo se poderia alterar a qualquer instante. D. Teodósio, o antigo comandante de lascarins que combatera ao lado de D. Vasco, fazia sempre questão de lembrar isso mesmo.

D. Teodósio regressara ao Ceilão depois de muitos anos a viver em Cochim, recebendo os direitos de terras em Matara pelos serviços prestados à Coroa. Os moradores de Gale ainda comentavam a história de quando ele chegara à cidade e pedira uma audiência ao Capitão-Mor. Viera sozinho, fardado e montado num cavalo branco, e dizia-se que descera das montanhas para apresentar um ultimato. No entanto, a cumplicidade com Martim fora imediata e D. Teodósio não hesitara em tornar-se seu braço direito, apesar da idade avançada. Formara um regimento de lascarins, ensinara-os a manejar as armas e estabelecera uma boa ligação com os soldados portugueses.

Martim sorriu, reconfortado com a imagem do nobre lascarim. Pediu uma malga de vinho e um prato de coco, e ficou a ver o Sol a mergulhar no mar, na esperança de avistar velas portuguesas. Esperava uma frota vinda de Chatigão, carregada de noz-moscada e tecidos, que iria levar fardos de canela para Goa. Por instantes, fechou os olhos e voltou a ver Mafalda a sorrir-lhe, enquanto o Sol desaparecia por detrás da floresta que rodeava o mosteiro gentio.

– D. Martim, com a vossa licença – avançou Francisco Silva, um lascarim de Calutara, batendo à porta. Francisco viera destacado de Columbo, recomendado pelo antigo Capitão-Mor do Ceilão.

– Entrai.

Martim estava há horas na «Sala do Despacho», ao fundo do corredor, no piso superior da fortaleza. Tinha a mesa repleta de manuscritos e debruçava-se sobre os últimos registos dos embarques de canela, marfim e pedras preciosas, com destino a Goa e Malaca. Sabia que iriam agradar ao Governador e ao Vice-Rei.

– Acabam de chegar notícias de Columbo – informou o lascarim, entregando-lhe a missiva, com o olhar preso no chão de laje. – Têm o selo do Governador.

Martim fez um esgar e abriu a carta. Era uma mensagem escrita pelo próprio D. Jerónimo. Três navios do Samorim de Calecut, comandados pelo pirata *Cunhale*, deveriam aportar entre Yala e Batticaloa nos próximos dias. As informações provinham de Cochim e eram de fonte segura. Tratava-se de um carregamento de espingardas que iria reforçar as munições dos rebeldes de Candea. As ordens eram claras. Martim deveria organizar uma força militar, dirigir-se para Yala e aniquilar o inimigo, assegurando que as armas nunca chegariam às montanhas.

Pousou a carta na mesa e sentiu a cicatriz da cara a latejar. Em Goa,

ouvira falar dos assaltos de *Cunhale* a pequenas embarcações no Malabar, a mando de Calecut. Sabia que, em tempos, ele tentara tomar a Fortaleza de Mannar, mas imaginar que poderia aliar-se ao Traidor deixou-o desassossegado.

– Más notícias, capitão?

– Ainda é cedo para dizer – respondeu, com o olhar preso na missiva. – Agradeço-vos, Francisco, mas agora ide. Se precisar, chamo-vos.

Acercou-se da janela e fitou o mar. Desde que chegara a Gale concentrara-se na ampliação da fortaleza, na construção dos baluartes e no aumento da produção de canela e arroz. Tentara trazer mais colonos para a cidade e melhorar as condições de vida dos chingalás, mantendo a harmonia entre todos. Fora mais fácil do que julgara e sentia-se afortunado. D. Teodósio ajudara-o, e o moral das tropas estava elevado. Realizara várias patrulhas pelos arrabaldes, pelas matas de canela e arrozais ao longo da costa. A posição portuguesa estava bem consolidada!

No entanto, a carta do Governador alertava-o de que a paz em Gale podia ser efémera. D. Jerónimo tinha fama de impiedoso, mas concordava com ele. Depois da trágica expedição e da morte do rei de Cotta, D. Jerónimo mantinha-se firme no objectivo de isolar Candea e pacificar o Ceilão de uma vez por todas; sem pressas e riscos desnecessários, que pudessem infligir baixas e abater o moral dos soldados.

Ao mesmo tempo, a missão religiosa prosseguia. Já existiam mais de trinta igrejas em todo o Ceilão e o número de missionários franciscanos não parava de crescer. Antes de vir para Gale, Martim lembrara-se das palavras de Mahastana e abordara o tema com D. Jerónimo. Afinal, os sacerdotes não eram o inimigo, nem a conquista da ilha era uma cruzada. Sugerira abrandar o esforço religioso, enquanto a ilha não estivesse pacificada, lembrando que os gentios seguiam aquele culto havia séculos. Todavia, D. Jerónimo cortara-lhe a palavra, fazendo-lhe saber que aquela era uma missão divina e muito querida da junta de teólogos em Goa. Todos os templos gentios nas terras baixas seriam derrubados e aqueles que se opusessem seriam executados, sem direito a julgamento. Martim nunca mais comentou o assunto.

Dois dias depois de ter recebido a missiva do Governador, Martim saiu da fortaleza, à frente de uma companhia de quarenta homens a cavalo: cinco soldados portugueses, quatro casados e uma mão cheia de lascarins. Contava com o apoio de D. Teodósio e D. António de Souza, um fidalgo de Palmela que chegara a Gale semanas antes, depois de ter estado três anos nas ilhas de Sunda.

A coluna avançou pela costa. Seis lascarins cavalgavam mais adiante, desbravando caminho, à procura de sinais do inimigo. As povoações receberam-nos bem e forneceram-lhes água e fruta, porém, não relataram qualquer navio no horizonte. Ao início da tarde, chegaram aos arrabaldes

de Ambalantota e depararam-se com uma grande manada de elefantes na outra margem do rio. Eram selvagens, mas já não tinham presas e pareciam domesticados.

Os homens ficaram livres para se refrescar e dar de beber aos cavalos. Depois, juntaram-se em círculo e rezaram em conjunto antes de comer, acompanhando a oração de D. Teodósio. Quando se silenciaram, foram tomados por uma paz interior que os uniu ainda mais.

Assim que comeram, separaram-se em três grupos. D. Teodósio foi o último a chegar, já depois do pôr-do-sol. Vinha no seu cavalo branco, com o semblante apreensivo. Os outros já lá se encontravam há um bom bocado, e não tinham descortinado qualquer sinal de perigo.

– Estivemos a subir a costa, mais para norte – relatou D. Teodósio, depois de descer da montada. O nobre lascarim suava e tinha o gibão aberto. – Avistámos três navios.

Martim reuniu os oficiais e D. Teodósio narrou o que vira: os navios tinham dois mastros e haviam ancorado numa pequena baía, a duas léguas dali. Descreveu-os com minúcia e fez um desenho das velas triangulares com os dedos na terra. Foram unânimes: não podiam ser portugueses.

– Estivemos a vigiá-los – continuou D. Teodósio, limpando os restos de suor com o lenço. – As velas estão recolhidas, mas ninguém foi a terra. Ou estão à espera dos rebeldes, ou amanhã de manhã seguem viagem para norte.

– Devem ser os navios de Calecut – defendeu D. António de Souza, exaltado e com os punhos cerrados. – Caso contrário, teriam acostado em Gale ou Matara.

– Sim, mas temos de ter a certeza – advertiu Martim, passando a mão pela cicatriz. – Também podem ter tido um contratempo ou ser aliados de Goa, autorizados a vir ao Ceilão.

Debateram se deveriam avançar desde logo, mas Martim não se precipitou. Os cavalos estavam cansados e precisaria dos homens frescos para o combate. Correu o risco de os navios continuarem viagem e decidiu que dormiriam na margem do rio.

Retomaram a marcha no dia seguinte, antes de o Sol raiar, e vislumbraram os navios a meio da manhã no local que D. Teodósio descrevera. A baía era de águas profundas, limitada por encostas íngremes e um areal quase escondido pela selva. Protegidos pelo arvoredo cerrado, confirmaram: as velas não eram portuguesas.

Martim deixou a companhia na retaguarda e caminhou, com cinco homens, pela floresta, até ao topo de uma das encostas. Dali conseguiram observar o convés dos navios, ainda assim estavam longe para ouvirem a tripulação. Todavia, D. Teodósio asseverou: não falavam português nem chingalá. Instantes mais tarde, viram quatro batéis a saírem dos navios. Estavam carregados de homens que remavam em direcção à praia. Foi

então que distinguiram um grupo grande de chingalás saindo da selva.

– São eles – declarou D. António, levando a mão à espada. Suava e tinha dificuldades em afastar as sanguessugas que lhe subiam pelas pernas.

– Parece que sim – concordou o nobre lascarim. Começou a contar os homens na praia, em voz alta, e só parou em vinte e dois. Alinhavam-se perto da rebentação, à espera dos batéis. – São os homens do Traidor.

– Transportam espingardas – afirmou Martim. D. Jerónimo tinha razão. Aqueles navios haviam navegado cento e cinquenta léguas para chegar até ali. Julgavam-se protegidos naquela baía perdida, além da fronteira.

– O Traidor está a preparar-se para a guerra.

Quem conhecia o Ceilão esperava uma guerra nas montanhas; apenas não sabia quando. Talvez quando todas as fortalezas portuguesas estivessem construídas, ou o Traidor estivesse a morrer de fome. Martim observou a praia e teve a certeza de que eram eles. Recebiam os caixotes de armas e levavam-nos, sem demoras, para a selva. Mais ao fundo, distinguiu dois batéis esguios na areia, por detrás dos ramos. Pareciam esquecidos e, por alguma razão, não estavam a ser usados no transbordo dos navios de Calecut.

– São muitos homens – alertou D. Teodósio, preocupado, lendo-lhe o pensamento. – E levam muita carga.

– Temos de saber exactamente quantos são.

– Eu vou ver de perto – atalhou D. António, com os olhos vivos. – Estou habituado a andar pela selva. Deus sabe que não fiz outra coisa nas ilhas de Sunda.

Martim deixou-o ir. Tinham de saber com o que contavam. Arrependeu-se de não ter deixado a companhia e os cavalos mais afastados, mas D. Teodósio tomou logo iniciativa de o fazer e regressou para junto dos homens. Havia que ter a certeza de que estariam prontos a atacar, assim que ele desse o sinal.

D. António voou como um pássaro. Quando voltou, o Sol ainda estava alto, mas os últimos batéis haviam zarpado da praia e os homens de Candea afastavam-se para o interior. O transbordo da carga parecia ter terminado.

– Cinquenta homens, armados com *calachurro* – deu conta, ofegante da corrida. O cabelo estava empapado e a cara brilhava com o suor. – Ninguém anda de espingarda. Talvez não as saibam usar ou tenham de as entregar ao Traidor.

– Já estão a caminho das montanhas?

– Não, estão acampados perto da praia. Contam com uma manada de búfalos para levar a carga até às montanhas.

A tarde avançava, e parecia que os chingalás só subiriam as montanhas na manhã seguinte. Martim cerrou os punhos e deu ordem de ataque. A

ofensiva portuguesa começou devagar, num silêncio absoluto, com um grupo de batedores à procura de sentinelas que pudessem estar escondidos entre as árvores, a proteger o acampamento. Em pouco tempo, viram que não havia razão para alarme: os chingalás não dispunham de vigias, julgando-se protegidos por estarem para além de Yala, onde quase nunca existiam patrulhas portuguesas.

Assim que a companhia começou a descer a colina, pararam a marcha. Não deveriam estar longe. Martim caminhou ao lado de D. Teodósio e D. António, até avistar o acampamento, lá em baixo, numa clareira. Protegido pela folhagem, contou quinze tendas em círculo. Muitos homens descansavam, estendidos no chão, outros estavam à volta da fogueira e comiam. Mais à frente, vislumbrou os búfalos deitados. Tentou contar os homens, mas era difícil. Muitos deviam estar dentro das tendas, mas, ao todo, pareciam ser mais de cinquenta. Afinal, os rebeldes estavam em superioridade numérica.

Quando Martim regressava para junto dos homens, começou a chover. A monção já terminara, ainda assim as pequenas gotas cedo se transformaram numa torrente. Tiveram de se abrigar debaixo das árvores.

A chuva demorou a amainar, mas, assim que parou, os soldados avançaram em surdina pelo terreno empapado, de espada em punho, enquanto os archeiros lascarins seguiam na retaguarda. De súbito, D. Teodósio mandou sustar o passo e todos se baixaram por instinto.

Martim foi ver o que passava. Ainda estavam afastados da clareira. Caminhou por entre as árvores e depois teve uma visão que lhe cortou a respiração. Abel, o grande *kaffir* do mosteiro, estava amarrado a um tronco. Cercado por cinco chingalás armados, parecia ferido. Foi então que Martim reconheceu um dos chingalás. Conhecera-o na taverna em Columbo e estivera com ele em Candea: era Emmanuel Dias, o pajem do Capitão-General, D. Pedro Lopes de Sousa. Afinal, estava vivo!

– Falai! – gritou Emmanuel, com o *calachurro* próximo da testa de Abel.
– O vosso tempo está a acabar.

Dois chingalás davam-lhes pontapés, mas Abel permaneceu imóvel, com os olhos fechados. Martim sentiu uma raiva irrefreável. Emmanuel parecia comandar aquele grupo, de sabre na mão. Trajava uma camisa branca aberta, deixando ver um colar reluzente ao peito e tinha o cabelo amarrado em cima, como um chingalá. Tinha a pele mais escura do que se lembrava e o nariz e as orelhas cortadas.

Martim controlou-se e manteve os homens atrás dele, em suspenso. Já não estavam longe do acampamento inimigo e qualquer barulho poderia denunciá-los. Num ápice, enfrentariam uma luta corpo-a-corpo.

– Se tendes amor à vida, tendes de mo dizer.

Abel mantinha-se de olhos cerrados, em silêncio. Emmanuel, irritado, ordenou que lhe voltassem a bater. Os pontapés sucederam-se e Abel

pareceu perder as forças. Martim decidiu-se, fez sinal aos arqueiros e os lascarins agiram em uníssono. Dispararam! Três chingalás caíram quase ao mesmo tempo. Emmanuel deve ter pressentido o ataque porque se baixou no último instante e escapou ao embate. Martim viu-o reergueu-se e os seus olhares encontraram-se. Reconheceram-se!

Martim desembainhou a espada e correu até ele, ignorando a investida dos arqueiros. O último chingalá foi atingido na cara e tombou no chão, mas Emmanuel voltou a ser mais rápido: fugiu pela floresta e desapareceu. Martim tentou persegui-lo, mas logo lhe perdeu o rasto. De repente, susteve a corrida. Afastara-se muito, estava sozinho e poderia cair numa armadilha.

Regressou para perto dos homens. Muitos rodeavam Abel com espanto. A maior parte deles nunca vira um *kaffir*, mas Martim percebeu que ele reconhecia D. Teodósio de Matara, quinze anos antes. O nobre lascarim estava pasmado, parecendo não acreditar no que via.

– Sim, era eu. Lembrais-vos de mim? – ouviu D. Teodósio questionar, ajudando Abel a libertar-se das amarras. – Estais um homem.

Os soldados ajudaram D. Teodósio e, em esforço, levantaram Abel. Martim já se esquecera de como ele era alto e obrigava todos a olharem para cima. Tinha as roupas rasgadas e estava ferido nos braços e na cara, contudo o olhar permanecia resoluto. Abel acenou-lhe, mas não desfitava o lascarim.

Martim viu-o a abraçar D. Teodósio e ficou surpreendido: era a primeira vez que o via emocionado. Todavia, estavam à mercê do inimigo e não havia tempo a perder. Emmanuel escondera-se na floresta, mas poderia já ter dado o alerta. Martim aprontou os homens e dirigiu-se a Abel:

– Tendes de fugir. Podemos ser atacados a qualquer instante – avisou. Sentia as roupas empapadas do suor e o corpo a arder em febre. – Não podemos perder tempo.

– Sim, bem sei.

– Antes de ires, dizei-me. Conheceis aquele homem?

– Sim, Emmanuel Dias. Um oficial próximo do rei de Candea – respondeu, com um olhar zangado. – Um diabo à solta.

– Eu conheço-o de Columbo e estive com ele em Candea. Emmanuel Dias é português. Dizeis-me que ele é um renegado ao serviço do Traidor?

– Sim, foi feito prisioneiro na batalha, como tantos outros – confirmou Abel, ajeitando as vestes para se pôr a caminho. – Como não era capitão nem padre, passou despercebido, e agora está próximo do rei de Candea.

– Que vos quer ele?

– O sangue que lhe corre nas veias não é de boa rês – respondeu, evasivo.

Martim não insistiu. Os inimigos poderiam já estar a subir a colina e ele

pressentia o perigo à sua volta. Abel acenou-lhe, com um ligeiro sorriso, e depois despediu-se de D. Teodósio.

– E Mafalda está bem? – perguntou Martim, não resistindo. Tinha muitas perguntas em mente, mas aquela era a que mais o afligia, mesmo sabendo que não a devia fazer.

– Sim, está – disse-lhe, passando a mão pela testa e limpando o suor. – Mas sente a vossa falta. Como sabeis, a vossa estadia não a deixou indiferente.

Martim anuiu, disfarçando. D. Teodósio e alguns casados olhavam para ele, em busca de respostas, mas ele tentou mostrar-se indiferente.

– Dizei-lhe que a estimo muito e que a guardo na memória com saudade – pediu entredentes, já Abel se afastava. – E tomai cuidado com Emmanuel.

Pouco depois, a companhia alcançou o topo da colina. Estranhamente, nenhum alerta chegara ao acampamento. Talvez Emmanuel se tivesse afastado para longe. Martim tinha a mente num turbilhão. A presença de Abel, na costa sul, deixara-o desconfiado, mas pensaria nisso mais tarde.

Num instante, os archeiros prepararam-se e a precisão foi mortal. Quatro vagas de ataques sucessivos derrubaram o acampamento, com centenas de flechas a perfurarem as tendas. Ouviram-se gritos e a clareira transformou-se num lamaçal. Quando correram até lá, confirmaram as suspeitas: nenhum homem ficara incólume. Revistaram as tendas e vasculharam as redondezas. Alguns soldados ainda estavam vivos, estendidos no chão, mas Martim deu ordem para lhes pôr termo ao sofrimento. Pouco depois, um silêncio desolador instalou-se na clareira, entrecortado pelo zumbir dos mosquitos à volta dos búfalos e o estalar da madeira ainda em brasa.

– O que quereis fazer com a carga? – questionou D. Teodósio, adivinhando a resposta. Observou os caixotes cheios e depois acarinhou o dorso dos animais.

Os chingalás estavam preparados para sair ao raiar do dia. Havia empilhado os caixotes de espingardas em quatro carroças. Não eram portuguesas e nem em Goa se vira armas como aquelas. Talvez o Samorim de Calecut as tivesse comprado aos mogóis. Logo depois, descobriram alguns barris, presos com cordas atrás dos caixotes empilhados. D. António aproximou-se e saltou para cima de uma das carroças.

– Pólvora! Devem ter descarregado os barris antes de chegarmos – afiançou o fidalgo de Palmela, vislumbrando a carga nas outras carroças. – São dezenas.

– Temos de levar a carga para Gale – proferiu D. Teodósio, assim que abriu um dos barris. – O dia está a chegar ao fim. Não estamos em terreno seguro, há que regressar à fronteira. Podemos aproveitar a Lua Cheia.

Todos foram rápidos a agir. Dentro de pouco tempo, não teriam luz.

Vários lascarins aprontaram os búfalos e prenderam-nos às carroças com a carga. Instantes depois, estavam prontos para a marcha.

– E os corpos? – questionou D. António.

– Deixamos o acampamento como está – retorquiu Martim, sem hesitar.

– Os animais tratam do resto.

Puseram-se a caminho, mas a missão não acabara ali. A ideia tomara forma momentos antes. Tudo se conjugara. Trouxeram o necessário do acampamento moribundo e, antes de se afastarem da baía, Martim mandou descarregar alguns barris de pólvora e escondê-los por entre as árvores. Acompanhou D. Teodósio de regresso a Ambalantota, com a companhia e o carregamento das espingardas, e só depois informou os homens do seu plano. Já era noite cerrada quando se separaram. Para além da sorte, precisaria apenas de dez homens e iria fazer com que *Cunhale* e o Samorim de Calecut jamais se esquecessem do Ceilão.

Os homens cavalgaram pela selva, ignorando os leopardos. Ainda vislumbraram uma réstia de lua quando chegaram ao local onde haviam deixado os barris. Estavam cansados. Apesar do esforço, dali até ao areal foi um instante. Os navios permaneciam ancorados na mesma posição, bem como os pequenos batéis escondidos na vegetação. O plano iria resultar.

– Temos de ser rápidos – adiantou D. António, empolgado.

– E seremos – concordou Martim. Passou a mão pelo casco do batel e agarrou um dos remos. Sentiu um arrepio. – Chegou a hora de terminarmos a missão.

Carregaram os barris até perto de água e foram buscar os batéis. Só distinguiam sombras, mas entraram na água e, com facilidade, saltaram para bordo. O mar estava calmo. Os batéis eram estreitos, mas tinham bom equilíbrio. Como previra, cada um dava para levar cinco homens e dois barris. Fizera bem as contas. Remaram devagar para não serem detectados pelos vigias a bordo. Não se ouvia qualquer barulho e suspeitou de que estivessem a dormir. Momentos depois, o batel de D. António separou-se e desapareceu na escuridão.

O coração apertava e Martim ouvia o seu próprio respirar. Pouco depois, chegaram perto do navio. Com agilidade, armadilharam o casco na proa, amarrando os barris nas reentrâncias, uns palmos acima da linha de água. Juntaram os dois rastilhos e depois esticaram-no o mais que puderam, de modo a ganhar tempo para a fuga.

O dia ainda não tinha raiado quando Martim acendeu o rastilho, com dois pedaços de madeira seca. Provocou algum ruído, mas nada aconteceu. Num ápice, o bote afastou-se, com os homens a remarem depressa. Os lascarins começaram a rezar baixinho e as preces foram ouvidas.

A primeira explosão irrompeu pouco depois, vinda do navio que D. António armadilhara, e o estrondo ecoou pela baía. O outro navio explodiu de seguida. O fogo elevou-se no ar e as chamas consumiram mastros e

velas. Sucederam-se outras explosões. O porão deveria ter mais barris de pólvora. Martim imaginou a água a entrar em golfadas pelo porão, e ouvia gritos de homens a atirarem-se ao mar.

Chegaram à praia pouco depois. Estavam ofegantes e engoliram em seco quando olharam para trás. A baía estava iluminada pelas labaredas, cheirava a queimado e os gritos eram estridentes. Duas explosões mais pequenas atingiram um dos navios que se afundava.

– Queira Deus que *Cunhale* esteja a bordo daquele navio – ouviu D. António, acorçado na areia, perto dele. – E que não saiba nadar.

O dia clareou e Martim mandou os homens refugiarem-se na selva. O terceiro navio não fora atingido e poderia contra-atacar. Ficaram à espreita e logo notaram movimento. Não sabiam se *Cunhale* estaria a bordo, se fora vítima das explosões, mas o navio levantava ferro sem tentar salvar os companheiros. Por certo, julgava iminente um novo ataque e afastava-se a todo o pano.

Martim observou os contornos do navio a sair da baía e, sem se dar conta, chorou de emoção. Cheirava a mar. Sentiu as lágrimas correrem-lhe pela face e limpou o rosto, massajando a cicatriz. Não estava triste, bem pelo contrário. Sentia-se vivo. Agora, sim, estava de regresso ao Ceilão.



O sentido da vida não é encontrar-se a si mesmo, mas sim criar-se a si mesmo.

GEORGE BERNARD SHAW, PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

Elizabeth sentia-se mais tranquila só de ouvir as ondas a bater nas rochas e as aves marinhas a voarem pela baía. Plett continuava tal e qual como se lembrava e dali conseguia ver os picos das montanhas de Tsitsikamma, escondidos do outro lado da baía, por entre a neblina. Era o pico do Inverno, estava frio e sabia que, assim que o Sol se pusesse, a temperatura iria baixar ainda mais.

Prendeu os cabelos com um elástico e continuou em frente. Caminhara pelo trilho até à ponta da Península de Robberg e voltara à praia, desafiando o vento. Demorara três horas, mas agora sentia-se revigorada. Pelo caminho, vira dezenas de baleias a boiar. Algumas haviam mergulhado para trás, mesmo à sua frente. Estavam a chegar da Antártida para acasalar e muitas mais se seguiriam nas próximas semanas, para ficarem por ali até ao final da Primavera.

A cerimónia de cremação da mãe realizara-se durante a manhã. Fora muito simples, com os amigos próximos e os empregados que tão bem haviam cuidado do Klein Paleis durante anos. Elizabeth estremeceu ao pensar que nunca mais a iria ver ou falar com ela, mas pelo menos sentia algum conforto por saber que não sofrera. Sem perceber bem porquê, sentia-se em paz e, de alguma maneira, estava de regresso a casa. Vivera ali durante doze anos, até ir para a Universidade, em Cape Town e, mesmo nesses tempos, viera sempre passar férias. Nessa altura, achava que Plett era pequena para ela, uma estância balnear, repleta de turistas ricos de Joanesburgo durante o Verão. Porém, olhando para trás, fora uma privilegiada por viver numa terra tão bonita. Tinha recordações maravilhosas. Fora ali, naquela baía, que lhe nascera a paixão pelo *surf*, que mais tarde a levava a percorrer o mundo e ainda hoje lhe guiava o destino.

Releu a última mensagem de Rui e esboçou um sorriso: ele parecia-lhe genuinamente preocupado consigo. Interrogava-se se fizera bem em dar-lhe as pastas amarelas. Não sabia em que ponto estavam as investigações sobre a Taprobana, mas percebera que ele continuava a seguir as pistas de Ernest, a tentar desvendar a vida de Mafalda de Castro. Os beijos na praia não lhe saíam do pensamento, ainda que na altura tivesse ficado

baralhada, com o choque da notícia da morte da mãe. Pelo menos, estava aliviada por ter saído de Portugal, para longe da polícia e de tudo o que acontecera a Ernest.

Ao fundo do areal, já se distinguiam os tons acastanhados do Klein Paleis e os mastros das bandeiras à entrada. Por fora, a casa parecia-lhe igual ao que sempre fora, mas a mãe fizera obras uns anos antes e estava mais moderna do que o palacete de que se lembrava. Apesar do nome *afrikaner*, era uma casa senhorial vitoriana, de dois pisos, construída no início do século xx, na foz do rio Keurbooms. Fora comprada pelos avós maternos e passara a ser dos pais quando estes regressaram de Melbourne. Havião aberto mais janelas para o mar e construído uma piscina, rodeada por um grande relvado, transformando-a numa estalagem de quatro estrelas com quinze quartos.

Na noite anterior, estivera a analisar as contas da mãe e a situação era ainda pior do que pensara. O saldo das contas bancárias era muito baixo, e embora a venda da estalagem pudesse render algum dinheiro, pouco restaria depois de pagar as dívidas do negócio. Anos antes, julgara que a herança lhe daria segurança financeira, compensando-a dos riscos e incertezas do negócio de jóias; porém, essa esperança havia muito que se desvanecera.

Caminhou até ao Klein Paleis para se arranjar. Pouco depois, entrou no carro e seguiu para Knysna. A viagem demorou vinte minutos. Elizabeth estacionou defronte da lagoa, acendeu um cigarro e perguntou-se o que estaria Rui a fazer. Era sábado e deveria estar calor em Lisboa. Releu a troca de mensagens desde o início. Rui parecia ser um homem muito carinhoso. Ansiava por responder-lhe, mas não se queria precipitar. Agora tinha de se concentrar no encontro. Já estava atrasada e aquela era a oportunidade por que esperava. Tinha de correr bem! Já não o via há algum tempo, após se terem zangado, e ele fizera mais de quinhentos quilómetros, desde Cape Town, só para estar com ela depois de saber da morte da mãe. Havião combinado encontrar-se no bar do hotel onde ele se hospedara, para pôr fim aos mal-entendidos. Iria ser estranho vê-lo em Knysna, depois de tudo, mas fora ali, na Praia de Noetzie, do outro lado do morro, que se tinham conhecido.

O interior do hotel estava aquecido e a lareira da entrada era aconchegante. Ao fundo, o bar estava cheio e as pessoas juntavam-se à volta dos ecrãs, seguindo o jogo de *rugby*, aos urros e a cantar. O desafio entre a África do Sul e a Irlanda estava a terminar e os *Springboks* ganhavam por 34-9. Elizabeth esgueirou-se por entre a confusão, em direcção às portas do jardim entreabertas. Assim que saiu para o exterior, sentiu o frio e a humidade do mar, mas cheirou-lhe a *Boerewors* e sorriu. Um grupo de surfistas encasacados juntara-se à volta da fogueira em grande algazarra, enquanto comiam salsichas e bebiam cerveja. Pelo que

diziam, Elizabeth percebeu que alguns eram australianos e americanos. Aproximou-se e então viu-o.

– Ela foi-se embora há três dias – explicou a recepcionista, desgostosa. – Nem imagina o choque que foi...

Raquel aparecera, sem aviso, no Coxos Surf House e estava perplexa. Aquela era a segunda tragédia que se abatia sobre Elizabeth du Toit em poucas semanas, e deu por si a pensar se alguém estaria a persegui-la ou a vingar-se dela. Acabou por desculpá-la por não a ter avisado de que iria sair de Portugal, tal como combinado, embora aquela fosse a desculpa perfeita para deixar o país. Por momentos, questionou-se se a mãe dela teria realmente falecido, mas acabou por reconhecer que estava de novo a embirrar com ela. Pelo sim, pelo não, iria pelo menos pedir ao Matos, o seu adjunto, para confirmar o óbito.

– Alguma vez viu este homem? – perguntou, mostrando-lhe a fotografia no telefone. – Talvez o tenha visto com a Elizabeth...

– Passa tanto estrangeiro por aqui, não tenho a certeza – respondeu a recepcionista, um pouco assustada, mas olhando a fotografia com atenção. – Não creio, mas posso ver nos registos se ele cá esteve. Qual é o nome?

– Aarni Leppa.

A investigação sobre a morte de Ernest Fonseka durava havia quase três semanas. Por vezes, Raquel sentia-se num beco sem saída: as pistas em Portugal eram vagas, as informações do estrangeiro chegavam aos poucos, e ainda aguardava por imagens nítidas da viatura da vítima no Túnel do Marquês. Todavia, a investigação tomara um novo rumo, desde que chegara ao nome de Aarni Leppa.

Fora a antiga namorada malaia de Ernest que os alertara para a relação especial entre ele e o cientista da MediVal. Os dois haviam trabalhado juntos durante dois anos, com uma grande cumplicidade, até ao dia em que tiveram um desentendimento grave e se agrediram mutuamente. Ernest ficara apavorado. A antiga namorada não chegara a saber o que se passara, porque na mesma altura descobrira que ele a traía e deixara-o. Regressara a Kuala Lumpur e nunca mais ouvira falar de Ernest até Aarni a visitar na Malásia, uns meses mais tarde, à procura dele.

Raquel não tinha dúvidas. A vítima tinha um perfil conflituoso, porém, a descoberta de que Aarni Leppa havia estado recentemente em Portugal deixou-a sobressaltada; não podia ser coincidência. O Aeroporto de Lisboa informara-a de que ele chegara a Portugal a 7 de Maio, num voo vindo de Roma, não havendo informação de que saíra do país. O facto de ser um cidadão finlandês, com passaporte europeu, impedia o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de ter mais informação. Ele podia estar ainda algures em Lisboa, embora a sua intuição lhe dissesse que não.

Descobrira várias informações sobre ele na Internet. Era um médico

oncologista, doutorado na Universidade de Helsínquia e funcionário da MediVal havia mais de dez anos. Divorciado, aparentemente sem filhos, fora jogador de basquetebol em jovem. Não era muito activo nas redes sociais. Parecia-lhe uma pessoa normal, sem antecedentes criminais. O Instituto de Singapura confirmara a sua presença assídua no âmbito da parceria com a MediVal, desconhecendo, no entanto, qualquer situação de desentendimento com Ernest.

– Não tenho qualquer registo – informou a recepcionista da estalagem, com um sorriso nervoso. – Talvez possa perguntar aos amigos da Elizabeth, assim que eles voltarem. Eles hoje foram todos para a Nazaré...

Raquel tentou manter a postura e anuiu. Enviou a fotografia para o endereço de e-mail da recepcionista, para que ela a mostrasse mais tarde, e pediu o número de telefone sul-africano de Elizabeth. Pouco depois, saiu da estalagem. Estava desanimada e exausta. Quase não dormira na véspera, após passar a noite nas urgências; a filha adoecera com uma laringite, mas estava a melhorar e ficara em casa com a avó.

Já inquirira o padre de Telheiras e alguns vizinhos da vítima, mas ninguém reconhecera a cara de Aarni Leppa. Felizmente, descobrira o rasto de Aarni em Portugal, após enviar alertas para estações de metro e comboio, hotéis e centros comerciais. Estivera em Lisboa pelo menos três semanas, hospedado em dois hotéis da Baixa. O último *check-out* fora a 25 de Maio, três dias depois de Ernest desaparecer, e na manhã seguinte à sua morte.

Raquel contactara ambos os hotéis e ouvira a mesma resposta: Aarni fora um hóspede discreto, que normalmente saía cedo e chegava ao final do dia. Ainda assim, pedira aos responsáveis dos hotéis para procurarem gravações das câmaras de videovigilância em que ele aparecesse acompanhado; até agora não recebera qualquer notícia.

Olhou para o relógio e assustou-se. Estava atrasada. Dentro em pouco, a mãe teria de se ir embora. Verificou o e-mail pela última vez e resmungou sozinha. Ansiava pelas imagens do Túnel do Marquês, dado que poderiam ser a peça que faltava.

O estado do corpo da vítima indicava uma violência extrema, típica de crime passional ou de vingança. Tinha vários indícios que apontavam Aarni Leppa como presumível homicida, contudo precisava de uma prova contundente para emitir um mandado de captura internacional. A MediVal adiantara que ele estava de férias no estrangeiro, mas fora parca em declarações; a empresa não parecia ser muito cooperante e Matos voltara a contactar a Polícia de Malta, dado que Aarni era residente no país. Nos últimos dias, Raquel hesitara em contactar a Europol e a Interpol antes de ter provas sólidas, porém, não iria esperar mais: tinha de descobrir o seu paradeiro.

Já estava dentro do carro quando o telefone tocou. Era o seu adjunto!

Por certo, teria novidades da MediVal.

– Infelizmente não, e as notícias do laboratório também não são boas – respondeu, com uma voz triste. – A imagem do Túnel do Marquês não nos vai servir de nada. Afinal, não é o carro de Ernest Fonseka; a matrícula tem um B, e não um P.

Helen voltou a morder o lábio: Aarni estava vivo!

Desde o princípio que tentara reconstituir a sua estadia em Portugal, mas continuava com várias lacunas. Ainda em Malta, acedera ao extracto de movimentos do cartão de crédito e da conta do telemóvel da empresa que ele usava. Ficara surpreendida por o Dr. Muff não ter tido o discernimento de ter começado por aí, mas compreendia que ele estava desorientado, a tentar perceber o que se passava.

Aarni permanecera em Lisboa entre 7 e 25 de Maio, e era mais do que certo que estivera a espiar Ernest Fonseka. Os movimentos do cartão de crédito da empresa indicavam que ele alugara um carro no aeroporto, almoçara em diversos restaurantes de Lisboa e arredores e colocara combustível quatro vezes. Levantara dinheiro em diferentes locais da cidade, tendo os movimentos do cartão cessado a 25 de Maio: o último pagamento fora a estadia do hotel. Depois disso, Aarni não voltara a usar o cartão, nem mesmo para comprar o voo de regresso.

Nessa altura, Helen temeu que ele estivesse morto, porém, mais tarde, recebeu o extracto detalhado da conta do seu telemóvel: Aarni efectuara várias descargas de dados na Turquia, entre 29 de Maio e 1 de Junho. Aquela era uma prova de vida! No entanto, ele estava desaparecido desde aí, e haviam-se passado duas semanas.

O Dr. Muff não ficara surpreendido quando Helen o informara de que Aarni estava vivo. Desde a primeira reunião que ela ficara com a sensação de que era essa a sua principal suspeita: a MediVal tinha sido novamente enganada, e por um funcionário de longa data. O caso teria de ser comunicado à polícia, contudo, o CEO acedera ao seu pedido e dera-lhe mais alguns dias para tentar encontrá-lo.

Helen tinha esperança de falar com Aarni e desvendar o que acontecera, sem que isso chegasse ao domínio público e prejudicasse ainda mais a MediVal. Infelizmente, tudo apontava para que ele estivesse envolvido na morte do cientista. Ainda lhe custava a acreditar nisso, mas a última reunião que tivera com o CEO, antes de embarcar para Lisboa, fora determinante: o Dr. Muff esperara que ela analisasse a documentação com calma, para depois lhe revelar pormenores da investigação científica. Helen percebera melhor o composto em questão e a complexidade do processo. Interrogava-se como Aarni se teria modificado ao ponto de cometer um homicídio, mas a motivação para o crime era evidente – ele queria ser o único detentor do segredo da Taprobana.

Fora após a reunião com o CIC que Helen se lembrara de que Aarni lhe dera o seu *e-mail* pessoal, uns anos antes, quando eram mais próximos. Conseguira encontrá-lo e não hesitara. Mandara-lhe uma mensagem e, para sua surpresa, ele respondera-lhe no dia seguinte. Fora reservado, como sempre, adiantando-lhe que estava bem, a gozar uns dias de férias nos trópicos. Parecera-lhe calmo, indiferente às suspeitas que recaíam sobre ele. Helen confessara-lhe que estava em Lisboa e pedira-lhe sugestões de locais a visitar, pois alguém da MediVal comentara com ela que ele conhecia a cidade. Aarni não respondera.

– O seu *cappuccino*, madame.

Helen agradeceu ao empregado e tentou descontraí-lo, observando o rio. Tomava o pequeno-almoço na esplanada do hotel e a vista era encantadora, para onde quer que olhasse. Correria de manhã cedo ao longo do rio e passara por baixo da ponte, voltando em seguida. O banho de piscina no terraço relaxara-a ligeiramente, no entanto, continuava tensa.

Apesar disso, estava maravilhada com Lisboa. Durante a corrida, ponderara se gostaria de viver ali, o que a fez questionar se o seu tempo em Malta não estaria a terminar. Começara a pensar nisso no último mês, desde o incidente na Holanda. O Dr. Muff parecera-lhe encantador como sempre e confiara-lhe a missão mais importante desde que entrara na MediVal, mas era difícil as coisas voltarem ao que eram. Talvez fosse o sinal de que era altura de sair, tanto mais que estava prestes a receber o bónus anual. Iria fazer tudo para que esta missão fosse bem-sucedida e depois apresentaria a demissão, venderia a casa e deixaria Malta. Talvez tirasse uma licença sabática.

Estava com vontade de conhecer melhor Lisboa, mas ao mesmo tempo sentia-se frustrada por o administrador do CIC não a ter contactado. Haviam-se passado três dias e não tivera qualquer resposta. Decidiu arriscar; não tinha nada a perder.

«Acabei por ficar em Lisboa no fim-de-semana. Se não tiver planos e lhe apetecer, teria todo o gosto em convidá-lo para jantar.»

Ficou a olhar, por momentos, para a mensagem e perguntou-se se ele iria responder. Normalmente, tinha um efeito magnético nos homens, mas o português parecera-lhe algo distante. Não sentira interesse da parte dele, nem lhe parecera nervoso quando mencionara a Taprobana. Tivera uma reacção de indiferença, quer para consigo, quer para com a investigação.

Olhou de novo para o *smartphone* e viu que não recebera resposta. Bebeu o resto do *cappuccino* e pegou no novo livro que trouxera: um dos últimos romances de Isabel Allende. Abriu a primeira página, hesitante. Talvez fosse melhor não começar, porque senão não aproveitaria a estadia em Lisboa.

Ouviu o toque de uma mensagem e sorriu confiante: afinal, o português fora rápido a responder. Olhou para o *smartphone* e arregalou os olhos. Era

Aarni: ele não ficara indiferente à referência de que ela estava em Lisboa.

Helen Stone continuava em Lisboa e insistia em que se voltassem a encontrar? Pareceu-lhe um convite forçado, depois de o CIC não ter acedido a uma nova reunião durante a semana. O melhor seria nem responder. Ficou a reflectir nisso e, aos poucos, mudou de ideias. Talvez fosse uma oportunidade para descobrir o que se passara ao certo com Ernest e o que a farmacêutica sabia afinal da investigação. Largou os documentos e releu a mensagem, com a ideia a formar-se.

Terminara a reunião com Helen da melhor maneira, sem comprometer o CIC. Encontrar-se com ela seria uma jogada arriscada, mas também tinha vantagens. Ela parecia saber o que estava em jogo. Tinha apenas de lhe fazer as perguntas cruciais na altura certa, controlar-se no que dissesse e refugiar-se na desculpa de que trabalhava longe dos laboratórios.

Com a investigação da Taprobana, Rui parecia ter recuperado o entusiasmo e autoconfiança de outros tempos. Em vez de aceitar o convite para jantar, respondeu-lhe que iria estar perto do hotel dela ao final da tarde e que poderia passar no bar, para conversarem um pouco. Se não corresse bem, diria que tinha de se ir embora por causa de um compromisso previamente marcado.

Quando, horas mais tarde, entrou no hotel e avançou para a esplanada, viu-a sentada a uma das mesas. Estava ao sol, de óculos escuros, a ler. Ficou surpreendido por estar tão diferente. Achou-a mais jovem, de sandálias e camisa azul de alças, fazendo sobressair o colar ao pescoço. Estava contente de o ver e cumprimentou-o com simpatia.

– Cheguei atrasado?

– Não, claro que não – respondeu, sorridente, pousando o livro na mesa e tirando os óculos escuros. – Eu é que não resisti a apanhar sol e estar aqui a ler, à beira-rio.

Estava uma tarde cálida e a vista era maravilhosa, com o Padrão dos Descobrimentos de um lado e a Torre de Belém do outro. Helen parecia-lhe descontraída e acabaram por pedir um copo de vinho branco. Rui desculpou-se por não a ter voltado a contactar.

– Não se preocupe. Imagino que tenha estado ocupado, com outras prioridades.

– Decidiu ficar cá no fim-de-semana? – perguntou Rui, observando-a. O brilho dos olhos tinha algo de diferente.

– Sim, para conhecer um pouco mais da cidade. Gostei do passeio na noite de Santo António.

Helen contou-lhe que seguira a sua sugestão e passeara pelo Bairro do Castelo. Descera até às Portas do Sol e continuara por Alfama. A confusão fora maior do que esperara, mas adorara perder-se pelos labirintos de ruelas e conhecer os miradouros da cidade e as igrejas que havia por toda

a parte. O ambiente era muito alegre. Dezenas de quiosques serviam petiscos e vira grelhadores de sardinhas em quase todas as esquinas por onde passara.

– Nunca fui a Malta. Imagino que tenha algumas semelhanças com Lisboa – comentou Rui, bem-disposto. Engraçara com o seu sotaque americano e as expressões que usava. Bebeu mais um gole de vinho e soube-lhe bem.

Helen voltou a pôr os óculos escuros e deu-lhe a sua opinião, como americana a viver em Valletta. Malta era pequena, embora cheia de recantos e monumentos, com uma história singular, marcada pelos Cavaleiros Hospitalários da Ordem de S. João, pela herança britânica e pela Segunda Guerra Mundial. Era uma mistura entre Itália e o Reino Unido, com influências árabes. Gostava de lá viver. Era diferente dos Estados Unidos, tinha uma óptima qualidade de vida e um clima excepcional. Para além disso, adorava o seu emprego e estava a três horas de voo da casa da filha, que vivia em Paris.

Rui começou a relaxar, ao conhecê-la um pouco melhor, sem precisar de se expor muito. Helen gostava de falar, era alegre, simpática e parecia que se sentia só em Lisboa. Contara-lhe vários detalhes da sua vida sem grandes constrangimentos. Pediram mais um copo de vinho branco, e desta vez foi ele a escolher, juntando um pratinho de aperitivos.

– Pelo menos, temos duas coisas em comum – retorquiu ela, misteriosa, ao fazer um brinde.

– Ai sim? Quais são?

– Temos ambos formação em gestão e somos divorciados.

– Como é que sabia que eu era divorciado?

– Suspeitei... – troçou.

Um iate branco passava defronte deles. Tinha um mastro alto e a bandeira britânica na popa. Um grupo de jovens, de fato de banho, dançava no convés e chamava por todos os que passeavam à beira-rio. Helen acenou-lhes e pousou o copo, divertida. Tirou os óculos escuros e olhou para ele, com uma expressão enigmática.

– Queria fazer-lhe uma pergunta profissional sobre o cientista que faleceu.

– O Dr. Fonseka?

– Exactamente.

Rui esboçou um sorriso e bebeu mais um gole de vinho. Estava preparado para o embate. Helen parecia-lhe intuitiva, mas ainda não tinha a certeza se estava a ser genuína ou simplesmente a manobrá-lo.

– Que imagem é que tinha dele? – perguntou ela.

– Conhecia-o mal, mas era um investigador apaixonado. Pareceu-me uma pessoa muito culta, mas sempre escondido no seu mundo. Qual é a sua opinião?

– Não cheguei a conhecê-lo. Não costumo trabalhar directamente com cientistas, e estava curiosa por saber como seria.

– Bem, os seus colegas da MediVal devem tê-lo conhecido bem – redarguiu Rui, irónico. – Os cientistas que referiu.

– Sim, trabalharam com ele durante muito tempo. Já antes colaboravam com o instituto de Singapura, onde o Dr. Fonseka trabalhava. Aliás, penso que foi assim que tudo começou. Foi ele que desafiou a MediVal, e não contrário.

Helen não se coibiu de falar sobre a investigação de Ernest. Tentou passar uma versão bastante diferente daquela que Rui ouvira do Dr. Perlov. Segundo ela, Ernest não estivera de boa-fé e exigira mais dinheiro para continuar a investigação, para mais tarde ocultar os resultados.

– Paz à sua alma – proferiu Rui, pousando o copo, tentando mostrar-se indiferente ao que ouvira.

– Por isso é que é importante unirmos esforços – insistiu, no mesmo tom. – Afinal, estamos a falar de vidas humanas e de chegar aonde ninguém chegou.

Rui ficou calado. Afinal, estava numa negociação. Tentou manter o sangue-frio e não pensar nos pacientes do Piso 5. Voltou a observar o rio e distinguiu várias lanchas da Marinha, às voltas, por baixo da ponte. Pareciam estar em exercícios.

– Não podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar a Taprobana – insistiu Helen, olhando-o com intensidade.

Rui sentiu-se desconfortável. Talvez estivesse na hora de ir embora. Bebeu mais um trago de vinho, e foi com alívio que a viu atender uma chamada: era a filha. Rui foi à casa de banho e, quando regressou, Helen já terminara o telefonema. Ela parecia radiante e contou-lhe que a filha vivia em Paris desde que fora estudar um ano para a Sorbonne. Tinha um bom emprego em La Défense e uma relação estável com um colega itaiano. Os dois viviam num pequeno apartamento em Montparnasse.

– Qualquer dia, vou ser avó.

Rui deu uma gargalhada e disse-lhe o mesmo. Já pensara nisso várias vezes. Acabou por descontrair-se e contar-lhe um pouco da sua vida. O casamento, os filhos, a carreira na consultora e por fim o divórcio. Os dois pareciam ter mais de duas coisas em comum. Ambos tinham perdido os pais muito cedo e gostavam de estar com os filhos, sem interferir na vida deles. Além disso, tinham feito uma grande mudança de carreira.

Começava a escurecer e Rui esvaziara o copo. Tinha sido o segundo. Estava na hora de se ir embora, mas sem saber porquê hesitava. Estava a gostar de falar com Helen, achava-a interessante. Era viajada, divertida, levava a carreira a sério, e ao mesmo tempo apreciava as pequenas coisas da vida, como nadar, correr e ler um bom livro. Gostou de ouvi-la falar da filha.

– E se pedíssemos umas amêijoas? – desafiou Helen, num tom tentador, com a ementa nas mãos. – Não consigo pronunciar o nome, mas vi passar uma bandeja há pouco que tinha um cheiro delicioso. Pareceu-me que tem coentros ou salsa.

Rui riu-se e tentou disfarçar o embaraço. Olhou para o *iPhone* e apercebeu-se como o tempo corra mais depressa do que pensara.

– Distraí-me com as horas e já não vou a tempo de fazer o que planeava.

– Peça perdão, a culpa é minha.

– Não diga isso – respondeu-lhe, atrapalhado, ainda com o olhar pousado no *iPhone*. – Vou passar lá amanhã de manhã, talvez não haja problema.

– Sendo assim, porque não mandamos vir as amêijoas? Eu prometo que não falamos mais de medicamentos, nem de investigações.

– E falamos do quê?

– Pode escolher o assunto e eu juro que sigo à risca.

Rui fingiu mandar uma mensagem, pousou o telefone e respondeu-lhe.

– Então falamos de São Francisco e Sausalito.

– Helen Stone voltou a referir que se tratava de uma área nova para a MediVal – teimou Rui, levantando-se da cadeira. Reunira-se com Kris no seu gabinete para falarem sobre o que se passara no fim-de-semana e estavam ali há mais de uma hora. – Tentei não lhe dar importância, mas ela falava da Taprobana como se fosse um segmento novo.

– *Ja*, a oncologia é um mundo – respondeu Kris, confuso. Parecia-lhe mais vivo, depois de ter dormido. – Cada órgão é um órgão, reage de uma forma diferente aos tratamentos, mas concordo contigo, é estranho. A não ser que ela nos queira confundir de propósito.

– A nós?

– *Ja*, afinal, ela veio cá para negociar – lembrou, com os olhos muito abertos. – Não sei se foi boa ideia teres ido beber um copo com ela.

– Fica descansado, não lhe disse nada – defendeu-se Rui. Fora mais do que um copo. Saíra de lá bastante tarde e tivera de regressar a casa de táxi.

– Quase não falámos de trabalho.

– Sabes como são as empresas farmacêuticas. São profissionais, negociadores duros e implacáveis, que usam todas as armas. Aposto que ela é uma mulher sensual e inteligente...

– Tentei obter mais informação, mas não quis forçar. Temos de esperar pela proposta formal para percebermos o que sabem exactamente – asseverou Rui, incomodado. Talvez Kris tivesse razão, arriscara demasiado. Helen era sensual e inteligente. Fora uma companhia agradável, mas não era inocente. Tinha um raciocínio rápido, estava atenta aos detalhes e, quem sabe, seria calculista. Talvez o convite tivesse sido uma maneira de o

conhecer melhor, para mais tarde o demover e convencer a aceitar a sua posição. – Fica descansado, Kris. Não podemos assinar qualquer parceria antes de sabermos com o que estamos a lidar.

– Concordo. Eu ainda estou a pensar no que disseste há pouco sobre o fidalgo lá no mosteiro budista – admitiu Kris, coçando a barba. – Existem algumas semelhanças entre o que lhe aconteceu e o que se está a passar com os pacientes.

– Estás a referir-te ao Martim Albergaria?

– *Ja*, sobre o que sucedeu quando parou de tomar aquele caldo – salientou. O estado dos pacientes agravara-se drasticamente, com se fosse uma grande ressaca. Alberto Morais fora o primeiro a revelar sintomas. Dias depois, todos os outros pioraram, com uma recidiva, que parecia ter ainda mais força. – Os sintomas são parecidos, embora exista uma diferença fundamental: os nossos pacientes têm uma doença oncológica.

– Enquanto Martim estava ferido da batalha...

Rui contara-lhe que tentara acabar de ler os documentos de Ernest, mas não conseguira. Tinha de estudar cada um deles com o máximo cuidado, quase como se o estivesse a decifrar, para depois os organizar por ordem cronológica à procura de um sentido. O facto de alguns estarem parcialmente ilegíveis dificultava enormemente o trabalho.

No entanto, começava a ver uma luz ao fundo do túnel. Descobrira que Martim sobrevivera aos ferimentos com a ajuda de Mafalda, tomando um caldo de ervas, que aparentava ser a Taprobana. Deixara de o tomar quando regressara a Colombo e piorara drasticamente dias depois. Estivera à beira da morte, mas salvara-se, depois de uma convalescença prolongada, de dois anos, em Goa.

– Isso parece indicar que a Taprobana consegue atacar vários tipos de células cancerígenas, e ao mesmo tempo ter um efeito curativo mais genérico.

– Em ferimentos e infecções graves? – perguntou Rui, tentando acompanhar-lhe o raciocínio.

– *Ja*, como se o sistema imunitário ficasse mais robusto. Muitos estudos indicam que a canela tem efeitos anti-inflamatórios e antioxidantes e, por isso, fortalece a imunidade, mas não este efeito tão forte – frisou Kris, aproximando-se da janela. – E, quando Martim regressou ao Sri Lanka, estava bem de saúde?

– Pelo que li, sim. Foi nomeado Capitão-Mor de Galle, uma cidade importante no Sul.

Kris deu duas voltas ao gabinete e depois olhou para ele.

– Não é em Galle que vive o médico amigo do Ernest de que falaste?

– Sim, trabalha em dois hospitais, em Galle e em Matara.

– E qual é a sua especialidade?

– Não sei, só sei que se interessa pela medicina *ayurvédica*. Não parece

ser um cientista.

– Faz investigação sobre fármacos naturais e não é cientista?

– Não me parece que faça investigação como o Ernest ou vocês fazem.

Penso que trabalha nas urgências – ressaltou Rui, para depois acrescentar:

– Vou jantar com ele dentro de dias.

– Como? – estranhou Kris, franzindo o olhar. – Ele vem a Portugal?

– Não, já falei com o presidente e estou de partida para o Sri Lanka – revelou Rui, com um sorriso. O último encontro com Elizabeth, as conversas com Helen Stone e as leituras do fim-de-semana tinham-no desorientado, mas cada vez que pensava na viagem, mais sentido fazia. – Ainda tenho de acabar de ler os documentos do Ernest, mas faço isso durante a viagem.

Kris ficou atônito. Murmurou algo em sueco, gesticulando e assentindo com a cabeça. Rui teve de insistir em que falasse inglês.

– É uma excelente ideia, mas tens de fazer mais uma coisa – afirmou Kris. Parecia radiante. – Tens de ir ao antigo mosteiro de Mafalda de Castro.

– Claro, conto de resto ter a ajuda de um monge budista de Kandy; daquele da caixa de marfim do quarto do Ernest – lembrou Rui, sorridente. – Tenho de encontrar referências mais específicas, porque o mosteiro ficava no topo de uma das montanhas do interior, a norte de Kandy, mas não sei se ainda existe.

– Montanhas? Um dos documentos refere que a substância cresce em altitude – disse Kris, empolgado. – Se descobrires o mosteiro, talvez encontres a substância que serve de base à Taprobana.

Rui ficou em silêncio, acompanhando a rota de um cacilheiro no rio, em direcção à Trafaria. Tentou concentrar-se, arrumar as ideias e visualizar o mapa do Sri Lanka. Nos últimos dias, descobrira uma série de locais por onde Mafalda e Martim teriam passado, e havia um que teimava em não lhe sair da cabeça nos últimos dias: Galle!



A Fortaleza de Gale foi fundada na ponta de um rochedo de mar, defensável com um lanço de muralha, três baluartes e um fosso, com ponte levadiça. Nela cabe o Capitão da Praça, um ajudante, uma paróquia, o Convento de S. Francisco e a alfândega.

CAPITÃO JOÃO RIBEIRO, OFICIAL DO EXÉRCITO PORTUGUÊS NAS ÍNDIAS

– Vou chamar o patrão – respondeu a rapariga chingalá, ajeitando as vestes apertadas. Caminhava com as pernas abertas, sem tirar as mãos da barriga saliente. – Está nas traseiras, a trabalhar.

O ferreiro açoriano surgiu jovial, pouco depois, a limpar as mãos às vestes. Banhara-se à pressa, limpando o suor, mas não conseguira tirar toda a fuligem.

Martim simpatizava com ele: era um sargento reformado, que aproveitara as benesses da Coroa para se estabelecer em Gale. Chegara com duas cingalás grávidas, que dizia serem suas criadas, e até o pároco fechara os olhos, depois de as baptizar e ter a certeza de que os filhos seriam cristãos.

– Capitão-Mor, a vossa presença é uma honra – saudou, pousando a espada na bancada de madeira. – Não estava a contar com a vossa visita, mas cá está ela, pronta para a vossa vistoria.

– Vim inspeccionar as obras no Bastião de Santo António e, já que estava perto, resolvi fazer-vos uma visita.

Martim segurou na espada e puxou-a da bainha, examinando-a. Era leve, tinha a lâmina afiada, o punho de marfim e a letra A gravada no pomo. Esgrimiu alguns golpes no ar e depois olhou para o ferreiro com admiração, colocando a espada de novo na bancada.

– A lâmina foi reforçada com ferro japonês e adornei o pomo com os dois olhos de gato, como havia pedido – explicou, orgulhoso, deslizando os dedos pelo metal reluzente. – Penso que ficaram muito bem.

Martim concordou. As pedras verdes brilhavam e pareciam mesmo olhos de gato. Trouxera-as das minas perto do Pico do Adão e haviam ficado melhor do que imaginara.

– Resta saber como se comporta no campo de batalha.

– Dou-vos a minha palavra de que será a lâmina mais afiada de todo o Ceilão.

– Um trabalho admirável, não há dúvida – elogiou, pagando-lhe um pouco mais do que o combinado. – E os rebentos, para quando estão

previstos?

– Devem estar por dias – adiantou o ferreiro, radiante, parecendo pouco incomodado com os comentários menos abonatórios de alguns moradores. – Se Deus quiser, serão dois rapazes fortes.

O Sol já ia alto e o calor tórrido amolecia a cidade; não havia vivalma na rua. Cães e gatos dormitavam na sombra, encostados nas esquinas, e apenas um bando de macacos se arrastava pelas ruas, em busca de restos de comida.

Martim regressou à fortaleza, protegido pela sombra, encostado ao Convento de S. Francisco. Era Capitão-Mor havia pouco mais de um ano. A fortaleza estava bem equipada e a guarnição treinada para o combate. Impunha patrulhas semanais, e mesmo os casados tinham de se apresentar uma vez por mês e acompanhar os soldados. Apesar disso, mais nenhuma vela inimiga fora avistada e as rebeliões dos chingalás ficavam longe. Os relatos de escaramuças na fronteira com Candea eram ignorados pelos moradores.

Gale espraiava-se e o comércio florescia. Martim esforçara-se por fomentar as trocas com o interior e cada vez mais camponeses forneciam arroz e frutas à cidade. Estava encantado com a fertilidade das terras. Eram regadas por riachos que desciam das montanhas e, muitas vezes, permitiam duas colheitas ao ano. Em pouco tempo, Gale passara a ser auto-suficiente em arroz, frutos e legumes e começara a escoar o excedente para Matara e Bentota.

O número de casados também aumentava. Muitos soldados instalavam-se em Gale terminada a comissão, em vez de regressarem a Goa, atraídos pelas doações de terras abandonadas e pela prosperidade da região. Dias antes, Martim tinha feito as contas; já havia cento e cinquenta portugueses nas cercanias.

O porto era o grande orgulho da cidade e já rivalizava com Columbo. Recebia navios de grande porte e Martim tivera de expandir a alfândega. A aguada em Gale passara a ser obrigatória para quem viesse dos Mares do Sul, e também em sentido contrário, por quem rumava a Malaca ou Macau. Algumas velas descarregavam cavalos, drogas e outras cargas exóticas, mas todas vinham abastecer-se de fardos de canela.

Desde a ocupação de Ceitavaca que a produção de canela crescia a olhos vistos. No ano anterior, chegara aos três mil bares em toda a ilha, três vezes mais do que décadas antes. A morte do rei de Cotta e o controlo directo das povoações que descascavam as árvores iria aumentar ainda mais a produção. Eram cerca de quatro mil, entre Calutara e Tangale, e Gale só poderia beneficiar com isso.

Martim contornou a alfândega e subiu a ladeira, até ao Grande Bazar. Parecia que as gentes de Gale se haviam refugiado ali, à sombra das tendas da praça, onde o ar circulava com facilidade. Viu alfaiates, barbeiros,

sapateiros e mercadores. Passou os olhos pela roupa portuguesa à venda e foi envolvido por odores de especiarias – pimenta, noz-moscada, cravo-da-índia, cardamomo –, embora o cheiro adocicado da canela fosse o mais perfumado de todos.

No meio da balbúrdia, teve uma visão que o abalou. Pensou que fosse um desvairo do calor, mas logo a reconheceu: estava vestida como uma donzela do Reino, de corpete de seda e saiote azulado que lhe tapava os tornozelos e apertava a cintura. Abanava um leque colorido para afastar o calor e tinha os cabelos compridos apanhados com uma travessa. Martim caminhou hesitante e ficou embevecido quando se abeirou e a viu sorrir para ele, com um olhar meigo.

– Mafalda? – murmurou, sentindo a garganta seca. Uma onda de calor invadiu-lhe a face e a cicatriz da cara palpitava sem parar. – Sois mesmo vós?

– Sim, Martim, sou eu.

– Não vos esperava aqui – declarou enternecido, tentando recompor-se. Haviam-se passado mais de três anos e Mafalda estava ainda mais bela do que se recordava. – Que estais a fazer em Gale?

– Vim ver-vos – elucidou sem rodeios, parecendo observar as suas cicatrizes. – Queria ter vindo antes, assim que soube o que se passou com o Abel, mas não consegui. Sei que a minha estadia aqui pode ser perigosa...

– O Abel veio convosco? – perguntou, esforçando-se por manter a compostura.

– Vim sozinha – confessou Mafalda, com um sorriso formoso e os olhos brilhantes. – Ninguém sabe que estou aqui.

– Foi ele quem vos disse que eu estava de regresso? – indagou. Os olhos dela pareciam-lhe menos amendoados, talvez por não ter as pálpebras tingidas de negro, como no mosteiro.

– Sim. Contaram-nos que tinha sido nomeado um Capitão-Mor em Gale e que estavam a fortificar a povoação, mas não sabíamos de quem se tratava.

As ruas em redor do Grande Bazar estavam apinhadas e ouviam-se os brados dos mercadores. Ninguém parecia reparar neles. Quem olhasse para ela, julgaria tratar-se de uma donzela portuguesa, com a pele queimada pelo Sol das Índias. Mafalda estava tão próxima que Martim quase lhe sentiu a respiração e teve vontade de lhe estender a mão e a tomar nos braços.

– O Abel foi apanhado numa cilada – ouviu-a num tom melodioso. – A esta hora poderia estar morto.

Martim tinha muita coisa para lhe dizer e perguntar, ainda assim tentou acalmar-se e questionou-se se Mafalda estaria mesmo em Gale para o ver ou por algum motivo sombrio. O que presenciara em Yala meses antes deixara-o intrigado: Emmanuel Dias tornara-se um renegado e

comandava um grupo de chingalás armados.

– Por culpa do antigo pajem do Capitão-General. Sabeis quem é?

– Um dos antigos prisioneiros portugueses – respondeu Mafalda, arrelviada, franzindo os olhos. – O rei de Candea acolheu-o com estima, e deverá ser em breve promovido a *Modeliar*.

– E porque é que ele perseguia o Abel?

– É uma longa história – retorquiu Mafalda, sorrindo e ajeitando a travessa no cabelo. Recuou dois passos e começou a andar em direcção às tendas. – Demasiado longa para vos contar em tão pouco tempo.

O seu sorriso parecia iluminar tudo em redor. Contornaram as tendas e caminharam lado a lado, como se estivesse de volta aos jardins do mosteiro. Martim suspirou, encantado. Compreendeu porque ainda estava vivo: fora um desígnio de Deus e a vontade daquela mulher. Tudo nela lhe parecia perfeito. Não era apenas o olhar que o encantava; eram os cabelos encaracolados, a boca fina, as maçãs do rosto, as mãos delicadas e o vestido que lhe apertava a cintura.

– Tenho todo o tempo para vos ouvir.

– Queria antes saber de vós – contrapôs Mafalda, com a voz tremida. – Tenho pensado muito na vossa estadia no mosteiro. Estais curado de todas as mazelas?

Martim narrou o que lhe sucedera quando voltara a Columbo: a recaída súbita, a longa convalescença em Goa, o regresso ao Ceilão e a mudança para Gale.

– As dores foram tantas que pensei que ia morrer, mas agora estou bem.

Ia a contar que vendera a casa de D. Vasco em Columbo, mas hesitou. Tinham-se afastado do bazar e já via a fortaleza ao longe, porém, não iria ser fácil lá chegar. Distinguiu D. Miguel Passos, o mercador mais abastado da cidade, descendo a rua, e o pároco a brincar com um grupo de meninos chingalás, do outro lado. Tinha de fazer uma escolha rápida.

– Sinto a vossa falta – confessou-lhe com anseio. O tempo escasseava e ela poderia desaparecer de um momento para o outro. – Saudades das nossas conversas, dos nossos passeios, de vos ter por perto.

Mafalda corou e pareceu estremecer, sem levantar os olhos, abanando o leque com mais vigor. Martim sabia que não lhe era indiferente, mas recompôs-se, dando-se conta de que o mercador e a mulher caminhavam na sua direcção.

– Capitão-Mor, bem-haja – saudou o mercador com uma voz altiva. D. Miguel comerciava elefantes, cavalos e pedraria e instalara-se em Gale meses antes. – Nem este calor vos tira das ruas de Gale.

Martim disfarçou o incómodo e manteve-se firme, com um sorriso nos lábios.

– D. Miguel, é sempre uma honra encontrar-vos. A vós e a vossa

Senhora – adiantou, cumprimentando a esposa do mercador, para ganhar tempo. Todos os olhos estavam postos em Mafalda. – Permitam-me que vos apresente. Senhorita Mafalda de Castro, filha de um grande amigo do meu falecido padrinho. Dona Mafalda chegou ontem de Columbo. É a primeira vez que nos visita.

– Sede bem-vinda, senhorita. E o que pensais da nossa humilde cidade? – perguntou o mercador, surpreso por vê-lo acompanhado. – É mais uma povoação, mas cresce todos os dias.

– Muito formosa. Não sabia que a baía era tão bonita e rodeada por tantos coqueiros – comentou Mafalda, num português escorreito. – Também não esperava este calor. É sempre assim?

– Estamos a entrar na altura mais quente – explicou o mercador, esfregando o bigode bem aparado. – Temos de nos proteger durante o dia e aproveitar as noites cálidas desta ponta do Ceilão.

– Às vezes, o calor é tanto que ninguém aguenta – corrigiu a esposa, tentando ser simpática, sem disfarçar o mal-estar. Parecia fatigada e abanava o leque, exasperada. – Ficais por muito tempo?

– Apenas uma semana. O senhor meu pai disse-me que tenho de regressar a tempo das minhas aulas de música – fingiu. – Vim na companhia de minha mãe, mas ela ficou muito cansada com a viagem e encontra-se a descansar.

Martim manteve o sorriso, tentando disfarçar o espanto com o desembaraço de Mafalda. Trocou um olhar cúmplice com o mercador, enquanto ouvia o diálogo das mulheres, para logo depois questionar, tentando apressar o fim do encontro.

– E vós, estais a caminho do bazar?

– Vamos fazer uma visita a D. António de Souza e à Princesa. Como sabeis, chegaram há pouco das ilhas de Sunda e têm muitas estórias para contar.

– Bem sei – assentiu Martim, mantendo um semblante jovial. D. António pedira-lhe uma licença para ir buscar a noiva que lá deixara, pois não pudera vir logo com ela, dado o estado de gravidez. Desde o ataque aos navios de Calecut que os dois eram próximos. – D. António é dos meus oficiais mais diligentes.

Não demorou muito para ficarem livres. Entreolharam-se e retomaram a marcha em passo acelerado. Martim não precisou de confessar o que lhe ia na alma. Sentiu que Mafalda lhe lera o pensamento e que todas as suas hesitações e receios no mosteiro haviam caído por terra. Ultrapassaram as sentinelas que guardavam a Porta de Armas e mergulharam na fortaleza. Martim agarrou-lhe na mão e cruzaram o pátio. Entraram pela porta central e, num ápice, subiram as escadas até aos seus aposentos.

Mal fechou a porta, agarrou-a pela cintura e puxou-a para si. Nunca haviam estado tão próximos e sentiu o corpo a tremer. Mafalda olhava-o

como se mais nada existisse no mundo. Martim acariciou-lhe a face e sentiu-lhe a delicadeza da pele dourada. Reconheceu o aroma perfumado dos cabelos, o brilho intenso do colar de búzios e conchas e aquele sorriso luminoso que o encantava.

Os lábios tocaram-se, os dedos das mãos entrelaçaram-se, e ambos se beijaram com desejo que se avolumou instante após instante. Mafalda abraçou-o, suspirando, e acariciou-o com vigor. Martim sentiu-se descontrolado. Atirou as vestes para o chão e ajudou-a a livrar-se do corpete e do saiote. Ficaram nus e caíram no leito, sôfregos de paixão. Rebolaram por entre os lençóis e entregaram-se, numa vontade incontrolável de se descobrirem.

Mais abaixo, no porto, três champanas zarpavam para Cochim, carregadas de elefantes, capturados para os lados de Matara. Uma multidão observava os animais. No cais, o mercador mais rico da cidade conversava com D. António de Souza sobre os milhares de elefantes da ilha, enquanto a mulher ladeava a Princesa de Sunda, cuja beleza comovia os moradores. Alguns comentavam que eram as suas feições, outros apontavam-lhe o olhar, mas todos eram unânimes em considerar a princesa a mulher mais bela de Gale.

Emmanuel parou na margem do rio para o cavalo beber água. A corrida já ia longa. Não seguia o trilho habitual para o Pico do Adão, mas conhecia aquele percurso, depois de por ali ter acompanhado o rei de Candea no ano anterior. Fora uma viagem emotiva, com o rei a reafirmar o regresso da Montanha Sagrada ao *sangha*, depois de Rajasinha ter entregado o pagode aos brâmanes, anos antes.

O monarca esforçava-se por reacender o budismo. Mandara reconstruir muitos templos destruídos e recorrera aos prisioneiros portugueses para apressar as obras. Revelara o dente de Buda, a relíquia sagrada, anunciando que os portugueses, afinal, haviam destruído uma réplica e que o dente estivera sempre escondido em Ceitavaca. Mais tarde, trouxera sacerdotes do Pegu e organizara uma grande cerimónia de ordenação de monges, dado que quase todos os *bhikkhus* da ilha haviam sido executados por Rajasinha e pelos portugueses.

Emmanuel suspeitava de que todos aqueles esforços do rei apenas serviam para reforçar o seu poder e duvidava de que o dente de Buda fosse verdadeiro, ainda que os chingalás acreditassem nele.

Montou o cavalo e pôs-se a caminho. Recebera a notícia de que quatro *bhikkhus* desconhecidos, de hábitos acastanhados, haviam sido avistados ao largo da cidade, vindos de Aluvihare, e pareciam ir em direcção ao Pico do Adão. Havia muito que tentava identificar todos os *bhikkhus* da floresta e desconfiava de que aquele grupo provinha do mosteiro que buscava: a cor dos hábitos indicava que eram de um mosteiro na floresta. Havia seguido

para leste, descido em direcção a Yala, contornado as grandes quedas de água, para depois caminharem por entre as minas de pedraria, até à Montanha Sagrada.

Aquele mistério perseguia-o ainda antes de chegar a Candea. Tudo começara numa taverna, em Columbo, quando se tornara próximo de um velho soldado. Mateus Gomes era natural de Estremoz e estivera quinze anos ao serviço da corte de Candea, até Rajasinha invadir o reino. A troca de taças de vinho, confidenciara-lhe o que ouvira nos corredores do palácio: as montanhas da floresta escondiam um poder divino; uma planta mágica, que tornava os homens invencíveis, levando-os a tirar a vida num sopro a quem os defrontasse. Dizia-se que a planta era protegida por três sacerdotes de um mosteiro remoto, rodeado de demónios e animais ferozes, e que fora deixada por Buda, para que os seus preceitos prevalecessem na ilha para sempre.

De início, Emmanuel julgara-o embriagado, mas as descrições rigorosas fizeram-no acreditar que existia um fundo de verdade. Talvez nunca mais pensasse nisso se não fosse o encontro entre dois nobres de Candea e o Capitão-General, que presenciara semanas depois, após a coroação de D. Catarina.

Os dois haviam-se baptizado e alertaram o Capitão-General para um perigo iminente vindo da floresta, onde existia um mosteiro oculto que albergava um monstro *kaffir* e demónios com uma força nunca vista. Revelaram que tinham causado vários massacres na floresta e que haviam descido das montanhas para sentenciar de morte os últimos reis de Candea e Rajasinha, depois de estes os terem traído. Os nobres agoiravam que os demónios se preparavam para assassinar a rainha e o próprio Capitão-General enquanto dormissem. D. Pedro não lhe dera relevância, pensando que seria mais uma fantasia dos gentios, tal como a descida de Adão do paraíso, o dente de Buda ou os santos defuntos com os cabelos e unhas a crescer. Todavia, o Capitão-General estava morto, assim como os nobres de Candea, condenados à morte, logo após a derrota portuguesa.

Emmanuel sentiu um frenesim no corpo. Enquanto estivera preso, tivera um sonho que lhe revelara o seu destino: fora trazido para as montanhas de Candea para se tornar o homem mais poderoso do Ceilão.

Nos últimos tempos, perscrutara as montanhas de Candea. Não encontrara o que procurava, mas descobrira pistas valiosas. Contaram-lhe da existência de um grande mosteiro, que nunca fora abandonado, onde viviam mais de cem *bhikkhus* em segredo. Ouvira relatos do desaparecimento de muitas crianças das povoações em redor de Candea, para se tornarem *bhikkhus* num mosteiro na floresta. E, mais importante, encontrara moradores em várias povoações que juravam ter visto o Changatar do mosteiro, ladeado por um demónio negro, que aterrorizava todas as almas.

O local do mosteiro permanecia um enigma, e deveria ser mais afastado do que julgara. No último ano, indagara e vigiara *bhikkhus* e *kaffirs*. Um dos *kaffirs* que aprisionara correspondia à descrição dos nobres de Candea; nunca vira uma besta tão grande. O *kaffir* fora capturado em Yala, por acaso, enquanto recebiam as armas de Calcut, porém não cedera ao interrogatório, e mais tarde escapara-se durante o famigerado encontro com Martim.

Emmanuel chegou perto do caminho e ouviu movimento. Aproximou-se e descortinou as cores acastanhadas dos hábitos. Finalmente encontrara-os. Eram quatro *bhikkhus*, tal como lhe haviam dito. Pouco depois, desceu a ladeira, surgindo diante deles a cavalo. Os monges sustiveram o passo, assustados, mas baixaram a guarda, ao verem que se tratava de um soldado de Candea.

– Estranho caminho por onde seguis. Podeis correr risco de vida com os animais selvagens – proferiu Emmanuel em chingalá, observando os monges. Eram novos, magros e não pareciam demónios. – Vindes de onde?

– De Candea. Estamos em peregrinação – esclareceu o mais velho, fitando-o com atenção e pousando o olhar no seu nariz cortado. – E vós, quem sois?

– Faço parte do exército do rei de Candea e venho das quedas de água. Também estou a caminho da Montanha Sagrada – respondeu num tom amistoso. Desceu do cavalo e abeirou-se, estudando os religiosos. – Não tendes receio. Em tempos fui português, mas faço parte da Guarda Real há já alguns anos.

– Foste prisioneiro?

– Sim, até abraçar o budismo – contou-lhes. Explicou que se dirigia ao Pico do Adão, para se purificar e prestar reverência a Buda. Como esperava, os monges caminhavam desprovidos de posses e não traziam armas. Olhou em redor; escolhera bem o local. – Não me recordo de vos ver na cerimónia de ordenação dos *bhikkhus*, em Gatambe, no ano passado. Sois das terras baixas?

Os religiosos ficaram inquietos e entreolharam-se.

– Somos de Trequimalé – retorquiu o *bhikkhu* mais velho, num tom pausado, mas fazendo menção de continuar a marcha. – Estamos com pressa. Ide em paz, soldado. Talvez voltemos a ver-nos no cume da Montanha Sagrada.

Num ápice, Emmanuel desembainhou o *calachurro* e decepou-lhe uma perna. O *bhikkhu* caiu, a escorrer sangue. Perdera a voz, mas outros três gritaram de terror, surpreendidos com tamanha barbárie.

– Ninguém se mexa – ordenou Emmanuel, secamente. – Dispam os hábitos!

Os três tremiam de medo, fitando a arma empunhada e o monge a

morrer, no chão. Ainda tinha os olhos abertos, mas perdia muito sangue. No meio dos lamentos, obedeceram e sentaram-se, sem as vestes.

– Se querem sair daqui com vida, digam-me o que sabem – ameaçou, debruçado sobre eles. – Onde fica o vosso mosteiro?

O monge demorava a morrer e continuava a gemer de dor. Deixara-o ali, de propósito, para os outros se vergarem pelo sofrimento.

– Na fronteira com a Terra dos Vedas – confessou um dos *bhikkhus*, aterrorizado. – A norte de Trequimalé.

Emmanuel bateu-lhe na cara e o monge começou a sangrar do lábio.

– Onde? – teimou, com um olhar ameaçador.

– Na floresta, a norte de Trequimalé e Anuradhapura, a meio caminho.

Emmanuel sentia o sangue a ferver. O mosteiro era ainda mais afastado do que desconfiara. Nunca pensara que pudesse ser tão perto da Terra dos Vedas, povoada por guerreiros sanguinários que falavam uma língua estranha e se dizia serem canibais. A floresta à volta das ruínas de Anuradhapura também era densa, cheia de animais ferozes. Agora percebia os relatos de demónios. Era perigoso ir lá sozinho e não iria ser fácil convencer os homens a acompanhá-lo.

– Quantos *bhikkhus* vivem no Mosteiro?

– Cinquenta...

– Como se chama o Changatar? – inquiriu. Por engano, usara o termo português, mas corrigiu logo. – O *Maha Sanghathera*?

– Mahastana.

– E o *kaffir*? – questionou, esboçando um sorriso. – Vive no mosteiro?

Os três entreolharam-se, espantados.

– Sim, vive num abrigo do mosteiro, desde menino.

Foi então que um dos *bhikkhus* se atirou às suas pernas. Mordeu-o sem cessar, e tentou arremessá-lo ao chão, mas Emmanuel vergou-o pela força. Deu-lhe um pontapé na barriga, outro na cabeça, e depois perfurou-lhe o corpo com a lâmina fria. A morte tomou-o.

– Vamos, levantem-se – ordenou, atirando o corpo do monge para o chão. – Vão levar-me até lá.

Emmanuel preparava-se para amarrar os dois *bhikkhus*, quando uma flecha por pouco não o alvejou na perna. Olhou incrédulo para o arvoredor, à procura do inimigo, até que ouviu vozes atrás de si. Vinham na direcção oposta e reconheceu palavras em português. Fitou os *bhikkhus* estendidos no chão, atemorizados, e correu até ao cavalo. Montou-o e cavalgou em frente, esgueirando-se depois para a floresta, para tentar fugir a tempo.

Instantes depois, chegou ao topo da ravina e parou; conseguira afastar-se. Perscrutou por entre as árvores, e distinguiu quatro cavaleiros portugueses parados lá em baixo, defronte dos monges.

– Falais português? – perguntou um dos fidalgos. Não tinha um braço e parecia agitado ao ver os dois corpos ensanguentados no chão.

Desembainhou a espada com o braço esquerdo e o cavalo avançou uns passos.

O *bhikkhu* não respondeu, mas abanou a cabeça. Estava aterrado; por certo nunca teria visto soldados portugueses, nem homens de elmo e armadura.

– Que se passou? – insistiu o fidalgo, descendo da montada e apontando para as vestes amontoadas no chão. – Que fazeis aqui?

Emmanuel estava muito alto, ainda assim conseguiu ouvi-lo gritar que sabia que os sacerdotes gentios eram traiçoeiros e que um deslize lhe havia quase custado a vida quando três sacerdotes o atiraram para um rio cheio de crocodilos. Havia sobrevivido, apesar de ter perdido o braço direito.

Um dos *bhikkhus* murmurou algo que Emmanuel não conseguiu ouvir, contudo, nenhum dos cavaleiros dominava a língua dos chingalás. Sem cerimónias, o fidalgo cortou-lhe a cabeça, que rebolou no chão.

– E vós, tendes algo a dizer? – bradou para o outro monge, sem esperar pela resposta. A espada trespassou o peito do *bhikkhu*, matando-o de imediato. – Pelo menos estes já não nos atiram aos crocodilos – proferiu para os soldados que se haviam mantido atrás. – Vamos embora, temos de chegar às minas quanto antes. Queira Deus que o demónio não volte a atacar.

Escondido na floresta, Emmanuel mantinha os dentes cerrados. Estava a salvo e conseguira informações valiosas sobre o mosteiro. Todavia, perdera a hipótese de o levarem até lá, e estava intrigado com a flecha que quase lhe acertara, vinda da direcção contrária àquela de onde os portugueses haviam surgido.

Do outro lado do caminho, Mafalda tentava recuperar do horror a que assistira, observando os *bhikkhus* estendidos no chão lá em baixo. Acompanhava-os desde o mosteiro, mas deixara-se ficar para trás, para dar de beber ao cavalo, e distraíra-se com os papagaios. Quando se acercara, viu que tinham sido capturados por Emmanuel. Saiu da montada para o alvejar, mas falhara! Quando ia a desferir um novo golpe, ouviu os portugueses e retraiu-se.

Os *bhikkhus* estavam mortos e, de novo, por portugueses. Recordou o que vira dias antes, no sopé das montanhas. Uma aldeia fora incendiada por vender arroz às gentes de Candea e vinte homens, escolhidos ao acaso, haviam sido obrigados a baptizar-se, antes de serem largados na fogueira. Sentou-se na posição de lótus, cerrou os olhos e sentiu o fluir da respiração. Entoou as escrituras para acalmar a mente, mas de nada lhe serviu. Estava desassossegada! Pôs-se de pé e montou o cavalo. Emmanuel ainda deveria estar por perto e os *preceitos do sangha* teriam de ficar para mais tarde. Tinha de o silenciar para sempre.

O Sol ainda não começara a descer, mas Martim precisava de uma

sesta. Passara a manhã na alfândega e a bordo de um galeão, a vistoriar o embarque de canela para Ormuz. Os carregamentos para o Mar Roxo eram envolvidos em secretismo e exigiam maior segurança do que o normal. Este não fugira à regra e envolvera dezenas de fardos de canela e caixotes de pedraria.

Martim subira aos aposentos para fugir à hora de maior calor, porém, foi-lhe difícil adormecer. Ficara apoquentado com o que ouvira sobre o novo Vice-Rei. Disseram-lhe que recebera ordens de El-Rei para conquistar o Ceilão e aplicar o testamento do rei de Cotta. Não seria apenas Cotta a passar para a Coroa, mas abarcaria a vassalagem dos outros reinos. Muitos adiantavam que, a partir dali, o Ceilão iria ser a nova capital das Índias, cumprindo um sonho de gerações. Porém, isso significaria uma nova expedição a Candea e a morte do Traidor.

Martim revirou-se na cama e, aos poucos, serenou. Ainda conseguia cheirar o corpo de Mafalda, apesar de fazer quase uma semana que ela ali não se deitava. Desde o dia em que se haviam reencontrado, Mafalda passara a ser uma presença assídua na fortaleza. As sentinelas tinham ordens para a deixarem passar. Ela aparecia a cavalo, sem aviso, mas nunca ficava muito tempo. Martim recebia-a de braços abertos e deliciava-se com os momentos que passavam juntos. Tinham-se como se fosse sempre a última vez e, à medida que desvendavam o corpo um do outro, mais se amavam.

Gostavam de passear juntos pelos campos, longe da cidade, e por vezes pernoitavam nas praias. Martim contava-lhe histórias do Reino e surpreendeu-a quando lhe disse que o avô de D. Vasco fizera parte da primeira frota portuguesa a chegar ao Ceilão. Ao mesmo tempo, aprendeu com ela os nomes de muitos animais e flores, bem como lendas das antigas capitais da ilha, mais a norte, com nomes difíceis. Mafalda amava a floresta e gostava de caçar, porém evitava fazê-lo porque era contra as regras do mosteiro. Ela parecia ter uma profunda veneração por Mahastana, e contava como ele a ensinara a andar pela selva e a domar a mente, enquanto orava de olhos cerrados, sentada com as mãos no colo.

Mafalda era cheia de vida! Martim sonhava que iriam ficar juntos para sempre, esperando o dia em que ela não retornasse às montanhas para ficar a seu lado. Todavia, aquela parecia uma esperança vã. Martim desconfiava de que ninguém no mosteiro sabia que Mafalda o via com frequência, e que ela continuava a viajar por toda a ilha, a mando de Mahastana. Por vezes, ficava arrepiado, com receio de que ela estivesse com ele para recolher informações para o Traidor e que o que existia entre eles não passasse de uma quimera. Esforçava-se por afastar esses pensamentos, porém, era-lhe difícil ter descanso: afinal, ele era o Capitão-Mor de Gale e o porto tinha cada vez mais relevância.

Dois dias depois, Mafalda apareceu. Martim não esperava por ela,

porque chovera muito na véspera. Pela primeira vez, ela não correu ao seu encontro, nem o abraçou. Entrou na «Sala do Despacho», cabisbaixa, e sentou-se numa cadeira defronte da mesa.

– Estais bem? – indagou Martim, baixando a pena e olhando-a com estranheza. Tinha o cabelo apanhado na nuca, com um pano escuro, as pálpebras tingidas de preto e estava vestida como uma camponesa chingalá. Vira-a assim algumas vezes no mosteiro, mas era a primeira vez que aparecia em Gale com aquelas vestes. – Tendes algum aborrecimento?

Mafalda manteve-se em silêncio, com o semblante cerrado. A testa brilhava com o suor e Martim calculou que cavalgara horas seguidas, até chegar ali.

– Vim despedir-me de vós.

Martim ficou desorientado, com a respiração suspensa, sem conseguir responder. Abateu-se e observou-a. – Que sucedeu?

– Não podemos continuar a ver-nos – proferiu, sem levantar os olhos. – Sei que não tendes culpa, mas os soldados portugueses estão a sufocar as terras baixas e as montanhas. Têm ordens para executar todos os suspeitos de traição e destruir os templos não-cristãos. Ordens do Governador!

Martim levantou-se e abraçou-a com ternura. Sempre recebera aquele momento, mas tinha esperança de que nunca chegasse. Queria ter uma explicação, uma resposta, mas não tinha. O Ceilão vivia em guerra havia décadas e a religião era uma arma usada por todos. Dezenas de missionários haviam sido mortos na selva, embora existissem conversões forçadas nas terras baixas desde que chegara à ilha, com maior insistência nos últimos anos. Conhecia a estratégia do Governador e as ordens para erradicar o culto gentio. Recordou a conversa que tinham tido em Columbo, antes de assumir o cargo de Capitão-Mor, e os relatos das recentes destruições de pagodes.

– Não são apenas as aldeias suspeitas de colaborar com Candea, mas também as que se recusam a converter-se ao cristianismo – protestou Mafalda, levantando-se de rompante e afastando-se dele. – Matam meninos e mulheres. Arrasam campos e queimam aldeias inteiras. Ninguém me contou. Eu vi!

– Acredito em vós, mas nada disso se tem passado em Gale. Devemos nós também pagar por isso? – contestou, pegando-lhe na mão e acariciando-a. – Sinto a vossa falta quando estais longe. Quando acordo e não estais ao meu lado. Será que temos de desistir do que sentimos um pelo outro?

– Vós sois o Capitão-Mor de Gale, um fidalgo – lembrou Mafalda, afastando a mão, fitando-o com os olhos lacrimejantes. – Não podemos estar juntos.

– Já o era quando me resgataste, tal como D. Vasco, quando vos salvou – admitiu, tentando abraçá-la de novo. Estava a perdê-la e não tinha

argumentos para a fazer mudar de ideias. No íntimo, sabia que a situação se agravaria. O Governador não iria desistir de fazer cumprir as ordens de El-Rei. – Conheceis-me bem e sabeis o que sinto por vós.

– Os fidalgos estão a destruir os nossos templos – repetiu Mafalda, gesticulando. – Matam todos os que não querem ouvir o Evangelho.

– Da mesma maneira que igrejas são destruídas e cristãos são chacinados – replicou Martim, com emoção. – Mas o nosso amor é mais forte do que isso.

Mafalda começou a soluçar. Perdeu a firmeza e desfez-se num pranto. Martim sabia que aquelas palavras iam direitas ao seu coração. Ela própria vira padres e chingalás cristãos a serem decapitados ou atirados aos crocodilos. Mafalda refugiou-se na janela e pareceu observar os batéis de pesca na baía. Parou de chorar, mas Martim pressentiu-a angustiada, sem coragem para se virar para ele.

– Lamento, meu amor, tenho de estar junto dos meus...

– Mafalda, por favor! O Ceilão já estava em guerra antes de os portugueses cá chegarem. É uma terra abençoada, mas esta não será a sua última tragédia. Devemos nós desistir do amor, quando fomos feitos um para o outro?

– Nunca vos que esquecerei – enunciou ela, de costas voltadas. E num impulso, avançou até à porta.

– Ficai aqui comigo, em Gale. Quero-vos ao meu lado mais do que tudo na vida. Quero-vos para sempre, até ao fim dos meus dias.

Mafalda tinha o rosto em lágrimas, mas resistiu às súplicas e saiu. Martim baixou os braços e, pela janela, viu-a a correr pela Praça de Armas, quase esbarrando em D. Teodósio, e montar o cavalo. Sentiu as cicatrizes a latejar, ao vê-la a galope da fortaleza na direcção da floresta de coqueiros. Amargurou-se por não se ter preparado para aquele momento, mas não a podia perder. Tinha de ir atrás dela! Agarrou na espada e correu para a porta, mas logo depois viu que estava alguém do outro lado.

– Peço licença, Capitão-Mor. Posso entrar?

Era D. Teodósio. Tentou recompor-se.

– D. Teodósio. Que surpresa, não contava com a vossa presença.

– Sei que corro o risco de ser inoportuno, mas um mensageiro de Columbo acabou de chegar, e com três dias de atraso. Caiu do cavalo no caminho e ficou bastante ferido. Traz uma missiva para vós, com o selo do Governador.

– Do Governador? – perguntou Martim, agitado, abrindo-a de imediato, antevendo já o que estava escrito.

– Uma nova expedição punitiva, ou chegou a hora de invadir as montanhas?

– Não se trata disso – respondeu Martim, com alívio. – D. Jerónimo quer dar início ao registo de todas as terras da ilha.

– Registos das terras? – estranhou D. Teodósio.

– Chama-lhe tombos – explicou Martim, desanimado. – Chamou todos os capitães para um Conselho amanhã de manhã em Columbo.

– Vou pedir para vos prepararem a viagem. São mais de vinte léguas – lembrou D. Teodósio. – Queira Deus que a monção vos dê descanso.

Martim anuiu e voltou a olhar pela janela. Sentia o estômago vazio e a cabeça a latejar. Mal acreditava no que acontecera. Mafalda já deveria estar longe, mas a vida era feita de escolhas e ele ia fazer a sua. Ainda podia reescrever o destino.



Fundada pelos portugueses no século XVI, Galle atingiu o seu esplendor no século XVIII, antes da chegada dos britânicos. É o melhor exemplo de uma cidade fortificada construída por europeus no Sudeste Asiático, misturando os estilos arquitectónicos europeus com as tradições do Sul da Ásia.

UNESCO

A estrada parecia interminável e irrompia por uma floresta de coqueiros. Rui olhava pela janela, e ainda lhe custava acreditar que estava no Sri Lanka. Desde que saíra do aeroporto, em Negombo, chovera por diversas vezes, com uma força que nunca vira. O taxista avisara-o de que chegara na época das monções, mas de vez em quando o Sol ficava descoberto e iluminava a paisagem.

Tinha o corpo dorido da viagem. Viajara em primeira, apesar disso, a escala no Dubai fora longa e deixara-o esgotado. Durante a espera, Elizabeth e Helen haviam-lhe enviado mensagens. Elizabeth parecia mais animada, embora continuasse ocupada com os assuntos da mãe na África do Sul. Helen estava de regresso a Malta e dissera-lhe que gostara de visitar Lisboa e de conversar com ele. Não respondera a nenhuma delas, mas as duas haviam entrado num sonho que tivera durante o voo. Notou que ambas escreviam de modo semelhante e que tinham algumas parecenças: eram mulheres viajadas, independentes e seguras de si.

– A vida é feita de escolhas.

– Como? – perguntou Rui, desviando os olhos da janela.

– A vida é feita de escolhas, e às vezes nem damos conta de que as fazemos.

O taxista viera pelo caminho a contar-lhe curiosidades do Sri Lanka e das praias do Sul da ilha. Quando soube que Rui era português e o seu apelido Fernandes, ficou mais animado e narrou-lhe vários factos históricos. Rui ficou admirado por o apelido dele ser Gomis, de origem portuguesa, mas sentia-se tão cansado que não conseguia fixar metade do que dizia.

Haviam saído da auto-estrada e a viagem estava a ser uma aventura. Apesar do cansaço, Rui permanecia atento à animação ao longo do caminho. Em alguns locais, o carro desviava-se, a custo, dos obstáculos; *tuk-tuks*, bicicletas, motas, bem como vacas e búfalos. Não sabia se aquela azáfama era normal, se era por ser sexta-feira. Por mais de uma vez,

receou ter um acidente, mas o carro continuou, com uma normalidade alucinante, sem atropelar ninguém. Com sorte, já deveriam estar a chegar.

– Eu e a minha mulher decidimos visitar o meu irmão em Kandy, nesse fim-de-semana – continuou o taxista, indiferente ao tráfego na estrada. – Foi nesse domingo que tudo aconteceu. Era *Poya Day*, dia de Lua Cheia, feriado budista. Se tivéssemos ficado em Galle, quase de certeza teríamos morrido, como alguns dos nossos amigos e familiares de Matara.

Ouvir a palavra Matara despertou-o, apesar de a entoação ser diferente da que idealizara. Fora assim que tudo começara quatro semanas antes. Passavam agora por dezenas de casas e barracas à beira da estrada. Muitas vendiam fruta, com cachos de bananas pendurados nos beirais e ananases espalhados pelo chão.

– Apenas o forte e alguns edifícios de cimento resistiram ao *tsunami*. O resto foi tudo devastado – continuou o taxista, comovido. – Eram nove e vinte da manhã quando o mar recuou centenas de metros e as primeiras ondas chegaram. Tinham passado duas horas e meia do terramoto e apanhou todos de surpresa. Não houve qualquer aviso.

Rui voltou a olhar pela janela, imaginando ondas gigantes a galgarem a terra, arrastando pessoas, carros, animais e casas. Vira muitas imagens do *tsunami*, embora quase todas na Tailândia, onde estavam muitos turistas ocidentais. Ficou espantado por saber que o Sri Lanka fora o segundo país mais afectado, a seguir à Indonésia. Havia morrido mais de trinta mil pessoas e até a guerra civil parara temporariamente. Essa imagem não tinha nada que ver com a normalidade à sua volta.

– As ondas chegaram a avançar mais de um quilómetro em terra, e o pior foi em Peraliya, não muito longe daqui: um comboio de passageiros vindo de Colombo foi engolido por ondas de seis metros. Descarrilou e mais de mil e setecentas pessoas morreram.

Rui distinguiu as muralhas negras do forte ao longe e percebeu que estavam a chegar. Eram mais altas do que julgara e, por momentos, pensou estar prestes a entrar numa vila fortificada. Viu uma torre de relógio por detrás das muralhas e calculou tratar-se do torreão de uma igreja. Contornaram um grande campo de *cricket*, com muitos jovens equipados de branco, e saíram para uma estrada estreita, coberta por árvores, entalada entre as muralhas e o mar.

– Estamos a chegar. Vamos entrar pela Old Gate e o hotel é logo ali.

– O forte é maior do que eu pensava.

– É uma cidade histórica cheia de vida, diferente das do Norte do país, que estão em ruínas. Tem centenas de casas e edifícios. Um amigo meu mora perto da Capela de S. José, não muito longe do seu hotel – comentou o taxista, orgulhoso, olhando pelo espelho retrovisor. – O forte foi português durante muito tempo, mas foi tomado pelos holandeses no século XVII, que ampliaram as muralhas e reforçaram-nas com mais

bastiões. A partir daí, Galle passou a ser o porto mais importante da ilha.

– Mais do que Colombo?

– Sim, durante duzentos anos – confirmou, risonho. – Até os britânicos chegarem e expandirem o porto de Colombo. A partir daí, Galle perdeu importância e, enfim, a diferença hoje está à vista.

A estrada foi ficando mais estreita, mas Rui descortinou uma abertura nas muralhas. Era o acesso ao forte. Num ápice, mergulharam na escuridão e logo depois entraram numa ampla praça sossegada, cheia de árvores gigantescas, que encobriam um coreto. As ruas eram empedradas, quase sem carros, e os edifícios pareciam de construção sólida: tinham um ou dois andares, telhas de barro e paredes brancas e amarelo-torrado. Rui sentiu-se estranho, como se tivesse recuado ao passado, algures na Europa, embora sem conseguir esquecer que estava num sítio diferente. O calor era húmido, as árvores tinham uma forma estranha e viam-se muitas vacas deitadas.

Viraram à direita, passaram por uma igreja caiada de fachada triangular e depois Rui distinguiu um edifício vistoso, rectangular, de três andares. Era imponente, com grandes janelas em arco, e brilhava ao sol, ladeado por uma fila de árvores densas. Mal o motor do carro se silenciou, Rui olhou fascinado para a balaustrada da varanda corrida no piso térreo e sentiu um aroma intenso a canela.

– Bem-vindo ao Amangalla.

Aarni pousou o telefone e acompanhou o movimento da fragata japonesa. O navio foi-se afastando aos poucos do cais, com a ajuda de dois rebocadores amarelos, enquanto os marinheiros, fardados de branco, permaneciam em formação no convés. Mais de uma centena de pessoas havia parado no passeio para observar as manobras. Uma esquadra japonesa de cinco navios levantava âncora do porto de San Diego, ao som do hino norte-americano.

Aarni ficara atordoado com a mensagem que recebera e sentou-se na varanda do quarto. Estava com a mente a milhares de quilómetros dali. A polícia portuguesa ligara para a MediVal à sua procura e parecia suspeitar de que ele assassinara Ernest. Questionou-se como teriam conseguido chegar até ele. Estivera três semanas em Portugal, sempre com extremo cuidado, e amargurou-se de ter deixado pistas que o ligassem a Ernest. Depois disso, estivera uns dias entre Badajoz e Bilbao e temeu que a polícia espanhola pudesse também andar à sua procura.

Aqueles tempos em Lisboa haviam sido decisivos. Assim que descobrira que Ernest estava em Portugal, tentara perceber os seus passos e o teor das investigações. Quando, mais tarde, chegou a Lisboa, estudou os seus movimentos e rotinas e teve a certeza de que ele não se associara a nenhuma farmacêutica, estando apenas ligado ao CIC. Conhecia-o bem

para saber que continuava a investigar a Taprobana.

Alugara um pequeno armazém isolado nos arredores de Lisboa, para trabalhar à vontade. Dias depois de ter tudo preparado, vira-o naquela rua escura e deserta a sair da igreja. O local parecera-lhe perfeito e decidira entrar em acção. Foi com facilidade que o dominou e o carregou para o armazém.

O interrogatório começara bem. Fora bafejado pela sorte. Primeiro, acedera aos dados gravados no *iPhone* e descarregara-os, atirando mais tarde o aparelho ao rio. Depois, descobrira que Ernest trazia consigo uma *pen*, que continha quase todas as informações por que ansiava: tanto a razão pela qual os testes haviam falhado em Singapura como registos das experiências em vídeo e vários exames de pacientes do CIC, com os parâmetros que procurava. Aquela era a prova de como o composto funcionava e de como Ernest o enganara!

Não hesitou em ser violento e espancou-o por diversas vezes. Não havia outra maneira de garantir que ele confessasse tudo. Ernest deixou de resistir na tarde seguinte e, em desespero, contou-lhe vários detalhes desconhecidos sobre a Taprobana. Aarni ficou maravilhado com o efeito lubrificador em vários órgãos. Usou todos os meios para se certificar de que Ernest estava em agonia e não lhe voltaria a mentir.

Ao todo, interrogara-o durante dois dias, até ter a certeza de que tinha tudo o precisava e compreender as informações do *iPhone* e da *pen*. Todavia, cometera um erro: tinha ido comprar comida após Ernest perder a consciência. E fora quando regressara ao armazém que tudo acontecera: só de reviver aquele momento, sentia o ar faltar-lhe e a cara a escaldar.

Levantou-se da cadeira e observou a frota japonesa a sair da baía. Resolveu ir passear à beira-mar para se acalmar. Dezenas de helicópteros cruzavam os céus, num som ensurdecedor, como se se tratasse de um teatro de guerra. Na recepção do hotel, haviam-no avisado dos exercícios militares na baía, explicando que San Diego era a maior base naval dos Estados Unidos na costa do Pacífico.

O passeio e a brisa agradável deixaram-no mais tranquilo. Vinte minutos depois, parou no limiar de um porta-aviões acostado no cais e decidiu voltar para trás. O dia aproximava-se do fim, mas o Sol estava prestes a nascer do outro lado do mundo, em Malta. Aarni estava a nove horas de diferença horária da sede da MediVal, mas o futuro decidia-se ali. Após a viagem-relâmpago ao Sri Lanka, o seu trabalho no laboratório em Tijuana, do outro lado da fronteira mexicana, tinha sido um sucesso: a Taprobana fora eficaz e alterara o metabolismo das células, atingindo parâmetros semelhantes aos que Ernest conseguira no CIC.

Tentou esquecer o que o atormentava e concentrar-se no essencial. Estava prestes a conseguir o que sonhara, depois do esforço dos últimos anos. Iria ficar na história da medicina e mudar o curso da humanidade!

No entanto, antes de começar a fazer planos, tinha de confirmar que países não tinham acordos de extradição com a União Europeia. Se as coisas corressem mal, poderia ter um mandado de captura internacional, e desconfiava de que a MediVal já percebera o que ele fizera. Felizmente, pensara em tudo e tinha o destino nas mãos. Estava com o seu passaporte sueco falso e, dali a pouco, iria voar para a Costa Rica.

Rui fechou a porta do quarto e fitou o corredor comprido à meia-luz. O Amangalla parecia viver numa outra época: o mobiliário, o piso de madeira escura, os tectos altos com traves de madeira e até a biblioteca, repleta de mapas holandeses antigos. Fora a residência do Governador Holandês, quatro décadas após a expulsão dos portugueses, e transformara-se no principal hotel de Galle, quando a cidade já era domínio britânico. Fora ampliado e renovado havia uns anos e mantinha um ambiente colonial. Rui passara o fim de tarde na piscina e a dormir na espreguiçadeira do jardim de frangipanis. Agora sentia-se recuperado da viagem.

Assim que desceu as escadas, viu-o. Robert Swaris fora pontual e já o esperava no bar, perto do piano, a beber um *gin* tónico. Tinha barba aparada, cabelo grisalho e um ar distinto. Deveria ser da mesma idade de Ernest. Cumprimentaram-se com simpatia e encontraram logo algo em comum.

– Conheço muitos Fernandes no Sri Lanka – adiantou Robert, com um semblante triste, ainda abalado com a morte do amigo.

Era a hora dos *cocktails*. O bar do Amangalla estava animado, cheio de turistas e cingaleses abastados, que falavam e riam alto, ao som do piano. Parara de chover, as janelas estavam abertas, e as ventoinhas do tecto giravam, mas o ar continuava abafado. Instantes depois, Rui sentiu o perfume adocicado a canela e sorriu. Era inebriante.

Robert nascera em Galle e era amigo de infância de Ernest. Havia sido colegas na escola primária, e jogado *cricket* juntos, antes de Ernest se mudar para Colombo. Continuaram a ver-se nas férias e mantiveram o contacto, mesmo quando já eram universitários. Ambos haviam seguido Medicina e, mais tarde, reencontraram-se em Singapura, onde Robert trabalhava na altura. Por momentos, Rui suspeitou de que tivesse sido ele quem influenciara Ernest a mudar-se para Singapura.

– Gostei muito dos anos que lá vivi, mas chegou uma altura em que senti que tinha de voltar à minha terra. Para ajudar o meu país.

– Como médico ou cientista?

– O Sri Lanka tem necessidades prementes, de curto prazo. – Robert contou-lhe como era trabalhar nas urgências em Galle e Matara, onde era confrontado todos os dias com tragédias. Não existia uma pobreza extrema como na Índia, apesar de o país estar longe dos indicadores ocidentais. – E

o resto do Sri Lanka está bem pior do que Galle ou Colombo...

Os dois passaram para a sala de jantar, na varanda. Ficaram numa mesa encostada à balaustrada, de frente para a Church Street. Rui seguiu a sugestão de Robert na ementa, pedindo uma dose menos picante, e depois escolheram uma garrafa de vinho rosé australiano.

Robert estava de folga até à tarde do dia seguinte. Confessara que precisava de relaxar, depois de mais um dia intenso no Hospital de Galle. Era divorciado, sem filhos e vivia sozinho nos arredores da cidade.

– Quando foi a última vez que falou com o Ernest? – perguntou Rui, à primeira oportunidade.

– Cerca de um mês antes de receber o seu *e-mail*.

Ernest e Robert falavam-se com regularidade. Conversavam sobre a vida, o Sri Lanka e o trabalho de ambos. Robert parecia ter sido confidente de Ernest, alguém com quem ele trocara impressões sobre as suas pesquisas.

Voltava a chover, com força. Era uma chuva quente, quase agradável, que dissipava a humidade do ar. Robert acabou o *gin* tónico e continuou a falar sobre o amigo, indiferente aos relâmpagos que se ouviam.

– No seu *e-mail*, disse que precisava da minha ajuda – referiu o médico, depois de uma curta pausa. – Em que posso ser-lhe útil?

– Estamos empenhados em assegurar o legado do Ernest e não queremos que o seu trabalho caia no esquecimento – respondeu de pronto. – Imagino que costumassem falar de trabalho e pensei que talvez nos pudesse ajudar a esclarecer algumas questões relacionadas com as pesquisas dele no Sri Lanka.

– O Ernest era um apaixonado pelo seu país – anuiu Robert, afagando a barba grisalha. – Teve a coragem de investigar onde poucos haviam tentado.

– Refere-se à medicina *ayurvédica*?

– Sim, o Ernest teve o grande mérito de investigar muitas plantas desta ilha e actualizar os conhecimentos sobre elas – salientou Robert, assentindo com a cabeça. – Eu fui acompanhando o trabalho dele à distância, dei-lhe algumas opiniões, embora nunca tivesse pensado que ele conseguisse chegar tão longe.

Dois empregados aproximaram-se em silêncio com pratinhos de chamuças e outras entradas, bem como um cesto de *papadam*, servindo depois o vinho. Uma das entradas parecia pão ralado e cheirava a coco.

– E qual das investigações ou das plantas é que o impressionou mais?

– Boa pergunta. O Ernest trabalhava em várias pesquisas importantes. Aliás, o Sri Lanka tem um grande historial de plantas medicinais, desde os tempos antigos. Existem as mais estranhas plantas nesta terra.

– Estranhas?

– Sim, é o paraíso dos biólogos. Nesse campo, os holandeses deixaram-

nos uma vasta herança. Todas as plantas parecem servir para algo e até a canela, a nossa especiaria mais ilustre, tem propriedades terapêuticas.

Rui recordou a conversa de Kris e aproveitou para o questionar sobre os hospitais *ayurvédicos* e os banhos termais dos mosteiros antigos. Robert contou-lhe algumas lendas, e uma delas perturbou-o especialmente. Séculos antes, um distinto monge budista tomara uma bebida *ayurvédica* durante anos, que o próprio preparava e o protegia de todas as doenças. Falecera com mais de oitenta anos, pouco antes da chegada dos portugueses, e o seu corpo não entrara em decomposição.

– As unhas e os cabelos continuaram a crescer e acabou por não ser cremado, de modo a ser venerado – revelou o cingalês, com um ar quase solene. – Anos mais tarde, os portugueses levaram o corpo para Goa, para acabar com o ritual.

– Era essa planta a investigação principal do Ernest? – insistiu Rui, perdido no meio de tanta informação. Percebera que o nome ou o cargo do monge era *Sangharaja*, porém, não conseguira fixar o nome da planta. – Curava apenas gripes e infeções ou tinha um efeito mais profundo em doenças mais graves?

Robert assentiu, como se compreendesse o que ele procurava. Murmurou algo imperceptível e fez uma pausa, para ir à casa de banho. Quando voltou, parecia retemperado. Verteu mais vinho no copo e acabou com a garrafa.

– O senhor é português. Os seus antepassados foram os primeiros europeus a chegar aqui e estiveram cá cento e cinquenta anos. Foram tempos violentos, mas deixaram muitas marcas – frisou. – Os holandeses bem se esforçaram por as suprimir. A igreja que está ali do outro lado da rua é um bom exemplo. É a igreja protestante mais antiga do país, construída logo depois da conquista da cidade em cima de um convento português.

– Não fazia ideia. Estive lá esta tarde e ninguém me falou disso.

– Por todo o país, os holandeses construíram edifícios, igrejas e fortes em cima das fundações portuguesas. Esforçaram-se por apagar todas as memórias dos portugueses e denegriram o que eles haviam feito. Baniram a religião católica e proibiram o uso da língua portuguesa – adiantou Robert, com veemência. – O destino, em certa medida, foi-lhes cruel: quando os britânicos aqui chegaram, encontraram mais pessoas a falar português do que neerlandês.

Robert parecia desconversar, com aquelas múltiplas referências aos holandeses, sem responder à questão. Talvez desconfiasse dele. Rui deixou-o falar; tinha tempo.

– O Forte de Galle é holandês, mas foram os portugueses que o fundaram e o puseram na rota das grandes navegações. Para além da religião católica e dos apelidos, os portugueses deixaram um legado na

culinária, na música e em mais de mil palavras da língua. No entanto, ninguém refere o principal, porque isso é desconhecido.

– O principal?

– Sim. Na altura, os portugueses dominavam as terras baixas, mas andavam por todo o lado, e muitos deles estiveram nas montanhas. Era uma questão de tempo até descobrirem o segredo mais protegido da ilha – revelou Robert, esvaziando o copo. – O Ernest comentou várias vezes comigo que foram os próprios portugueses que depois garantiram que mais ninguém soubesse disso: nem holandeses, nem britânicos, nem ninguém.

– Por terem levado o corpo de um monge budista para Goa?

– Não, nada disso.

Afinal, Robert não desconversava. Rui deixou-o seguir o seu raciocínio e ouviu-o falar sobre o período português do Sri Lanka. Soube, sem surpresa, que as fontes mais importantes daquele tempo eram livros portugueses, sobretudo dois, escritos no final do século XVII, por um capitão e um padre português. Contudo, Ernest descobrira outros registos históricos portugueses.

Robert calou-se ao ver que os dois empregados regressavam. Levantaram as entradas e serviram os pratos principais, anunciando-os delicadamente. Uma combinação de vários caris, cada um servido na sua pequena taça branca; caril de caranguejo com coco, caril de galinha com gengibre, caril de caju, caril de legumes e caril de peixe com tamarindo, acompanhado por *sambol* e arroz *basmati* servido numa folha de bananeira. Pediram uma nova garrafa de vinho rosé e mais duas de água fresca. A chuva caía com força, ainda assim o ambiente na varanda continuava descontraído.

– Mas afinal que segredo é esse? – persistiu Rui, não contendo a ansiedade. Pareciam estar finalmente a falar da Taprobana.

– O Ernest deu vida a uma das lendas da ilha, com a ajuda desses registos portugueses – revelou, com a voz entaramelada. – Foi essa a sua principal investigação!

Rui parou de comer e recostou-se na cadeira a ouvi-lo. Robert deveria estar a referir-se à informação histórica que Ernest compilara na *pen* e nas pastas que dera a Elizabeth.

– É sobre um mosteiro budista nas montanhas. Talvez não saiba, mas a maior parte deles foram abandonados no século X e XI. Os mais resistentes subsistiram até ao século XV, pouco antes da chegada dos portugueses. A partir daí, ficaram esquecidos e foram tomados pela selva – relatou Robert, desviando o olhar para o copo de vinho. – Só voltaram a ser descobertos no final do século XIX pelos britânicos, na altura em que andavam a cartografar a ilha.

– É estranho pensar no Sri Lanka sem mosteiros ou templos budistas.

– É verdade. Actualmente, existem cerca de seis mil mosteiros e

templos budistas no país, mas no final do século XVI era bem diferente. Foi um período dramático. O budismo quase desapareceu, mas conta-se que um desses mosteiros continuou activo, em segredo. Foi descoberto por um punhado de portugueses no decorrer de uma grande batalha nas montanhas.

– Eu li sobre isso. Numa batalha em que os portugueses foram dizimados, em 1594, se não me engano.

– Estou a referir-me à batalha seguinte, sensivelmente na altura em que os holandeses chegaram.

Rui ficou pasmado. Vira algumas informações avulsas sobre a chegada dos holandeses, mas nada sobre aquela outra batalha. Começava a sentir o efeito picante dos vários caris que comera. Bebeu um copo inteiro de água e continuou a ouvir Robert com atenção.

– Esse mosteiro estava situado numa montanha muito alta, onde crescia uma planta medicinal que se dizia ter o poder de curar as dores e dar uma vida longa. No entanto, havia um problema. As montanhas e a floresta em redor eram protegidas pelos *Yakkas*.

– *Yakkas*?

– Os guardiões da montanha. Espíritos cruéis, vistos como demónios.

– Ah, espíritos – depreendeu Rui, com um sorriso. O jantar estava delicioso, embora sentisse a boca a arder. – Lendas, como diz.

– Ainda hoje muita gente acredita nos *Yakkas* e continua a haver relatos sobre comportamentos estranhos de animais numa parte da ilha. Os leopardos e os elefantes são bastante mais agressivos do que nos outros locais, e até as cobras e os ursos têm uma reacção imprevisível.

– Que região é essa? – questionou, surpreso com a referência a ursos.

– No Norte do país, onde ficam as ruínas das cidades antigas, ainda hoje uma zona pouco povoada – respondeu, coçando a barba branca. – Eu não sei que informação é que tem, mas eu desconfio de que o Ernest encontrou o mosteiro e a planta, e conseguiu estabilizar a molécula natural, muito possivelmente, potenciando os seus efeitos.

– Tornou-a mais forte?

– A maioria dos compostos naturais precisa de alguma modificação para funcionar como medicamento. Este não parece ser o caso, porque existem provas de que já era eficaz há muitos séculos, e acredito que o Ernest a tenha tornado ainda mais eficaz, e possivelmente com menos efeitos secundários.

– Que provas é que está a referir? – contestou Rui, descrente. O vinho fresco dava-lhe algum alívio, mas estava a suar e o ardor do caril persistia.

– Registos portugueses – ripostou Robert. – Documentos na posse do Ernest.

– Alguma vez ele lhe falou de Mafalda de Castro? – arriscou Rui. – Uma mulher de ascendência portuguesa...

– Sim, era ela a guardiã do segredo – admitiu Robert, surpreendido. – Infelizmente, apaixonou-se por um português.

– Martim Albergaria – contrapôs Rui, olhando para a rua escura. Estava em Galle, onde os dois se haviam reencontrado e desencontrado. Pelo que lera, o destino deles estivera fatalmente ligado.

– Sim, o fundador desta cidade – anuiu Robert, coçando novamente a barba e bebendo mais um gole de vinho. – Os dois viveram um amor impossível, num tempo sem perdão.

– Mas como sabe que o Ernest encontrou o mosteiro e a planta? Como sabe que ele tentou melhorá-la?

– Porque ele mo disse – confessou Robert, por fim, pousando o copo. Parecia ter bebido em demasia. – Mostrou-me.

– Mostrou-lhe?

– A planta. Ou melhor, mostrou-me fotografias e desenhos dela – relatou, com um sorriso nos lábios. – Não sou especialista em botânica, mas nunca a tinha visto.

Rui ficou incrédulo. Podia ser uma conversa de bêbado ou, pelo contrário, o álcool podia tê-lo levado a falar sem hesitações.

– Posso ver esses desenhos? – pediu Rui, sem desarmar. – Talvez sejam importantes para que o legado do Ernest não desapareça.

Robert ficou tenso. Esvaziou o copo e observou-o em silêncio, com uma expressão ambígua, mas depois perguntou:

– Está em Galle até quando?

– Até quinta-feira.

– Infelizmente, só volto a estar de folga no sábado – retorquiu Robert, com a voz entaramelada. – Mas esteja descansado, que eu digo-lhe alguma coisa.

– Claro, ficamos em contacto.

– Agora, se me dá licença, tenho de ir descansar. Dormi apenas quatro horas e tive um dia extenuante – confessou, levantando-se com dificuldade e arrastando a cadeira. – Gostei muito do jantar e de conversar consigo.

Despediram-se. Rui viu-o a descer as escadinhas para a rua e afastar-se, a cambalear, até um dos *tuk-tuks* que estava estacionado sob as árvores. Por momentos, receou que fosse a conduzir, mas depois percebeu que se tratava de um táxi.

Recostou-se na cadeira, e cheirou-lhe novamente a canela e a frangipani, até que um relâmpago caiu em cima do hotel, assustando todos os que estavam na varanda. Quando Rui se acalmou, imaginou um mosteiro perdido nas montanhas, plantas de formas estranhas e demónios a fazerem justiça com as próprias mãos. Abanou a cabeça e mordeu o lábio. Nem sabia bem o que dizer a Kris e ao presidente: a conversa com o médico fora quase esotérica...



Um exército invasor tem de se apoderar de Balane antes de ter a ambição de conquistar o Reino de Candea.

FREI FERNÃO DE QUEYROZ, *CONQUISTA TEMPORAL E ESPIRITUAL DO CEILÃO*

Emmanuel abriu os olhos e fitou a copa da figueira sagrada, com a mente ainda a flutuar. O ar das montanhas estava fresco e ouvia-se a água do rio. Sabia-lhe bem estar deitado; sentia-se meio ensonado, com o corpo dormiente, e saciado. Celebrara a expedição às terras baixas com uma grande festa que se prolongara pela noite. Por obra do destino, envolvera-se numa escaramuça com uma patrulha inimiga, comandada por um distinto fidalgo português, mas fora com facilidade que o degolara, levando à fuga dos restantes soldados.

Os chingalás trataram-no como um herói, oferecendo-lhe um belo repasto, a que não faltara carne de caça e vinho de Candea. A maioria dos chingalás não bebia aquele néctar, mas o rei expandira as vinhas plantadas pelos franciscanos e o vinho era tão bom como o de Portugal. O melhor ficara para o fim e durara a noite toda. Três mulheres haviam-lhe passado pelos braços, deliciando-o e levando-o ao paraíso, uma após outra.

Vivia em Candea havia sete anos. A vida tinha-o tratado bem e descobrira uma liberdade que não sabia existir. Nem todos pensavam como ele. A maior parte dos prisioneiros portugueses havia retornado a Columbo, assim que o rei de Candea autorizara; não apenas os franciscanos e os capitães, mas também soldados. O rei tentava firmar um tratado de paz com D. Jerónimo, e achava que os prisioneiros haviam cumprido a sua pena, com a reconstrução dos fortes e templos. Emmanuel contemplou os jardins do palácio lá em baixo e sorriu com as novas construções; até a torre era semelhante às que existiam em Portugal e contrastava com o Templo de Buda, adjacente. Os portugueses não tinham conseguido conquistar Candea, ainda assim haviam deixado a sua marca.

Emmanuel também estava a deixar a sua. Chegara de Balane na tarde anterior, depois de inspeccionar as benfeitorias do forte à entrada do desfiladeiro; parecia tão robusto como as fortificações de Columbo e Malaca. Passara a ter quatro bastiões, poderia albergar uma guarnição de oito mil homens, e as indicações que ele deixara iriam dificultar ainda mais o avanço inimigo. O mesmo fizera em Ganetanna, mais adiante; aquela seria a primeira linha de defesa e estava cada vez mais sólida. Sabia como os portugueses lutavam e não iria ser fácil eles suplantarem aqueles

obstáculos.

As pálpebras pesavam-lhe em demasia. Cerrou os olhos e recordou quando subira as montanhas, pela primeira vez, ao lado do Capitão-General. Era um jovem inocente, que desconhecia os prazeres da vida, leal a algo que aprendera não fazer sentido. O desfecho da expedição mudou-o para sempre. Agora estava nas suas mãos fazer com que os portugueses não arruinassem aquele paraíso.

Não fora o único português que se quedara nas montanhas; um punhado de homens havia ficado de livre vontade. Nunca duvidara da sua escolha: ali tinha poder, era respeitado e escolhia as mulheres que queria. Era o português que mais singrara na corte, e o rei de Candea não prescindia de ouvir os seus conselhos. Fora nomeado seu *Adigar*, conselheiro, e com isso herdara terras, acumulara riqueza e tinha milhares de homens sob o seu comando.

Todavia, ambicionava mais. Não passava uma semana em que não pensasse no mosteiro. Os *bhikkhus* que capturara perto do Pico do Adão tinham-no ludibriado. Durante meses, vasculhara em vão os trilhos de Trequimalé e subira às montanhas das cercanias. Nunca conseguia permanecer muito tempo nas terras a norte, ainda assim inquirira várias aldeias. Ouvira relatos de demónios da floresta e um deles deixara-o perturbado: um ancião de Trequimalé clamara ser um antigo sentinela do rei de Candea e confidenciara-lhe que avistara vários *Yakkas*, e que não havia arma que os matasse, nem ninguém que escapasse à sua ira.

De quando em quando, Emmanuel era assolado por revelações durante o sono de que o poder lhe estava predestinado e em breve seria Imperador do Ceilão. No entanto, todas as pistas se haviam mostrado infrutíferas e não encontrara qualquer sinal do mosteiro e de um Changatar protegido pelo *kaffir* gigante. Teve dias em que foi consumido por uma fúria descontrolada, outros em que pensou em desistir, mas logo apaziguava o espírito e prosseguia o seu desígnio.

A região Norte era remota e vasta, mas ele decidira mantê-la sob vigilância e colocara alguns soldados no terreno, com a desculpa de estarem à procura de traidores. Apertara a vigilância nos locais onde ouvira mais relatos sobre o mosteiro. Porém, o tempo escasseava e, dentro em pouco, teria de chamar todas as patrulhas de regresso à cidade.

Ouviu os tambores do outro lado do rio e saiu do estado de dormência. Era um toque de guerra. Batedores lascarins deveriam ter sido avistados no desfileiro. Apressou-se a levantar-se e vislumbrou duas servas aproximando-se com um par de vestes de algodão e seda. Trocou um sorriso cúmplice com ambas, lembrando-se como se lhe haviam entregado na noite anterior. As guerras com os portugueses pareciam intermináveis, mas pelo menos o calor das chingalás era infundável.

A procissão avançava pela Rua Direita, vinda do Convento de S. Francisco, ao som dos sinos das igrejas. Centenas de pessoas caminhavam, a rezar em coro, atrás do pároco e de quatro padres chingalás que carregavam cruzes de madeira e imagens de Cristo. Era terça-feira, o Natal aproximava-se e as festividades espalhavam-se por toda a ilha, especialmente em Columbo, a mais cristã das cidades. Via-se um mar de gente. Martim estava pasmado com tantos chingalás na procissão, muitos deles de cruz ao peito. Recordou as procissões a que assistira no Reino anos antes. Columbo parecia Portugal!

Deixou a procissão passar em direcção ao riacho e seguiu para a parte sul da cidade. Gostava sempre de ir a Columbo e não se esquecera de que fora ali que começara a sua vida no Ceilão. Em sete anos, muita coisa mudara; a cidade parecia mais formosa, com muitos mercadores, artesãos, missionários, novas igrejas e conventos em construção. Sentiu o odor adocicado da canela e descobriu passeios arranjados, fontanários bonitos e novos jardins de rosas e jasmim. Os pomares pareciam-lhe mais densos do que outrora, embora alguns campos de limoeiros e laranjeiras tivessem dado lugar a novas ruas, com casas de pedra e cal, telha portuguesa e traços apalaçados. Na véspera, Martim passara pela antiga casa de D. Vasco e ficara sossegado por ver que se mantinha em bom estado.

No porto, pelo contrário, esperara mais movimento e a alfândega estava quase parada. Descortinou apenas um carregamento de areca e quatro champanas com arroz e panos, provenientes do Coromandel. Talvez a culpa fosse, em parte, sua. Gale crescia como porto de mar, pela sua localização e por conseguir receber navios de maior porte. O mesmo se podia dizer da guarnição na fortaleza, onde se alojara. Havia quase três anos que Columbo deixara de ser o principal posto militar da ilha, depois de o Governador se mudar para Malvana, a nova fortaleza no interior, a quase três léguas dali.

O motivo da vinda a Columbo era, no entanto, pesaroso. D. Teodósio morrerá. A sua saúde agravara-se nos últimos meses e emagrecera a olhos vistos. Tivera febres constantes, passara tempos sem comer e perdera as forças. De certa maneira, estava preparado para aquele desfecho, e a sua morte fora sem dor, durante o sono. Assim que soubera do sucedido, Martim trouxera o corpo para Columbo com a ajuda de quatro lascarins, para enterrá-lo no Convento de S. Francisco, perto do rei de Cotta, conforme o desejo do falecido.

Martim caminhou ao longo do riacho, fugiu de uma nuvem de mosquitos e acercou-se do Bastião de S. Mateus. O dia chegava ao fim e a taverna enchia-se de vida. Estava diferente do que era, talvez por causa das janelas abertas e da luz natural. Duas jovens chingalás cantavam e bailavam ao som dos bandolins. Eram bonitas e tinham o cabelo preto liso. Martim ficou deslumbrado; nunca vira as naturais da ilha a dançar.

Sentou-se a um canto, a beber uma malga de vinho e trincar pedaços de coco, e ali ficou, a ouvir a música e a acompanhar a dança.

Na manhã seguinte, seguiria para Malvana, mas por ora era tempo de repousar. Sentia falta da animação de Columbo. Por vezes, ainda ficava angustiado com a ausência de Mafalda, embora esses momentos comesçassem, por fim, a rarear. Haviã passado três anos desde que a vira pela última vez, a desaparecer por entre os coqueiros que rodeavam a cidadela de Gale.

Ao início, vivera sobressaltado. Durante meses, deixara-se ficar nas muralhas, na esperança de a ver sair da floresta. Mas depois desistira e aplicara-se no trabalho. O Governador renovara-lhe a comissão e tinha muitos afazeres. Sentia-se recomposto. De vez em quando, tinha a companhia de uma chingalá e até o Governador lhe sugerira que se casasse com uma «Órfã de Goa».

O ano fora agitado e Goa tinha um novo Vice-Rei. Era o terceiro desde que Martim chegara às Índias, ainda que as ordens para a conquista do Ceilão se mantivessem. Suspeitava até que o Governador estava pronto para iniciar a conquista das montanhas e, por isso, o chamara a Malvana.

No entanto, havia algo mais grave que o desassossegara. Navios holandeses haviam chegado às Índias. Tal teria sido impensável quando zarpara de Lisboa e para homens da geração do seu pai ou de D. Vasco. Ao início, muitos não acreditaram, outros diziam que se tratava de fantasmas, mas Martim sabia que não era assim. Soubera de fonte segura que navios holandeses haviam sido avistados nos Mares do Sul, depois de dobrarem o Cabo da Boa Esperança. O novo Vice-Rei fora incumbido de os expulsar e punir quem os assistisse. Por duas vezes, enviara uma grande frota para a Insulíndia e afugentara-os, porém, nada garantia que não voltassem, e ainda com mais força. O Ceilão não estava livre de perigo. Afinal, a Insulíndia estava a apenas três semanas de mar.

Suspirou e bebeu o último trago de vinho. As cantoras chingalás haviam terminado a dança e percorriam as mesas da taverna, para recolherem um donativo. Instantes depois, abeiraram-se dele e Martim observou-as de perto.

– Cantais muito bem – louvou, deitando uma moeda para a bolsa. Ambas tinham olhos alongados e uma delas trazia um fio brilhante ao pescoço. Deveriam ter dezassete, dezoito anos, e cheiravam a coco. – Qual a vossa graça?

– Maria e Leonor. Somos irmãs.

– Sois de Columbo?

– Vivemos aqui há muitos anos, mas nascemos perto de Gale. Muito obrigado pela vossa atenção. Deus vos abençoe.

Martim ficou espantado com a alusão a Gale, mas deixou-as ir. As irmãs avançaram para as mesas mais à frente, e ele seguiu-as com o olhar. A

mais velha voltou-se para trás e sorriu-lhe. Tinha um sorriso encantador.

Uma súbita rajada de vento agitou a copa das árvores. Mais de setenta *bhikkhus* entoavam cânticos e recitavam as escrituras, sentados de joelhos debaixo da figueira sagrada. Estavam prestes a entrar em meditação quando Mahastana descerrou os olhos e observou os três *anagarikas*, vestidos de branco, que haviam abraçado o *sangha* semanas antes. Eram noviços, tinham doze anos e vinham de Trequimalé, onde a reverência a Buda era menos comum, mas pareciam cientes da responsabilidade que carregavam.

De repente, um som metálico irrompeu pelo pátio e despertou todos da oração. Alguém batia no portão de acesso com insistência, seguindo o código combinado. Três batidas secas, seguidas por duas espaçadas, e três novamente.

Desde o massacre perto da Montanha Sagrada que as medidas de segurança eram apertadas. Ninguém podia sair sem autorização, nenhum *bhikkhu* podia vestir os hábitos fora do mosteiro, evitavam andar sozinhos, e tanto Kala como Nayana mantinham-se vigilantes em todas as saídas. Nayana advogara que era urgente eliminar Emmanuel, pois sabia-se o que procurava e que não iria desistir; porém, Mahastana fora firme e reafirmara os preceitos de Buda pelos quais viviam.

Aquela recordação fê-lo temer o pior, e que uma nova desgraça tivesse acontecido; alguns monges estavam no Jafanapatão, e Kala tinha ido a Trequimalé comprar ferramentas. Levantou-se e foi seguido pelos *bhikkhus*. Correram pelo pátio e aglomeraram-se à volta do portão de ferro, que dava acesso aos túneis. Os toques não paravam, seguindo o código estabelecido. Mahastana deu ordem para abrir. Era Dipa, um dos *bhikkhus* que se ausentaram; tinha vestes de camponês e o corpo coberto de suor.

– Encontrámos onze meninos perdidos na floresta, perto das ruínas de Dimbulagala. São os sobreviventes de um grupo atacado por leopardos – contou, esbaforido. – Perdemos três no caminho, mas conseguimos chegar até aqui com os outros. Estão muito mal...

– Onde se encontram?

– Lá em baixo, com o Roshan. Se não os tratarmos, não vão sobreviver.

– Estavam sozinhos? – inquiriu Mahastana, abismado.

– Um dos meninos contou-nos o que se passou. Vinham de Batticaloa a caminho de Candea e foram atacados pelas feras durante três noites seguidas – relatou Dipa, limpando o suor que lhe escorria pela face. – Os adultos tentaram afugentá-las, mas foram chacinados, um após o outro. Nenhum sobreviveu.

– Tragam-nos para cima – ordenou Mahastana, sem se comover com o bulício de alguns *bhikkhus*. Desde o ataque de Emmanuel Dias que muitos tinham receio de trazer estranhos ao mosteiro. – Temos de os salvar.

Oito *bhikkhus* desceram o labirinto e, em esforço, trouxeram-nos para cima. Todos estavam feridos e três encontravam-se inconscientes. Um deles tinha o peito rasgado pelas garras de uma fera, e outro perdera um braço e o sangue espalhara-se pelo pano que lhe tinham posto para o estancar. Assim que chegaram ao interior do mosteiro, cerrou-se o portão.

– Estão à beira da morte – adiantou Roshan, fitando-os no pátio, a gemer e chorar. – Tinham sido novamente atacados pouco antes de os termos encontrado.

– Levem-nos para o casebre – indicou Mahastana, debruçado sobre os meninos. As feridas eram profundas e temeu que fosse tarde demais. – Peçam a Nayana que os deite, ferva água e prepare os curativos. Eu não me demoro.

Mahastana mergulhou na floresta e correu até ao templo, parando defronte da estátua de Buda. Orou pelas crianças e entrou no hospital.

Mafalda estava na horta quando notou os *bhikkhus* a passarem o lago de nenúfares, decididos, na sua direcção. Foi tomada de surpresa, mas logo se aprontou, percebendo o que se passava. Abriu as portas do casebre e deixou entrar o ar fresco. Estava fechado havia semanas e nem tivera tempo de o limpar. Não estava preparada, mas com agilidade arranjou as esteiras para deitar os meninos. Os *bhikkhus* trouxeram-nos para dentro e Mafalda juntou dois e três no mesmo leito. Assim que Mahastana chegou, pediu a todos que saíssem e apenas ela e Sumangala, o *Sanghathera* Auxiliar, permaneceram no interior.

Mafalda mordeu os lábios e, sem querer, tocou no colar com as mãos. Tinha o corpo a tiritar, mas limpou as feridas com afinho e mudou o curativo do menino que perdera o braço. Ele mal abria os olhos, mas talvez ainda o conseguissem salvar. Foi por ele que Mahastana começou. Voltou a vê-lo a dar o caldo sagrado, tal como da primeira vez, quando ela ainda era criança e Abel estivera às portas da morte. A planta era misturada com raízes da caneleira, antes de ser transformada em pó e de se lhe juntar água da chuva. Era um segredo que durava havia gerações e salvara muitas vidas, embora tivesse de ser doseado. Recordou o quanto Martim lhe dissera que sofrera quando regressara a Columbo e receou que o mesmo pudesse acontecer àqueles meninos. Alguns continuavam a chorar, mas Mafalda tentou tranquilizá-los. Ali estavam a salvo dos leopardos.

Mahastana passou um por um, ao mesmo tempo que dava instruções para lhes limparem as feridas e os aconchegarem da melhor maneira. Queria ter a certeza de que fazia o que podia por todos. Mafalda desconfiava de que ele tinha mais de cem anos de idade; não eram apenas os ensinamentos do *sangha* que o mantinham ágil. O mesmo sucedia com Abel, apesar de ainda ser cedo para se notar. Mafalda nunca bebera aquele caldo sagrado, contudo, a altura estava a chegar: já era crescida, o seu corpo tomara forma e Mahastana contava com isso.

Instantes depois, viu Mahastana baixar os braços, extenuado. Alguns meninos ainda estavam agitados, porém, não demorou muito para pararem de gemer e adormecerem. Sabia que isso acontecia sempre, depois da primeira ingestão.

– Agora, deixem-nos dormir – proferiu Mahastana com um ar pesaroso. Voltava a chover com força lá fora. – Só deverão acordar amanhã de manhã e aí será num novo dia. Quando acordarem, é melhor comerem alguma coisa.

– Que lhes acontecerá?

– Uns deverão estar bons dentro de dias, mas temo que seja tarde para outros – confessou perto da porta, com o olhar no menino sem braço. Deveria ter sete ou oito anos e parecia dormir em paz. – Temos de orar para que continuem nesta vida.

O cortejo entrou no forte, com o palanquim à frente, seguido por um regimento de duzentos lascarins armados de lança e escudo. Ouviu-se o ribombar dos tambores e o Governador desceu do palanquim. Os capitães estavam alinhados na Praça de Armas, trajados a rigor, acompanhando os passos de D. Jerónimo. Martim manteve a postura e recordou a chegada de D. Catarina a Candea, sete anos antes. Parecia que fora noutra vida, mas agora percebia porque chamavam os chingalás a D. Jerónimo rei de Malvana.

– O Governador do Ceilão, D. Jerónimo de Azevedo – bradou o sargento.

Martim notara que todos os capitães da ilha estavam presentes, tanto os cinco adjuntos do Governador como os que comandavam as outras fortalezas costeiras: Columbo, Negumbo, Mannar, Calutara e Jafanapatão. Alguns ainda os conhecia mal, mas todos eram veteranos do Ceilão. Tinham várias cicatrizes, tal como ele, e dois eram cegos de um olho. D. Jerónimo não gostava de ter por perto oficiais recém-chegados à ilha; dizia que lhes faltava disciplina e mestria nas guerras contra os chingalás.

Por certo que D. Jerónimo os convocara para debater a conquista das montanhas. Antes, porém, tinham de assistir a uma cerimónia solene: um fidalgo e dois lascarins haviam sido condenados à morte por colaboração com o inimigo e recebiam os últimos sacramentos do capelão franciscano. O Governador fizera questão de que os capitães assistissem à cerimónia, em conjunto com os soldados, mostrando a todos o que acontecia aos traidores. Os capitães e os comandantes dos lascarins estavam na primeira linha, defronte do cadafalso, logo seguidos pelos soldados.

O capelão era um homem discreto, que chegara de Cochim nos navios de Setembro e ainda conhecia mal o Ceilão. Esticou a batina e voltou a passar pelos três homens com a corda na garganta. Trocou breves palavras com cada um deles, benzendo-os na testa. Martim não conhecia o fidalgo

condenado, mas tinham-lhe dito que era de Coimbra e estava na ilha havia pouco. Deveria ser a primeira vez que um oficial português era condenado à morte. O Governador, contudo, tinha mão pesada e executava traidores sem qualquer auto. Não hesitava em sentenciar todos os suspeitos de serem espíões ou rebeldes. Alguns eram decapitados, outros enforcados, a maioria executados ali perto, num penhasco da margem do rio, de onde eram atirados aos crocodilos.

Martim ouviu os tambores e o Governador assentiu. Os carrascos obedeceram, o cadafalso abriu-se e os três homens ficaram suspensos no ar. O fidalgo morreu logo, com o pescoço a estalar, mas os lascarins lutaram pela vida, com o ar a esvaziar-se dos pulmões. A Praça de Armas manteve-se imperturbável e ninguém baixou os olhos até a morte chegar. Não se ouviu qualquer ruído e os soldados permaneceram quietos, à espera de que o Governador terminasse a sessão.

D. Jerónimo mudara-se para Malvana ia fazer três anos. Tratava-se da primeira fortificação portuguesa na selva, na margem do Kelani Ganga. O ar era mais fresco, mas o forte estava rodeado de animais selvagens, longe do conforto de Columbo ou Gale. Aquela mudança surpreendera muitos, porém, o Governador liderava pelo exemplo. Em tempos, Malvana havia sido um forte chingalá, mas fora ampliado e passara a ter muralhas de pedra e uma torre de vigia. Alojava a maior guarnição militar da ilha, controlando os acessos a Candea e evitando que os rebeldes descessem às terras baixas.

O Governador mandou dispersar as tropas e um grupo de lascarins foi recolher os cadáveres. D. Jerónimo consentira que lhes fossem dados os últimos sacramentos, mas recusara providenciar-lhes um enterro cristão, pelo que dera ordens para atirarem os corpos ao rio, à hora habitual das execuções, para servirem de alimento aos crocodilos.

Pouco depois, um sargento veio ao encontro de Martim e encaminhou-o à Sala do Conselho, no edifício principal. Já ali havia estado no passado, mas foi com espanto que constatou que se encontrava vazia. Fitou a grande mesa de madeira de ébano ao centro, com pernas em forma de sereias, e o mapa da ilha ao canto, ladeado por estandartes portugueses: fora desenhado com detalhe, mostrando rios, montanhas, os fortes portugueses, as povoações com maior historial de revoltas, e onde se julgava estarem as forças inimigas nas montanhas.

Questionou-se porque ainda não haviam chegado os outros capitães e temeu que o sargento se tivesse enganado. Instantes depois, desfez as dúvidas. O Governador entrou na sala sozinho, com um semblante mais repousado, e fechou a porta atrás de si.

– Folgo em rever-vos, D. Martim – proferiu num tom afável, pousando a espada na mesa. A barba estava aparada, mas, de perto, D. Jerónimo parecia-lhe muito velho, com a cara enrugada e os olhos encovados. Afinal,

ele já tinha mais de sessenta anos. – Tenho seguido o vosso trabalho em Gale com apreço.

– Obrigado, Senhor – agradeceu, embaraçado. Ficava sempre nervoso quando estava com D. Jerónimo, talvez por se lembrar de que os chingalás tremiam só de ouvir o seu nome e de muitos jurarem que o haviam visto beber sangue e degolar mulheres e crianças. O Governador herdara o antigo Reino de Cotta em testamento e as más-línguas diziam que se apoderara do tesouro do rei. – Temos vivido grandes progressos e os chingalás das cercanias vivem em paz.

– Sentai-vos, tenho um assunto para vos falar – indicou o Governador, com a sua pronúncia nortenha bem vincada. – Chegou a altura de tornar o Ceilão uma ilha portuguesa, porém, o Traidor, rei de Candea, mobilizou trinta mil homens, cinco mil dos quais acabaram de descer as montanhas.

– Balane é o portão de Candea e está mais protegido do que nunca – assentiu Martim, emocionado. Depois de anos de escaramuças sangrentas, parecia que iriam atacar a raiz do mal.

– Infelizmente, a conquista de Balane não será suficiente para derrubar Candea, mesmo que as baixas inimigas sejam pesadas – vaticinou, apontando para o mapa. – Sabeis bem o que aconteceu à anterior expedição, mesmo depois de ter chegado ao planalto.

– Foi dizimada... meses depois – anuiu Martim, incomodado.

Recostou-se na cadeira e ouviu o plano que o Governador desenhara com detalhe: o avanço pela floresta, o ataque aos dois fortes principais e como iria a atrair o Traidor às terras baixas, para defender a sua posição, antes de o exército avançar pelo planalto.

Começava a chover e ouvia-se o vento a bater nas árvores. O Governador fez uma pausa, com o olhar carregado, parecendo medir as palavras.

– Temos de arrasar a cidade, assim que chegarmos ao planalto. Casas, templos, campos de arroz, árvores de fruto, animais – sentenciou, com uma voz áspera. – Nada pode ficar de pé, nem pedra sobre pedra. Nenhum homem com mais de catorze anos pode ficar vivo.

Martim ficou perplexo. Candea não iria ser conquistada, mas aniquilada. O Governador parecia convicto e decretara a morte da cidade, sem piedade.

– Catorze anos, Senhor?

– Só assim escaparemos ao destino da primeira expedição, e conseguiremos trazer a paz ao Ceilão – defendeu, batendo com o punho na mesa.

O Governador adiantou que era impossível garantir mantimentos ao exército após a subida às montanhas. Nunca iria contar com soldados suficientes para a conquista da ilha e estaria sempre dependente dos lascarins, cuja lealdade era questionável, mesmo quando eram bons

cristãos.

Lá fora, chovia com intensidade. Martim tentou encobrir o desconforto. Questionou-se como D. Jerónimo iria ser visto em Madrid e em Goa depois do massacre, embora suspeitasse de que El-Rei e o Vice-Rei teriam o mesmo pensamento: as guerras no Ceilão duravam havia demasiado tempo e sorviam homens e dinheiro que eram urgentes em outras praças longínquas, como as Molucas ou Timor. As notícias dos navios holandeses só apressavam a premência de uma conquista definitiva.

– Sei que as minhas palavras são duras e o quão mal se fala de mim – continuou D. Jerónimo, mais apaziguador. – Dizem que sou um sanguinário e como crianças, que Deus me perdoe. Apenas quero que o Ceilão fique em paz.

Martim permaneceu em silêncio, expectante. Estava encharcado em suor e sentia o corpo quente, indiferente à brisa que vinha lá de fora. Não sabia o que pensar, nem o que dizer, com a imagem de Candea em chamas. Sentiu-se combalido, arrastado pelo destino, e cogitou no que D. Vasco diria no seu lugar.

– E o precisais de mim, Senhor? – questionou, tentando refrear a aflição. As saudades de Mafalda pesavam-lhe em demasia e temia pelo futuro de Gale.

– Tenho uma missão para vós. Apenas vós sereis capazes de a executar – revelou o Governador, baixando a voz. – Existe uma forma de a invasão ser bem-sucedida, sem que Candea tenha de ser liquidada.

– Aceitá-la-ei com agrado.

– Os chingalás estão desmoralizados, depois de anos de privações, fome e isolamento, porém, têm uma grande devoção ao Traidor. Se o matarmos, Candea desmorona-se, tal como aconteceu com Ceitavaca.

– Se o matarmos, Senhor?

– Durante décadas, Ceitavaca foi um inimigo terrível de Cotta e de Portugal. De um dia para o outro, tudo se esfumou; bastou que Rajasinha morresse. O mesmo se passará com Candea, assim que o Traidor for eliminado.

Martim estava lívido, contudo o que ouvira fazia sentido. Sem o Traidor, Candea deixaria de ter a liderança que derrotara os portugueses. Recordou a batalha nas montanhas e lembrou-se como o Traidor fora exímio em atacá-los.

– Sois dos poucos sobreviventes da expedição a Candea – lembrou D. Jerónimo, com um olhar intenso. – O único dos meus capitães que conhece a cidade e combateu nas montanhas.

Martim anuiu, incrédulo. Por certo que o Governador idealizara aquele plano havia tempo. Seria o golpe mais audaz alguma vez realizado no Ceilão.

– Se lhe tirarmos a vida, já não precisaremos de arrasar a cidade –

declarou o Governador. – Pomos um fim à guerra no Ceilão de uma assentada.

– O Traidor tem uma forte guarda pessoal, com antigos soldados de D. Pedro – lembrou Martim, tentando aguentar-se. Aquela era uma missão sem regresso. Estava a ser enviado para a morte. – E ele deve estar à espera desse golpe.

– Passaram-se sete anos e nunca o tentámos. Tenho a certeza de que baixou a guarda. Não estará à espera de ser atacado nas montanhas.

D. Jerónimo explicou-lhe que seria um ataque pela retaguarda, dissimulado, pouco antes de o exército subir às montanhas. As tropas de Candea estariam alinhadas na rota de Columbo. Martim iria desembarcar numa praia a leste e subir as montanhas, com um português em quem confiasse. Para aquela missão, não poderia contar com lascarins. Tinha de ser alguém que estivesse à vontade na floresta e em território hostil. Esperaria pela altura certa para atingir o Traidor. Se fosse preciso, entrar no palácio e tirar-lhe a vida com as próprias mãos ou deitando-lhe veneno na comida.

– Desembarcar em Batticaloa? – balbuciou Martim, combalido. O golpe tomava forma e o que ouvira deixava-o atormentado. O Governador falara-lhe em veneno. Sentiu as cicatrizes da cara a latejar e as pernas a tremer.

– Ou Yala – acrescentou D. Jerónimo, animado. – Enquanto isso, podemos criar uma manobra de diversão no desfiladeiro.

Martim tentou recuperar a presença de espírito. Recordou-se de que guardara vários mapas antigos de D. Teodósio e que alguns mostravam os caminhos para Candea. Porventura ainda seriam de bom uso.

– Peço-vos que mediteis sobre o assunto, sem dizer palavra a ninguém. Nem mesmo em confissão – advertiu o Governador, levantando-se e colocando-lhe a mão no ombro. – Uma missão como esta tem de ser bem pensada.

– Claro, senhor. Podeis estar descansado.

Semanas depois, D. Jerónimo deu o primeiro passo. Uma força de três mil homens cruzou o Mahavali Ganga e penetrou na floresta, até Ganetanna, o primeiro forte inimigo. O embate foi devastador e centenas de chingalás perderam a vida, mas o cerco mostrou-se doloroso e foram precisos vinte dias para Ganetanna cair, depois de a guarnição fugir para as montanhas.

A conquista de Candea começara! Ao contrário do que todos esperavam, D. Jerónimo não deu ordens para prosseguir e ficou à espera de que o inimigo fizesse nova investida. Todos diziam que o preço daquela conquista fora elevado, que as baixas haviam sido pesadas e, por isso, o Governador pedira reforços ao Vice-Rei. Todavia, D. Jerónimo não esperava apenas por soldados vindos de Goa...



A canela, para os taoistas, é o alimento dos imortais, desde que o corpo seja purificado com a abstinência de cereais. Consumida nessas condições, a vida pode durar séculos.

RICARDO LUIZ DE SOUSA, HISTORIADOR

O jeep subia a estrada sinuosa a alta velocidade. Aarni sentia o vento na cara e agarrara-se ao assento com ambas as mãos. Ultrapassaram uma ponte estreita sobre um mangal infestado de crocodilos e, de repente, viu-se um bando de macacos a caminhar pelo meio da estrada. O motorista buzinou-lhes sem parar, guinou o jeep para a esquerda e, por um triz, não os atropelou.

– Não se preocupe, *Señor*. Estaremos lá em dez minutos – garantiu o motorista, olhando-o pelo espelho retrovisor com um sorriso.

Aarni tentou manter-se calmo e suspirou, observando a paisagem. Chegavam a uma clareira e viu a tabuleta a indicar Quepos. Passara por ali na véspera, recordava-se. Já estavam perto e ele queria ter a certeza de que chegava a tempo.

Quepos era uma pequena vila à beira-mar, com quatro ou cinco ruas de edifícios baixos. Tinham-lhe dito que, em tempos, vivera das plantações de óleo de palma e de banana, mas havia muito que ganhara notoriedade como porta de entrada do Parque Manuel António, onde proliferavam hotéis de charme escondidos na floresta tropical.

Aarni chegara à Costa Rica dois dias antes. Fora uma viagem de sete horas, vindo de San Diego, e dormira quase todo o voo. Optara por ficar hospedado mais a norte, perto da Playa Esterillos, mas fizera o reconhecimento da zona no dia anterior. Os testes de Tijuana não podiam ter corrido melhor e tinha o plano claro na mente. O futuro iria depender do que acontecesse na próxima hora.

Minutos depois, o jeep saiu da estrada principal e começou a galgar a encosta, por um caminho de terra batida, até chegar a um muro branco. O hotel estava com maiores medidas de segurança, por causa da conferência de um grande Banco de Investimento sobre o sector farmacêutico norte-americano. Aarni mostrou o passaporte falso, com um ar determinado e a certeza de que não teria problemas de maior.

– *Bienvenido, Señor Hallberg.*

O Gaia Hotel era grande e estava parcialmente encoberto pela floresta. Aarni vislumbrou dezenas de *villas* brancas, espalhadas ao longo da

encosta, à volta de um grande edifício elegante. Ainda era cedo e o ambiente estava silencioso. Apenas ouvia os pássaros nas árvores e distinguiu vários macacos de cabeça branca, pulando de ramo em ramo.

Deixou o motorista à espera e subiu as escadas do edifício principal. Sabia por onde ir. O último andar era uma grande sala aberta, com uma vista ampla para a floresta tropical, onde serviam refeições. Dali via-se o mar ao fundo e as piscinas no topo das *villas*.

Ainda ninguém chegara para o pequeno-almoço. Parte dos hóspedes eram investidores e gestores de topo de farmacêuticas e empresas norte-americanas da área de saúde. Pelo que percebera, a conferência realizava-se todos os anos e iria durar três dias, para debater a regulação, as tendências de mercado e a estratégia de cada empresa cotada na bolsa americana. Soubera que o CEO da NewRock confirmara a sua presença e, por isso, decidira tentar ali a sua sorte, em vez de ir à sede da empresa, em New Jersey. Era um modo informal, que lhe poderia dar acesso fácil ao CEO, sem ter de ultrapassar as formalidades.

Aarni conhecia bem Ryan Harris. Estivera com ele durante três dias numa conferência médica nos Estados Unidos e haviam simpatizado um com o outro. Nos últimos meses, estudara-o a fundo, bem como à NewRock. Lembrava-se de que ele lhe dissera que se levantava sempre cedo e gostava de tomar o pequeno-almoço calmamente. Aquele parecia-lhe o momento ideal para o encontrar.

A empresa norte-americana era semelhante à MediVal e crescera muito nos últimos anos, com a nova equipa de gestão. Ryan Harris era um gestor profissional e deveria ter pouco mais de quarenta anos. Não era médico nem cientista, mas parecia saber o que fazia, porque fechara vários negócios com estrondo. O próprio CEO da MediVal considerava a NewRock a sua principal concorrente e ficara intimidado com o seu crescimento recente em vários mercados asiáticos.

Dez minutos depois, Aarni viu-o subir a escada e preparou-se. O americano estava igual ao que se lembrava, com um ar relaxado. Bronzeado e vestido integralmente de branco, Ryan vinha de mão dada com uma jovem morena, que poderia ser costa-riquenha.

– Ryan? – começou Aarni, esboçando um sorriso. – Como está? Não sei se se lembra de mim...

– Sim, claro. Aarni Leppa – respondeu, espantado. Recordava-se e parecia contente. – Que surpresa. Prazer em revê-lo. Martha's Vineyard, não foi?

– Sim, na conferência de quimioterapia – atestou, satisfeito. Tinha feito uma apresentação e nessa noite haviam jantado juntos com outros médicos. O jantar prolongara-se e haviam continuado no bar do hotel. – Já lá vão dois anos.

– Parece que foi ontem – comentou Ryan. Viu a mulher sussurrar-lhe

algo em espanhol e depois afastar-se. Os dois ficaram sozinhos. – Como tem passado?

– Bem, obrigado. Tenho estado ocupado em várias pesquisas e ainda bem que o encontro.

– Sim, estou surpreso com esta coincidência. Está de férias no hotel ou a MediVal passou a ser uma empresa cotada em Nova Iorque?

– Nem uma coisa, nem outra. Para ser sincero, estou aqui para falar consigo – confessou Aarni, tentando manter-se firme. – Um assunto importante.

– Como assim?

– Imagino que tenha uma agenda muito preenchida nos próximos dias, mas gostaria de lhe falar de um projecto inovador. Não lhe tiro muito tempo.

Ryan deixou cair o sorriso. Parecia baralhado e hesitava.

– Trata-se de um assunto confidencial. Um novo projecto que lhe vai interessar.

– Compreendo, mas a conferência vai começar dentro de duas horas e ainda tenho de preparar a minha intervenção. Temo que agora não seja oportuno.

– Com certeza. Talvez hoje ao final da tarde ou amanhã?

– Por uma questão de princípio, nós não fazemos negócios com a MediVal.

– Eu sei, por isso estou aqui. Deixei de trabalhar na MediVal – arriscou Aarni sem hesitar. Em Martha's Vineyard, ficara com a sensação de que ele gostaria de o contratar. – E tenho muito apreço pela NewRock.

– Não sabia que tinha saído da MediVal – comentou o americano, franzindo a testa. – O que é que aconteceu?

– Foi o culminar de várias divergências de opinião.

– Está certo. Gosto sempre de ouvir sobre novos projectos – acedeu Ryan, com um olhar intrigado. – Que tal às cinco da tarde, no bar?

– Se não for inconveniente, preferia um local fora do hotel, onde possamos falar à vontade – contrapôs, animado. Estava prestes a conseguir o que queria. – Sabe onde fica o El Avion?

Rui cruzou-se com o grupo de raparigas e olhou-as com curiosidade. Deveriam andar pelos doze ou treze anos, tinham o cabelo escuro e vinham da escola, risonhas, de uniforme branco e gravata verde. Continuou a subir pela Church Street, passou pela Igreja Anglicana, por várias *guest-houses* e joalharias, e depois virou na Pedlar Street. Já conhecia a cidadela. Percorreu a rua empedrada de casas coloniais, desviando-se dos turistas, das crianças e dos monges budistas, até chegar às muralhas.

Dali conseguiu avistar a baía, o lugar onde os portugueses haviam chegado ao Sri Lanka pela primeira vez. Ficou abismado com a dimensão,

o brilho do mar e o manto verde à volta, que ocultava as casas e os edifícios mais baixos. Sentou-se e distinguiu torres de telecomunicações, prédios, bem como parte da cidade moderna, que ressuscitara depois do *tsunami*. Ao fundo, do outro lado da baía, avistava-se um enorme templo budista esbranquiçado, que contrastava com o verde à volta.

Acabara de chegar da casa de Robert Swaris, perto de Walawwatta. Às segundas e terças-feiras, Robert estava de serviço em Matara, mas avisara-o de que a empregada estaria em casa e que poderia ir lá buscar o envelope que lhe deixara, com fotocópias dos desenhos da planta de Ernest. Rui percebeu que Robert quisera confirmar que ele pertencia à mesma instituição onde Ernest trabalhara, antes de lhe remeter a informação. Já lhe enviara fotografias por mensagens, mas frisara que aquelas fotocópias lhe poderiam ser úteis. Rui ainda mal acreditava: tudo indicava que aquela era a substância base da Taprobana.

Passara o domingo a ler os documentos históricos de Ernest. Muitos eram sobre Galle e do período que Robert mencionara – entre Dezembro de 1601 e Fevereiro de 1603. Martim fora o primeiro Capitão-Mor da cidade e, com ele, Galle transformara-se numa fortaleza e ganhara dimensão. Fora portuguesa por mais quarenta anos, embora as marcas desses tempos parecessem ter sido apagadas pelo bombardeamento holandês, aquando da conquista da cidade, e pela sua presença nos cento e cinquenta anos seguintes.

O forte parecia uma cidadela holandesa, pincelada com marcas britânicas. Todavia, havia algo que lhe fazia lembrar Portugal: a vista do quarto do hotel sobre as telhas das casas brancas, as mulheres a tricotar rendas de bilros nas varandas ou o Hotel Fortaleza, situado num antigo armazém de especiarias por onde passara; talvez as lojas com nomes de origem portuguesa que encontrava um pouco por todo o lado: Mendis, Corea, Tissera, de Mel, Silva, Dias e Pieres. Depois recordou-se de Ernest e Robert. Também eles tinham apelidos familiares.

Estava muito calor, mas a brisa do mar era agradável. O céu começava a ficar rosado. Levantou-se e caminhou pelo trilho desenhado no relvado das muralhas. Foi contornando, aos poucos, a península, espantando-se com os macacos de cauda comprida e as centenas de pessoas que por ali passeavam. A maior parte eram famílias e casais de namorados, e engraçou com os trajés coloridos e alegres que muitas mulheres usavam. No meio, distinguiu turistas, monges budistas, crianças a brincar e vendedores de gelados e chamuças. De alguma maneira, parecia o Paredão de Oeiras, onde por vezes ia passear ao fim-de-semana.

Passou por uma grande mesquita branca e observou-a com curiosidade. Parecia uma igreja colonial portuguesa, com dois torreões. No hotel, lera que fora construída no início do século xx, em cima dos alicerces de uma igreja ou capela portuguesa. Deveria ter sido ali perto que Mafalda e

Martim se haviam reencontrado depois de ele deixar o mosteiro. Imaginou-os a passear no Bazar e distraiu-se com a amálgama de templos budistas, igrejas e mesquitas, no meio de coqueiros, bananeiras, buganvílias, casas degradadas e mansões coloniais. Estava numa pequena cidade medieval nos trópicos, de ruas rectilíneas, que desvendava os diferentes passados do Sri Lanka.

– Rampart Hotel – leu em volta alta a tabuleta castanha, olhando para um edifício de dois andares, com aspecto modesto e um grande terraço no topo. Era um bar ou restaurante e parecia apinhado.

Olhou divertido para uma vaca castanha a dormir encostada ao muro, perto dos *tuk-tuks* estacionados. Decidiu subir e beber uma cerveja, a contemplar o pôr-do-sol. A varanda estava cheia, sobretudo de turistas, mas encontrou uma mesa pequena, num canto com vista para as muralhas. De repente, ouviu gritos de alegria vindos de dentro, e pessoas a baterem palmas. Estava a dar um jogo de *cricket*. O Sri Lanka jogava contra a África do Sul. Rui nunca percebera as regras daquele jogo, mas parecia que o Sri Lanka estava a ganhar.

Voltou a observar as muralhas cheias de gente, porém, o jogo fez-lhe recordar Elizabeth. Sentira uma imensa atracção por ela, mas possivelmente nunca mais a voltaria a ver. Ainda não lhe respondera à última mensagem, que recebera durante a escala no Dubai. Pegou no *iPhone* para a reler, e reparou que tinha uma mensagem de Kris. Fora enviada havia vinte minutos, a pedir que lhe ligasse de um telefone fixo para um número que não conhecia. Achou o pedido estranho, mas levantou-se e perguntou ao empregado se podia fazer uma chamada internacional.

– Fale ali com o dono. Ele está no balcão, ao fundo da sala.

Passou pelo meio dos adeptos do *cricket*, e acertou rapidamente o pagamento com o dono do bar. Pediu mais uma cerveja e voltou a olhar para o número.

– Já estava quase a desistir – ouviu do outro lado. – Pensei que não tivesses visto a mensagem.

– Desculpa, só vi agora. Que número é este?

– Vim almoçar a um restaurante em Caxias para falar contigo – respondeu, com sarcasmo. – Não te quis ligar dos nossos telefones, nem do telemóvel. Estamos sob escuta.

– Sob escuta?

– *Ja*, vigilância! Pela polícia ou por mais alguém – explicou, num inglês cerrado. – A inspectora da polícia esteve no CIC e voltou a interrogar várias pessoas sobre a MediVal. Já sabiam que o Dr. Perlov conhecia o anterior CEO, que tu estiveste com o actual em Maputo e até parecem desconfiar de que eu e o Yoshito somos próximos da farmacêutica.

– Já devem saber que o Ernest colaborou com eles em Singapura.

– *Ja* – concordou Kris. Parecia nervoso. – Fizeram muitas perguntas sobre um cientista da MediVal. Aarni Leppa, conheces?

– Não. Devia conhecer?

– A polícia acha que sim, mas eu falo com eles, não te preocupes – respondeu Kris, no mesmo tom, fazendo depois uma pausa. – Escuta, já conseguimos explicar as ressonâncias magnéticas dos pacientes e o que lhes aconteceu. É incrível! A substância, de alguma forma, diferencia as células boas das más. Não só ataca as más, impedindo-as de se reproduzirem, como fortalece as boas.

– Mas isso parece um milagre. Como é possível?

– É complexo, depois explico-te com calma, mas, de facto, a investigação do Ernest não era propriamente oncológica – acabou por dizer. – Trata-se de um fármaco que actua em vários pontos do organismo; é como se fosses ao ginásio ou à revisão do carro e limpasses o lixo que produz.

– Lixo?

– *Ja*, células mortas ou que já não funcionam bem – explicou o sueco. O alarido do jogo de *cricket* parecia cada vez maior; Rui teve de se esforçar para ouvi-lo. – Permite que muitos órgãos funcionem melhor.

– Não percebo bem o que dizes, mas parece espantoso – notou Rui, olhando para a cerveja a brilhar no balcão, com o reflexo do sol. Recordou as conversas com Helen e os documentos de Ernest: a Taprobana era algo inovador e potente, capaz de curar feridas muito graves, tais como as de Martim e das crianças atacadas por leopardos. – E os pacientes?

– Não sei se vamos a tempo de os salvar, mas depois falamos melhor – respondeu Kris, com a mesma pronúncia difícil. Não queria entrar em detalhes. – E por aí, conseguiste avançar com alguma coisa?

– Acho que descobri uma pista essencial – contou Rui, animado, resumindo em seguida o jantar com Robert. – Acabei de vir da casa dele. Tens de ver as fotografias que ele me deu.

– O que é que te parece?

– Uma planta normal, não sei. Envio-te já de seguida.

– É melhor não usarmos telemóveis. Temos de fazer isso da maneira antiga.

– Maneira antiga? – estranhou Rui. – Queres que te envie uma carta por correio?

– Acho que por *fax* é suficiente. Vou passar pelos correios e pedir-lhes o número. Ficas em Galle até quando?

De repente, Rui ouviu um barulho ensurdecador. As pessoas abraçavam-se, com os olhos nos ecrãs. Os jogadores de uniforme azul estavam em festa e os de branco, cabisbaixos. O jogo terminara e o Sri Lanka era o vencedor. Rui reteve o olhar no ecrã mais próximo e olhou para o homem do jogo. Também tinha um apelido de origem portuguesa:

Kusal Perera.

– Tenho de ficar por aqui mais dois ou três dias. Ainda quero ir a Matara, que fica aqui perto, e então sigo para Kandy.

– Está certo. Vê se o teu hotel tem *fax* e depois falamos.

Quando Rui regressou à mesa, o Sol já se pusera, mas o ambiente nas muralhas era de festa. Mais ao fundo, um grupo de crianças jogava *cricket* num relvado, simples e desnivelado, perto de um pequeno templo budista. Tinham luz de dois candeeiros de rua, mas Rui desconfiava de que não deveria ser suficiente para verem a bola. Sentou-se, respirou fundo e terminou a cerveja. Voltou a pensar em Elizabeth e nos beijos que haviam trocado. Por momentos, pareceu notar o sabor salgado dos lábios dela e estremeceu. Estava tentado a responder à sua mensagem. Quem sabe se ela não voltaria a Lisboa.

O El Avion era um bar conhecido, na estrada para o Parque Manuel António. Ficava no topo de um monte que sobressaía na floresta, quase à beira-mar. Aarni estivera ali na véspera e achara o local propício. O motorista estacionou o *jeep* e Aarni observou o antigo avião de carga, parqueado a meio do bar, por baixo do telheiro, que dava o nome ao local. Nos anos 80, fora usado pela CIA para fornecer armas aos Contras da Nicarágua, a partir de uma pista secreta na Costa Rica. Aarni caminhou até ao aparelho, passou os dedos pela fuselagem esverdeada, mas depois ficou tenso. O americano já chegara e estava sentado numa das mesas ao fundo do terraço.

– Obrigado por ter vindo – agradeceu, assim que se aproximou.

– Cheguei um pouco antes da hora e acabei de pedir uma cerveja – respondeu o americano, indicando-lhe a cadeira. Parecia um turista bem-humorado, com uma *t-shirt* larga e um chapéu azulado dos Patriots. – Acompanha-me?

– Claro que sim.

O americano fez uma indicação rápida à jovem empregada, que surgiu pouco depois com duas cervejas, acompanhadas por uma taça de tiras de milho, com *guacamole* e pedacinhos de tomate. Fizeram um brinde rápido. A humidade era intensa, mas a vista para a encosta era extasiante e o ambiente descontraído.

– Não sei porque é que saiu da MediVal, mas fiquei curioso sobre o que quer falar comigo – proferiu Ryan, sem rodeios. – Não me diga que quer juntar-se à nossa empresa?

– Bem, gostava de lhe apresentar uma proposta de negócio, séria e inovadora – retorquiu. Bebeu mais um gole e continuou: – É a primeira pessoa com quem falo sobre este assunto e gostaria que fosse a única. Tenho-o em grande estima e considero a NewRock a empresa ideal para desenvolver este projecto.

Aarni tomara a decisão facilmente. A NewRock era uma farmacêutica conceituada, com grande capacidade de distribuição e um CEO empreendedor, que lidava bem com riscos. Conseguira ter um encontro privado com ele. Era a sua oportunidade e havia muito que tinha o discurso pensado.

– Trata-se de alguma investigação em particular?

– Sim, tenho estado a trabalhar numa pesquisa muito especial nos últimos anos. Um composto de substâncias naturais, com forte eficácia – começou Aarni, com calma. – A reacção tem-se mostrado muito eficiente e com baixa toxicidade, graças a um extenso trabalho de laboratório nos últimos dez anos.

– Dez anos? – interrompeu Ryan, estranhando. O estilo do americano era pouco formal, ao invés dos administradores da MediVal. – Deve estar numa fase bastante avançada. Qual é a área de incidência?

– Actua em quatro áreas principais, quase em simultâneo – adiantou Aarni, com cautela, hesitando sobre o nível de detalhe a que deveria chegar. – A principal está relacionada com os telómeros, as terminações dos cromossomas. Com a idade, e à medida que as células se vão dividindo para se multiplicar, os telómeros vão ficando mais pequenos e fracos, e por isso as células vão-se desgastando.

– Sim, um dos meus cientistas explicou-me, em tempos, que as células são capazes, em média, de se dividir cinquenta ou setenta vezes até chegarem ao limite e morrerem ou se autodestruírem.

– Exactamente. Quando uma pessoa chega à velhice, a dimensão dos telómeros é quase um terço da que tinha quando nasceu. Nessa altura são tão curtos que já não conseguem proteger o ADN e as células param de se reproduzir. Os tecidos e os órgãos começam a ter problemas – continuou no mesmo tom. Não queria exagerar nos pormenores, mas tinha de lhe dar um enquadramento para o ajudar a compreender. – Este composto natural em que trabalho tem uma enzima que protege os telómeros e os torna mais resistentes.

– Trata-se, portanto, de um medicamento genético? – questionou, com um olhar surpreso. – Ajuda as células a funcionarem melhor? – Ryan fixava-o, expectante, tentando adivinhar o que ia dizer.

Aarni esboçou um sorriso nervoso e ganhou confiança.

– Sim, mas o caso é mais complexo – explicitou, num tom mais baixo, olhando em redor. O discurso estava a sair-lhe fluido e Ryan seguia-o com atenção. – Este fármaco começou a ser estudado como forma de combater o *Alzheimer*, à semelhança do que se tem feito com proteínas do plasma sanguíneo. No entanto, investigações posteriores confirmaram que tem mais sucesso noutras patologias, incluindo alguns cancros.

– Ah, o fármaco também é oncológico? – inquiriu o americano, com o sobrolho franzido, bebendo mais um gole de cerveja. – Algo que teve por

base aquele estudo, que ganhou o Prémio Nobel há uns anos, da relação dos telómeros no envelhecimento e no cancro?

Ryan tocara no ponto essencial. Por momentos, Aarni deixou-o em suspenso e acompanhou uma revoada de pelicanos a sobrevoar a encosta. Tinha de manter uma linguagem simples. Ryan era um gestor, não um médico.

– Como sabe, os avanços na medicina nas últimas décadas têm sido tremendos. Em cinquenta anos, a esperança média de vida nos países mais desenvolvidos passou de sessenta para oitenta e três, oitenta e cinco anos – disse, mantendo o tom profissional. – Tudo fruto de melhores cuidados de saúde, maior monitorização, transplante de órgãos e várias descobertas importantes.

– Claro, num século a esperança média de vida aumentou mais do que nos mil anos anteriores, com o fim de muitas epidemias e doenças incuráveis – concordou Ryan. O americano tinha um raciocínio rápido. – Dentro de pouco anos, deverá ultrapassar os noventa anos nos países mais desenvolvidos.

– Até pode chegar aos cem, no espaço de uma década.

– E qual a relação disso com a substância que refere? – inquiriu Ryan. Já terminara a cerveja e parecia começar a ficar impaciente.

– Esta substância retarda o envelhecimento das células – confidenciou Aarni, incisivo. – Permite que as células boas se mantenham activas mais tempo. Todas as células boas.

– Mas...

– Para além do fortalecimento dos telómeros, tem outros três efeitos importantes. Revigora o sistema imunitário, lubrifica vários órgãos e tem um efeito antioxidante muito poderoso, incluindo nos órgãos que são mais desgastados ou sofrem efeitos mais abrasivos. Ficam mais protegidos dos efeitos nocivos do oxigénio.

– Será que estou a perceber aonde quer chegar? – inquiriu, com uma expressão carregada. Tirou o chapéu azul, colocou-o na mesa e olhou-o nos olhos. – Qual é exactamente o efeito terapêutico do medicamento?

– Atrasa o envelhecimento humano – revelou Aarni, debruçando-se sobre a mesa e ficando mais próximo dele. Não tivera tempo de lhe detalhar os outros efeitos, mas o tempo esgotara-se. – Aumenta a esperança média de vida para os cento e quarenta ou cento e cinquenta anos, desde que conjugada com uma alimentação e estilo de vida saudáveis.

Ryan ficou paralisado. Mesmo depois de todo o enquadramento, a notícia deixara-o sem palavras, como seria de esperar.

– Envelhecimento humano? – murmurou, abalado. Tinha uma expressão endurecida, mas, por momentos, pareceu-lhe que se esforçava por não sorrir. Agarrou na garrafa de cerveja, mas estava vazia. – Um elixir

da juventude?

– Não, o envelhecimento é inevitável. Estou a falar de um medicamento que atrasa o processo de envelhecimento, que faz com que o relógio biológico avance mais devagar – esclareceu, com um ar compenetrado. – Não se trata de reverter o envelhecimento. Trata-se de retardá-lo, de maneira que os tecidos e órgãos funcionem bem, durante mais tempo.

– Não é possível!

– Esta substância prolonga a regeneração celular e a esperança média de vida em cerca de quarenta ou cinquenta anos. Com qualidade!

O americano endireitou-se na cadeira, perturbado. Parecia-lhe perdido. O Sol já estava por detrás das copas das árvores, perto do mar, e o céu estava avermelhado. De repente, a jovem empregada voltou a aproximar-se e interpelou-os com um sorriso bonito.

– *Hi guys*, posso trazer-vos mais duas cervejas?

Os dois assentiram e permaneceram calados, a vê-la a afastar-se para o centro do bar, onde estava o avião americano. Ryan tomou a iniciativa.

– Várias universidades nos Estados Unidos e no Reino Unido têm vindo a fazer investigação nessa área, com alguns resultados – proferiu, num tom pausado. Parecia mais recuperado. – Trata-se, porém, de uma área nova para mim e confesso que tenho muitas dúvidas sobre a deontologia e o retorno desse tipo de investimento. Ouvem-se muitas teorias absurdas...

– Todos temos o sonho da longevidade, de sermos eternos. É uma área muito sensível – admitiu Aarni, tentando organizar-se. O americano não acreditava nele e tinha de ser rápido. – Dezenas de *bio-tech* têm projectos credíveis sobre o tema, sem estarem envolvidas na manipulação genética de embriões humanos. Estou a par de várias investigações sobre a biologia do envelhecimento, que fazem experiências em ratos e peixes, mas este caso é diferente.

– Não são apenas *bio-tech* – salientou Ryan, interrompendo-o de novo. – Vê-se de tudo. Até laboratórios nos Estados Unidos a fazerem transfusões de sangue a pacientes porque advogam que isso lhes dá uma vida nova, que melhora a memória e a cicatrização das feridas.

– Sim, mas aquilo de que lhe estou a falar é muito diferente. Não se trata de uma teoria, de manipulação genética, de testes em ratos ou minhocas. Nos últimos anos, esta investigação esteve em testes de última fase.

– Última fase clínica? Em pessoas?

– Sim, em pessoas – confirmou. – Filmados e com resultados comprovados.

– Filmados?! – inquiriu Ryan. Parecia que começava a acreditar. – E foram aprovados pelos reguladores, o FDA ou a EMA?

– Não exactamente – admitiu Aarni. Recolhera aquele material do *smartphone* de Ernest, que incluía testes no instituto em Singapura e no

CIC. – São ensaios clínicos com um elevado carácter de secretismo, como imagina; trata-se de um caso semelhante ao que aconteceu com o *Viagra*.

A empregada voltou com as cervejas e colocou um novo pratinho de tiras de milho com *guacamole*. Ryan bebeu um trago e voltou a recostar-se na cadeira. Era difícil ler-lhe o pensamento.

– Foi registado com outro objectivo?

– Sim – anuiu, sorrindo com a perspicácia do americano. O *Viagra* fora investigado como um fármaco para a hipertensão e angina de peito, mas demonstrara um forte efeito secundário nos pacientes masculinos. Mais tarde, fora patenteado para tratar a disfunção erétil. – Tem sido testado em pacientes terminais ou em estado vegetativo.

– O que está a dizer é incrível. Testes clínicos em humanos...

– Com um grau elevado de sucesso – reforçou, debruçando-se de novo sobre a mesa. Estava a conseguir o efeito desejado. – Até lhe posso adiantar que alguns testes ocorreram em pacientes oncológicos e, nesses casos, a substância teve um efeito surpreendente. Atacou os telómeros das células cancerígenas e impediu-as de se fortalecerem e de se reproduzirem.

O americano estava incrédulo. Colocou de novo o chapéu dos Patriots na cabeça e bebeu mais dois goles de cerveja. Ryan tinha o olhar vidrado. Parecia desconfiado e desconfortável. Aarni receou que ele se fosse embora, mas ficou aliviado ao perceber que ele queria ouvi-lo até ao fim. Não perdeu tempo e adiantou-lhe vários detalhes sobre a Taprobana, tal como Ernest fizera com ele em Singapura. Acrescentou-lhe dois ou três pontos que Ernest lhe confidenciara em Portugal, sob tortura, e que sabia que iriam consubstanciar o que dizia.

– Eu percebo o cepticismo, mas deixo-lhe uma pergunta. Quanto é que estaria disposto a pagar para ter um ano extra de vida? – questionou, com uma voz cortante. – Quanto é que pagaria para viver até aos cento e cinquenta anos, com saúde e qualidade de vida?

Ryan manteve-se silencioso. Sabia o que ele estava a pensar. Mesmo a pessoa mais idosa ambicionava continuar a viver. Era a natureza humana, agarrar-se à vida, mesmo quando a funcionalidade já não era completa.

– Pagaria o que fosse preciso – confessou Ryan, entredentes. – Vamos admitir que tudo o que me diz é verdade. Que provas é que possui de que essa substância provoca os efeitos que diz no envelhecimento? Tem os registos dos últimos dez anos? Não é fácil encontrar pacientes terminais e em estado vegetativo que resistam tanto tempo.

Aarni estremeceu. Era um ponto válido e não lhe podia explicar os registos clínicos que tinha, nem contar o que Ernest reunira sobre os acontecimentos no Sri Lanka, nos séculos XVI e XVII. Tirou do bolso dos calções as folhas de papel que dobrara e colocou-as em cima da mesa.

– Lamento, ainda não lhe posso adiantar isso – respondeu, hesitante.

Talvez pudesse fornecer-lhe alguns exames de densidade óssea e do estado das articulações. – Talvez possa enviar-lhe alguns exames mais tarde.

– A substância natural é de onde? – insistiu Ryan. – Da Costa Rica?

– Não lhe posso dizer isso, por enquanto.

– E efeitos secundários? Um fármaco desses tem de ter muitos efeitos tóxicos.

– Peço desculpa, mas eu ainda não lhe posso dar essas informações.

– Como é que a MediVal se arriscou a perder esse medicamento? – insistiu o americano, descrente. – A MediVal é uma empresa muito profissional.

– É uma longa história. A MediVal quis apoderar-se dos meus direitos e minorar os meus créditos na descoberta.

– Tratou-se, portanto, de uma questão monetária?

– Foi uma questão de honra. Eu sou o pai da descoberta e devo ser recordado como tal – frisou Aarni com uma voz altiva, agarrando nos papéis vincados que pusera em cima da mesa. – Estou aqui para lhe dar a oportunidade de poupar vinte anos de trabalho de laboratório e ter um medicamento revolucionário.

– Se o que me está a dizer é verdade, será mais do que revolucionário, e muito menos polémico do que a manipulação genética – desabafou, impressionado. Parecia ter desistido de fazer perguntas e olhava para os papéis em cima da mesa. – O que é isto?

– Um contrato que o protege a si e a mim, com as responsabilidades e deveres de cada um de nós. Tem os valores em questão, com o pagamento de cinco por cento na assinatura do contrato e o restante quando lhe entregar a documentação, bem como uma pequena participação no capital da sua empresa.

Ryan ficou em silêncio. Ficava escuro e os candeeiros à volta já estavam acesos. O bar começava a ficar cheio e a música estava mais alta.

– Não se preocupe, eu envio-lhe esta informação por *e-mail*, com alguns exames que pode analisar com o seu Conselho Científico – adiantou Aarni, confiante. – Tem tudo indicado, incluindo uma estimativa dos custos de *research* e produção nos próximos cinco anos, a partir do momento em que o processo seja registado no FDA. No futuro, se quiser, pode contar comigo no grupo de trabalho.

– Não pode estar a falar a sério – reclamou Ryan, olhando para os valores descritos na primeira página. – Isto é muito dinheiro.

– É a oportunidade de uma vida. De fazer da NewRock a maior farmacêutica do mundo – contrapôs, no mesmo tom altivo. Sabia que ele não iria desistir. – Trata-se de um avanço inimaginável na investigação biomédica.

– Como é que espera que eu acredite em si e em tudo o que aqui está?

– Eu sei que o tema é surpreendente, mas quando ler as informações

que lhe vou dar vai concordar comigo – garantiu Aarni, mais conciliador. – Dou-lhe o exclusivo durante dez dias, para tomar uma decisão.

O som de um forte trovão ao longe sobrepôs-se à música do bar. O discurso era duro, mas tinha de ser. Era o momento de fazer as exigências.

– Peço-lhe que estude o assunto – insistiu Aarni, tentando ser compreensivo. – Tenho uma grande estima por si. Juntos podemos mudar a história da humanidade.

– Está certo, eu prometo que vou ver o que aí tem. Se isto for verdade, nada ficará como dantes – concordou o americano, depois de terminar a segunda cerveja. Parecia genuíno. – Onde posso encontrá-lo?

– Em Istambul – respondeu Aarni, preparando-se para se levantar. – Se não me contactar, eu entendo. Esquecemos esta conversa e cada um segue a sua vida.

– Istambul é uma cidade grande...

Um relâmpago iluminou os céus e um som ensurdecedor fez tremer as mesas do bar. Dentro em breve, uma chuva tropical iria desabar sobre eles.

– Sim, mas sei que vai lá estar para a Conferência Mundial do Cancro da Mama – contrapôs Aarni, resoluto. Preparara-se bem. – Terminará na sexta-feira, 6 de Julho. Basta-lhe apenas ficar mais um dia na cidade.

A viagem de Galle fora fatigante e não imaginara que demorasse o dia quase todo. Chegara finalmente ao hotel. Ainda era de dia, mas parecia que estava no meio da floresta. Passara perto do centro da cidade e subira por uma estrada cheia de curvas. O hotel era invulgar. Não vislumbrou a recepção e a estrada de gravilha acabava num círculo, rodeado por um jardim de árvores altas.

Dois empregados fardados de branco esperavam por si, à saída do carro.

– Bem-vindo a Kandy, Mr. Fernandes – cumprimentou um deles, com sotaque britânico. O branco do uniforme era imaculado e contrastava com a pele escura e o relógio de pulso. – Fez boa viagem?

– Foi mais longa do que eu esperava, mas correu bem. Obrigado.

O outro empregado fez-lhe uma vénia e apressou-se a tirar a bagagem do carro, desaparecendo no instante seguinte, por um trilho no meio das árvores.

– Queira acompanhar-me, por favor.

Estava uma temperatura agradável e a humidade era mais suave do que em Galle. Rui foi ouvindo as explicações do empregado, à medida que caminhava por entre as árvores, apercebendo-se da dimensão do hotel. Observou os contornos dos telhados das casas, uma cascata a cair num lago e uma piscina que se estendia até perder de vista. Ao fundo, ainda se via claridade e notou que estava quase ao nível das nuvens, no cume de um

monte, com vista para a cidade. O empregado parou defronte do varandim, perto da piscina iluminada, e sorriu-lhe. Tinha uma postura erecta e o queixo levantado, mas não o olhava nos olhos.

– Deseja ir primeiro ver a *suite* ou prefere ir cumprimentar a sua amiga?

– Amiga?

– Chegou há pouco e encontra-se a tomar chá no bar, a ler, enquanto espera por si. Pediu-me que o informasse assim que chegasse.

Rui ficou pasmado. Devia ser engano. Por certo, fora confundido com outra pessoa, dado que o seu apelido era comum no Sri Lanka, mas acabou por ir até ao bar. Assim que se aproximou da cobertura ao ar livre, defronte da encosta, ficou arrepiado, sentiu a pulsação mais forte e tentou perceber o que se passava.

– Que está aqui a fazer? – Helen estava sentada num canapé de verga, vestida com um *sari* roxo esbatido. Tinha um sorriso desenhado no rosto e os olhos cintilantes. – Não pode ser coincidência – afirmou Rui, zangado, mantendo alguma distância. – Esteve a seguir-me?

– Não – refutou Helen, abanando a cabeça. Pousou o livro na mesa e levantou-se. – Mas temos de falar.

– Falar?

– Imaginei que pudesse estar em Kandy. Perguntei por si quando fiz o *check-in* e soube que deveria estar a chegar.

– E veio parar ao mesmo hotel que eu? Deve estar a brincar comigo – vociferou, irritado. Nem lhe tinha dito que vinha ao Sri Lanka. Kris tinha razão: o CIC estava sob escuta. – Anda a espiar-me!

Dois casais entraram no bar e sentaram-se. Falavam e riam alto. Rui desistiu, virou costas e foi-se embora. Procurou o empregado, mas não o viu, e também não sabia onde era o seu quarto. Helen insistiu e veio atrás dele.

– Deixe-me explicar.

– Não quero que me explique nada – teimou, continuando a andar sem rumo. – Deixe-me em paz!

– Eu estou do seu lado, Rui – tentou ela, seguindo-lhe os passos. – Porque não jantamos juntos, com calma, e eu explico-lhe o que se passa?

Vários macacos passaram diante deles, aos pulos, mas ele nem fez caso. Tinha a cabeça num turbilhão. Sentia-se ludibriado.

– Eu não quero jantar consigo, nem quero saber o que tem para me dizer – rematou, mudando de direcção. – Por favor, largue-me!

Não olhou mais para trás e caminhou até ao local onde chegara, à procura do empregado. Iria mudar de hotel naquele mesmo instante. Estava assustado. O caso era mais grave do que pensara. Tinha de falar urgentemente com o presidente, mas lembrou-se de não devia usar o telemóvel. Olhou para o relógio. Eram quase duas da tarde em Lisboa.



A expedição do Almirante ao interior do Ceilão durou vinte e dois dias. Ofereceu um retrato do Príncipe Maurits, deixou dois dos seus músicos ao Rei de Candea, e recebeu muitas pedras preciosas, canela e pimenta.

CORNELIS JOLLJT, CRONISTA DA VIAGEM DE JORIS VAN SPILBERGEN

Martim observou os dois navios que levantaram ferro rumo a Malaca, carregados de canela e pedras preciosas. Passara na alfândega para assegurar que o embarque estava de acordo com os registos. Aquela deveria ser das últimas viagens da época. Ainda estavam para chegar umas fustas de Cochim, com sal e vinho, mas depois iria fechar o porto. A monção deveria chegar a qualquer momento.

Regressou à fortaleza pela ladeira do cais, tentando afugentar Mafalda do pensamento. Sonhara com ela nas últimas noites e acordara sobressaltado, à sua procura, como se tivesse acabado de sair do seu leito. Nos últimos tempos, sentira demasiado a sua falta e perguntara-se como seriam os seus dias no mosteiro e se ela não estaria arrependida de o ter deixado. Por mais de uma vez pensara que a deveria procurar quando estivesse nas montanhas, mas depois resignava-se; nunca conseguiria encontrar o mosteiro.

Assim que alcançou a fortaleza, soube que chegara um mensageiro de Malvana. Havia decorrido quatro meses desde que o Governador lhe falara da missão a Candea. Desde então, recebera várias missivas de D. Jerónimo, mas apenas uma sobre o assunto. Fora chamado a Malvana após a conquista de Gannetana. O Governador aprovara o seu plano para chegar ao planalto e fora decidido que D. António de Souza, o seu oficial mais próximo, o acompanharia.

D. Jerónimo instigara-o a pensar em como tirar a vida ao Traidor, com a ideia de que um tiro certo ou veneno na comida seria o mais acertado. Todavia, as dúvidas sobre como se acercar do Traidor persistiam. A cidade deveria estar diferente, a vigilância apertada, e nem ele nem António falavam chingalá. O Governador prometera-lhe enviar batedores para que pudessem relatar o estado da cidade, mas advertira-o de que os últimos não haviam regressado.

Tudo teria de ser pensado antes que a altura chegasse, mas felizmente, a espera revelava-se demorada. D. Jerónimo não queria avançar antes de saber com que tropas contaria para a invasão, e ainda não recebera

reforços de Goa, que continuava ocupada com a defesa das Molucas e de Sirião.

Martim abriu a carta mal chegou à «Sala do Despacho». Estava ofegante, as pernas tremiam-lhe com a visão de que chegara a hora da missão. Não conteve o espanto quando leu a mensagem: uma nau holandesa de grande porte fora avistada nas ilhas de Maldiva e suspeitava-se de que rumara a leste. O Governador ordenava-lhe atacá-la e persegui-la caso se acercasse da costa.

Martim sentiu as cicatrizes a palpitar. Afinal, os fantasmas eram reais: era a primeira vez que se via uma coisa daquelas tão próxima do Ceilão. Tentou acalmar-se, confiante de que Goa iria apresá-la em alto-mar. Contou os homens de que dispunha, os reforços de Matara e lembrou o ataque aos navios de Calecut. Nunca se vira a combater holandeses, mas o mais certo era tratar-se de uma nau perdida que já deveria estar a rumar aos Mares do Sul.

– Mahastana guarda tudo no hospital, ao lado do templo – confessou o *bhikkhu*, aterrorizado, urinando pelas pernas abaixo. Estava amarrado a uma trave, com as costas em sangue, no interior de um pequeno abrigo militar, usado de quando em quando por patrulhas chingalás. – É ele que nos dá o caldo sagrado.

Emmanuel limpou o suor da testa e baixou o chicote. O *bhikkhu* finalmente cedera. Nunca ninguém aguentara tanto. Era magro, já velho, mas com uma resistência para além do que conhecia. Durante um dia, parecera-lhe algures num mundo longe dali, de olhos cerrados, indiferente às chicotadas e às feridas no corpo, mas agora estava em desespero.

Emmanuel ficou extasiado com o relato. Mahastana e muitos *bhikkhus* do mosteiro tinham mais de cem anos. Afinal, as confidências da velha sentinela de Candea que encontrara em Trequimalé eram verdade. Ouviu que os *bhikkhus* sabiam que ele os perseguia e tinham deixado de usar os hábitos fora do mosteiro desde o assalto no Pico do Adão. Descobriu que viviam dois *upasikas* no mosteiro: uma mestiça, que imaginou ser a criada que cozinava para todos, e um gigante *kaffir*. Foi com um sorriso que reconheceu as descrições e soube que ele vinha a Trequimalé com frequência comprar utensílios.

– Onde fica o mosteiro? – inquiriu Emmanuel, com a voz rouca. Olhou para os ferimentos e pensou que lhe batera em demasia. Precisava daquele homem vivo. Deu-lhe uma malga de água à boca, algum tempo para recuperar, e depois insistiu. – A quantos dias daqui?

– Quatro dias de caminho, na direcção de Mannar.

O *bhikkhu* sorveu mais água, agarrando-se à vida, e contou-lhe que o mosteiro ficava num planalto de uma montanha muito alta. O mosteiro era grande e o acesso fazia-se através de túneis. Emmanuel ouviu muitas

referências, quase todas de pouca utilidade, mas foi com agrado que soube que o mosteiro ficava a menos de uma légua de um rio, a sudeste de Anuradhapura.

O *bhikkhu* desfalecia e parecia rezar, sem parar de gemer. Emmanuel aliviou-lhe as cordas dos pulsos, deixando-o cair no chão, para descansar. Não teria muito tempo antes de ter de regressar a Candea, mas aquela era a oportunidade por que ansiava. Resolveu sair do abrigo e buscar umas frutas para lhe dar, de modo que ele se retemperasse e o conduzisse ao mosteiro.

Viu umas laranjeiras ao fundo e sorriu. O destino estava sempre do seu lado. Fora assim quando saíra do Reino, quando estivera em Malaca e quando fora feito prisioneiro nas montanhas do Ceilão. Fora com destreza que capturara aquele *bhikkhu* no dia anterior: estava disfarçado de camponês, mas fora traído pelo modo como caminhava e por não ter cabelo. Emmanuel não poderia ter sido mais certo: era um monge do mosteiro que procurava.

Arrancou duas laranjas e regressou ao abrigo. Estava afastado da povoação, sem ninguém nas cercanias. Tudo lhe corria bem. Afinal, tinha razões para alguma vaidade. O rei enchera-o de honrarias e nomeara-o *Maha Adigar*, principal conselheiro e Chefe dos *Modeliares*. Não era da Família Real nem nascera no Ceilão, mas passara a ser mais poderoso do que qualquer nobre chingalá. As intrigas na corte e os combates contra os portugueses turvavam-lhe o juízo, mas, apesar disso, o cerco ao mosteiro apertava-se. Iria conseguir ser imperador do Ceilão até aos cem anos.

Quando entrou no abrigo e se acercou do *bhikkhu*, ficou abalado. Agachou-se, tentou sentir-lhe o coração e confirmou o pior: estava morto! Não quis acreditar. Gritou enfurecido e pontapeou o corpo vezes sem conta. Afinal, fora atraindo pelo destino. Tentou acalmar-se, respirar fundo, mas depois apercebeu-se de que nem tudo estava perdido. Iria dar ordens para Trequimalé estar sob vigilância apertada. Era uma questão de tempo até capturar o *kaffir*!

O diário de bordo marcava o último dia de Maio. O vento soprava de norte e embatia nas velas e bandeiras tricolores sem cessar. O convés do *Schaap* estava apinhado, mas não se ouvia uma voz. A tripulação estava agitada e mantinha os olhos postos na terra esverdeada que se aproximava.

Joris afagou a pêra, tentando disfarçar o tremor da mão esquerda. Navegavam à vista e procuravam um local seguro para fundear. As informações que recebera de Balthazar de Moucheron, o fundador da Companhia, haviam sido claras. Tinha de contornar a ilha, rumar à costa leste, evitar os fortes portugueses e desembarcar entre Batticaloa e Trequimalé, uma faixa de dezoito léguas. De acordo com Moucheron,

aqueles portos pagavam tributo aos portugueses, mas davam apoio a um monarca que lutava havia dez anos contra eles.

Dias antes, avistara Gale no horizonte e chegara a descortinar algumas velas portuguesas, mas afastara-se a tempo. Estava agora a setenta léguas e sentia-se mais seguro. As lendas que se contavam nas Províncias Unidas sobre aquela ilha estavam envoltas em mistério. Dizia-se que era coberta de canela e pimenta e povoada por guerreiros, elefantes e aves de muitas cores.

O *Schaap* era o que restava dos três navios que haviam zarpado da Zelândia, havia um ano. Sobrevivera a ventos e tempestades, mas perdera de vista os outros navios. O *Ram* desaparecera ao dobrar o Cabo da Boa Esperança, nas vésperas de Natal, e o mesmo acontecera ao *Lam* semanas depois, ao largo da ilha de São Lourenço. Joris ainda não perdera a esperança de que os navios estivessem apenas atrasados, mas no íntimo receava o pior.

– *Admiraal*, estamos a chegar.

Joris Van Spilbergen deu indicação para manter o rumo. Tinha trinta e quatro anos, seis deles no mar. Mestria não lhe faltava, depois das incursões em África. Resistira a temporais, a febres e a ataques de portugueses. Contudo, sentia-se inquieto. Sabia que aquela não era a primeira expedição ao Oriente. A sua frota fora a terceira a zarpar no ano anterior e as outras Companhias das Províncias Unidas também tentavam aceder às especiarias. Mais de quinze navios saíam todos os anos rumo ao Oriente, mas ele estava prestes a fazer algo que ninguém tinha feito – desembarcar em terras disputadas pela Coroa Portuguesa. Desta vez, recebera ordens para não atacar os portugueses, a não ser em legítima defesa, mas algo lhe dizia que teria de pegar em armas.

O céu estava cinzento e parecia que ia chover, mas por fim, descobriu uma baía de águas calmas e confirmou que era arenosa, de baixa profundidade, e se encontrava protegida do vento. Era um bom local para ancorar. Levantou o braço e o piloto e o contramestre entenderam o sinal. Pouco depois, os marinheiros lançaram ferro e começaram a recolher as velas.

Preferira jogar pelo seguro e não foi a terra de imediato. Receava que tivessem sido seguidos desde Gale e caíssem numa armadilha. Voltou a observar a baía e procurou as melhores rotas de fuga. Pareciam estar seguros.

Afagou, de novo, a pêra loura e trocou olhares com os oficiais à volta do leme. Todos sorriam orgulhosos. Em terra, conseguia notar a areia e o arvoredado que parecia não ter fim. Não havia vivalma. Por instantes, julgou distinguir alguns elefantes na praia, mas depois não os encontrou. Conhecia aqueles animais selvagens dos pergaminhos e ansiava vê-los ao vivo.

Esperaram horas até o Sol desaparecer, sem vislumbrar qualquer navio português. No dia seguinte, Joris enviou dois homens a terra e ambos regressaram sãos e salvos. Havia caminhado mais de uma légua, serpenteando campos de arroz e algumas povoações e descoberto uma extensa lagoa. Não tinham encontrado qualquer português nem fortificações. Os naturais da ilha não se mostraram hostis, mas pareciam desconfiados, e muitos afastaram-se assim que os viram.

Na manhã seguinte, Joris decidiu ir a terra, acompanhado por quatro homens. Quando pisou a areia, comprovou que a praia estava deserta. Ao longe, viu seis elefantes e sorriu. Afinal não sonhara. Eram animais portentosos e tinham as presas afiadas, mas mantiveram o passo sereno e afastaram-se para norte.

– Chegámos ao *Zeylon*, *Admiraal* – clamou um dos tenentes.

– Parece um sonho – retorquiu Joris, fitando a floresta de coqueiros à sua frente. Não era assim tão diferente das ilhas da Guiné. O custo de chegar até ali havia sido terrível, mas agora tudo parecia fazer sentido. – Um sonho tornado realidade.

Os dois homens abraçaram-se, comovidos. Depois de uma viagem de treze meses, haviam chegado ao destino. Começava a chover, mas não se incomodaram. A chuva era quente, aprazível, e eles tinham uma missão importante pela frente: carregar os porões de canela e pimenta!

Emmanuel saiu do banho, apenas com o colar de esmeraldas ao peito. Vestiu-se, acautelando-se do ar mais fresco do entardecer, e caminhou até à varanda. Estava cansado, mas sentia-se melhor. Verteu o vinho na taça, deu o primeiro gole e observou os campos de arroz que se estendiam até às portas da cidade. O vinho era adocicado, mas soube-lhe bem. Arrotou, sentou-se na cadeira e cerrou os olhos. Os acontecimentos na ilha sucediam-se com celeridade, e o vinho ajudava-o a acalmar a mente.

A notícia subira as montanhas mais depressa do que uma flecha: homens brancos, que se diziam inimigos dos portugueses, haviam acostado a sul de Batticaloa. Muitos *Modeliares* defenderam que se tratava de uma manobra dos portugueses, para saber quem estaria a proteger os rebeldes de Candea, enquanto outros acharam que era um ataque pela retaguarda. Alguns afirmaram que as velas não eram portuguesas e que os marinheiros se expressavam numa língua desconhecida, porém, ninguém lhes dera relevância porque era sabido que todos os homens brancos falavam português.

Dias depois, o *Dissava* de Batticaloa dera conta de que eram holandeses, um outro povo vindo do mar. Clamavam ser inimigos dos portugueses e desejavam comprar canela e pimenta. Achavam que o leste da ilha era rico em especiarias, desconhecendo que estavam longe das terras férteis controladas pelos portugueses. O próprio rei de Candea proibira o

comércio de canela e ordenara o abate das caneleiras para se livrar da cobiça dos portugueses.

Os holandeses pareciam corajosos, pois haviam enviado um mensageiro às montanhas, com prendas para o rei. Sua Alteza ficara agradado e despachara dois emissários até à praia, com uma missiva que os convidava a virem à cidade. Fora Emmanuel quem escolhera os dois homens, ambos antigos soldados portugueses e de sua confiança. Gonçalo e Melchior haviam deixado Candea havia doze dias e o seu regresso estava iminente. Pelas informações que recebera, o navio holandês continuava ancorado e nenhuma vela portuguesa fora avistada. A monção estava agitada do outro lado da ilha e havia poucos navios no mar.

Emmanuel esvaziou a taça de vinho e recostou-se na cadeira a ouvir os papagaios. Sentia-se mais leve, mas depois algo lhe interrompeu o pensamento. Era o seu criado.

– Os dois emissários acabaram de chegar – avisou, entreabrindo a porta, quedando-se do lado de fora. – Pedem para falar com Vossa Senhoria.

– Mandai-os para o terraço. Eu não demoro.

Emmanuel aprontou-se, retirou o colar e desceu para o terraço. Os criados já o haviam iluminado com pequenas fogueiras, dispostas no chão.

– Que alegria ter-vos de volta – proferiu, assim que chegou perto deles. – Pelo que vejo, estais de boa saúde.

Os dois homens assentiram, contentes por estarem de regresso. Nem tinham tido tempo de se lavar e o odor era pesado. Emmanuel convidou-os a sentar-se e, pouco depois, três criadas trouxeram bandejas de comida: carne, arroz e vegetais, servidos em folhas de bananeira, com frutas e vinho à mistura.

Os homens contaram-lhe que a caminhada de Batticaloa fora extenuante e demorara seis dias, mais do que o habitual. Os holandeses ficaram agitados quando se viram na selva e forçados a atravessar rios cheios de crocodilos. Alguns haviam querido regressar à praia, mas não esmoreceram e aguentaram o passo, as sanguessugas e as cobras.

– Podem ser portugueses? – questionou Emmanuel, fitando-os a devorar a comida. Estavam esfomeados.

– Não, são muito diferentes de nós. O navio não tem cores portuguesas – garantiu Gonçalo. – Alguns falam castelhano e percebem o que dizemos, mas nem esses compreendem os detalhes da nossa língua.

– Até as armas são diferentes – acrescentou Melchior, depois de engolir o arroz com vegetais. – Nunca vi nada assim na minha vida.

O primeiro encontro na praia fora amigável. O mensageiro holandês passara um mês nas montanhas e ficara maravilhado. Os holandeses haviam ficado surpreendidos por os dois emissários de Candea serem portugueses, mas aceitaram as explicações do mensageiro. Para além disso,

estavam de bom humor, com a chegada de um outro navio holandês.

– Outro navio? – questionou Emmanuel, apreensivo. Um segundo navio significava mais homens.

– Perdeu-se numa tormenta – explicou Melchior, esvaziando a taça de vinho. Levantou-a no ar e uma criada prontificou-se a enchê-la de novo. – Eu próprio vi o nome escrito no casco. Chama-se *Ram* e tem as mesmas bandeiras.

– Ouvimos o som dos canhões. São tão fortes como os portugueses. Estes mares nunca mais serão os mesmos. Se se juntarem a nós, podem cortar a ligação a Goa e o Governador não terá forças para nos vencer.

Emmanuel bebeu mais um gole de vinho e observou as labaredas das fogueiras. Dois navios não seriam suficientes para expulsar os portugueses dos mares do Ceilão, mas não sabia quantos mais poderiam aparecer. Contou os entrepostos portugueses espalhados pelas Índias e depreendeu que os holandeses iriam precisar de centenas de navios, se os quisessem desalojar.

– Estivemos três dias na praia, antes de partirmos – continuou Gonçalo, coçando a orelha. – Viemos com dez homens, incluindo o almirante.

– Onde é que estão?

– Nas cercanias de Bintenna, a salvo dos portugueses – respondeu Melchior. Estavam a umas horas de caminho. – Acamparam na margem do Mahavali Ganga, perto do grande pagode.

O rei pedira a Emmanuel que ele próprio os fosse receber aos arrabaldes da cidade, no caso de o encontro com os emissários correr bem. O destino parecia estar traçado. Os três homens brindaram e recostaram-se nos cadeirões.

– Irei informar o rei das vossas diligências e mandar reunir os homens – concluiu, mal o vinho acabou. – Tendes de descansar. Sairemos amanhã cedo.

Emmanuel recolheu-se aos aposentos. Apesar do vinho, sentia-se desassossegado. Não lhe apetecia estar com qualquer das concubinas. Abriu o baú do guarda-roupa e agarrou nas pétalas vermelhas. Havia chegado de Trequimalé e ainda estavam frescas. Os chingalás usavam-nas para prevenir doenças, mas ele conhecia-as de Malaca. Tinha de serenar.

Na manhã seguinte, Emmanuel foi ao encontro do rei. A audiência correu bem e assegurou-se de que todos os preparativos iriam deslumbrar os visitantes. Candea seria vista como poderosa, e não como um reino atrasado ou indefeso. Quando foi ao encontro dos holandeses, trajava um gibão acastanhado e um colar de rubis. A seu lado, cavalgavam seis *Modeliares* e os dois renegados portugueses, escoltados por mil soldados, que marchavam ao som de tambores.

Assim que descortinou o almirante, de traje azul, ladeado pelos seus homens perto das tendas, ficou assombrado. Quase todos tinham cabelos

ruivos, barbas pontiagudas, e dois deles eram de uma altura nunca vista. Se fossem portugueses, estavam bem disfarçados.

– Almirante, tenho a honra de vos apresentar Emmanuel Dias, *Maha Adigar* do poderoso Reino de Candea – avançou Gonçalo, depois de desmontar do cavalo. – Principal conselheiro do rei.

– Bem-vindos a Candea – começou Emmanuel, aproximando-se, tentando mostrar-se confiante. – Fui nomeado para vos receber.

– *Muchas gracias, Señor* – respondeu o almirante, com um tom afável, observando o colar ao peito. – É uma honra ser convidado para visitar as vossas terras.

– Vós chegastes no nosso Inverno e sei que a marcha foi difícil – continuou, cauteloso. – Careceis de algo, antes de entrardes no Palácio Real?

– Depois de passar quase um ano em alto-mar, é uma felicidade caminhar por estas terras e encontrar gentes tão amigas.

Emmanuel sorriu, compreendendo o almirante. Fez menção para passearem até ao rio. A música cessara e um silêncio varreu o acampamento. Continuava intrigado. Pela primeira vez, via soldados brancos na ilha que não eram portugueses. Talvez pudesse tirar partido disso. O Exército Português estava no sopé das montanhas e preparava-se para lhe extorquir o que alcançara nos últimos anos.

– Dizeis-vos inimigos dos portugueses. Sabeis o que se passa nesta ilha?

– Os feitos do Reino de Candea chegaram aos ouvidos do nosso Príncipe, Maurits de Nassau – confirmou o almirante, com um ar solene. – Os vossos soldados são valentes e expulsaram os portugueses das montanhas, mas nós conhecemo-los bem. São teimosos e deverão voltar dentro de pouco tempo.

– Sim, por certo.

– Fui enviado para vos dizer que somos vossos amigos. Estamos prontos para vos auxiliar na vossa luta, caso seja essa a vossa vontade. O vosso rei vive cercado nas montanhas há muitos anos. Não tem de ser assim, se os portugueses deixarem de ser os senhores do mar...

– Combateis os portugueses há quanto tempo?

– Somos homens de paz e de comércio, mas também pegamos em armas – adiantou, observando as águas turvas do rio para depois o encarar. – Lutamos contra os espanhóis há vinte anos e também os expulsámos das nossas terras. O Rei de Espanha é nosso inimigo e, como sabeis, é também Rei de Portugal.

Emmanuel assentiu. Passeavam ao longo do rio e o almirante precisou a resposta. Não havia uma guerra declarada contra os portugueses, mas já tinham ocorrido escaramuças em África e na Insulíndia. O holandês adiantou que ele próprio os enfrentara no Golfo da Guiné, e que fora

enviado a Candea para saber como os poderia ajudar.

– E vós, fostes português em tempos? – inquiriu o almirante, curioso. Estavam, de novo, próximos do acampamento.

– Sim, nasci português, mas sou chingalá, de alma e coração, como muitos outros – respondeu Emmanuel, com naturalidade. Os emissários já lhes haviam contado que eles eram antigos prisioneiros.

– Vossa Senhoria será então o nosso intérprete na audiência?

– O rei viveu muitos anos com os portugueses. Compreenderá as vossas palavras, se falardes devagar – esclareceu Emmanuel, antevendo que o holandês iria ficar abismado com a tapeçaria e mobiliário português do Palácio Real. – Voltarei dentro de dois dias. Garanto-vos que tereis uma audiência com o rei.

A chuva não dava tréguas havia mais de uma semana e soprava um vento frio que se entranhava nos ossos e fazia lembrar o Inverno no Reino. A monção paralisara os trabalhos nos campos, os mercados e o movimento nas ruas, mas o porto vivia uma azáfama invulgar.

Duas caravelas de Moçambique haviam ancorado na baía e descarregavam escravos. Martim fora alertado para aquele desembarque dias antes, após um patacho arribar a Columbo e dar a notícia de que outras duas velas se haviam afastado da rota e poderiam acostar a sul. Não sabia como é que haviam vencido os ventos contrários, porém, as ordens eram claras: os escravos deveriam ser lavados e encaminhados para Malvana, sob escolta de uma companhia de lascarins recém-chegada de Columbo.

– Este é o último grupo – avisou António, o seu braço direito. Os *kaffirs* estavam alinhados debaixo do telheiro do edifício principal da alfândega. Eram possantes e iriam reforçar o exército na fronteira com Candea. – São cento e treze. Vinte e um estão mortos.

– Levai-os para o anexo e dai-lhes de comer – ordenou Martim. Estava cansado e com as roupas empapadas. – Amanhã, seguirão para as montanhas.

Martim ia fazer vinte e oito anos dentro de dias, mas não tinha vontade de celebrar. A última missiva do Governador fora aterradora: dois navios holandeses, com artilharia pesada, haviam ancorado perto de Batticaloa. As bandeiras tricolores – laranja, branco e azul – não deixavam dúvidas. O Governador adiantara-lhe que eles haviam estado em Candea e firmado um tratado de amizade com o rei, contra os portugueses. Afinal, o perigo era maior do que julgara e estava-se na iminência de uma guerra europeia.

Assim que os escravos ficaram seguros, Martim pôs-se a caminho. Um relâmpago rasgou os céus. Chovia com força, as roupas pesavam-lhe no corpo e a caminhada foi penosa. As ruas pareciam rios e poucos tinham coragem para se aventurar cá fora. Chegou ao portão principal da fortaleza

e ficou aliviado por ver o criado, debaixo do telheiro da Praça de Armas, com panos para o secar.

– Capitão, tendes uma visita que pede para vos ver com urgência – informou o lascarim, com um semblante enigmático. – Está à vossa espera há muito tempo.

– De quem se trata?

– A Senhorita Mafalda de Castro. Espera-vos à entrada da capela.

Martim ficou atónito e fixou o olhar carregado no lascarim. Sentiu o coração a bater mais forte e a cicatriz na face a latejar.

– Peço perdão se cometi alguma imprudência, capitão – desculpou-se, com a voz engasgada. – A chuva não parava de cair e a senhorita adiantou-me que tinha urgência em falar-vos.

Mafalda estava sentada num banco de madeira e observava a grande Cruz de Cristo pregada ao fundo na capela. Parecia pensativa. Martim deixou o lascarim para trás e percorreu o corredor, em passos curtos, ganhando tempo para pensar no que dizer. As saudades eram muitas, mas o último encontro dramático deixara-o transtornado.

Assim que o viu, Mafalda levantou-se e caminhou até ele. Parecia-lhe aflita, mas estava mais bonita do que ele se lembrava. Queria agarrá-la e voltar a amá-la, mas conteve-se e olhou-a, expectante.

– Peço-vos desculpa por aparecer assim – começou ela, decidida. – Temo que as notícias sejam terríveis.

– Não estava à espera da vossa visita – confessou num tom frio, tentando descortinar-lhe os pensamentos. – Não vos vejo há quatro anos.

– Tinha de vos ver.

Mafalda cavalgara durante cinco dias até Matara, onde se preparara para entrar em Gale. A viagem fora penosa, mas ela não parecia fatigada. Estava vestida de donzela portuguesa, com os cabelos compridos apanhados e um olhar que o trespassava. A troca de palavras foi comedida. Ela queria falar-lhe em privado, longe dos olhares dos lascarins. Subiram à «Sala do Despacho». Fora ali que ela o abandonara, por lealdade a Mahastana e ao mosteiro.

– Algo aconteceu no leste da ilha. Correis perigo de vida.

– Os holandeses?

Mafalda levantou o sobrolho, surpresa, e abeirou-se.

– Julguei que não soubésseis. Desembarcaram perto de Batticaloa e avistaram-se com o rei de Candea.

– Soube-o há dias – respondeu Martim, sem hesitação. Sentiu-se de alma cheia por vê-la apoquentada. – Chegastes a vê-los na cidade?

– Sim, são homens brancos, como vós, mas muito louros, que falam uma língua que ninguém percebe – adiantou, baixando o olhar para a laje do chão. – Chegaram em navios tão grandes como os vossos.

– Também estivestes na costa?

Mafalda assentiu e parecia resolvida a contar-lhe tudo. Os holandeses tinham estado nove dias nas montanhas e cinco na cidade. O almirante oferecera prendas, passara mensagens de amizade e tivera várias audiências com o rei de Candea, o Traidor. Conversaram sobre o comércio de canela e pimenta, e o almirante oferecera os seus préstimos na luta contra os portugueses.

– Chegaram a acordo com o rei – afirmou Mafalda, baixando os braços. Estavam próximos e sentiu-lhe o cheiro a jasmim. – Gale será o primeiro alvo.

– Gale?

– Querem apoderar-se das terras ricas em canela, enquanto os soldados portugueses estão nas montanhas – explicou, assustada. – Irão atacar por mar, ao mesmo tempo que as tropas de Candea avançarão por terra. Gale será cercada!

Aquele plano era muito audacioso, mas fazia sentido. Tratava-se do porto mais a sul, rodeado por matas de caneleiras, que controlava o tráfego com o Golfo de Bengala e os Mares do Sul. A cidade crescia mês após mês, o comércio florescia, e o Traidor sabia disso. Seria um golpe duro, que ninguém antecipara. A culpa, em parte, era dele próprio. Desenvolvera a cidade e não a fortificara do lado do mar. Sempre pensara que o inimigo seria Ceitavaca ou Candea. Nunca imaginara que pudessem ser navios estrangeiros com artilharia pesada.

Mafalda confidenciou-lhe o que sabia. Os holandeses regressaram à praia, acompanhados por centenas de soldados de Candea, e dias mais tarde atacaram três navios portugueses. Foram presas fáceis! Eram pequenas embarcações costeiras, sem artilharia, que transportavam canela, pimenta e areca. A maioria da tripulação era chingalá. Ao todo fizeram cem prisioneiros, confiscaram a carga e incendiaram os navios.

– Mas vão atacar Gale com dois navios? – questionou Martim, com estranheza. Pensando melhor, parecia-lhe pouco. – De quantos homens dispõem?

De repente, caiu mais um relâmpago e o estrondo fez com que ambos se assustassem e se acercassem mais.

– Zarparam há sete dias, antes de a monção chegar ao leste da ilha – relatou Mafalda, afastando-se, mas sem conseguir deixar de o olhar nos olhos. Estavam mais rasgados do que nunca. – Eram setenta ou oitenta homens, mas fazem parte de uma grande armada, que está algures a sul. Vão regressar com mais homens e navios para vos atacar.

Martim assentiu; deveriam ter rumado a Bantam, no Estreito de Sunda, ou ao Sultanato de Achém, grande inimigo de Portugal, a vinte dias de mar dali.

– Os holandeses levaram alguma canela, mas o rei prometeu-lhes o carregamento anual de mil quintais de canela e outros mil de pimenta.

Martim ficou perplexo. Desconhecia como é que Candea teria acesso a tamanha quantidade. Aproximou-se da janela. Não se avistava qualquer vela, para além das caravelas de Moçambique, mas o perigo estava à espreita.

– Onde é que vão arranjar tanta canela e pimenta? – questionou Martim, ficando a poucos palmos dela. Estava baralhado com os navios holandeses, os escravos no porto e a missão a Candea, mas tudo se desvanecia perto dela. Tentou controlar os sentidos. – Os portugueses detêm todas as terras férteis.

– Por isso vim assim que pude. O rei deve estar a contar com a conquista de Gale – murmurou Mafalda, olhando-o enternecida. – Temo por vós.

Como que guiado pelo destino, Martim tomou-a nos braços e beijou-a. Mafalda não resistiu, soltou um suspiro profundo e sentiu-lhe os lábios. Abraçaram-se com o corpo em chamas e entregaram-se um ao outro. Numa ansiedade irrefreável, correram até aos aposentos de Martim e amaram-se como dantes.

Já escurecia lá fora quando os dois se estenderam, exaustos. Ficaram abraçados durante muito tempo. Martim tinha a mente a levitar, a ouvir o mar, até que Mafalda quebrou o silêncio.

– Foi Emmanuel quem primeiro se avistou com os holandeses – revelou, baixinho. – O rei tem uma grande confiança nele.

Mafalda contou-lhe que Emmanuel passara a ser o nobre mais importante do reino. Fora ele quem recebera os holandeses às portas da cidade e os acompanhara, de volta à praia, até levantarem ferro.

– Foi convidado a subir a bordo e assistiu à captura das embarcações portuguesas. Foi ele quem decidiu que prisioneiros seriam libertados ou entregues aos holandeses e quem tratou de lhes prover a canela e a pimenta.

– Ele continua a perseguir-vos? Ou a Abel? – questionou Martim, levantando-se ligeiramente e apoiando-se no cotovelo. Mafalda parecia hesitar e aninhou-se nele, procurando o calor do seu corpo. – Emmanuel persegue-vos por razões que ignoro – insistiu, impaciente. – Ides contar-me o que vos quer?

Mafalda beijou-o nos lábios e afagou-lhe as cicatrizes. Parecia ter saudades suas, mas estava escuro e era difícil ler-lhe a mente.

– Emmanuel procura o mosteiro há muitos anos. Ele anseia pelo maior poder desta ilha – segredou, aos ouvidos dele. – Um poder maior do que os portugueses e o rei de Candea desejam.

– O maior poder desta ilha?! – estranhou Martim.

– Quis o destino salvar-vos e que conhecêsseis o mosteiro. Não estais vivo por obra de Deus, não piorastes em Columbo por obra do Diabo e Mahastana não tem a idade que parece. Existe uma razão para tudo isso e

Emmanuel conhece-a.

Lá fora, um mercador português chegava à cidade. Estava faminto e com as vestes rasgadas, depois de semanas de marcha. Conseguira libertar-se do cativeiro e percorrera muitas léguas até à maior fortaleza do Sul da ilha. Tratava-se do comandante de uma galeota portuguesa capturada em Batticaloa e não trazia boas notícias para o Capitão-Mor daquela praça: o ataque a Gale estava iminente!



O mal é feito a si mesmo. A si mesmo deixa de fazer o mal; a si mesmo se purifica. A pureza e a impureza dependem de si mesmo; ninguém pode purificar outra pessoa.

BUDA, *DHAMMAPADA* – VERSO 165

– A pessoa mais idosa de sempre foi uma senhora francesa que viveu até aos cento e vinte e dois anos. É esse o limite biológico até agora – assinalou Helen, ajeitando o *sari* e pousando o copo. – Pelo que li, a Taprobana pode permitir viver mais quarenta ou cinquenta anos, e sem grandes efeitos secundários.

Rui ligara ao presidente do telefone do hotel, mas ele não atendera. Mais calmo, acabara por voltar ao bar, e acedera a ouvi-la, para tentar perceber o que se passava. Conversavam numa mesa à beira da encosta, e bebiam um *cocktail*. Helen confessara-lhe que a MediVal a enviara ao Sri Lanka para o vigiar, insistindo em que não estava ali de má-fé, nem para o enganar. No entanto, ainda não explicara como soubera que ele estaria em Kandy e hospedado naquele hotel. Kris só podia ter razão: a MediVal tinha o CIC sob escuta ou conseguira infiltrar-se na rede informática, acedendo aos detalhes da sua viagem ao Sri Lanka.

– Seria um marco na história da humanidade – anuiu Rui. Parecia-lhe estranho estarem ali os dois, a milhares de quilómetros de Lisboa, a ter aquela conversa. Não queria falar sobre questões internas do CIC, mas era difícil ficar calado depois de Helen lhe contar tantos detalhes da Taprobana. Havia muito que desconfiava de que o âmbito da investigação de Ernest não era apenas oncológico, mas nunca pensara que estivesse relacionado com o envelhecimento.

– As gravações e registos clínicos de Singapura não deixam dúvidas – venceu Helen, com a pronúncia americana carregada. – A Taprobana permite que o desgaste dos órgãos seja mais gradual e se mantenham mais tempo a funcionar.

Helen retomara a conversa que tiveram junto ao Tejo e falara-lhe sem reservas sobre o que sabia da investigação de Ernest em Singapura, adiantando-lhe que ele estivera focado no atraso do envelhecimento desde o início. Helen estudara o assunto a fundo, explicando-lhe como os telómeros eram a chave do envelhecimento e as células se mantinham activas com a Taprobana. Não se tratava de fazer rejuvenescer o corpo, mas de abrandar o relógio celular.

– Se fosse vivo, o Dr. Fonseka ganharia o Prémio Nobel – disse Rui, recordando-se do que Elizabeth lhe dissera. O que ouvia parecia extraordinário, mas ao mesmo tempo causava-lhe arrepios.

– O problema foi que os últimos testes dele em Singapura não tiveram sucesso, e depois ele sonegou muita informação – declarou Helen, compondo o *sari* e dobrando uma das pernas. – Os cientistas da MediVal tentaram, mais tarde, replicar o composto seguindo os passos dos primeiros testes, mas também falharam.

– O que é que falhou?

– Não sabemos, simplesmente não atingiram os mesmos parâmetros – clarificou Helen, debruçando-se sobre a mesa.

Rui recostou-se na cadeira. O que ouvia fazia sentido. Ernest deveria ter falhado os últimos testes de propósito e, após ter fugido de Singapura, escondera informações como seguro de vida, espalhando-as metodicamente, de modo que só ele as conseguisse organizar. Guardara dados clínicos em casa, documentos na estalagem de Elizabeth e inúmeros registos médicos e históricos no computador pessoal e na *pen*. Os ficheiros sobre o Ceilão continham diversos indícios sobre o fármaco: a composição, a posologia e efeitos, tal como Robert Swaris lhe adiantara. Talvez essas fontes escondessem algo que os cientistas da MediVal não soubessem e explicasse o fracasso das suas experiências.

– O mercado deste medicamento será imenso, assim que se garantir a sua eficácia. Quem é que não querará viver mais cinquenta anos? – questionou Helen, com um sorriso dissimulado. – Se uma pessoa começar a tomar a Taprobana logo que atingir a maioridade, poderá ser ainda um jovem quando fizer setenta.

Rui estremeceu, mas manteve o olhar nela. Tentava ler-lhe o pensamento e interrogava-se porque é que ela estaria a contar-lhe tudo aquilo. Não era uma boa técnica de negociação, e ele sabia que Helen era uma profissional, com o pensamento muito estruturado.

– Até poderá levar alguns países a terem a tentação de obter o controlo absoluto de um fármaco com este – continuou ela, terminando o *cocktail* e pousando o copo na mesa.

Rui sentia-se atordoado. Depois da euforia inicial, os problemas iriam surgir. Nenhum país, nem ninguém, estaria preparado para aquilo. Por outro lado, a Taprobana seria um produto caro, apenas acessível a uma minoria. O que Helen dizia fazia sentido: teria de ser o segredo mais bem guardado do mundo.

– E tudo terá um preço – afirmou Rui, tentando levar a conversa para onde queria. – Um preço alto.

Helen concordou. A Taprobana não estaria disponível para todos. Quem garantisse a patente tornar-se-ia a farmacêutica, ou mesmo a empresa, mais importante do mundo. E os seus accionistas teriam um

poder e uma riqueza inigualável.

– Daí que a patente possa ter um valor incalculável – apontou Helen, com um olhar intenso. – O CIC poderia pedir uma quantia astronómica pelos seus direitos. Infelizmente, tem um problema...

– Qual?

– Tem uma mão cheia de nada – afirmou, peremptória. – Tem muita informação, mas não sabe a fórmula, o processo e os efeitos.

Rui manteve-se cauteloso e acabou o *cocktail*. Perante a gravidade da conversa, sentia-se estranhamente calmo. Não sabia se era o efeito do *cocktail*, o odor a frangipani ou a voz de Helen. Desconfiava dela, mas gostava da sua companhia e não era indiferente à sua sensualidade. Sentira o mesmo quando haviam estado juntos à beira-rio. Ficou aliviado por perceber que Helen não estava a par das pesquisas recentes de Kris, das confidências de Ernest a Robert Swaris e da razão por que ele próprio viera a Kandy. Os faxes e os telefones de restaurantes haviam funcionado.

– Porque é que me está a contar isso tudo? – ripostou Rui. Ainda não sabia tudo o que queria.

Helen sorriu-lhe, pegou no livro que deixara na mesa e levantou-se. Esticou ligeiramente o *sari* e estendeu-lhe a mão.

– Venha, vamos jantar e eu explico-lhe.

Rui acedeu, levantou-se, mas não lhe deu a mão.

A sala de jantar era aberta, debaixo de um telheiro, limitada por seis archotes que davam um ambiente especial. Nem parecia que estava cheia, com gente de todo o mundo. Falavam baixinho, quase sussurrando, e conseguiam ouvir-se os sons da floresta e a água a correr na cascata, ao longe.

– Boa noite, o meu nome é Lakmal e eu sou o vosso empregado desta noite – cumprimentou um jovem alto, com um largo sorriso, encaminhando-os para uma das mesas vazias. – Permitem-me uma recomendação?

Ambos assentiram, expectantes, e o empregado referiu-lhes uma selecção de pratos vegetarianos típicos do Sri Lanka, a que chamou *menu ayurvédico*. Foi-lhe difícil seguir os nomes dos pratos, mas Rui percebeu que incluía beringelas condimentadas, caril de lentilhas e beterraba, acompanhado de *sambol* de coco e arroz vermelho.

– São muito picantes? – perguntou, receoso. Ainda parecia sentir o caril do jantar com Robert, em Galle.

– Todos os pratos são bastante suaves, levam apenas um terço da dose normal de caril – gracejou o empregado. Era um rapaz extrovertido e tinha uma pronúncia fácil. – No entanto, o *chef* pode preparar-lhe uma dose menos picante.

Rui concordou, ante o divertimento de Helen. Escolheram um vinho branco francês e ele depois voltou a confrontá-la.

– Porque é que me está a contar tudo isso? – insistiu, com veemência. – O que é que quer de mim?

Helen contou-lhe. Aarni Leppa acompanhara Ernest nas pesquisas da Taprobana, em Singapura, e estava convicto de que ele sabia como fazer o fármaco funcionar. Helen conhecia-o havia muitos anos e sempre o considerara uma pessoa íntegra, mas a ganância corroera-o ao ponto de o tornar um homicida. Tudo indicava que Aarni assassinara Ernest para passar a ser o único detentor do medicamento e negociar a patente com outra farmacêutica.

– E qual é a estratégia da MediVal? – inquiriu Rui. Kris mencionara-lhe o nome de Aarni Leppa no último telefonema, adiantando que a polícia o estava a investigar. Esse cientista deveria estar na posse de todas as informações da Taprobana: a composição do fármaco, a localização da planta, o processo terapêutico e como gerir os efeitos. – Obter as informações de que ainda não dispõe, para ser ela a controlar o medicamento?

– Exacto, e só existem duas maneiras de o fazer – confirmou Helen, num tom mais baixo. – Através do Aarni e do CIC.

– Eu compreendo isso, mas o que é que pretende, afinal? – questionou, ansioso. Ela parecia estar a ser genuína e a falar-lhe com sinceridade. Bebeu um gole de vinho, tentando acalmar-se e assimilar o que ouvira.

Helen tirou uma folha de papel do meio do livro e mostrou-lhe o que escrevinhara.

– Escrevi isto durante o voo para o Sri Lanka.

– É uma carta de demissão?

– Ainda é um rascunho – assentiu Helen, com um sorriso bonito. Agarrou no copo de vinho e fez um brinde. – Quero enviá-la nos próximos dias.

– Porque é que vai demitir-se?

Helen não respondeu. O empregado aproximava-se com o jantar. Colocou as tacinhas na mesa, explicando, sorridente, cada prato e apontando para as diferentes cores. Rui sentia-se distante e pouco ouviu. Continuava desconfiado. Helen era uma especialista e tinha muita experiência naquilo que fazia. Podia ser uma manobra para o enganar e o levar a fazer algo impensado.

– Deixei de confiar no CEO e na empresa.

Helen revelou que a MediVal investia muito dinheiro e tinha de rentabilizar os investimentos, especialmente num caso como a Taprobana. Porém, existia um lado sombrio e ela relatou-lhe o que acontecera na última missão, em que o CEO lhe omitira o verdadeiro objectivo.

– Fiquei muito desconfortável – confessou, com os olhos abertos. Estava decepcionada com o que conhecera da indústria farmacêutica, tal como antes se desencantara com a banca de investimento. – Agora sei que não

foi um mal-entendido. Descobri que fui novamente enganada: o CEO mentiu-me quando me pediu para ir a Portugal. Ele já sabia que o Aarni estava vivo.

Helen contou-lhe como encontrara algumas pistas de Aarni em Portugal e, mais tarde, compreendera que o CEO já sabia, de antemão, que ele viajara para a Turquia dias depois da morte de Ernest. Rui ouviu os desabafos, cada vez mais amedrontado. O CEO da MediVal parecia ser um manipulador sem escrúpulos.

– Tal como o Aarni, ele pode ser bem capaz de matar para ter a Taprobana.

– E onde é que esse cientista está agora?

– Pode ainda estar na Turquia, como até pode estar aqui, no Sri Lanka.

Rui perdeu o apetite. A MediVal poderia fazer o mesmo que o cientista finlandês fizera com Ernest; extrair-lhe as informações sobre o fármaco antes de o matar, para passar a ser o único detentor da Taprobana. A negociação com o CIC serviria para garantir que o fármaco e todas as informações sobre o mesmo acabariam nas mãos da MediVal.

– E o CEO está a contar consigo para ter o CIC ao lado da MediVal – deduziu Rui, num tom incisivo.

– Sim. Ele também sabe que o Dr. Fonseka possuía documentos portugueses antigos que relatam a descoberta da Taprobana; indicam o local onde se encontra a planta e explicam o processo e os seus efeitos – contou Helen. Parecia mais aliviada e comia com apetite. – Os testes em Singapura replicaram o que aconteceu há séculos, para além de incluírem um trabalho de laboratório, ao nível molecular, para potenciar os seus efeitos.

– E porque é que a MediVal me contactou a mim? – perguntou Rui, assustado. – Por eu ser o responsável pelas parcerias? Não teria sido mais fácil tentar aliciar um cientista ou alguém que trabalhasse com o Dr. Fonseka?

– Talvez, não sei – anuiu Helen, parecendo concordar. – O CEO deu-me instruções para falar consigo. Disse-me que o conhecera em Moçambique.

– E o que é que era suposto dizer-me, quando me encontrasse no Sri Lanka? – insistiu Rui. – Que estava aqui por acaso?

– Que vim a Kandy acompanhar os nossos cientistas, após a descoberta de novos dados sobre a Taprobana.

Helen explicou-lhe que recebera instruções para voltar a contactá-lo, para tentar estabelecer uma parceria na investigação da Taprobana e um acordo de compra da patente. Rui achou os valores exorbitantes e Helen insistiu em que ele não estava a par do valor comercial da Taprobana: nenhuma das outras pesquisas existentes sobre o envelhecimento era tão credível e eficaz.

– No fundo, iria ficar claro que seria benéfico para as duas instituições

trabalharem em conjunto, em vez de competirem uma com a outra.

Rui estava aterrado e não conseguia deixar de pensar no que levaria o CEO da MediVal a escolhê-lo a ele.

– Confesso que preferia que ninguém descobrisse a Taprobana. Infelizmente, isso já não é possível – continuou Helen, ajeitando o cabelo. – Do que depender de mim, a MediVal não terá a Taprobana. Resta-me esperar que quem venha a tê-la possua um maior sentido de ética, a bem de todos. O CIC parece ser a opção menos má, apesar de não se saber o que irá fazer com ela.

Helen estudara o CIC. Conhecia a razão por que fora criado, a sua missão, bem como o percurso do presidente e do corpo médico e científico. Rui ficou surpreso com o que ela sabia até dele próprio, mas resolveu interrompê-la.

– Mas como é que soube que eu estava a chegar a Kandy? – perguntou, sem mais rodeios. Apenas o presidente, Kris, e a sua secretária sabiam disso. – A MediVal acedeu ao nosso sistema?

– Recebi essa informação directamente do CEO – confessou, percebendo aonde ele queria chegar. – Tudo é possível, não sei como é que ele a soube.

Meia hora depois, terminaram o jantar.

– Está cansado e tem muito em que pensar. Amanhã falamos melhor...

Rui sorriu, dobrou o guardanapo de pano e colocou-o em cima da mesa. Olhou-a de um modo diferente e talvez no íntimo comesse a acreditar nela.

– E se fôssemos dar uma volta pelo jardim, para digerir o jantar?

Helen sorriu-lhe e os olhos pareciam brilhar na penumbra. Levantaram-se, agradeceram ao empregado e regressaram ao jardim.

Estava uma noite agradável e avistava-se a Lua, em Quarto Crescente, e as luzes de Kandy, lá em baixo. Passaram pela cascata e, instantes depois, sentiram-se como se tivessem o jardim só para eles. Contemplaram as estrelas no céu, ouviram as cigarras e alguns macacos a pular por entre os arbustos. Falaram de tudo, como se a Taprobana não existisse. De Malta, de Lisboa, de São Francisco, dos filhos, dos livros que liam, do que gostavam e não gostavam.

Já devia ser tarde quando chegaram perto do terraço do bar, onde se haviam encontrado horas antes. O bar já estava fechado, às escuras, e o resto do hotel em silêncio. Encostaram-se ao varandim e observaram as luzinhas ao longo da encosta.

Rui sentiu uma leveza a que não estava habituado, mas sabia o que era. Helen era uma mulher cativante. Aproximou-se, fitou-a nos olhos e deixou de resistir. Beijou-a suavemente e sentiu-lhe os lábios aveludados. Ela retribuiu-lhe o beijo e pôs-lhe as mãos à volta da nuca. Abraçaram-se, guiados pelo desejo que se avolumara, e sentiram-se, sem se largar. Rui

inspirou-lhe o odor da pele e sentiu-lhe os seios. A vontade tornou-se incontrolável. Instantes depois, pararam ofegantes, sentindo o arfar do outro, e olharam à volta, para o jardim e para as montanhas. Riram-se baixinho, deram as mãos e embrenharam-se na escuridão.

Raquel fechou a porta do carro e apreciou a fachada recuperada do hotel, lá ao fundo, na Rua da Betesga. Conhecia aquele edifício desde pequena, quando vinha lanchar com o avô à Pastelaria Suíça. Aarni Leppa estivera ali hospedado duas semanas, até ao dia seguinte ao da morte de Ernest. Finalmente, recebera a informação de que o hotel tinha imagens de videovigilância para lhe mostrar.

Fora a melhor notícia dos últimos dias! Até agora, não tinha mais do que indícios: continuava sem uma prova conclusiva de que Aarni Leppa assassinara Ernest, e ainda não desvendara o local do crime.

Voltara a examinar o local onde o corpo fora encontrado e as redondezas da Igreja de Telheiras, onde a vítima fora vista pela última vez. Interrogara, de novo, várias pessoas do CIC e insistira na análise das imagens de videovigilância, para saber como é que o carro de Ernest chegara à Rua Braamcamp. Infelizmente, não obtivera dados novos. Matos, o seu adjunto, continuava incansável na busca de informações no estrangeiro, mas o seu esforço também se mostrava inglório.

Raquel entrou no hotel e franziu os olhos: o *lobby* era apertado e estava apinhado de turistas. Abriu caminho por entre eles e apresentou o distintivo assim que chegou ao balcão.

– Vou chamar o gerente – anuiu uma das recepcionistas, mantendo o sorriso.

Raquel observou à sua volta, tentando imaginar o finlandês por ali: ele hospedara-se num hotel cheio de turistas, na Baixa de Lisboa, em detrimento de um alojamento mais discreto.

Continuava a acreditar que o motivo do crime estivesse relacionado com o que se passara em Singapura: algo de muito grave acontecera para que Aarni procurasse Ernest em Kuala Lumpur e motivasse a sua vinda a Lisboa, um ano depois. Já pedira à Europol e à Interpol para a ajudarem a localizá-lo e obrigá-lo a prestar declarações. De igual modo, pedira uma colaboração mais formal à Polícia maltesa para pressionar a MediVal: já perdera a paciência com a empresa, que se limitava a enviar dados difusos, sem responder às suas questões.

De repente, sentiu o telemóvel a vibrar e atendeu a chamada: era Matos.

– Desta vez não há engano: é a matrícula correcta! Passou nas portagens da CREL em Queluz, na saída para o IC-19, na noite de 24 de Maio.

Raquel sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Aquela poderia ser a prova

que faltava. As portagens ficavam perto do local onde o corpo tinha sido encontrado.

– Confirma-se que o condutor é Aarni Leppa?

– Julgo que sim. Já pedi ao laboratório para melhorar a imagem.

– Eu quero vê-la – retorquiu, ansiosa. – Mande-ma para o telemóvel.

O gerente do hotel apareceu-lhe pouco depois. Recordava-se dele. Era um brasileiro, que voltou a cumprimentá-la com simpatia. Encaminhou-a para os escritórios, longe da agitação dos turistas.

– Encontrámos três registos em que o hóspede está acompanhado – adiantou, abrindo-lhe a porta da divisão da segurança. – São todas lá de cima, no bar do terraço. Parece tratar-se da mesma pessoa.

Raquel mal o ouvira. Ficara desconcentrada com o telefonema, mas quando olhou para a primeira imagem, ficou estarrecida. Conhecia aquela cara. Viu o segundo e terceiro filmes, e não teve dúvidas: Aarni Leppa não agira sozinho!

Rui despertou com um beijo húmido na boca. Helen estava nua ao seu lado, no meio dos lençóis, e acariciava-lhe o peito. Rui lembrou-se rapidamente de onde estava e esboçou um sorriso. Havia adormecido no quarto dela, depois de uma noite louca. Sentiu o seu perfume misturado com o odor a frangipani no ar e reparou na luz do amanhecer por entre as frinchas das persianas. Já se ouviam os pássaros lá fora. Respondeu-lhe com outro beijo, ainda meio ensonado, e abraçou-a. Não lhe conseguiu ver o olhar, mas distinguiu-lhe os cabelos, os contornos do corpo e a suavidade da pele.

Helen passou-lhe a mão pelo rosto e tocou-lhe ao de leve. Rui sentiu-lhe as costas nuas e puxou-a para cima dele, palmilhando cada pedaço do seu corpo. Ela reagiu com intensidade. Ouvia-a a gemer de prazer e sentiu uma vontade ardente de voltar a tê-la. Parecia que tornara a ter vinte anos. Beijou-a na boca, no pescoço e no peito, excitado. Trocaram breves palavras e revelaram que queriam mais, que queriam tudo. Fitou a silhueta dela por entre a penumbra, afastou os lençóis e avançou. Os corpos suados entrelaçaram-se, sem controlo nem inibições.

A janela estava entreaberta e escutaram os cânticos budistas do amanhecer ecoando pelas colinas. Trocaram um sorriso, abraçaram-se com paixão e beijaram-se desvairados. Queriam mais, muito mais, como se o amanhã não existisse.

O lago cobria uma vasta área do centro da cidade. Estava delimitado por um pequeno muro esbranquiçado, com triângulos ondulados no topo, e a água parecia um espelho verde platinado, que reflectia as colinas à volta da cidade.

– O lago não existia na época dos portugueses – adiantou Helen, com o

guia turístico na mão. Estava de calções e sandálias e parecia mais jovem. – Foi construído no século XIX, pelo último rei de Kandy, poucos anos antes de os britânicos terem conquistado a ilha por completo.

Era uma e meia da tarde e fazia calor. O hotel distava apenas cinco quilómetros, embora a viagem tivesse demorado meia hora. Havia contratado um motorista no hotel. Rui contara-lhe que tinha um encontro em Kandy, mas não lhe referira o assunto nem o que procurava.

Pedira ao motorista para parar perto do antigo Palácio Real de Kandy e do Templo do dente de Buda. Era o templo mais importante do país e tinha dois andares, telhados escuros, e uma torre octogonal na dianteira. Observou a colina verdejante por detrás e sentiu-se extasiado. Estava na Candea de outros tempos, no epicentro dos conflitos com os portugueses. Relembrou os documentos de Ernest sobre a expedição portuguesa para coroar a rainha e que terminara em tragédia. Ficara impressionado quando soubera que Kandy permanecera isolada durante séculos, até o Exército Britânico construir uma estrada por entre a floresta cerrada e os desfiladeiros até Colombo.

– O guia diz que a construção actual do templo remonta a 1687 – continuou Helen, distraíndo-se por momentos com dois macacos a treparem as árvores. – Parece que os portugueses destruíram o templo original numa das invasões.

– Sim, Portugal esteve em guerra com Kandy durante décadas – comentou. Por todo o lado, esvoaçavam bandeiras coloridas, com seis faixas verticais, que descobrira serem um símbolo budista. – Depois disso, foram os holandeses.

O centro fervilhava e, no meio da multidão, distinguiu dezenas de monges, de trajes alaranjados, e mulheres com *saris* reluzentes, a caminharem com guarda-sol. Kandy não podia ser mais diferente de Galle. Era compacta, confusa e viam-se poucas marcas europeias. Estava rodeada por colinas e, no topo de uma delas, vislumbrou uma grande estátua de Buda, que parecia vigiar a cidade.

Quinze minutos depois, Rui deixou Helen numa das ruas do centro e seguiu para o mosteiro. O *Malwathu Maha Viharaya* ficava do outro lado do lago, longe da agitação e do trânsito que se ouvia ao longe.

Rui investigara aquele mosteiro, desde que encontrara as informações na caixa de marfim no quarto de Ernest. Era mais relevante do que julgara, sede de uma ordem religiosa, originária da Tailândia, fundada no século XVIII, com autoridade no Sul do Sri Lanka e responsável pela relíquia budista mais importante do país: o dente de Buda. Mais importante ainda, era que Rui suspeitava de que fora ali que as pesquisas sobre a Taprobana tinham começado.

Sri Rahula Thera, o monge com quem iria encontrar-se, acedera em mostrar-lhe o mosteiro. Nas mensagens que haviam trocado, Rui soubera

que ele ocupava um dos lugares cimeiros da hierarquia do *Maha Viharaya* e que também era natural de Galle. Conhecera Ernest desde criança e confirmara que ele passara temporadas no mosteiro, em meditação e a ler os arquivos da biblioteca.

Rui bateu à porta à hora marcada, mas teve de insistir. Minutos depois, a porta abriu-se e foi recebido por um jovem monge, de hábito branco, que o observou surpreso. Deveria ter treze ou catorze anos e falou-lhe em cinglês.

– Tenho um encontro marcado com Sri Rahula Thera.

O monge pareceu compreender e fez-lhe sinal para deixar os sapatos à entrada e seguiu-o. Subiram uma rampa empedrada, por entre as árvores, até um terreiro deserto. Era circundado por um edifício branco térreo, com dezenas de bandeiras budistas penduradas, e uma grande árvore ao centro.

O jovem pediu-lhe para esperar. Rui observou, curioso, os ramos esguios da árvore gigante. Não se lembrava do nome, mas deveria ser a árvore que os budistas consideravam sagrada. Era a primeira vez que estava num mosteiro e tudo lhe parecia simples. Conhecia mal o budismo, mas aprendera, nos últimos dias, que existiam várias escolas e que o Sri Lanka seguia a mais antiga, tal como a Tailândia, Myanmar, o Camboja e o Laos. Era a que mais se assemelhava aos primórdios da religião, cinco séculos antes de Cristo.

Sri Rahula Thera surgiu pouco depois. Sem cabelo e de estrutura magra, o monge vestia um hábito alaranjado, semelhante aos que vira no centro da cidade, com o ombro direito destapado. Parecia mais novo do que nas fotografias que vira na Internet. Teria cerca de cinquenta anos.

– Senhor Fernandes, bem-vindo a Kandy – cumprimentou o monge num tom afável, com pronúncia inglesa. – O senhor vem mesmo de Portugal?

– Sim, de Lisboa – respondeu, fazendo-lhe uma ligeira vénia, um tanto acanhado agora que se encontravam. – Cheguei ao Sri Lanka há uns dias.

– O Ernest comentou que Lisboa é uma cidade bonita, à beira de um rio. Contou-me que existe um mosteiro *theravada* numa floresta, não muito longe.

Rui sorriu-lhe, desconcertado. Desconhecia o mosteiro e questionou-se se a floresta seria Monsanto ou a Serra da Arrábida. Teceu alguns comentários sobre Lisboa e sobre o local do CIC, onde ele e Ernest trabalhavam. Sri Rahula Thera ouviu-o com interesse e parecia saber mais sobre Portugal do que imaginara. Só então, Rui reparou que ele não tinha sobrancelhas.

– O Ernest tinha um grande carinho por Portugal – contou o monge, ajeitando o hábito à volta do ombro. – Referia-me sempre palavras portuguesas da nossa língua, como manteiga, janela, sabão, viola, para além de me tentar convencer de que o Sri Lanka não se convertera ao

islão, como a Malásia e a Indonésia, por causa dos portugueses.

– Como assim?

– É uma teoria controversa sobre um período marcante do nosso país – respondeu o monge, caminhando para o outro lado do terreiro. – É uma longa história: os portugueses, quando aqui chegaram, não descansaram enquanto não expulsaram os muçulmanos da ilha.

Os dois contornaram o dormitório dos monges e atravessaram um jardim nas traseiras. Rui esperava pelo momento oportuno para o questionar sobre as visitas de Ernest ao mosteiro, porém, o monge antecipou-se.

– Este mosteiro era o seu refúgio, quando ele estava a viver em Singapura – revelou, com um tom sério. – Na última vez que aqui estive, ele já estava em Portugal, e sentiu-o mais tranquilo.

– Gostávamos todos muito dele – arriscou Rui, disfarçando o desconforto. Tinha muitas perguntas a fazer, mas receou precipitar-se, e acabou apenas por lhe contar algumas conversas que tivera com Ernest.

– Venha, vamos por aqui – indicou o monge.

Chegaram a uma casa fechada, com uma grande porta de madeira. O monge explicou-lhe que o mosteiro tinha vários locais de meditação e que usavam aquela sala durante a época das monções.

– Os santuários budistas são locais de meditação – explicou. – Para as pessoas se libertarem do sofrimento e das preocupações mundanas.

Rui ansiava por o questionar sobre o mosteiro de Mafalda de Castro, porém ouviu-o com atenção. Talvez fosse o timbre de voz, mas aquele monge acalmava-o. Subiu os degraus de pedra atrás dele e entrou para uma divisão ampla, à meia-luz. Cheirava a incenso. O piso era de tijoleira, as paredes estavam decoradas com imagens de Buda e o tecto era de madeira pintada com desenhos de rodas brancas e avermelhadas. Ao fundo, à direita, vislumbrou uma estátua dourada de Buda, sorridente, de pernas cruzadas, com as mãos no colo, rodeada por flores brancas e cor-de-rosa. Parecia um altar.

– Antes de irmos à biblioteca, queria mostrar-lhe uma coisa – confidenciou, ajeitando o hábito. – Numa das últimas visitas, o Ernest ofereceu-nos uma preciosidade. Uma *ola*.

Rui ficou incrédulo. Não sabia a que é que o monge se referia, e o olhar dele parecia que o trespassava.

– Trata-se de um manuscrito antigo, escrito em folha de palmeira – elucidou o monge com serenidade. – Vem dos tempos antigos, onde se escreviam os ensinamentos de Buda, mas este tem algo que lhe deverá ser familiar.

O monge desapareceu por uma porta e voltou a seguir, com um embrulho envolto por um pano vermelho. Era uma peça de madeira fina, de folhas compactadas, com letras pretas desenhadas. Pareciam

indecifráveis.

– O que diz a *ola*? – inquiriu Rui, olhando para os caracteres cingaleses.

– Está escrito em páli, a nossa língua litúrgica, e descobri que se trata da citação inicial de um livro português – explicou, lendo depois as palavras: – «As armas e os barões assinalados, que da ocidental praia lusitana, passaram ainda além da Taprobana.»

Rui ficou perplexo com a alusão aos *Lusíadas*, tentando perceber quem poderia ter escrito aquilo. O monge dissera-lhe que era muito antigo.

– O resto já me parece diferente, mas confirme por favor. Talvez eu esteja a ler mal – continuou o monge. – «Para se perderem de amores por Nayana, na ilha encantada; até repousarem em Ritigala, antes de passarem para uma nova vida.»

Rui ficou com a pulsação acelerada ao reconhecer aquela referência dos registos históricos de Ernest: Nayana era o nome budista de Mafalda de Castro! Fora por ela que Martim Albergaria se perdera de amores.

– Ritigala é um mosteiro?

– Foi, nos tempos antigos. Fica a uns cem quilómetros daqui – respondeu o monge, segurando na *ola*, para a observar de perto. – Tem aqui uma nota a caneta, mais em baixo. Deve ter sido o Ernest que a escreveu.

Rui olhou para o que o monge lhe apontava. Não precisava de tradução. Dizia «hospital».



A Companhia Geral das Índias foi criada em 1602, e uma das primeiras medidas foi o envio de uma frota de quinze navios ao Oriente, comandada pelo Almirante Wybrand Van Warwijck. O Vice-Almirante Sebald de Weert foi incumbido de rumar directamente ao Ceilão, para se avistar com o rei de Candea e dar seguimento aos esforços de Joris Van Spilbergen da Companhia de Moucheron.

DONALD FERGUNSON, *THE EARLIEST DUTCH VISITS TO CEYLON*

Os prenúncios, muitas vezes, não passam disso mesmo. As velas holandesas não haviam chegado, nem os rebeldes de Candea tinham descido as montanhas. Ainda assim, a notícia de uma expedição holandesa na ilha ecoara por todas as praças lusitanas, do Jafanapatão a Malvana. O Governador fora célere a dar instruções a todos os postos. Estava decidido a acabar com aquela insolência e ordenara, de imediato, a construção de uma fortaleza em Trequimalé, no Leste da ilha, que necessitava de protecção urgente.

Gale e toda a costa sul continuavam a viver em paz, mas a guarnição estava mais vigilante desde os relatos de Mafalda e do comandante da galeota. Martim mantinha um correio permanente com os regimentos de Matara e Calutara, e as patrulhas pelos arrabaldes eram semanais e abrangiam a costa e o interior até ao Pico do Adão. Felizmente, não havia avistamento de navios, nem de incursões chingalás vindas das montanhas.

Martim abriu a gaveta do contador e guardou a bolsa com o veneno que o Governador lhe enviara. Releu a missiva de D. Jerónimo pela última vez com um esgar: eram as ordens para subir as montanhas e matar o Traidor. Bebeu o último gole de vinho de palmeira e pôs o manuscrito por cima da vela, à espera de que a chama o consumisse. Só o largou quando não aguentou o calor, deixando o fogo reduzi-lo a cinzas.

Martim afagou as cicatrizes e observou a escuridão lá fora pela janela. Um cheiro adocicado a coco pairava no ar, vindo das plantações, cada vez mais densas, à volta da cidadela. As ondas embatiam nas rochas e não se via qualquer luz no mar. Parecia uma noite cálida, como tantas outras, apesar da monção.

Os espões do Governador haviam-no informado de que o Traidor estivera em Balane, mas regressara à cidade de Candea. Dizia-se que as tropas inimigas estavam debilitadas, depois de meses de escaramuças, e

que a visita dos holandeses nada mudara.

Os reforços de Goa deveriam estar a chegar, depois de meses de ansiedade, mas o Governador não iria passar à ofensiva antes do final das chuvas. Era um risco que não correria. A monção durava até ao final de Dezembro, pelo que Martim teria um mês para acabar com a vida do chingalá mais protegido da ilha. Era a sua missão mais arriscada de sempre e poderia marcar o Ceilão.

Durante meses, estudara os detalhes da missão, embora ainda lhe parecesse que estava prestes a fazer algo impossível. O Governador enviara dois batedores a Candea, mas não haviam regressado. Ou haviam sido mortos, ou desertado. Martim contaria apenas com o mapa de D. Teodósio, a bússola e as lembranças da cidade e do palácio. D. António de Souza, o seu braço direito, seria uma boa ajuda na selva, contudo, não era a subida às montanhas que mais o atormentava.

Esperava passar os primeiros dias na floresta, nas cercanias da cidade, em observação, e só aí saberia o que o esperava. Tinha esperança de que a vigilância não fosse tão apertada como suspeitava, mas duvidava de que conseguissem entrar no Palácio Real, para o apunhalar ou envenenar. O dia de Lua Cheia de Dezembro, dia santo para os gentios, afigurava-se como a melhor altura para o golpe. A guarda deveria aliviar durante as celebrações, com os chingalás em oração nos pagodes, aquando do nascer e pôr do Sol.

De repente, ouviu a porta a ranger e assustou-se. Mafalda entrou nos aposentos e caminhou descalça até ele, em bicos de pés. Estivera a banhar-se e tinha os cabelos molhados, que caíam soltos sobre as vestes. Estava bela. Martim sentiu-lhe o odor a jasmim e ficou mais sereno. Abraçou-a com doçura, tocando-lhe na pele sedosa, e beijou-a no pescoço, no ombro e depois ao longo do corpo, destapando-lhe os seios. Mafalda ansiava por ele e retribuiu-lhe as carícias, mas depois parou e levou-lhe os dedos aos lábios.

– Pareceis apouquentado, meu amor – sussurrou-lhe ao ouvido.

– Nada de mais, não vos quero inquietar com os meus aborrecimentos.

– Inquieto-me mais se não souber.

– A pequena monção abateu-se sobre Gale e ainda tenho navios para chegar – respondeu Martim, beijando-lhe o rosto. – Os problemas na alfândega não acabam, mas nada que não se resolva nos próximos dias.

Mafalda visitara-o com frequência desde que se haviam reencontrado. Quando estavam juntos, não se largavam um só instante e passavam dias deitados no leito, a rirem-se, a sonharem e a amarem-se. Martim nunca fora tão feliz e sentia que Mafalda se entregara a ele, olvidando o que se passava na ilha. Era uma questão de tempo para que ela cedesse e quisesse abandonar o mosteiro, para viver ao seu lado.

Todavia, a missiva do Governador deixara-o abalado. Aquela seria a

última vez que estariam juntos antes de ele subir as montanhas. Martim não sabia o que dizer-lhe. Tinha o coração partido. Parecia que os dois estavam unidos pelo amor e separados pelo destino.

– Estais com o mesmo semblante agitado com que vos conheci – declarou Mafalda, afagando-lhe o rosto. – Sois mais formoso quando estais deitado a meu lado.

Mafalda deixou cair as vestes e ficou nua. Martim não resistiu e puxou-a até ele. O colar prateado de conchas marinhas contrastava com a pele dourada e brilhava à luz das velas. Percorreu-lhe o corpo com as mãos, guiado pelo anseio, e ela reagiu com fervor e ajudou-o a despir-se. Beijou-o e ele sentiu as mãos de Mafalda a acariciarem-lhe as costas. A janela ficara aberta e ambos se assustaram com os relâmpagos lá fora. Uma rajada súbita apagou as velas, mas não se inquietaram e continuaram a amar-se, até se esgotarem um no outro.

Na manhã seguinte, Gale acordou com preguiça. O pároco da cidade foi dos primeiros a sair de casa e deparou-se com as ruas alagadas de lama, árvores caídas e muitos canteiros e passeios destruídos. Ainda era cedo, a cidadela estava deserta e apenas no cais viu alguns pescadores a repararem as embarcações.

Em frente da igreja, o chão desabara, quase até à escadaria. O pároco ia dar conta do sucedido, quando vislumbrou uma sacola de pano que alguém esquecera ou fora arrastada até ali. Pegou-lhe e espantou-se com o peso. Quando a abriu ficou atônito. Respirou fundo e voltou a espreitar. Um vômito irrefreável subiu-lhe pela garganta e teve de se aliviar na escadaria. A sacola continha a cabeça de um português. Parecia ter sido mutilado em vida, porque o nariz e as orelhas estavam cortados e atados com o cordão de uma cruz peitoral. O grito do pároco ecoou pela cidadela. Não demorou muito para os moradores se amontoarem à sua volta. O diabo havia estado em Gale.

Os remos tocaram na água quase sem fazerem barulho. Estava escuro como breu, mas Martim conseguiu ver uma réstia de luar. O batel avançava para a praia e fê-lo recordar o ataque aos navios de Calecut, cinco anos antes. Os perigos, agora, eram bem menores, ainda assim a caravela que os trouxera ficara à entrada da baía e as ordens eram para que todas as luzes se mantivessem apagadas, até levantar ferro.

Passara-se uma semana desde a tragédia do missionário jesuíta que fora torturado. Muitos na cidade lembravam-se dele, pois fora convidado do pároco, antes de prosseguir para norte. Mais tarde, Martim anunciara aos mais próximos que fora chamado a Malvana: a notícia foi vista como um sinal de que a ofensiva contra Candea estava iminente.

Martim saíra da cidade, sorrateiro, embarcando numa caravela vinda de Columbo para o efeito. Acabara por se despedir de Mafalda, dizendo-lhe

que se iria juntar às tropas do Governador em Malvana. Omitiu-lhe a sua verdadeira missão para não a preocupar, e ela ficara desgostosa por o ver tomar parte da invasão. Relembrou-o de que os portugueses não iriam ter a rainha de Candea do seu lado, mas abraçara-o com fervor. Desta vez, o amor tinha falado mais alto e ela prometeu-lhe que voltaria a Gale, para junto dele. Saberá quando regressar, dissera-lhe.

Assim que o batel embateu na areia, Martim e António saltaram para fora. Estavam de volta a Yala. Não se via luz, nem se ouvia qualquer barulho, além das ondas na areia.

– Que Deus vos proteja – proferiu um dos homens a bordo.

– A vós também – sussurrou Martim. Puseram as sacolas e as espingardas a tiracolo e empurraram o batel de volta, com a maré. – Bom regresso a Columbo.

António acompanhara todos os preparativos da missão e estava empolgado em marcar o destino do Ceilão; também ele achava que Candea se desmoronaria sem a astúcia do Traidor. Martim confiava nele, era o seu braço direito desde que D. Teodósio partira e conhecia bem os meandros da selva.

Decidiram pernoitar num canto da praia, debaixo dos coqueiros. Não quiseram acender lume. A ansiedade corroía-lhes o espírito, ainda assim conseguiram repousar. Mal amanheceu, reconheceram onde estavam, mas os anos haviam passado e a selva tomara conta de quase tudo. A clareira onde o inimigo acampara já não existia e o trilho por onde os animais haviam descido fora tomado pelo arvoredor. Parecia que os chingalás nunca haviam ali estado.

– D. Teodósio chamou-lhe a montanha do elefante – lembrou Martim, estudando o mapa desenhado na *ola*, uma espécie de pergaminho feito com folhas de coqueiro. – O cume ou uma das encostas deve ter a forma de elefante.

– Deve ser muito alta – adiantou António. Acabara de cortar um coco em pedaços com o punhal, e guardava-os na sacola, ao lado dos biscoitos e carne seca que trouxera para a viagem. – Temos de procurar locais altos e tentar ver a montanha ao longe.

Martim assentiu, confiante. Acabou de beber a água do coco e atirou-o para a areia, voltando a observar o mapa. D. Teodósio deveria tê-lo desenhando aquando de uma das viagens a Candea, com D. Vasco, para escoltar carregamentos de pedraria. Mostrava bem o trilho até à cidade, com muitas referências, como montanhas, rios e quedas de água. Todavia, não ia até ao mar. Começava a norte, numa montanha, perto de uma mina.

– Não deve distar mais de uma légua do mar. Temos de caminhar para noroeste – anunciou Martim, guardando o mapa e pondo a espingarda a tiracolo. Até lá, não teriam pontos de referência, mas a bússola deveria ser

suficiente. – A partir daí será mais fácil.

António deu-lhe uma mão cheia de sal que tirou da bolsa e depois esfregou uma outra porção nas pernas. Martim fez o mesmo, com esperança de que isso afugentasse as sanguessugas por algum tempo. Os dois entreolharam-se, desembainharam as espadas e puseram-se a caminho. O mar ficou para trás e foram rodeados pela selva. Contavam levar sete dias até ao planalto de Candea.

Demoraram nove dias! A caminhada pela selva tivera muitos percalços, mas haviam chegado, sãos e salvos. Martim reconhecera a forma triangular da cidade e as colinas em redor, onde tantas vezes caçara. Havia escolhido um local perfeito de vigia, e bem perto encontraram uma gruta, onde passaram a pernoitar. Conseguiram ambientar-se bem na floresta, mas uma semana depressa passou a duas e a três, e as coisas não estavam a correr bem. A monção dissipava-se, os dias tornavam-se mais secos, e Martim e António não continham a desolação: era tarde demais para tentarem um último golpe.

– Não sei de onde veio tanta gente – desabafou António, empoleirado no alto da árvore de vigia. Estava revoltado com o que via lá em baixo, na cidade. – São milhares de chingalás.

– Mais de vinte mil soldados – calculou Martim, observando o terreiro, onde outrora o Exército Português estivera acampado. Depois das baixas dos últimos meses, esperava que os rebeldes contassem com menos homens. – Vejo muitas espingardas. Espero que não as saibam usar.

Pelas contas de Martim, estavam no quinto dia de Janeiro e a ofensiva portuguesa deveria estar prestes a começar. Os dois observavam, desanimados, as tropas de Candea a agruparem-se. Parecia que iam descer as montanhas, tal como o Governador pretendia, porém, a força inimiga era muito numerosa.

A missão fora uma sucessão de desventuras; nem Deus, nem a fortuna havia estado com eles. O Traidor, o rei de Candea, saíra muitas vezes do palácio, mas nunca repetira o mesmo trajecto, cavalgara muito rápido e sempre protegido por uma forte guarda pessoal, incluindo Emmanuel.

Não haviam conseguido penetrar no palácio, porque estava muito vigiado e os muros de argila eram demasiado altos. Por três vezes haviam tentado tirar-lhe a vida, e por três vezes, haviam falhado. A emboscada que montaram às portas da cidade não resultara, porque fazia vento e a chuva impedira as espingardas de funcionarem quando o Traidor passara perto deles. Havia tentado esgueirar-se uma outra vez, numa procissão, mas tiveram de fugir porque começaram a falar com eles e nenhum falava chingalá. Por último, o golpe durante o dia santo dos gentios, em Dezembro, não tivera efeito, porque as cerimónias ocorreram num grande pagode no centro da cidade, com milhares de pessoas à volta, sem que eles

tivessem conseguido aproximar-se.

– Que a Graça de Deus esteja com D. Jerónimo e com os nossos homens – proferiu António, entredentes. Não parava de raspar as pernas com o punhal e estava aflito. Tinha as pernas em chaga, por causa das sanguessugas.

– Ali vai Emmanuel – apontou Martim, enfurecido, para o cavaleiro que ultrapassara a porta principal da cidade. – O diabo em pessoa.

Era fácil distingui-lo entre os demais por causa das túnicas reluzentes. Nos últimos tempos, tinham-no visto muitas vezes e era notória a sua cumplicidade com o Traidor. Caminhavam ou cavalgavam lado a lado. Por diversas vezes, Martim tivera a tentação de lhe tirar a vida. Tentara não se distrair e lembrar-se de que o alvo era o Traidor, mas acalentava a esperança de que iria fazê-lo pagar o preço pela traição e pela perseguição ao mosteiro de Mafalda.

Fitou o Traidor logo depois, montado num cavalo branco. Dirigia-se para oeste, no caminho para Balane, acompanhado por mais de cem cavaleiros e seguido por uma mancha gigantesca de soldados de infantaria. Martim estava abismado com o facto de os chingalás terem tantos cavalos e armas de fogo.

– O melhor será regressarmos – reconheceu António, cabisbaixo. – Dentro de quinze dias poderemos estar em Balane.

– Sim, de nada nos serve continuarmos aqui – lamentou Martim. Já tivera aquele pensamento algumas vezes. O golpe falhara e os combates iriam começar dentro em breve. – Nem conseguimos informar D. Jerónimo.

De súbito, a árvore abanou, folhas soltaram-se dos ramos e ambos se assustaram com o alvoroço. O chão tremia com intensidade. Uma manada de elefantes acercava-se a passo acelerado e, pouco depois, viram-na passar por baixo deles. Mantiveram-se quietos para não os assustar. Sabiam que os elefantes poderiam ficar desvairados e atacá-los sem piedade. Era a terceira vez que aqueles animais passavam por ali, desde que haviam chegado. Quiçá estavam num trilho de elefantes, e por isso, deixaram o tempo correr em surdina, até se acharem em segurança.

– Já devem estar longe! – murmurou Martim. Estivera deitado num ramo grosso e doíam-lhe as costas. – Podemos ir.

No instante seguinte, voltaram a sentir um novo tremor com mais força, que os colheu de surpresa. Entreolharam-se pasmados. António não teve tempo de se agarrar e caiu no vazio.

– António! – gritou Martim, olhando para ele, estendido no chão. Havia tombado em cima de um arbusto e foi com alívio que o viu mexer um braço. Parecia ferido, mas estava vivo.

O chão tremia sem cessar e o barulho era ensurdecedor. Do topo da árvore, Martim viu uma nova manada de elefantes a aproximar-se, envolta

por uma nuvem de poeira. Parecia maior do que a anterior. Deveriam ser dezenas de elefantes em debandada, e urravam furiosos. Alguma coisa os deveria ter amedrontado. Temeu o pior e tentou avisar António, mas a confusão adensou-se e depois vislumbrou o primeiro animal. Vinha com a tromba e as orelhas agitadas.

Martim viu António desviar-se do elefante. No mesmo instante, um outro animal gigantesco embateu de raspão na árvore e quebrou muitos galhos. Martim desequilibrou-se com a tremedeira. Desesperado, tentou agarrar-se aos ramos, porém, caiu desamparado. O embate no chão deixou-o paralisado, com o ar a faltar-lhe e uma dor aguda no peito. Tentou levantar-se, gritou de dor e levou a mão à perna. Em pânico, viu dois elefantes monstruosos, com as trombas no ar, correndo na sua direcção, derrubando tudo pela frente. Nunca vira patas tão grandes! Olhou desesperado à volta, tentando mexer-se e encontrar uma fuga, mas depois resolveu encarar a morte.

Mafalda teve um sobressalto e uma dor trespassou-lhe o peito, cortando-lhe a respiração. Largou os inhames que acabara de colher e desequilibrou-se no chão, conseguindo proteger-se com as mãos e não se magoar. Agarrou no colar prateado de conchas marinhas e tentou recuperar o fôlego. Aos poucos, sentiu-se mais aliviada. Não era a primeira vez que tinha aquelas tonturas, mas agora haviam sido mais fortes. Parara de chover, embora o calor continuasse intenso.

– Nayana, estais bem? – perguntou o aprendiz *anagarika*, agachado na terra empapada, com a cabeça no chão, a olhar para ela.

– Sim, é do calor – explicou, esforçando-se por que ele não desse importância. A imagem de Martim ferido não lhe saía da cabeça, mas tentou manter a compostura. – Ide buscar-me uma taça de água.

Mafalda observou o *anagarika* a correr, com o hábito branco ao vento. Aos poucos, as tonturas abrandaram. Quando o viu a vir da cisterna, não deixou de sorrir. Ele fora o menino que chegara em pior estado do ataque dos leopardos no ano anterior. Perdera o braço, tinha o peito ferido pelas garras, mas sobrevivera. Ficara dias a dormir, a infecção parara e, quando acordara, parecera resolvido a viver. Mahastana conseguira salvá-los a todos. Estavam sozinhos no mundo e decidira recolhê-los, desafiando-os a seguir os ensinamentos do *sangha* e a tornar-se *anagarikas*.

– Está fresca – notou Mafalda. Levantou-se e afagou o cabelo do aprendiz, que voltou a ocupar-se dos inhames com afinco.

O poder do caldo ainda a deixava abismada. Havia sido assim com Martim, anos antes; mas, olhando para trás, Abel fora ainda mais desconcertante, quando, em menino, fora mordido por uma cobra venenosa e todos achavam que morreria. Recordou o dia em que ela o tomara pela primeira vez, quando Mahastana decidira que chegara a hora.

Não porque tivera um acidente ou porque se ferira, mas para lhe prolongar a vida e dar continuidade ao segredo do mosteiro. Afinal, ela e Abel haviam jurado que iriam protegê-lo até ao fim das suas vidas.

O caldo sagrado fora descoberto havia muitos séculos. Contava-se que fora um dos segredos deixados por Buda durante a última visita, mas nem Mahastana acreditava nisso. Dissera-lhe que o segredo tivera origem num mosteiro perto de Anuradhapura, entretanto desaparecido, e que continuara ali, havia pelo menos trezentos anos, porque a planta também crescia naquelas encostas. Mahastana explicara-lhe que o caldo atrasava a velhice e curava muitas maleitas. Passara de geração em geração e a tradição dizia que apenas três pessoas sabiam daquele segredo. Para além dele, apenas Sumangala e ela conheciam a combinação de ervas. Não poderia ter mais nem menos e tinha de se ter cuidado ao deixar de o tomar, sob pena de causar muitas dores ou a velhice reaparecer de surpresa. As ervas eram colhidas na hora e trituradas no almofariz do hospital, até libertarem um odor adocicado. Só depois é que se juntava a canela e se dissolvia o pó na água das chuvas.

– Estes também estão bons? – perguntou-lhe o menino, com a mão cheia de terra. – Ou ainda é cedo?

– Já os podeis colher – respondeu, cheia de orgulho. Sentia-se melhor e já haviam enchido duas cestas. – Depois de os lavarmos, podeis levá-los ao refeitório, para a última refeição dos *bhikkhus*.

O *anagarika* assentiu, contente. Teria de fazer duas ou três viagens, mas fazia-o com vontade. Mafalda levantou-se, observou o pátio deserto com a árvore sagrada e lembrou-se do *bhikkhu* que morrera em Trequimalé, meses antes. Tinham-no encontrado sem vida, cheio de ferimentos, e desconfiava de que fora Emmanuel a torturá-lo. Mahastana parecia ignorar todos os sinais, mas ela sabia que corriam perigo.

De repente, um som intenso irrompeu pela floresta e chegou ao topo da montanha. Pareciam-lhe tambores, e depois percebeu que eram trovões. Ia começar a chover outra vez. Questionou-se por onde andaria Martim; por certo estaria a combater em Balane. O sobressalto de há pouco passara-lhe e agora sentia-se envolta por uma paz que a surpreendeu. Algo lhe dizia que ele iria voltar são e salvo e que estavam destinados a ficar juntos. Observou Abel a correr pelo pátio e acercar-se da horta. Desde manhã cedo que terminava os trabalhos no refeitório do templo; porém, ficou inquieta quando o viu mais de perto.

– Tens notícias?

– Balane não aguenta muito mais – contou-lhe, com uma voz grave. Começava a chover com força e as gotas eram grossas. – As baixas entre as tropas do rei são pesadas.

– Os portugueses vão chegar ao planalto nos próximos dias – anteviu Mafalda, mordendo os lábios. Mahastana não simpatizava com o rei,

embora reconhecesse que o *sangha* recuperava nas montanhas. Fazia-o por uma questão política, e não religiosa, mas os meios valiam os fins. – E Emmanuel?

– Está em Balane – confirmou, com um olhar carregado. – Esperemos que os portugueses não tenham misericórdia dele.

O exército tomara Balane cinco dias antes e a Praça de Armas estava repleta de estandartes com a Cruz de Cristo. Passada a euforia dos soldados, D. Jerónimo mantinha-se soturno no bastião oeste, com o olhar preso nas muralhas. Acabara de informar o Mestre de Campo da sua decisão e este fitava-o incrédulo.

Fora-lhe difícil chegar até ali. Esperara oito meses até o Vice-Rei ouvir as suas preces e lhe enviar reforços de Goa, Cochim e São Tomé de Meliapor. Juntara uma força de mil e cem soldados portugueses e treze mil lascarins. Após o Dia de Reis, avançara para Balane, contudo o forte resistira a tudo. A batalha durara mais de um mês, até uma incursão do Mestre de Campo romper as defesas, ao mesmo tempo que os outros regimentos apanhavam os chingalás que fugiam para a selva, desesperados.

– Recuar, senhor? – perguntou o Mestre de Campo, por fim. – Conquistámos o portão de entrada de Candea e os rebeldes parecem perdidos.

– É uma armadilha – vaticinou D. Jerónimo, carrancudo. – Os lascarins abandonaram-nos, tal como a D. Pedro Lopes de Sousa. O Traidor deve ter comprado todos os comandantes de lascarins e estes arrastaram os seus homens.

– Todos? – questionou, coçando a cabeça. Acabara de regressar a Balane, depois de uma incursão no mato. – Mesmo os cristãos?

– Dos treze mil lascarins, apenas restam mil, e esses devem desaparecer assim que escurecer.

Aquela conquista tivera um custo alto e o forte parecia-lhe demasiado sólido, com muita pedra e traço português. Era maior do que os espíões lhe haviam relatado e admirava-se por ver tamanha precisão. Não podiam ter sido os chingalás a conceber aquelas ameias e guaridas. Fora obra dos renegados portugueses que haviam ficado nas montanhas. Não deveriam ser mais de trinta e aquela era a prova de que lutavam ao lado do Traidor.

– O inimigo está escondido na floresta. Não sofreu tantas baixas como esperávamos – reiterou D. Jerónimo, apontando para o arvoredado cerrado à volta. Alargara os sapatos e tirara a armadura, mas continuava a sentir-se apertado e tinha os joelhos inchados. – Se subirmos as montanhas, estaremos a sentenciar-nos à morte. Temos de regressar a Malvana.

– Faltam-nos quatro léguas, Senhor – alegou o Mestre de Campo, tentando refazer-se do que ouvia. – Mesmo sem os lascarins, poderemos

entrar na cidade antes do final do dia e trucidar os rebeldes de uma vez por todas.

– Confiai em mim – adiantou D. Jerónimo, abrindo a camisa. Para além das deserções dos lascarins, os ataques rebeldes na retaguarda ainda não estavam pacificados e D. Martim falhara o golpe por que tanto ansiava. Recebera relatos de que o Traidor fora visto no forte poucos dias antes. – Se tendes amor à vida, confiai em mim! Deus há-de dar-nos outra oportunidade.

Um bando de papagaios pousou perto deles, para logo se afastar do bastião. O Mestre de Campo continuava abismado a olhá-lo, mas, por fim, resignou-se. Por certo, não sonharia como aquela ordem lhe custava. O sonho da conquista esfumava-se por entre as mãos, depois de nove anos de planos e noites mal dormidas. Fracassara, mas jurara salvar o exército para a próxima ofensiva. Observou-o a afastar-se e preparou-se para falar com Deus.

Na manhã seguinte, as tropas portuguesas receberam a absolvição e começaram a retirar. No meio da confusão, D. Jerónimo recebeu o correio de Malvana. Uma das missivas tinha o símbolo de Gale e adivinhou que seria de D. Martim. Já sabia que a missão falhara e iria ordenar-lhe que voltasse a Candea, pois era urgente acabar com a vida do Traidor.

Abriu a missiva para se inteirar das novas, quando ouviu gritos de guerra e tambores a ecoarem pela floresta. Milhares de chingalás deveriam estar escondidos nas colinas à volta. Trocou olhares com o Mestre de Campo, com a cara endurecida e o olhar franzido. Os dois colocaram o elmo na cabeça, desembainharam as espadas e prepararam-se para lutar pelas suas vidas.



*Que bebem vinho, não é bom. Deus fez justiça. Se quiserdes paz,
paz; se quiserdes guerra, guerra.*

MISSIVA DO REI DE CANDEA AO CAPITÃO DA FROTA HOLANDESA,
ANCORADA A SUL DE BATTICALOA

Emmanuel despertou do sono e abriu os olhos. Estava deitado, entrelaçado nas concubinas. Deixara Candea havia alguns dias e acampara nas margens da grande lagoa. Começava a clarear e já se ouviam os pássaros. Deixou-se ficar no calor do aconchego, sentindo a pele nua das duas mulheres, que ainda dormiam, a recuperar da luxúria da noite anterior.

Voltara a sonhar com o mosteiro das montanhas. Mantinha Trequimalé sob vigilância apertada, desde que capturara o *bhikkhu*, que lhe confidenciara que o *kaffir* das montanhas costumava comprar ferramentas naquela povoação. Todavia, ele ainda não aparecera e Emmanuel exasperava.

Os últimos combates contra os portugueses também lhe arrelivavam o espírito. Depois da queda de Balane, eles não haviam avançado pelo desfiladeiro, atordoados pelas deserções dos lascarins e, dias depois, começaram a retirar para as terras baixas, abrigando-se nas tranqueiras ao longo do caminho. As tropas de Candea haviam tentado bloquear-lhes a marcha, contudo foram rechaçadas e milhares de guerreiros haviam perdido a vida na perseguição.

Os portugueses tinham sido derrotados, mas não aniquilados. Iriam regressar.

Emmanuel revirou-se e abraçou uma das concubinas, afastando-lhe os cabelos negros da cara. Só de lhe voltar a tocar, sentiu vontade de a possuir de novo. Tentou acariciá-la nas nádegas, nas costas e na nuca, mas ela estava mergulhada no sono.

– Excelência, peço desculpa por vos acordar...

Emmanuel assustou-se e abriu os olhos, esfregando as mãos na cara. Levantou-se, cobriu-se com a túnica de seda e saiu da tenda. Era o *Modeliar* de Vilacê.

– Tendes notícias?

– Os holandeses capturaram um grande navio português – informou com uma voz estremunhada, ainda com a camisa aberta. Parecia que acabara de acordar. – Chama-se *Nossa Senhora do Rosário* e dizem que

vinha de Cochim.

Emmanuel tentou disfarçar a surpresa. Estava desconfiado dos holandeses, mas eles voltavam a dar provas de valentia e afrontavam os portugueses. Após a primeira visita, um novo almirante havia chegado directamente da Holanda, para reforçar a amizade com Candea. Estivera dois meses na ilha e regressara a Batticaloa havia três semanas, com os reforços prometidos. Eram sete navios que desembarcaram cento e trinta soldados, todos espingardeiros. Emmanuel sabia que o almirante já enviara duas cartas ao rei, mas ele tinha ordens para ir ter com os holandeses assim que houvesse notícias de escaramuças com portugueses.

– Quando é que isso aconteceu?

– Ontem, ao final da tarde, a algumas léguas a sul daqui – precisou o *Modeliar*, ainda rouco. – Parece que fizeram muitos prisioneiros.

Emmanuel olhou para os pássaros a esvoaçar de um lado para o outro. Estavam a quase um dia de marcha dos holandeses. Tentava pensar no que fazer, quando viu Melchior, um dos homens de confiança, a caminhar na sua direcção. Deveria ter mais detalhes sobre o que acontecera.

– Com sorte, também arrestaram espingardas – proferiu. Queria saber o que Melchior tinha para lhe dizer antes de dar as ordens. – Preparai os homens, que eu já lá irei.

Melchior chegou perto dele pouco depois. Parecia cansado e suave em bica, apesar de ainda ser cedo. Por certo, passara a noite nas tavernas da povoação e caminhara de lá, mas logo ouviu que ele cavalgara durante horas até chegar ao acampamento.

– Encontrei o *kaffir* – informou, com um brilho no canto do olho. – Numa praia, nas cercanias de Trequimalé.

Emmanuel esboçou um sorriso.

– Tendes a certeza?

Melchior relatou que um dos seus homens o alertara, na véspera, para a chegada de um *kaffir* possante, vindo da floresta. Ele próprio fora a Trequimalé para se certificar e confirmara a descrição. Vira-o na praia a pescar e, mais tarde, num abrigo de pescadores malabares.

– Um gigante africano não passa despercebido em lado nenhum. Nunca vi ninguém tão grande – relatou Melchior, com orgulho. – Os meus homens estão a vigiá-lo à distância.

Emmanuel abriu as narinas e sentiu um frenesim a percorrer-lhe o corpo. Tirou um dos anéis de rubis dos dedos e ofereceu-o a Melchior.

– Agradeço-vos – disse, pousando-lhe o anel na palma da mão. – O tempo urge, mas primeiro tenho de me avistar com os holandeses.

Emmanuel ordenou a Melchior que regressasse a Trequimalé e mantivesse o *kaffir* debaixo de olho. Depois entrou na tenda para se arranjar. Tinha a cabeça a ferver e estava com vontade de desrespeitar as ordens do rei; porém, não arriscou. Tentaria apressar os afazeres com os

holandeses e depois seguir para Trequimalé. Teria de se precaver com os demónios e os animais, mas o *kaffir* iria indicar-lhe o caminho até ao mosteiro. Desta vez, não iria cometer os erros do passado. Capturaria o segredo da floresta e tornar-se-ia Imperador do Ceilão!

A *Zirricksee* cortava as ondas em velocidade, com as velas estendidas. A *Stern* e a *Hollandia* seguiam-na lado a lado, um pouco mais atrás. A aproximação foi rápida e depois as bombardas dos canhões rasgaram os céus. Era o último aviso para a chalupa baixar as velas. Continuavam perto da costa e estavam a ser observados. Sebald tinha de mostrar firmeza.

Aquele era o terceiro ataque. Três dias antes haviam capturado um grande navio português, depois de uma longa perseguição e uma troca de tiros de mosquete. Assim que abrisse as portinholas dos canhões, os portugueses haviam baixado os braços. O capitão fora trazido à sua presença e arrastaram o navio para terra. A *Nossa Senhora do Rosário* tinha quatrocentas toneladas e transportava trigo e pimenta, com vinte portugueses e mulheres a bordo. De acordo com o capitão português, o navio fazia parte de uma frota de quatro velas que zarpara de Cochim. Contornavam o *Zeylon*, a caminho do Negapatão, para depois rumar a Malaca.

Sebald limpou o suor da testa com o lenço. Depois haviam capturado um segundo navio. A *Madre de Deus* era igualmente grande, mas ia com os porões vazios, para carregar pimenta no Negapatão e levá-la para Malaca. Quisera saber porque não haviam embarcado pimenta no *Zeylon* e responderam-lhe que a colheita apenas ocorria em Janeiro e que a navegação na costa oeste estava perigosa por causa da monção.

Ficara abismado ao compreender que o império português no Oriente era mais vasto do que a pimenta e a canela e não se limitava ao seu envio para Lisboa. Os portugueses controlavam um imenso comércio, até aos confins da China e do Japão. Os entrepostos portugueses estavam ligados por carreiras e eles conheciam os ventos, as correntes e as melhores rotas de navegação.

Pouco depois, Sebald viu a chalupa a arriar as velas, e num instante acercaram-se dela. Chamava-se *Santo António*, era pequena e não possuía bocas-de-fogo. Era uma presa ainda mais fácil. Pouco depois, vislumbrou a bandeira branca.

- Renderam-se, *Admiraal* – ouviu o tenente afirmar, animado.
- Perguntau-lhes que carga levam – ordenou, olhando para a tripulação negra no convés inimigo. – Deve haver pelo menos um português a bordo.

Sebald observou o tenente a correr até à amurada e falar com um mestiço. Era o capitão. Estava lívido de espanto. Era mais novo do que ele e nunca deveria ter visto holandeses naqueles mares.

- O capitão é português – asseverou o tenente, quando regressou à

ponte de comando. – Também vai a caminho do Negapatão e apenas transporta trigo. Pede a vossa misericórdia e que o deixeis ir.

– Dizei-lhe que a sua vida não corre perigo, mas que temos de levar o navio para terra, para o inspeccionar.

– Sim, *Admiraal*.

Sabald deu ordem para rumar a terra. Estranhou o capitão ser mestiço, ainda assim queria interrogá-lo para recolher mais informações. Aqueles relatos iriam maravilhar a Companhia Geral das Índias. A VOC acabara de se formar, juntando as seis companhias que tentavam aceder às especiarias, controladas pelos portugueses. E ele fora nomeado *Vice-Admiraal* da primeira frota, com uma missão secreta. Enquanto a maior parte dos navios rumara ao Achém, ele acostara no *Zeylon*, para atestar que Joris Van Spilbergen chegara a Candea e firmar a aliança com o rei.

Spilbergen estivera no *Zeylon* durante três meses. A sua visita fora um êxito e os naturais da ilha haviam acreditado nele. Se bald seguira-lhe as pisadas, negociara com o rei os acordos de canela e pimenta e fora buscar reforços ao Achém, para o assistir na conquista de Gale. Chegara algumas semanas antes. Aquela era uma oportunidade única. Num só golpe, iria controlar o primeiro entreposto português no Oriente e teria o monopólio da canela, sem grande esforço ou despesa, com o apoio do monarca local.

– *Admiraal* – alertou o tenente, sobressaltado. – Olhai! A praia.

Entravam na baía e compreendeu o espanto do tenente. De início, pensou que o *Dissava* de Batticaloa estava ali para lhe oferecer mais frutas, mel ou carne de veado, contudo equivocara-se. Duas centenas de soldados estavam alinhados na praia, de lança e escudo, e por detrás vislumbrou oito elefantes majestáticos, cobertos com trajes dourados. Por certo que o rei de Candea descera das montanhas para vir ao seu encontro.

Martim contou trinta e seis canhões, dezoito de cada lado. Estava escondido numa colina, no meio do mato, a observar os navios holandeses e as embarcações portuguesas apresadas. Continuava agitado. Pela primeira vez, avistava a bandeira que todos temiam e aqueles navios, que eram tão grandes como os portugueses.

De repente, ouviu um estrondo que ecoou pela baía. Os tiros de canhões assustaram-no e trocou olhares com António. Os navios disparavam salvas em honra da comitiva militar na praia, e os elefantes urravam, apavorados. Os chingalás conseguiram, a custo, acalmá-los e mantiveram-se em formação, defronte das tendas dispostas na areia.

– Com aquele poder de fogo, vai ser difícil a Gale resistir – predestinou António, revoltado. – Como é que conseguiram chegar até aqui?

– Como nós – lembrou Martim, tentando acompanhar o que se passava nos navios. – Pelo Cabo da Boa Esperança.

Estavam de regresso à selva, depois de terem sobrevivido à debandada

dos elefantes. Martim devia a vida a António, embora não se lembrasse bem do que sucedera. Recordava-se da terra a tremer, do ribombar nos ouvidos, e de ver as trombas a agigantarem-se e uma presa afiada passar a palmos de si. António contara-lhe que, por pouco, ele não fora esmagado, e o conseguira puxar para junto do tronco da árvore de vigia, momentos antes de a nuvem de poeira os cegar. Deveria ter desmaiado algures, pois nem tinha memória de ser atingido na cabeça por uma pedra solta que ressaltara à passagem dos elefantes. Felizmente, o tronco da árvore resistira à correria e livrara-os de morte certa.

Haviam-se curado dos ferimentos, todavia o regresso a Gale fora lento e levaram vinte dias. Martim enviara logo uma missiva para Malvana, e D. Jerónimo fora célere a responder-lhe, apesar da aflição nas montanhas: ordenara-lhe que regressasse a Candea o quanto antes, para matar o Traidor.

Semanas mais tarde, Martim e António apanharam a boleia de uma champana até Yala. Percorreram o mesmo trilho, encorajados. Conheciam o terreno e os hábitos do Traidor, mas ficaram sobressaltados com o movimento de soldados em direcção à costa leste. Alguns eram renegados portugueses e, aos poucos, perceberam o que se passava: os holandeses estavam de novo em Batticaloa e o Traidor preparava-se para descer as montanhas e ir ao seu encontro. Em Candea, viram-no partir com uma grande comitiva de soldados. Perseguiram-nos à distância, confiantes de que o apanhariam em falso, mas em seis dias nunca o conseguiram. Agora estavam ali, nas cercanias da praia, onde todos o esperavam.

– Devem estar quinhentos ou seiscentos soldados a bordo – vaticinou António, com a voz tremida. Estava abalado. – Cada um deve ter uma espingarda.

– Talvez sejam menos – respondeu Martim. Houvera anos, por alturas das monções, em que o contingente militar português em todo o Ceilão não chegara a ter aquela dimensão. – Se matarmos o Traidor, podemos sustentar o inimigo já aqui. Sem ele, os chingalás ficarão perdidos.

Martim ouvira o nome de Gale vezes sem conta desde que ali chegara. Pensara em regressar para aprontar as defesas da cidade, ainda assim recordou-se das palavras do Governador: Candea poderia ruir num só dia, tal como Ceitavaca, se conseguissem matar o Traidor. Por isso, jurara cumprir a missão que lhe fora confiada, para pôr fim aos combates na ilha. Durante um dia, ainda se questionara se deveriam tentar libertar os prisioneiros portugueses, mas depois aceitara que tinha de terminar a missão. António apoiara-o; a paz no Ceilão dependia deles.

– Os holandeses estão a vir a terra – apontou António. Eram quatro batéis, adornados com as bandeiras tricolores e muitos soldados a bordo. – Emmanuel está na praia para os receber.

Martim tinha o olhar crispado, ao observar o renegado descendo do

cavalo. Parecia um fidalgo de gibão cinzento e caminhava pela areia, debaixo de um sombreiro, carregado por um chingalá. Movia-se como um rei, ao som dos tambores, à frente dos soldados e dos elefantes sentados.

Emmanuel tentava manter-se confiante, mas o estrondo na baía deixara-o inquieto. Jamais avistara tantas velas naquela costa. Ordenara às tropas que se colocassem em sentido e acompanhava, com cautela, os quatro batéis que chegavam a terra. Reconheceu o almirante holandês no meio dos soldados. Haviam estado juntos durante a primeira visita, tanto nas montanhas, como no caminho até Batticaloa. Emmanuel certificou-se de que tinha os botões do gibão apertados e caminhou até à beira-mar, por baixo do sombreiro. Assim que os batéis chegaram à praia, os dois homens trocaram olhares. O almirante fez-lhe uma vénia. Continuava com um ar sobranceiro e vinha acompanhado por trinta soldados com espingarda, que logo se puseram em sentido atrás dele.

– Almirante, muito me alegro com o vosso regresso – começou Emmanuel, num português pausado. O holandês dominava a língua castelhana e compreendia-o se falasse devagar. – É uma honra receber-vos de novo no Ceilão.

– *Gracias, Señor*. Regressei assim que pude, com os reforços prometidos – respondeu com soberba. – Temos estado ocupados com o inimigo.

– Os vossos feitos percorrem as montanhas – elogiou Emmanuel, apontando para as velas portuguesas. – Acompanhei a última captura. Um trabalho notável.

Os dois homens passaram em revista os soldados e depois afastaram-se, ficando a sós. Conversaram sobre os recentes combates na selva contra os portugueses, ao mesmo tempo que observavam a chalupa amarrada à *Hollandia*. Distinguíram alguns tripulantes que se amontoavam no convés, a acompanhar o que se passava na praia.

– Vêm de Cochim e rumavam a Negatapão – contou o holandês, apontando para o capitão mestiço, que sobressaía entre a tripulação negra. – Nenhum fez escala no Ceilão.

Emmanuel ouviu o relato do almirante sobre o que ele falara com os capitães aprisionados. Aquela era a terceira visita dos holandeses em um ano, e a segunda daquele almirante. Pareciam determinados em desafiar os portugueses. Os navios impressionavam e as bocas-de-fogo pareciam uma arma poderosa. O rei tinha razão: eram um aliado valioso que poderia derrotar os portugueses no mar.

Todavia, aquele holandês deixava-o incomodado. Vira-lhe ambição no olhar e achava que ele fora insolente com o rei durante a primeira visita. Chegara a afirmar que o auxílio na luta contra os portugueses era caro, que os navios vinham do outro lado do mundo e eram obrigados a enfrentar ventos e tormentas. As várias referências à canela e à pimenta deixavam

claras as suas intenções.

– Sua Alteza tem estado ocupada na luta contra os portugueses, mas está a descer as montanhas para vos agradecer pessoalmente a captura dos navios inimigos – informou Emmanuel, mantendo a postura, sem revelar o que lhe ia no espírito. – E para vos falar sobre o ataque a Gale.

– Dais-me boas notícias. Os navios estão prontos para zarpar, assim que acertarmos o plano de ataque com Sua Alteza – ripostou o almirante, parecendo perceber o reparo. Na carta que enviara, o rei pedira-lhe para rumar a Gale, e ele não o fizera. – O nosso poder de fogo é suficiente para derrubar as fortificações, mas temos de estar organizados com a ofensiva em terra.

– O rei também pede que não liberteis qualquer português e que entregueis todos os prisioneiros.

– São gente simples, que rumam ao Coromandel – retorquiu o holandês, depois de uma pausa, coçando o bigode. – Não existem soldados a bordo, e levam algumas mulheres e escravos.

– São todos portugueses – lembrou Emmanuel, num tom firme, com alguma surpresa. – Se não os quereis entregar, presumo que os ireis matar a todos?

– Prometi ao capitão da *Nossa Senhora do Rosário* que lhes pouparia a vida – revelou o holandês, explicando que acedera às preces do português, depois de este lhe confidenciar o tráfego com Malaca, Macau e Nagasáqui. Garantira que colocaria os prisioneiros a bordo de um dos navios e os deixaria seguir para o Negapatão. – Posso facultar-vos a carga. Não me parece valiosa, mas tenho todo o gosto em vo-la oferecer.

Emmanuel elevou a voz. A alusão a Malaca lembrou-o do passado e deixou-o descontrolado. Ia puxar do *calachurro*, mas acalmou-se. Tinha de consultar o rei.

– Estais a ir contra a vontade do rei!

– Não vos apoquenteis – objectou o holandês, como se o assunto não fosse grave. – Contarei a Sua Alteza os nossos esforços contra os portugueses, bem como o plano para a conquista de Gale.

– Não entendo tamanha cortesia. Pensei que fôsseis inimigo dos portugueses – insistiu Emmanuel, indignado. – Libertar estes homens agora significa que nos irão combater mais tarde, durante o assalto a Gale.

– São embarcações mercantis, sem valor – disse o almirante, mantendo o semblante altivo. – Mercadores de Cochim, que nada têm a ver com o *Zeylon*.

– Esses mercadores pegam em armas. São casados – corrigiu, aos berros. – Antigos soldados, filhos de soldados ou servos, que acham que são ou serão portugueses.

– Dei-lhes a minha palavra – justificou o holandês, querendo terminar a conversa. – Peço-vos que entendais.

Emmanuel olhou-o nos olhos, com a face endurecida, adivinhando a cólera do rei, mas depois ajuizou melhor. Afinal, aquela era a oportunidade por que esperava para se ver livre daqueles holandeses. Observou os três navios portugueses e, sem mais palavra, virou as costas. Aquilo não iria ficar assim!

– Algo não está bem. São vozes estridentes – sussurrou Martim, desconfiado. Os chingalás não costumavam beber vinho e as flores vermelhas que, por vezes, mascavam deixavam-nos sonolentos, mas não agitados. – Parecem embriagados.

Os tambores tinham cessado havia um bom bocado e a maioria dos soldados holandeses retornara aos navios, ao anoitecer. O almirante e um punhado de homens tinham ficado em terra, para um banquete com o rei de Candea, que decorria na grande tenda, não muito longe da rebentação. A luz na praia era imensa. Os chingalás tinham acendido dez fogueiras ao longo do areal e muitos holandeses, entretanto, haviam-se juntado à volta de uma delas, do outro lado da praia. Ainda assim, o alarido proveniente da tenda continuava a intrigá-los.

– É difícil entender o que se passa lá em baixo, no meio da música e dos cânticos.

Os dois estavam escondidos por baixo do denso arvoredor que cobria a ravina de uma das pontas da baía. O Traidor chegara no dia anterior, com uma grande comitiva que assentara arraiais na floresta, a oitocentos passos do mar. A vigilância era apertada e fora-lhes impossível abeirar-se do acampamento. Apesar disso, tinham presenciado o encontro com os holandeses na praia. Mais de duzentos soldados armados de espingarda haviam desembarcado, e o almirante avistara-se com o Traidor. A conversa na praia fora demorada e Emmanuel juntara-se a eles por momentos, sempre com semblante carregado. Por vezes, Martim conseguira ouvi-los, num misto de português e castelhano, e percebera que falavam sobre o destino dos navios portugueses e os preparativos para o ataque a Gale.

– Podem ter chegado a acordo e estar a celebrar – arriscou Martim, lembrando-se do que Mafalda lhe contara das promessas do Traidor sobre a canela e a pimenta. – Afinal, o Traidor viveu muitos anos em Goa e em Columbo, e também deve beber vinho.

– Talvez, mas ainda durante a tarde ouvimo-lo dizer que duvidava da amizade dos holandeses – lembrou António, baixinho. – Estava aborrecido por terem andado a matar vacas e deixado os portugueses seguir num dos navios.

– É um preço que tem de pagar por Gale – adiantou, entredentes. – O Traidor sabe bem do valor da nossa cidade.

– Nunca ele esteve tão longe do palácio, nem nunca estivemos tão próximo dele – resmungou António, num misto de esperança e revolta. –

Temos de acabar com a sua vida, de uma vez por todas.

Martim assentiu, mas era uma sorte ainda não terem sido apanhados, com tantos soldados nas cercanias. Tentou descortinar o que se passava no banquete, porém, ouviu um barulho atrás, vindo da floresta. Uma fila de soldados chingalás vinha do Acampamento Real, e descia para a praia. Eram mais de cinquenta. Estavam armados de lanças e *calachurros* e pareciam ter pressa.

– Olha, o Traidor e o almirante – apontou António, agachando-se mais, por entre o arvoredo. – Saíram da tenda.

Martim observou os dois homens a caminhar lá em baixo, na direcção de uma das fogueiras. Ficou boquiaberto! O almirante holandês cambaleava e falava alto. Parecia bêbado, gesticulando e tocando no Traidor com persistência, ora puxando-o por um braço, ora pondo-lhe a mão no ombro. Por certo, não saberia que aquilo era considerado insultuoso.

– Por isso vos digo que tendes de vir a bordo, Alteza – ouviu o almirante, com a mesma voz estridente. – São navios poderosos, capazes de conquistar Gale.

Martim fitava-os abismado, quando viu os soldados chegarem à praia. Foram ao encontro de Emmanuel, que os agrupou, já de *calachurro* na mão. Pareciam furiosos com a insolência do almirante e Martim suspeitou de que alguma coisa de muito grave acontecera no banquete. Tentou acercar-se para ouvir o que se passava lá em baixo, mas receou desequilibrar-se e cair da ravina.

– Tirem-me este cão daqui! – gritou o Traidor, esbracejando e tentando libertar-se do holandês, que lhe puxava as vestes. – Prendam-no!

Martim viu quatro chingalás a agarrarem no almirante. O holandês resistiu, soltou-se aos berros e puxou da espada. Os chingalás assustaram-se e recuaram, até que Emmanuel apareceu por detrás. Agarrou-lhe os cabelos e desarmou-o com um golpe de *calachurro*. O holandês ficou aturdido. Num ápice, Emmanuel foi contra ele e cortou-lhe o pescoço.

– Acabem com todos – vociferou o Traidor, olhando para o corpo do almirante no chão. Parecia colérico.

Emmanuel foi célere a reunir os homens e a dar caça aos holandeses. A maior parte deles continuava do outro lado da praia em redor de uma fogueira. O barulho na grande tenda cessara, mas ouvia-se música ao longe e os holandeses deveriam estar a comer ou a dançar, sem se aperceberem do que se passara.

Martim viu uma centena de chingalás a correrem pela praia e a enfiarem-se no mato. Ouviram-se gritos, disparos e a confusão alastrou. Muitos holandeses fugiam, outros lutavam, mas estavam a ser dizimados. Avistou quatro deles a atirarem-se ao mar, quase à sua frente. Nadaram para a escuridão, na ânsia de alcançar os navios, porém, os chingalás

encheram o céu de flechas incandescentes, até terem a certeza de que nenhum deles sobreviveria. Foi um banho de sangue.

– Chegou a nossa vez! – afirmou Martim, agarrando na espingarda e começando a carregá-la. Estava uma grande balbúrdia lá em baixo e o Traidor encontrava-se ao seu alcance, apesar de rodeado por vários guerreiros. Não fazia vento, nem estava a chover, pelo que o tiro seria certo. – Ninguém dará conta de mais um tiro nesta matança.

– O Acampamento Real também deve estar desguarnecido – lembrou António, abrindo a sacola. – Tenho aqui o veneno do Governador para lhe deitar na comida e na água.

– Vai lá, para o caso de ele sobreviver à espingarda – ordenou Martim, fechando a bolsa da pólvora. – O Traidor não pode escapar vivo daqui.

Martim viu António a desaparecer pela ladeira, em direcção à Tenda Real, e aprontou a espingarda. Ouviam-se gritos por todo o lado e, ao fundo, mais alguns holandeses tentavam fugir para o mar, sendo logo apanhados antes ainda da rebentação.

Martim fez pontaria, contou até dez e disparou. Ouvia-se um trovão. O estrondo pareceu passar despercebido na confusão, mas o tiro acertou num dos guerreiros ao lado do Traidor, que caiu morto a seus pés. Por azar, os soldados perceberam o que se passara e protegeram o rei, enquanto outros começaram a correr em direcção à ravina. Tinham adivinhado a direcção do tiro e vinham direitos a ele. Martim não teve tempo para um segundo tiro. Foi ágil a sair do esconderijo e num instante escapou-se, correndo pela ladeira fora, no encalço de António.

Pouco depois, vislumbrou o Acampamento Real, disperso ao longo da clareira. Aproximou-se devagar, por entre as árvores, receando encontrar sentinelas ou soldados que tivessem ficado para trás. Todavia, as tendas pareciam desertas e apenas se ouvia o crepitar das duas fogueiras altas ao centro. Já estava perto da clareira, de espada em punho, quando deparou com um corpo estendido no meio da vegetação. Agachou-se, temendo o pior, mas viu que se tratava de um chingalá. Fora degolado, decerto por António.

Quando se levantou, descortinou dois soldados à entrada da Tenda Real, e três mulheres chingalás em redor de uma das fogueiras. Afinal, não estavam sozinhos. Hesitou em avançar e desesperou. Estava escuro, não se via mais movimento, mas tinham de fugir depressa; não faltaria muito para os soldados adivinharem que ele estaria no Acampamento Real. Cerrou os dentes, tentando ganhar coragem, até que, por fim, vislumbrou António nas traseiras da tenda, a sair, arrastando-se. Parecia satisfeito e, por certo, espalhara veneno em toda a água e comida que encontrara. Os gritos vindos da praia não cessavam. Martim ia avisar António de que tinham de ser céleres, quando se apercebeu de que um chingalá corpulento se acercava do amigo, por detrás.

– Maldito holandês – vociferou o chingalá, em português. – O rei disse que não pode haver sobreviventes. Achavas que escapavas por estares disfarçado de camponês?

Martim viu António a desembainhar a espada e baixar-se para apanhar o chingalá em falso, porém, o guerreiro adivinhou-lhe os movimentos e enfiou-lhe o *calachurro* nas costelas. Martim ficou estarelecido com o grito de António e, sem pensar, saiu do mato para lhe acudir. Viu a respiração falhar-lhe e ficar-se no chão. Chegara tarde demais! Foi então que encarou o chingalá. Com surpresa, viu-o baixar o sabre e olhar para si, embasbacado.

– D. Martim?



A vida não pode ser assim tão má. Aconteça o que acontecer, posso sempre fazer uma grande caminhada ao longo do Bósforo.

ORHAN PAMUK, PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

Ryan Harris era CEO da NewRock havia cinco anos, mas aquele era o *dossier* mais importante desde que tomara as rédeas da empresa. A conferência de Istambul terminara com um grande almoço, no terraço do hotel em Sultanahmet, mas ele não se conseguira concentrar durante os dias do evento. Estava demasiado agitado. Desde a conversa com o cientista finlandês na Costa Rica, não pensava em mais nada.

De início, mostrara-se céptico. Nunca se sentira confortável com a área do envelhecimento e os rumores que ouvia sobre experiências em embriões geneticamente modificados causavam-lhe repulsa. Ponderara esquecer aquele assunto; ainda bem que não o fizera.

Pusera dois dos seus melhores cientistas a trabalhar no caso e a verificar a documentação que recebera. Ficara pasmado com a reacção de ambos. Dois dias depois, informaram-no de que o estudo era credível e que a substância parecia ter um efeito fortíssimo no organismo. Na semana seguinte, recebera mais dois pareceres científicos favoráveis, com a indicação de que havia matéria relevante para um estudo laboratorial. Reunira o Conselho de Administração e a opinião fora unânime: deveria garantir negociações exclusivas e pedir mais tempo.

Os quatro cientistas entregaram-lhe uma lista de questões e informações adicionais que teria de obter e os ajudaria a validar a investigação em causa. Ryan sabia as perguntas de cor. Os seus cientistas procuravam comprovar os resultados da medição dos telómeros e a redução da oxidação das células, bem como certificarem-se de que a substância conseguia fortalecer o sistema imunitário dos mais idosos. Por último, ele próprio continuava céptico sobre os possíveis efeitos secundários. A informação sobre esse assunto era escassa.

Ryan saiu do táxi e caminhou até ao terminal dos *ferryes*, para comprar o bilhete. Já ali tinha estado anos antes, mas não se lembrava de tamanha confusão. Centenas de pessoas amontoavam-se no passeio, vindos do Grande Bazar, da Ponte Gálata e da mesquita do outro lado da estrada. Viam-se carrinhos de vendedores de melancia, mexilhões frescos e milho assado. Era sexta à tarde e devia ser hora de ponta. A custo, tentou ver os *ferryboats* acostados e leu a placa que procurava: Uskudar!

– Bilhete, por favor – pediu um marinheiro de bigode, à entrada do *ferryboat*.

Ryan entrou no barco e subiu as escadas, sentando-se num dos bancos corridos. Na última semana, a sua equipa de assessores fizera-lhe um estudo de mercado e indicara-lhe que fora despendido muito dinheiro na investigação do envelhecimento, mas a maior parte por empresas de biotecnologia, apoiadas por capitais de risco, e não por farmacêuticas. Essas mantinham o envelhecimento fora da sua estratégia.

Ryan lera, com curiosidade, que existia um fármaco em teste para fortalecer o sistema imunitário dos idosos ao vírus da gripe. Havia-lhe referido uma planta japonesa, usada séculos antes, que conseguia reciclar as células, tornando-as mais saudáveis. No entanto, o destaque fora para um produto que tentava retardar o envelhecimento, através do rejuvenescimento de células velhas. Tratava-se de um derivado de uma bactéria recolhida na Ilha de Páscoa, usado para prevenir a rejeição de órgãos transplantados e que dava mais flexibilidade aos músculos. Parecia ter potencial, mas, ao que sabia, ainda só fora testado em minhocas e moscas, e carecia de anos de investigação.

O *ferryboat* apitou e os marinheiros soltaram as amarras. Assim que o barco se afastou do cais, Ryan sentiu a brisa marítima. Ajeitou o chapéu azul dos Patriots, olhou para os minaretes da mesquita e lembrou a lista de questões.

Simpatizava com Aarni Leppa. Era um investigador visionário, um membro do Conselho Científico da MediVal que não se sentira reconhecido pela grande descoberta que fizera. Casos desses eram frequentes. Dado que o fármaco não estava patenteado, a MediVal perdera um activo crucial e o finlandês procurara uma alternativa. O evento em Martha's Vineyard parecia ter sido decisivo para ele eleger a NewRock, embora a sua empresa fosse a escolha natural.

O *ferryboat* passou por baixo da Ponte Gálata e Ryan observou os minaretes das mesquitas que sobressaíam por entre as colinas e os prédios do centro da cidade. Instantes depois, o *ferryboat* entrou no Bósforo, em rota para a parte asiática de Istambul.

Antes de aterrar, Ryan trocara algumas mensagens com o cientista, a aceitar a reunião e a combinar o local para se encontrarem. Ficara de apanhar o *ferry* das seis e meia da tarde para Uskudar, onde ele o esperaria no cais. Ryan sabia o que lhe ia dizer e com o que se poderia comprometer. Não poderia assinar qualquer contrato sem a aprovação do departamento jurídico, mas, se a reunião corresse bem, iria autorizar uma transferência avultada para provar o seu compromisso e garantir que as negociações continuariam exclusivas por mais um mês.

A entrada do medicamento no mercado poderia ser mais rápida do que se imaginara. A regulação na área de envelhecimento tinha muitas lacunas,

dado que não era considerada doença. Se o fármaco mostrasse alguma eficácia, sem danos colaterais, tinha boa probabilidade de ser rapidamente posto à venda, através do mecanismo de *fast track*.

A viagem pelo estreito durou menos de vinte minutos. Assim que se aproximou de terra, Ryan perscrutou o terminal à procura de Aarni. O cais era pequeno, entalado entre os prédios da encosta e uma grande mesquita com dois minaretes muito altos. Parecia-lhe um tanto ou quanto decadente e via-se muita agitação, quer em terra, quer na água, com vários *ferries* em manobras. O desembarque foi confuso, aos encontrões, e sentiu-se perdido no cais. Olhou à volta e para o telemóvel. Não recebera qualquer chamada ou mensagem. Dez minutos depois foi interpelado.

– Ryan Harris? – questionou um jovem turco, de cabelos lisos e com um blusão de cabedal preto.

– Sim, sou eu.

– Tenho instruções para o acompanhar até ao Dr. Leppa.

Ryan seguiu-o, sem questionar, mas espantou-se por não se afastarem do terminal. Percorreram o cais um pouco mais adiante e entraram numa lancha branca com uma cobertura azul.

– Peço desculpa, mas tenho de lhe pôr uma venda – informou o turco, com um sorriso forçado. – Penso que compreende.

Ryan ficou surpreso, mas assentiu. Por instantes, até ficou reconfortado por saber que o cientista levava o caso com seriedade e se protegia. A lancha avançou com velocidade e, à medida que notava as vagas, ficou inquieto. Sentia que poderia estar a mudar o curso da empresa e da humanidade. Se aquilo fosse verdade, seria a decisão mais marcante da sua vida.

A viagem pareceu-lhe interminável, molhara-se e ficara um pouco enjoado com a ondulação. Foi um alívio quando a lancha reduziu velocidade, e pouco depois tiraram-lhe a venda.

– Chegámos – informou o turco, agarrado à cobertura, olhando de soslaio para o seu blusão molhado. – Peço desculpa se a viagem não foi mais agradável.

O Sol estava a pôr-se, mas ainda irradiava uma luz amarelada do outro lado do Bósforo. Ryan percebeu que continuava na parte asiática. Acostaram num pequeno pontão, atrás de uma outra lancha. Estavam numa enseada isolada, no meio de duas colinas verdejantes e distinguiu uma mansão a meio da encosta. Tinha dois andares e paredes de vidro. Parecia ser o destino. Quando desembarcou, viu Aarni ao fundo, no pontão. Lembrava-se de que ele era alto, mas não deixou de ficar admirado.

– Que bom voltar a vê-lo – declarou o cientista, entendendo-lhe a mão, com um ar satisfeito. Estava com olheiras e deixara a barba crescer, embora parecesse menos tenso do que na Costa Rica. – Pedi ao Hakan para

o ir buscar, pois aqui estaremos mais à vontade.

– Eu compreendo. Onde estamos?

– Num local seguro, longe da confusão da cidade – respondeu, confiante, indicando-lhe que o acompanhasse.

Ryan sorriu, tentando mostrar-se à vontade. Estava habituado a controlar as situações, mas naquele momento sentia-se nas mãos do cientista. Ninguém sabia do seu paradeiro, nem mesmo as pessoas que lhe eram mais próximas. O jovem que o trouxera afastara-se, e Ryan entrou na propriedade ao lado de Aarni, interrogando-se se ele moraria ali ou alugara a casa de propósito para o efeito. Subiu a escadaria de pedra e chegou a um grande relvado com uma piscina ao fundo, defronte da casa. Voltou a olhar para trás, na direcção do Bósforo, e não conseguiu descortinar qualquer referência.

– Posso oferecer-lhe uma bebida? – perguntou o finlandês, parando perto da mesa do jardim, a poucos passos da piscina. As luzes já se encontravam acesas e estava uma temperatura agradável. – Um chá preto, um café turco ou um copo de vinho branco da Cappadocia?

– Aceito um chá, obrigado.

– Faça-lhe companhia.

O cientista entrou em casa e Ryan ouviu-o dar instruções à empregada. Pousou o chapéu dos Patriots na mesa, sentou-se e observou-o a aproximar-se.

Raquel sentou-se na poltrona em frente da televisão e suspirou. A filha adormecera e finalmente tinha algum tempo para si. Era sexta à noite. Não bebia um *whisky* havia mais de um mês. Serviu-se de uma dose generosa, com uma pedra de gelo, e bebeu dois goles de seguida. Estava calor, tinha a janela aberta e ouvia o barulho dos carros ao longe.

Os meses passavam-se sem dar por isso. A filha ia fazer seis anos. Tinha orgulho de ser uma boa mãe, mas em noites assim sentia-se sozinha. Orgulhava-se de ser uma mulher independente, embora de vez em quando sonhasse encontrar um homem que a fizesse feliz e que, talvez, lhe desse um outro filho.

Terminou o *whisky*, sentiu-se zozna e soltou uma gargalhada. Não estava habituada a beber. Passara a tarde no CIC e conversara mais de uma hora com o médico sueco. Desconfiara de que ele a tentara iludir, com respostas evasivas e demasiado técnicas, mas não conseguira deixar de se sentir atraída por ele. Era atraente, maduro, e engraçara com a sua maneira de falar. Vira que ele não tinha aliança e talvez não tivesse namorada.

Raquel levantou-se e serviu-se de uma segunda dose. O caso de Ernest Fonseca ganhara ainda maior complexidade. As informações da Interpol e da Polícia maltesa eram escassas, porém, descobrira que Elizabeth du Toit

era amante de Aarni e, muito provavelmente, sua cúmplice no homicídio. As filmagens das câmaras de vigilância do hotel tinham sido gravadas dias antes do crime, e eram evidentes. Os dois pareciam íntimos no bar, e tivera a certeza disso quando vira uma nova gravação: Aarni e Elizabeth saíram aos beijos do elevador, para entrarem no quarto dele e estarem lá duas horas.

Raquel abanou a cabeça e bebeu mais um gole. Estava desapontada por não ter confiado no seu instinto. Desde o início que não engraçara com aquela mulher e deveria tê-la investigado com mais profundidade. Por certo que o envolvimento entre os dois vinha de trás e não era passageiro. O crime ganhava contornos passionais e Raquel interrogou-se onde é que os dois se tinham conhecido.

Elizabeth dificilmente poderia ser a autora material do crime, porque tinha um forte álibi, em Peniche. No entanto, era a cúmplice perfeita: conhecia bem as rotinas da vítima e saberia qual a melhor altura para o homicídio ter lugar. A morte da mãe fora um golpe de sorte para sair do país antes de ser considerada suspeita ou arguida. O telemóvel sul-africano que a recepcionista lhe dera não dava sinal e Raquel já entrara em contacto com a polícia local para a localizarem, embora a colaboração com a África do Sul estivesse a ser difícil.

Bebeu o último trago de *whisky*, recostou-se na poltrona e cerrou os olhos. As feições do condutor do carro de Ernest Fonseka também não lhe saíam da cabeça. A fotografia fora tirada na madrugada de 25 de Maio, numa altura em que a vítima estava presumivelmente morta. Os técnicos do laboratório tinham melhorado a qualidade da imagem, eliminando reflexos e dando-lhe mais contraste. A cara era perceptível e mostrava um homem de meia-idade, com barba. Para seu espanto, não parecia ser Aarni, nem Ernest. Por vezes, via semelhanças com o médico sueco do CIC, mas reconhecia que era apenas uma fantasia: nos últimos dias, via-o em todo o lado...

Já pedira a Matos para descobrir a identidade daquele homem e enviara a imagem para a Interpol e a Europol: tinha a certeza de que ele estava implicado no crime; desconhecia apenas qual o seu papel e como se articulava com Aarni. Esquecera-se de mandar a fotografia para Malta, mas seria a primeira coisa a fazer no dia seguinte.

Elizabeth puxou de um cigarro e observou o movimento na *calle*. O contraste com Plett não poderia ser maior. Doíam-lhe os pés de usar saltos altos tanto tempo e precisava de se descontraír. A sessão acabara havia meia hora. Nem fora ao hotel mudar-se. Reconhecera o local quando ouvira alguém a referenciá-lo. O Lateral era um dos pontos chiques do *barrio* e servia todo o género de *tapas*. Ficava a um quarteirão do hotel, numa paralela à Calle Serrano.

O Bairro de Salamanca guardava uma elegância que a atraía. Madrid nunca fora um destino de eleição e não conseguira viver ali, porque era afastado do mar, mas sentia-se bem sempre que a visitava. Gostava de ver as ruas amplas e direitas, os prédios de traça antiga, magnificamente restaurados, e as pessoas bem vestidas.

– *Señorita?*

– Mexilhões galegos e um copo de vinho branco de *La Rioja*, com uma pedra de gelo. E um cinzeiro, por favor.

O evento de jóias fora o mais importante em que participara nos últimos anos, e deixara-a bem-disposta. Não quisera desmarcá-lo e viera de Plett de propósito. Vendera várias peças, posara com alguns convidados para revistas de moda e de produtos de luxo e dera uma entrevista a uma televisão local. Fora das artistas com maior destaque e acabara surpreendida com um convite para estar presente num evento de moda ligado a um festival de cinema, na Cidade do México, que teria lugar dali a quatro meses.

– E um pratinho de *brie* fundido com *jamon iberico*, oferta da casa.

Elizabeth agradeceu e tentou relaxar, saboreando o vinho. Eram nove da noite, ainda havia claridade e estava um calor abrasador. Deveria estar mais animada! Fora uma pena não se ter conseguido encontrar com Rui. Quando reconfirmara a presença no evento em Madrid, ficara entusiasmada com a possibilidade de o rever. Enviara-lhe uma mensagem a dizer que estaria perto de Lisboa, mas ele respondera-lhe que estava a viajar, acabando por confessar-lhe que se encontrava no Sri Lanka.

Haviam-se envolvido numa altura complicada, ainda assim Rui ficara-lhe no pensamento. Parecia-lhe um homem diferente daqueles com quem se dera no passado, talvez por ser tão carinhoso nas mensagens. Releu a última: estava a beber uma cerveja ao pôr-do-sol em Galle e iria para Kandy. Infelizmente, sentira-se forçada a passar aquela informação relevante, e pensar nisso deixava-a angustiada. Terminou a *tapa* e questionou-se se lhe deveria enviar uma nova mensagem ou deixá-lo ir à vida dele. Se calhar, era o melhor a fazer.

Puxou os cabelos longos para a frente e cobriu o rosto, tentando afastar a tristeza. Só lhe apetecia estar sozinha ou refugiar-se nos braços de um homem como Rui. Todavia, não fora honesta nem com ele, nem com Ernest, e sentia-se oprimida havia semanas, consumida por um arrependimento a que não estava habituada. Estar longe do mar e das ondas também não ajudava, no entanto, a culpa era exclusivamente sua.

Tudo começara em Knysna, cinco meses antes. Aarni interpelara-a na praia, apresentando-se como um antigo colega de Ernest em Singapura. Achara-o charmoso e inteligente. Sempre apreciara homens europeus, e ele fez-lhe uma proposta inesperada: reaproximar-se de Ernest e espiar o trabalho dele em Portugal.

Fora fútil e leviana. Acabou por se envolver fisicamente com Aarni, e deixar-se deslumbrar com o que ouvira. Na altura, parecera-lhe uma proposta irrecusável: estaria com Ernest apenas algumas semanas, até ele a descartar, como já acontecera antes, e Aarni pagar-lhe-ia bastante dinheiro, o suficiente para ela recuperar a segurança financeira por muitos anos, apesar do declínio na venda das jóias e das dívidas da mãe.

Havia muito que Ernest insistia em que ela o visitasse em Portugal, e acabou por aceitar o repto. Não fora viver com ele, juntando-se a um grupo de surfistas que conhecia, que andava a explorar as praias do país. Com facilidade, cumpriu o acordo com Aarni, enviando-lhe informações e fotografias sobre o trabalho dele. Viveu despreocupada, acabando, porém, por ficar com Ernest mais tempo do que julgara. Foi conhecendo o seu trabalho, compreendendo no que se envolvera e a importância dos documentos que enviava a Aarni. Contudo, nunca imaginara que Ernest pudesse correr risco de vida. A morte dele deixara-a devastada e continuava a pesar-lhe na consciência.

Aarni enganara-a, e ela deixara de acreditar nele, mesmo quando ele fora a Knysna, pouco depois da morte da mãe. Fizera milhares de quilómetros para a ver e convencê-la de que não matara Ernest, tentando pedir-lhe ajuda para controlar os desenvolvimentos do CIC na investigação da Taprobana. Elizabeth ouvira-o com atenção, mas não fora honesta com ele e ficara aliviada por ele ter de viajar, com urgência, para a Costa Rica.

– Mais uma *tapa, señorita*? – perguntou o empregado, jovial, levantando-lhe o copo e os pratos vazios. – O *pulpo a la plancha* é uma especialidade.

Elizabeth anuiu e o empregado voltou de seguida, com mais um copo de vinho branco e uma pedra de gelo.

Já anoitecera. Elizabeth bebericou o vinho fresco e recostou-se, melancólica, na cadeira. Tinha saudades de viver alegre, despreocupada, e não se reconhecia na pessoa em que se estava a tornar. Sempre fora aventureira, vivendo cada dia como surgia, sem grandes expectativas a não ser viver o momento.

Tinha de desaparecer e afastar-se de tudo, assim que terminasse de tratar da herança da mãe. A ideia não era nova, mas tomara forma durante o voo para Madrid. Perth parecia-lhe o destino perfeito e era parecido com Cape Town. Ficava longe de Portugal, de Malta e da África do Sul, trazia-lhe boas recordações e tinha uma variedade de locais com ondas excelentes. Dali, não estaria assim tão longe da Indonésia e poderia explorar várias ilhas, muitas delas ainda paraísos perdidos. Pousou o copo de vinho e voltou a pensar em Rui. Olhou de novo para o *smartphone* e tentou adivinhar o que estaria ele a fazer no Sri Lanka.

A placa na berma da estrada dizia Ganewalpolá. Dezenas de vacas

pastavam na planície e já se via a cordilheira ao longe, envolta por uma densa neblina. Rui e Helen estavam perto de Ritigala e haviam parado numa bomba de combustível para pôr gasolina, antes de entrar na reserva.

Ritigala ficava a pouco mais de cem quilómetros a norte de Kandy, no caminho para Trincomalee, obrigando a uma viagem de quase três horas. No mosteiro em Kandy, Sri Rahula Thera explicara a Rui que era uma zona de floresta densa, onde existiam ruínas de um mosteiro antigo, construído no topo da montanha mais alta de todas. Mais tarde, no hotel, ele estudara o assunto em detalhe e percebera que Ritigala não aparecia em muitos mapas e estava fora da rota turística das cidades históricas. Tratava-se de uma região de fronteira com a parte tâmil da ilha, próxima da linha da frente da guerra civil durante anos, apesar de os combates nunca lá terem chegado.

As montanhas mantinham um ambiente místico, com dezenas de grutas e túneis, bem como um pequeno mosteiro budista, no lado sul da reserva, no sopé de uma das montanhas. As ruínas de granito eram o seu destino e teriam de subir por um trilho empedrado, até chegar ao planalto no topo. Deveria ser uma caminhada de dois quilómetros. As indicações que recebera no Mosteiro de Kandy condiziam com as descrições dos documentos de Ernest. Aquele fora o local onde Mafalda de Castro vivera durante anos, onde Martim a conhecera e que Emmanuel Dias buscara sem descanso.

Helen havia ido à casa de banho, nas traseiras da loja da bomba de combustível. Rui sentiu o ar fresco e, por instantes, julgou ter deixado os trópicos. A vegetação à volta era rasteira, com muitas orquídeas, mas a floresta em redor das montanhas parecia-lhe impenetrável.

Tentava não pensar nos *Yakkas*, nem nas lendas que Robert lhe referira, embora fosse difícil. Havia tido uma discussão acesa com o motorista. Ficara surpreendido por vê-lo tão nervoso assim que percebera que a intenção deles não era ir meditar no mosteiro, na parte sul, mas entrar sozinhos na reserva e visitar as ruínas. O homem falava mal inglês, mas tentara, por todos os meios, convencê-los a não entrar na reserva. Dissera-lhes que era precisa uma licença especial e que era perigoso lá ir, porque a estrada deveria estar alagada pelas chuvas e poderiam ser atacados por animais selvagens. A floresta era densa. Havia muitos leopardos e elefantes naquelas encostas e poderiam ser mordidos por cobras e escorpiões.

Haviam insistido, oferecido mais dinheiro e, por fim, ele acedera. Concordara em entrar na reserva e levá-los por uma longa estrada de terra batida até ao sopé da montanha mais alta, na parte mais a leste. Naquele local não haveria rede de telecomunicações, pelo que combinaram que ele estaria ali passadas cinco horas, antes do pôr-do-sol, para os levar de volta a Kandy.

Rui estava desconfortável e esperava que Helen não se tivesse

apercebido. Deveria ter planeado a viagem com mais cuidado, ter contratado um guia especializado ou seguranças, evitando cair naquela situação. Para além dos animais, receava que não tivessem tempo suficiente para encontrar a planta. Se isso acontecesse, teria de voltar no dia seguinte ou adiar o voo para Lisboa. Não podia sair do Sri Lanka sem a planta.

Ouviu o som de uma mensagem no telemóvel. Kris pedia-lhe para ligar com urgência para um novo número fixo. Helen ainda não voltara da casa de banho e Rui resolveu entrar na loja da bomba. Para Kris usar o telemóvel, tinha de ser uma emergência. Com sorte, conseguiria ligar-lhe, antes de subir as montanhas.

– Tens de trazer a planta fresca – ouviu Kris. A ligação era péssima. – Tem de ser triturada fresca para o fármaco ser eficaz.

– Fresca?

– *Ja*, não pode murchar – explicou, animado. – Encontrei vários registos no computador, em que o Ernest assinalou que cometera um grande erro: tinha usado plantas murchas ou secas.

– Isso quer dizer que teve de vir ao Sri Lanka quando já estava em Portugal.

– *Ja*, deve ter ido aí por alturas do Carnaval – contou Kris. Por momentos, a ligação falhou, mas depois voltou a ouvi-lo. – O fármaco pode ser armazenado, embora não me pareça que possa ser sintetizado.

Rui percebera o que Kris queria dizer: o medicamento não podia ser reproduzido ou produzido industrialmente. Sabia o que fazer! Trouxera várias caixas de plástico na mochila, onde colocaria amostras diferentes, que se assemelhassem ao desenho de Robert. Kris teria depois de as testar.

– Tenta regressar o mais rápido que puderes depois de colher a planta.

– Vou para lá agora e tenho o voo de regresso daqui a dois dias – informou Rui, olhando pela janela da loja. Helen demorava. – Devo aterrar em Lisboa na terça-feira e vou directo para o CIC.

– Ótimo. Não devemos ter muito mais tempo.

Rui ouviu Kris lamuriar-se em sueco, e depois percebeu. Alberto Morais, um dos pacientes do Piso 5, falecera na véspera. O seu estado continuara a agravar-se e o corpo colapsara, de um momento para o outro, sem que nenhum médico conseguisse fazer fosse o que fosse. A recaída fora tão súbita como as melhoras semanas antes.

– E os outros? – perguntou Rui, reparando que Helen regressara ao carro e o procurava.

– Estão pior – enunciou Kris, sem disfarçar o desânimo. – Espero que ainda os consigamos salvar.

– Temos de ter cuidado. A MediVal está a espiar-nos, como bem dizias – avisou Rui. Deveria ter insistido em ligar ao presidente, mas o receio das escutas, a estadia em Kandy e o envolvimento com Helen deixaram-no

atordado. – Eu depois conto-te tudo em pormenor.

– O que é que descobriste? – questionou Kris, com uma voz tensa. O sueco adiantou-lhe que a polícia estivera no CIC e o interrogara mais uma vez, tal como ao Dr. Perlov e a Yoshito. Continuava a suspeitar de que alguém na instituição fosse cúmplice de Aarni Leppa. – Aquela mulher da MediVal voltou a contactar-te?

– Depois falamos – retorquiu. Helen olhava para ele, perto do carro, e acenou-lhe com um sorriso. Não podia demorar mais tempo. Não queria estar dentro da reserva quando ficasse escuro. – Confia em mim!

– Sabes que confio, mas não te deixes iludir nem seduzir – insistiu Kris, preocupado. – Desde que veio a Lisboa que acho essa mulher perigosa. Pode estar a usar-te ou manipular-te.

– Dou notícias logo que puder.

Rui regressou ao carro. Helen sorria para ele e estava mais bonita do que nunca. Rui não lhe contara as histórias dos *Yakkas* para não a preocupar. Ela parecia descontraída e contente por estar ali. Olhava para tudo com curiosidade e tirava fotografias com o *smartphone*. Kris ficaria preocupado se soubesse que ela estava ali, e teimaria em como era uma mulher perigosa.

– Estás pronto? – perguntou Helen, num tom desafiante. Tinha um sorriso encantador e os olhos a brilhar. – Vamos?

Rui assentiu e lembrou os últimos dias em Kandy, em que se haviam amado intensamente: ela não o podia estar a enganar. De repente, teve um sobressalto que o atemorizou. Talvez a MediVal nunca tivesse entrado no sistema informático, nem posto os telefones sob escuta. Talvez se limitasse a aliciar alguém próximo de Ernest e que conseguisse acompanhar as suas investigações de perto. Alguém que trabalhasse no CIC, com acesso a informação confidencial e que soubesse que ele estava em Kandy. Alguém que lhe mentira desde que Ernest desaparecera! Kris? O Dr. Perlov?

Hans Muff, o CEO da MediVal, abriu a janela e acendeu o cachimbo. Perscrutou o jardim lá em baixo e a embaixada italiana, do outro lado da praça. Já estava escuro, não se vislumbrava ninguém na rua e talvez fosse o único que ainda permanecia no Pallazo Giacomo, além dos seguranças. Era tarde, mas finalmente recebera a mensagem por que tanto esperava:

«Aarni no aeroporto de Istambul, a caminho do Sri Lanka. Escala no Dubai.»

Estava atrasado para a recepção na Embaixada do Egipto, mas não podia adiar o telefonema. Era uma oportunidade única, depois do fracasso em Lisboa. Sabia que Aarni estava a tentar vender a Taprobana a uma concorrente e agora tudo se conjugara. Em breve, todos estariam no Sri Lanka e seria lá que tudo se comporia. A MediVal seria a única detentora da Taprobana, o medicamento mais revolucionário das últimas décadas.

Hans sentou-se na secretária e abriu o computador: o voo Istambul-Colombo demoraria dez horas e meia. Pegou no telefone que sabia ser seguro e fez a ligação. Era uma e meia da manhã no Sri Lanka.

– Sei que é tarde, mas acabei de receber a mensagem.

– Temos novidades?

– Vais ter trabalho em duplicado – informou, depois de expelir o fumo do cachimbo. – Aarni Leppa vai aterrar em Colombo, amanhã de manhã, vindo do Dubai. Deve viajar com o passaporte sueco.

– E o que fazemos com o português? Esperamos?

– Sim, trata primeiro disto, é mais urgente. O português só tem o voo de regresso na segunda-feira. A questão pode ficar resolvida num instante.

– Pode ficar descansado. Eu estarei no aeroporto a vê-lo chegar. Não irei falhar.

Hans desligou o telefone e assentiu, satisfeito. Inspirou de novo o tabaco, levantou-se e caminhou até à janela, observando as luzes da cidade. Havia muito que desconfiava de Aarni e, por isso, mantivera-o sob vigilância, controlando-lhe os movimentos. O cientista finlandês acompanhara o trabalho de Ernest Fonseka em Singapura e tivera tempo para reunir todos os dados e fazer as suas próprias experiências. Hans sabia que ele se considerava co-autor da descoberta e que monitorizara todos os avanços do cingalês em Portugal. Não havia nada que o pudesse impedir de agir por sua conta. Não resistiria a tamanha tentação.

Aarni estivera sob controlo apertado durante toda a estadia em Lisboa. Hans deixara-o envolver-se com Elizabeth e seguir os passos de Ernest, sem que ele se apercebesse de que estava a ser seguido e o seu *smartphone* a ser vigiado. Toda a informação do aparelho estava a ser recolhida, incluindo os dados que Elizabeth lhe enviava, os que ele transferira do telefone de Ernest após tê-lo capturado, e as várias pesquisas que fizera sobre a NewRock, a maior concorrente da MediVal.

Assim que tivera a certeza de que captara toda a informação sobre a Taprobana, Hans dera ordem para eliminar Aarni e Ernest. Ainda lhe custava encadear a sucessão de eventos em Lisboa, mas Aarni conseguira escapar porque desligara o *smartphone* ou ficara sem bateria, fazendo com que fosse impossível localizá-lo. Hans ainda vira que ele usara o cartão de crédito para pagar o hotel de Lisboa na manhã seguinte, mas depois perdera-lhe o rasto.

O sinal do telemóvel de Aarni voltara a surgir uma semana depois, na Turquia. Hans não esmorecera. Não conseguira acabar com ele em Portugal, nem apanhá-lo na Turquia e na Costa Rica, mas estava prestes a dar o golpe final. Tinha dois agentes especiais no terreno: um permanecia em Portugal, enquanto o outro estava no Sri Lanka havia vários dias.

Fizera bem em envolver Helen Stone. Ela fora eficiente, como de costume, descobrindo o rasto de Aarni e mantendo-se em contacto com ele.

A aproximação ao CIC também fora exemplar e confirmara que Ernest os havia enganado e que a instituição não estava ao corrente do poder do fármaco, apesar de ter parte dos direitos das pesquisas do cientista. Helen fora no encalço do administrador responsável pelas parcerias, para garantir a posse da Taprobana e forçar um bom acordo para a patente, que amarrasse o CIC à MediVal.

Hans pegou no telemóvel e releu a mensagem, satisfeito; arriscara-se a ir a Portugal dias depois da morte de Ernest e conseguira o seu maior trunfo. Apagou o cachimbo e olhou para o relógio de pulso. Ainda conseguiria passar pelo evento na Embaixada do Egipto, em Ta'Xbiex. Poderia ser visto e poderiam tirar-lhe algumas fotografias.

Fechou a janela, pegou no casaco e voltou a pensar em Helen. Era madrugada no Sri Lanka e ela ainda não o actualizara. Suspeitou de que existisse pouca rede no Norte do país, onde se localizava o antigo mosteiro, e que só o informaria assim que regressasse a Kandy ou Colombo. Fechou a porta do gabinete, sorridente. Dentro de algumas horas, Aarni estaria morto e o português seria o alvo seguinte. A planta nunca chegaria a Lisboa!



*Quem estiver na posse do dente de Buda tem o direito de governar o
Ceilão»*

ANANDA WICKREMERATNE, HISTORIADOR CINGALÊS

O rei de Candea regressara às montanhas, depois de repousar e ditar a mensagem a enviar aos oficiais holandeses a bordo dos navios. Emmanuel estava inquieto e aquela frase matraqueava-lhe o espírito. Ouvira-a vezes sem conta, mas nada poderia ser mais errado. O dente de Buda era apenas uma relíquia sem valor, com muitos séculos, que fora capturada pelos portugueses e destruída numa grande cerimónia em Goa. A verdade era outra; o direito de governar o Ceilão residia na posse do caldo sagrado do mosteiro.

Emmanuel ajeitou a túnica azulada e passou a mão pelo colar de rubis. Observava os navios holandeses na baía, à sombra dos coqueiros. Aquele poderia ser um dia igual aos outros, contudo, tudo se alterara na última noite, com a morte do almirante e de cinquenta dos seus soldados. Em nome da conquista de Gale, o rei tentara ignorar todas as suas artimanhas e ofensas, mas acabou por não ser indiferente à cobiça desmedida pela canela e demais riquezas da ilha e não lhe perdoou a insolência durante o banquete.

Emmanuel passara a noite a ocultar os vestígios do sucedido e iria tentar apaziguar os holandeses dos navios, seguindo as ordens do rei. Todavia, estava com a cabeça longe dali. Acabara de receber notícias de que o *kaffir* ainda se encontrava em Trequimalé. Não deveria faltar muito para que regressasse ao mosteiro e queria lá chegar antes disso. Esperava que o rei se afastasse mais para o interior, para depois cavalgar para norte.

– Excelência – ouviu atrás dele. Era o *Modeliar* de Vilacê, o mesmo que o acordara dias antes, na tenda. – Tendes de ouvir este soldado.

Emmanuel levantou o sobrolho e observou o homem que se encontrava atrás do *Modeliar*. Estava ferido num braço e arranhado na cara. Não lhe reconheceu as feições e suspeitou de que fosse um dos lascarins que desertara em Balane. Porém, o antigo lascarim chamou-lhe a atenção antes ainda de começar a falar porque trazia uma espada portuguesa, a espada de um fidalgo. Relatou que existia um português morto entre os holandeses e outro em fuga, que o atacara e deixara desmaiado. Os corpos haviam sido queimados durante a noite, pelo que era tarde demais para ter a

certeza, mas aquela espada comprovava o que ouvira. Depois, ficou boquiaberto.

– Tendes a certeza? – inquiriu Emmanuel, com o sangue a ferver, afastando a mancha de mosquitos à sua volta.

– Sim, Excelência. Reconheci-lhe a cara antes de ele me atacar – garantiu o antigo lascarim, a tremer. – Estive em Gale há poucos meses, a receber um carregamento de *kaffirs* de Moçambique. Trata-se do Capitão-Mor.

– O Capitão-Mor de Gale? – insistiu Emmanuel. – D. Martim Albergaria?

– Sim, Excelência!

Emmanuel questionou-se sobre o que Martim estaria ali a fazer. Receou que os pudesse atacar, tal como sucedera anos antes em Yala, mas se o quisesse já o teria feito, durante a madrugada, enquanto estavam desprevenidos. Não, Martim devia estar sozinho, quiçá espiando os holandeses. O mais certo seria estar em fuga, tentando contornar a costa sul, em direcção às terras portuguesas, apesar de Gale ficar longe, a mais de uma semana de caminho.

Mandou preparar os soldados e colocou-os em formação. Sessenta homens, incluindo quinze batedores a cavalo. Voltou a fitar os navios holandeses ancorados na baía. Já entregara a missiva do rei e sabia que os capitães holandeses estavam a conferenciar. Não voltariam a terra tão cedo, ainda assim tinha de ser célere.

– O fidalgo leva meio dia de avanço e deve estar a cavalo – avançou Emmanuel para Melchior, um dos seus homens de confiança. – Reúne batedores para varrerem as terras a sul, e manda cinco para norte, no caso de ele se dirigir a Trequimalé. Não acredito que vá para oeste, na direcção de Candea.

Emmanuel afastou-se dos soldados até à sombra dos coqueiros e preparou-se para a viagem. Tinha de fazer uma escolha. Por um lado, a captura do Capitão-Mor de Gale iria agradar ao rei, por outro, a besta negra estava à sua espera para lhe indicar o caminho do segredo mais poderoso da ilha. Emmanuel voltou a afagar o colar de rubis e sorriu. Chegara a hora de se encontrar com o destino.

Martim sentia-se com mais força. As frutas tinham-no saciado e a água de coco refrescara-lhe a garganta. Haviam-se passado três dias e quase não parara de correr, nem sequer para dormir. O cansaço, porém, acabara por vencê-lo e descansara debaixo do manto de folhas de coqueiros, naquela praia perdida.

Afastara-se para norte, ao longo da costa, ansiando por avistar portugueses. Sabia que era em vão e que estava sozinho. Batticaloa era o ponto mais distante de qualquer posto português.

Não sabia o que sucedera ao Traidor, mas aquele chingalá reconheceria-o. Não lhe conseguira tirar a vida e, por certo, outros viriam atrás dele. Na altura em que fugira, passara-lhe tudo pela cabeça. O mais acertado seria esconder-se numa praia, à espera de uma embarcação portuguesa, mas aquela costa deveria estar a ser patrulhada por navios holandeses e, com a monção do outro lado, quase todas as velas portuguesas estavam amarradas nos portos. Também pensou caminhar para sul, até Gale, tal como o comandante da galeota fizera no ano anterior, mas sabia que era por aí que os chingalás andariam à sua procura.

Acabara por fazer o improvável e correr até aos arrabaldes de Trequimalé. Agora, era hora de atravessar para o outro lado, pelo interior da ilha: iria pela parte mais estreita, entre a floresta densa das montanhas, a sul, e a Terra dos Vedas, a norte e cheia de perigos. Atirou o coco para o chão e olhou para o horizonte uma última vez. Tinha de se apressar. Desembainhou a espada e avançou para a selva, deixando o mar para trás. Estava munido de espingarda e espada, mas na confusão perdera a bússola. Longe do mar, contaria apenas com a orientação do Sol. Se tudo corresse bem estaria em terras portuguesas dentro de sete dias. O pior seriam as noites e os animais selvagens.

Três dias depois, ainda estava vivo. Abrigara-se em grutas, à semelhança do que fizera com Abel e António. As temporadas na selva de Candea haviam-lhe apurado os sentidos e parecia saber por onde ia e como se afastar dos animais. Atravessava um vale imenso, com arbustos rasteiros, quando ouviu vozes ao longe. Num ápice, escondeu-se entre o arvoredo, à espreita. Viu dois cavaleiros e percebeu que eram batedores chingalás; andavam à sua procura! Deixou-os afastarem-se e embrenhou-se pelos campos. Todavia, descortinou outro grupo de soldados ao longe. Ficou mais assustado. Eram nove homens e liderados por um português, possivelmente renegado. Tentou voltar para trás, sem fazer barulho, porém, foi descoberto.

– Apanhem o fidalgo!

Martim não vacilou e desatou a correr, tentando escapulir-se pelos arbustos. Notou a agitação atrás de si, ouviu gritos de guerra e, logo depois, o zumbido assustador das lanças a voar. Os chingalás vinham atrás dele com toda a força, mas a vegetação foi ficando mais cerrada à medida que se acercava das colinas. Não parou para olhar para trás, ainda assim os gritos pareciam cada vez mais longe. Pouco depois, começou a trepar e, num ápice, desapareceu na selva que cobria a encosta.

Martim perdeu a noção do tempo, mas não parou um instante até ouvir o barulho da água. Tinha chegado a um planalto e deveria estar próximo de um rio. Sentiu-se esgotado, com o ar a faltar-lhe, e teve de parar para descansar. Foi só aí que olhou para trás e não viu ninguém. Parecia estar a salvo.

Chegou ao rio e bebeu água. Estava fresca. Ao longe, viu dois elefantes, mas pareceram-lhe sossegados, a comer junto de uma árvore. Continuou a correr ao longo do rio, até vislumbrar algo que não esperava: uma estátua de pedra de Buda, a poucos passos da margem, escondida entre as árvores. Estava sorridente, vestido com um hábito comprido e de pés descalços. De alguma maneira, sentiu-se reconfortado. Aquela estátua fez-lhe lembrar as que vira no mosteiro e foi como se Mafalda estivesse perto dele.

Preparava-se para regressar à margem, quando uma lança voou mesmo à sua frente. Olhou para o lado e viu três chingalás a correrem na sua direcção. Tinham-no encontrado! Depois, teve uma visão aterradora. Um grupo de soldados estava a olhar para ele, numa clareira, ao fundo. Não se apercebera de que estavam tão perto.

Correu ao longo da margem e notou a corrente a ficar cada vez mais forte. Se mergulhasse, talvez conseguisse deixá-los para trás. Todavia, o barulho ensurdecedor fê-lo hesitar: chegara a uma queda de água. Estava encurralado! Sentiu as cicatrizes a latejar, olhou para os lados e tentou encontrar uma fuga.

– Parai! Estais cercado – ouviu em português. Era o renegado. Não se lembrava dele da expedição a Candea. – Atirai as armas para o chão e garanto que vos pouparei a vida.

Martim engoliu em seco e observou-o. Parecia querer prendê-lo para o interrogar ou entregá-lo a Emmanuel. Viu os chingalás atrás dele. Eram muitos, nunca conseguiria matá-los. Foi recuando até entrar no rio e olhou para trás, assustando-se. A queda de água era muito alta e não conseguia ver o fundo. Não sobreviveria ao salto.

Depois olhou para a ravina do outro lado da margem. Era íngreme, estava coberta de árvores até lá abaixo, ainda assim decidiu-se e desafiou a corrente. O renegado desembainhou o *calachurro* e perseguiu-o, gritando para os chingalás avançarem sobre ele. Martim viu-os correr em direcção ao rio, aos berros, mas o caudal era menos fundo do que pensava e conseguiu chegar até à outra margem num instante.

– Matem-no – berrou o renegado português, furioso. Já estava a meio do rio, empunhando o sabre, e não demoraria muito a apanhá-lo.

Martim virou-lhe as costas, acercou-se da ravina e atirou-se para o vazio.

Emmanuel ouviu um restolhar e susteve a respiração. Voltou-se para trás, com a lâmina em riste, mas viu que se tratava apenas de um bando de veados. Baixou o *calachurro* e fez sinal aos homens para retomarem a marcha.

– O *kaffir* parou na margem do rio para beber água – alertou Melchior logo depois, apontando para o vale lá em baixo. – Ainda devemos estar longe do mosteiro.

A manhã chegava ao fim, pelo que deveriam passar mais uma noite na selva. Seguiam o *kaffir* à distância havia três dias, desde que o avistaram em Trequimalé. Tinham conseguido chegar até ali sem levantar desconfianças. Deveriam ter percorrido mais de doze léguas e Emmanuel suspeitava de que estavam a sudeste de Anarudhapura. Já percorrera aquele vale à procura do mosteiro e o *kaffir* sabia por onde ia. Emmanuel observou as montanhas à volta, sem distinguir qualquer templo ou mosteiro. Só se via verde a perder de vista. Ainda deveriam estar longe.

– Está de novo a caminho – avisou Melchior, sem tirar os olhos do africano. – Não precisou de descansar muito.

Os cinco homens continuaram a marcha, mas os três chingalás estavam cada vez mais agitados. As lendas eram muitas e contava-se que demónios e guerreiros invencíveis povoavam aquelas terras. Emmanuel havia-lhes prometido uma recompensa e confiava que isso fosse o bastante para eles se aguentarem, mas o seu olhar denunciava o que lhes ia na alma.

Mais tarde, notaram que o *kaffir* se embrenhara na selva, afastando-se do vale. Não parecia haver qualquer povoação à vista e o mato era cada vez mais denso. Por momentos, Emmanuel pensou que o *kaffir* desconfiara de que estava a ser seguido, mas depressa se acalmou. O passo não se alterara. Talvez estivessem a chegar. Emmanuel olhou à volta; era difícil ter referências e perceber onde estavam. Subiam havia algum tempo e o arvoredado era tanto que lhes dificultava a visão.

Instantes depois, ouviu vozes e ordenou que parassem. O *kaffir* encontrara alguém conhecido. Emmanuel receou que fosse Martim, mas felizmente falavam chingalá. Abeirou-se, com passos curtos, e depois denotou os hábitos acastanhados. Eram dois *bhikkhus* e um deles parecia curvado. Devia ser muito velho. Emmanuel sorriu, abrindo as narinas, e agachou-se, tentando acompanhar a conversa.

Estavam próximos e exortou os homens a manterem-se em silêncio. Viu os *bhikkhus* a caminharem ao lado do *kaffir* e ouviu-os falarem sobre a construção de uma estátua de Buda. Pararam perto de uma gruta por detrás do arvoredado. Era pequena, embora parecesse funda. Aquele deveria ser o acesso ao mosteiro. Emmanuel sentia o corpo em brasa e suave sem parar. Tinha de decidir o que fazer. Ao ver os três homens a conversar, a mente aclarou-se. O *kaffir* escapara-lhe uma vez, era possante e não poderia deixá-lo fugir de novo. Emmanuel chegara aonde sempre ambicionara. Observou os dois *bhikkhus* e assentiu com a cabeça. Recuou uns passos, deu as ordens aos homens e preparou-se. O *kaffir* e os dois *bhikkhus* estavam prestes a entrar na gruta.

Emmanuel fez pontaria e cerrou os dentes. Atirou a lança com destreza e atingiu a besta negra no peito. Ouviu-o a gritar e viu-lhe a aflição no olhar. Correu até ele, logo seguido de Melchior e dos três chingalás, que se acercaram dos *bhikkhus*. O *kaffir* ainda estava de pé e livrara-se da lança,

mas a ferida era profunda e ele parecia em desequilíbrio, com as mãos no peito a sangrar. Emmanuel desembainhou o *calachurro* e, sem contemplações, cortou-lhe a garganta. Os homens tinham-se atirado sobre os *bhikkhus* e estavam em cima deles, no chão, tapando-lhes a boca para não gritarem.

Emmanuel observou o corpo negro no chão e limpou a lâmina do sangue nas folhas dos arbustos. Apanhou a lança, aproximou-se do *bhikkhu* mais novo e pressionou-lhe a lâmina contra o pescoço.

– Mostra-me o caminho para o mosteiro – ordenou, colando a testa na dele e fixando-o com o olhar. – Caso contrário, perseguir-te-ei na próxima vida, sem misericórdia.

Os chingalás levantaram o *bhikkhu* mais velho e entraram na gruta atrás dele. Emmanuel ouviu o barulho de pingos de água a cair e depois notou uma corrente de ar. Não tinham archotes, mas os olhos foram-se habituando ao negrume, e conseguiu distinguir vários túneis. Estavam debaixo da montanha, e tinham de ultrapassar aquele labirinto.

– Vamos – sussurrou-lhe ao ouvido. O jovem *bhikkhu* tremia, aterrorizado. – Basta apontares, que eu sigo o caminho.

Emmanuel mantinha a lâmina encostada ao pescoço do *bhikkhu* e os dois começaram a subir pela penumbra. Estava prestes a tornar-se imperador do Ceilão e a viver até à eternidade.

Martim aproximou-se e pressentiu o pior. Fugia há quatro dias, perdido nas montanhas, com receio de regressar ao trilho para Mannar. Ainda tinha o corpo dorido do embate na copa das árvores quando se atirara da ravina, embora os arranhões nos braços e nas pernas tivessem praticamente desaparecido. Seguia agora na direcção do Sol, mas desviara-se muito para sul. No meio de caminhada, avistara um grande *kaffir*, a banhar-se num rio, ao longe, e conheceu-lhe o andar. Só poderia ser Abel! Logo depois, apercebeu-se de que também ele estava a ser seguido por um grupo de chingalás e reconheceu as vestes azuladas de Emmanuel. Recordara-se do que Mafalda lhe dissera: ele procurava o mosteiro havia muitos anos. Começou a correr na direcção de Abel para o avisar, porém, foi tarde demais. Acercou-se das árvores e viu o corpo negro estendido.

Martim ficou devastado. As pernas tremeram-lhe e o coração batia sem parar. Tentou acalmar-se e afastou-se do corpo de Abel. Não reconheceu o local, ainda assim algo lhe dizia que já ali havia estado. Observou a pequena gruta por detrás das árvores e percebeu que era o acesso ao mosteiro, onde estivera nove anos antes, e o que estava a acontecer. Tinha de salvar Mafalda!

Entrou na gruta e pressentiu o perigo. Emmanuel podia estar à espreita, mas apenas ouviu o sopro do vento. Viu pegadas no chão perto da entrada e caminhou, cauteloso, para dentro da escuridão. Recordava-se de Mafalda

lhe dizer que o acesso ao mosteiro era complexo. Subiu sem parar, até chegar a um portão. A luz era fraca, mas tateou o fresco do metal e notou que o portão estava apenas encostado; Emmanuel passara por ali. Manteve a espada em punho, limpou o suor da testa e seguiu em frente. Subiu em círculos pequenos e lembrou-se daquela sensação, anos antes, quando descera a montanha com Abel.

A corrente de ar era cada vez mais forte e, pouco depois, avistou um foco de luz, ao fundo. Não demorou muito a chegar à saída do túnel. O portão estava aberto. Colocou a cabeça de fora e reconheceu a árvore sagrada do centro do pátio. Regressara ao mosteiro! O pátio estava deserto e ouviam-se gritos vindos da floresta ao longe, onde se localizava o templo principal e o hospital.

Atravessou o pátio, agachado, e esgueirou-se por entre as árvores, tentando descortinar o que se passava. Emmanuel deveria ter juntado os sacerdotes no templo principal. Contornou a cisterna e preparou a espingarda, ao mesmo tempo que procurava a bolsa com a pólvora na sacola.

Sentiu o coração na boca quando vislumbrou as cores dos hábitos dos sacerdotes por entre o arvoredo. Tentou contar os homens e depois viu Emmanuel, ao lado de Mahastana. Agarrava-o pelo braço e parecia que lhe rasgara o hábito. Estava acompanhado por outro português e três chingalás, armados de lança e *calachurro*. Martim descortinou muitos corpos no chão e, ao fundo, descobriu Mafalda. Estava viva, sentada perto da entrada do templo, com os tornozelos presos e os pulsos amarrados atrás das costas.

– Vou continuar a matar-vos um a um, até me dardes o segredo.

Emmanuel gritava com Mahastana, num misto de chingalá e português. Martim arrastou-se pelo chão, aproximando-se, e colocou-se por detrás de um tronco caído. Dois macacos olhavam para ele, com os olhos esbugalhados, mas não lhes cheirou a comida e afastaram-se. As mãos tremiam-lhe. Tentou ouvir o que diziam e aprontar a espingarda. Ainda estava longe, mas não se conseguia aproximar mais. Tinha de tentar dali! Pelo tempo que a arma demorava a carregar, poderia não conseguir disparar um segundo tiro.

– Ficarás preso até eu me certificar de que me contas a verdade.

Alguns sacerdotes gritavam, outros choravam, enquanto Mahastana continuava em silêncio, com a cara ensanguentada e o olhar cerrado. Um dos chingalás abeirou-se de Emmanuel, arrastando um sacerdote pelo braço. Emmanuel agarrou-o pelo pescoço e deu-lhe uma pancada na cabeça com o punho do sabre, deixando-o atordoado. Era novo e deveria ser noviço, pois tinha as vestes brancas. Emmanuel continuou a vociferar e espetou-lhe a lâmina na barriga. O aprendiz tombou no chão defronte de Mahastana, que permanecia imperturbável, à entrada do hospital.

Emmanuel voltou para perto dele, disse-lhe algo que Martim não ouviu e, depois, deu mais uma ordem.

– Melchior, trazei mais um – berrou, esbracejando para o outro renegado que se encontrava perto de Mafalda.

Emmanuel afastara-se de Mahastana e estava agora ao alcance da espingarda. Martim assentou o cotovelo no tronco e fez pontaria, contando até dez. O disparo rasgou os céus como um trovão e afugentou os pássaros, que levantaram voo. Ouvia gritos e percebeu que atingira Emmanuel. O maldito caiu no chão, porém, logo lhe viu os braços mexerem-se, e a tentar recompor-se.

Martim denunciara a sua posição. Não se fez rogado, e carregou, de novo, a espingarda. Emmanuel levantara-se a custo, e coxeava. Acertara-lhe numa perna. Os olhares encontraram-se e reconheceram-se. Martim ouviu-o gritar e arrastar-se para junto de Mahastana e de outro sacerdote.

– Matem a meretriz! – berrou Emmanuel, tentando proteger-se atrás de Mahastana, que continuava de olhos fechados, como se estivesse longe dali. – Matem-na já!

Martim respirou fundo, apontou a espingarda e voltou a disparar, sem hesitar. Um novo trovão trespassou a floresta e atingiu Emmanuel no ombro, arremessando-o ao chão.

Martim olhou para Mafalda e desesperou. Viu que tentava soltar-se e percebeu que elaurgia os *bhikkhus* a resistirem e a desatá-la. Alguns pareciam demasiado apavorados para se mexerem. Martim desembainhou a espada e correu até ela, saindo da floresta, aos gritos.

– Agarrem-no! – ouviu Emmanuel gritar do chão. Ainda estava vivo. – Matem-no!

Melchior corria na direcção de Mafalda, para a matar, mas os noviços cercaram-no e puxaram-lhe os cabelos e a barba, tentando derrubá-lo. Alguns *bhikkhus* também não ficaram quietos e corriam contra os chingalás, atirando-se a eles.

Melchior urrava sem parar e tentava afugentar os noviços. Mafalda conseguiu libertar-se das amarras e levantou-se. Todavia, o renegado soltou-se e, sem demoras, rasgou-lhe o corpo com o sabre. Mafalda gritou e tombou desamparada no chão.

Desconsolado, Martim correu até ela, mas apercebeu-se de que Emmanuel ainda se mexia. O desgraçado estava estendido no chão, com uma espingarda nas mãos, a carregá-la. Apontou a arma a Martim e este lançou-se contra ele, avançando em ziguezague. Atirou-lhe a espada pelo ar, com toda a sua força, até que ouviu o disparo. Sentiu o embate no estômago e foi catapultado contra o chão. A respiração faltou-lhe e sentiu a alma a esvaziar-se. A custo, descerrou os olhos e ainda conseguiu ver Emmanuel caído, com a espada cravada no corpo, e os dois olhos de gato a brilharem ao sol.

A *São Simão* levantava ferro na baía de Columbo, com destino a Cochim. Do alto das muralhas, D. Jerónimo acenou, pela última vez, ao padre jesuíta, que seguia no convés. Desde que chegara à ilha, três anos antes, que os dois se haviam tornado próximos. Columbo não passara incólume àquela amizade e, dali, podia avistar os contornos dos novos edifícios na cidade. Com a recente doação das receitas de três aldeias para a Companhia de Jesus, a construção do Colégio avançava a bom ritmo; e, mais ao fundo, perto do Bastião de S. João, já se distinguiam os contornos do torreão da Igreja de S. Paulo.

D. Jerónimo chegara de Malvana havia dois dias e deliciava-se com a taça de ananás que lhe haviam trazido. Ajudava-o a suportar o calor e a acalmar a mente. Haviam-se passado dois anos da expedição a Balane. Fora um fracasso, e depois da retirada tivera de enfrentar várias revoltas nas terras baixas. Perdera muitos homens e quase todas as tranqueiras da selva, mas agora a ordem estava reposta. As quantidades de canela e marfim para Goa voltavam a aumentar e os esforços na produção de pimenta começavam a dar frutos.

Deus estivera com ele e salvaguardara-o naqueles dias na selva, mas às vezes pensava em D. Martim. O antigo Capitão-Mor de Gale e o seu braço direito tinham morrido na floresta, no cumprimento de uma missão patriótica. Com a Graça de Deus, deveriam ter conseguido envenenar o Traidor com o veneno que lhes enviara, antes de serem apanhados pelos cingalás. O Traidor adoecera de repente e não mais saíra da cama até ser chamado ao inferno.

Candea mergulhara numa luta de poder, com os nobres divididos entre dois pretendentes: um filho e um primo do Traidor, um sacerdote do Pico do Adão. Era a altura para uma nova expedição, até porque os holandeses nunca mais haviam voltado à ilha. Assim que o novo Vice-Rei desembarcasse em Goa, iria pedir-lhe reforços. Estava tão embrenhado nesses pensamentos que nem se dera conta de que o criado estava diante dele com um semblante assustado.

– D. Jerónimo, um mensageiro do Vice-Rei deseja ver-vos.

– Está em Columbo? – vociferou, com o olhar carregado. – E só agora me avisais?

– Chegou esta manhã, numa das velas de Goa, mas não vos quis importunar.

D. Jerónimo ia esbofetear o criado quando se lembrou: havia-lhe dado ordens para não ser incomodado enquanto estivesse com o padre jesuíta.

Pouco depois, o mensageiro subiu as muralhas e entregou-lhe a missiva, retirando-se de seguida. D. Jerónimo fez um esgar ao ler aquelas linhas. O novo Vice-Rei chegara a Goa e ordenava-lhe a suspensão de todas as operações militares no Ceilão, com vista a reforçar uma grande

expedição aos Mares do Sul, para escorraçar os holandeses das Índias de uma vez por todas.

O Vice-Rei informava-o de que espiões nas Províncias Unidas haviam descoberto os preparativos para um grande assalto a Malaca e às Molucas. O ataque era iminente! D. Jerónimo releu a missiva por mais duas vezes. Amarrotou-a enfurecido, atirou a taça de ananás para o chão e os seus berros chegaram aos ouvidos das sentinelas de todos os bastiões da cidade.



O fascínio dos europeus pelo Ceilão vem dos tempos antigos das explorações marítimas. Os portugueses chegaram aqui, julgando que tinham descoberto o Jardim do Éden, e a ilha foi cobiçada por muitos impérios durante séculos.

ANTHONY BOURDAIN, *No RESERVATIONS*

Aarni pousou o copo, satisfeito. O bar ficara deserto. Fora o único cliente que não fugira quando a chuva desabara, de repente, sobre o hotel. Nunca vira uma chuvada tão forte. Os empregados haviam recolhido as mesas que estavam ao ar livre, e mesmo as que estavam debaixo do telheiro não resistiram à força do vento. Até a piscina transbordara e inundara o passeio à volta. Era a monção, ouviu os empregados dizerem.

Suspirou e acabou o vinho que lhe restava. Adorava a chuva quente e sentir a brisa do mar na face. Se aquilo era o Inverno de Colombo, era um Inverno apazível, pelo menos se comparado com Helsínquia. Fitou os coqueiros à volta, olhou para as suas sandálias e calções e voltou a sorrir.

– Mais um copo, por favor – pediu ao único empregado do balcão, que ficara para o servir.

Ouviu as ondas baterem nas rochas, ao fundo do bar. Era cedo para celebrar, ainda assim tudo parecia correr bem. A reunião com Ryan em Istambul não fora tão conclusiva como ambicionara, mas compreendera os argumentos dele e acedera a manter as negociações exclusivas por mais um mês. O interesse parecera-lhe verdadeiro e os montantes em causa eram avultados. Era natural algum cepticismo.

O empregado trouxe-lhe outro copo do vinho branco chileno. Estava a beber mais do que o normal, mas precisava. As últimas semanas tinham sido esgotantes e não fora fácil manter a situação sob controlo. Na manhã seguinte iria a Ritigala, para uma nova colheita que usaria no próximo teste em Tijuana. Nessa altura, selaria o acordo com a NewRock. Sorriu de novo, ao pensar no erro de Ernest. Pelo menos naquele ponto, ele não lhe mentira em Singapura; apenas não pensara naquilo: a planta tinha de ser triturada fresca para ser eficaz; só assim é que o metabolismo das células se alterava e a substância tinha um efeito em rede, chegando estável a todos os órgãos.

Aarni chegara ao Sri Lanka naquela tarde, vindo de Istambul. Quase não dormira, sentia-se exausto, e não se livrara de algum *jet lag*. Ainda era cedo para ele. Estivera a relaxar na piscina de água salgada do hotel e

depois deambulara pelo extenso relvado à beira-mar. Na recepção, haviam-lhe dito que aquele local se chamava Galle Face Green e que, nos tempos coloniais, fora uma pista de corrida de cavalos. Ficara espantado com a quantidade de gente a passear. Vira imensas crianças a brincar com papagaios e a jogar futebol na areia, ao lado de dezenas de vendedores de comida, desde camarões grelhados, até salgados e fatias de manga e ananás.

– O bar está a fechar, senhor – informou o empregado, com algum desconforto. – Deseja mais alguma coisa?

– Não, obrigado – respondeu, olhando para o copo meio cheio. – Pode trazer a conta.

Esticou-se na poltrona e ficou, na penumbra, a ouvir as ondas. A chuva passara e estava uma noite cálida, mas continuava inquieto. O CEO da MediVal já deveria estar a par do que ele fizera, e Aarni sabia que a polícia portuguesa o considerava o principal suspeito da morte de Ernest. Já pensara que o melhor seria contactá-los e explicar-lhes o que se passara, contudo não sabia bem o que dizer. A própria Elizabeth não acreditara nele. Ele não matara Ernest, embora não fosse inocente. Afinal, raptara-o e batera-lhe com violência, levando-o a perder os sentidos por duas ou três vezes. De nada lhe serviria explicar que Ernest o enganara em Singapura e tinha todo o direito de estar revoltado.

Aarni ficara abismado quando regressara ao armazém e vira que Ernest se libertara e fugira, levando o carro. Assustara-se com a certeza de que ele o denunciaria à polícia e por isso fugira para Espanha na manhã seguinte. Fora com surpresa que, mais tarde, descobrira que Ernest fora encontrado morto. Se tivesse morrido dos ferimentos, a polícia iria acusá-lo a ele de homicídio.

Tinha de pensar muito bem no que iria dizer à polícia, ainda que não pudesse negar que, de alguma maneira, o desaparecimento de Ernest era um alívio. Ele, Aarni, passara a ser o único detentor do segredo da Taprobana e livrara-se de uma longa batalha jurídica sobre quem seria o verdadeiro autor da descoberta.

Aarni respirou fundo e tentou relaxar. Precisava de andar um pouco mais antes de se deitar. Bebeu o último gole. Assim que se levantou, desequilibrou-se. Recompôs-se com agilidade e atravessou o longo corredor de mármore até ao *lobby*. O Galle Face Hotel era talvez o mais antigo da cidade e mantinha uma atmosfera colonial britânica. Ultrapassou a porta principal e contornou as arcadas da fachada, até chegar à grande avenida.

A Galle Road estava envolta por prédios altos e modernos e tinha um trânsito frenético, mesmo àquela hora. Passou por cima da linha férrea e foi-se distraíndo com o movimento dos carros e as luzes das lojas, restaurantes e hotéis.

Dez minutos depois, virou à direita, para uma rua apertada, sem carros,

atraído pelo barulho das ondas. Voltou a estar sozinho, defronte do mar. Continuava bravo e o som ritmado das ondas deu-lhe alguma paz. Caminhou até à areia e observou o céu estrelado, sentindo-se como se estivesse num mundo à parte, só seu, longe de tudo. Estava prestes a conseguir aquilo com que sonhara e que merecia.

De repente, viu um homem no fundo da rua: caminhava devagar na sua direcção, um tanto ou quanto cambaleante. Parecia bêbado, talvez perdido, e não viu razão para alarme. Instantes depois, sentiu uma dor repentina no ombro direito e o homem acercou-se bruscamente. Aarni tentou fugir, mas sentiu uma picada no braço e depois distinguiu uma pistola apontada. Conseguiu baixar-se e bateu no braço do homem que tinha o revólver, que acabou por deixá-lo cair. Empurrou-o sem temor e ouviu um grito numa língua que lhe pareceu estranhamente familiar.

– Quem és tu? – berrou, desvairado. – O que queres?

Começava a chover com força, mas não fez caso e viu a arma caída na areia, não muito longe da água. O homem era possante e tentou agarrá-lo. Rasgou-lhe a *t-shirt*, mas Aarni desembaraçou-se e atirou-se para o chão. Agarrou na pistola com firmeza e disparou dois tiros à queima-roupa. Não ouviu nada. Ou as ondas batiam com força ou o revólver tinha silenciador. Voltou a disparar para ter a certeza de que não falhara e o corpo deixou de se mexer.

Tinha a visão turva e as pálpebras pesadas. Talvez fosse do vinho, do choque ou o efeito de alguma droga que o homem lhe injectara. Sentiu o ardor no ombro e receou ter sido alvejado. As ondas do mar chegaram até ele e embateram no corpo estendido na areia. Olhou em volta, ofegante, e não viu ninguém.

Aarni revistou-o; parecia ter pele clara. Procurou algo que o identificasse e sentiu um volume no bolso traseiro das calças: era uma carteira e um telemóvel. Não parava de chover e era-lhe impossível ler fosse o que fosse.

Equacionou arrastá-lo para além da rebentação, mas era pesado e desistiu. Com sorte, a maré iria levá-lo e só apareceria dentro de algumas horas. Afastou-se e agarrou na pistola, na carteira e no telemóvel. Tinha a roupa colada ao corpo. Só tinha vontade de fechar os olhos e descansar na areia, mas ainda conseguiu caminhar até à Galle Road. Quando chegasse ao quarto, iria enfiar-se na cama. Sentia um cansaço extremo. Assim que se aproximou do primeiro candeeiro, parou para ganhar forças. A chuva parecia amainar. Tirou a carteira do homem do bolso e abriu-a. Reconheceu um cartão bancário e depois viu o cartão de identificação, com uma banda azul escura na parte superior.

– Repubblika Ta’ Malta. Nome: Issac Farrugia. Morada: Zabbar, Malta.

Apoiou-se no poste e tentou controlar a respiração, compreendendo o que acontecera. O Dr. Muff fora implacável! Nunca pensara que alguma

vez decidisse matá-lo, dado que perderia a informação da Taprobana, que só ele possuía. A não ser que, de alguma maneira, a tivesse conseguido obter de outro modo. Sentiu-se tonto, prestes a cair no chão, mas manteve as ideias claras. Havia alguma coisa que lhe escapava e então percebeu o que era. Só dissera a uma pessoa que estava em viagem para o Sri Lanka. Depois de descansar, iria colher a planta e vingar-se. Fitou o movimento dos carros e olhou para a estrada. Ainda estava longe do hotel, mas deveria conseguir lá chegar.

Elizabeth saiu da água a correr, ofegante. Conseguira chegar à praia! Perscrutou o mar com atenção e não o encontrou. Jurava que vira a barbatana de um grande tubarão branco a nadar na sua direcção, quando estava a trinta metros da praia. Num ápice, conseguira apanhar uma onda e chegar à zona de pé, com agilidade.

Olhou à volta e acompanhou o percurso de outros dois surfistas dentro de água. Tudo lhe parecia normal. Não vinha a Kommetjie há algum tempo, mas haviam-lhe dito que não se via um grande tubarão branco na baía ia para mais de três anos. Pousou a prancha na areia e abriu o fecho do fato. Ainda era cedo, mas já estava bastante mais quente do que dentro de água.

Kommetjie era uma das últimas praias antes do Cabo da Boa Esperança. Elizabeth apaixonara-se por ela quando a vira pela primeira vez, era ainda adolescente. Continuava muito limpa, com areia branca reluzente e uma vista de cortar a respiração. As ondas eram arrebatadoras e de uma consistência invulgar. Ainda era um paraíso perdido, a mais de trinta quilómetros da cidade, do outro lado das montanhas.

Finalmente terminara os assuntos da mãe, em Plett. Nem demorara muito tempo, mas sempre tivera pouca paciência para papelada; e ficar a dormir no Klein Paleis sem a mãe deixara-a desconsolada. Decidira passar alguns dias em Kommetjie, antes de deixar a África do Sul de vez. Alugara uma das moradias, mesmo defronte da praia, e passara os dias no mar. Percorrera quase todas as praias das redondezas, desde as mais selvagens, como Misty Cliffs e Scarborough, às mais concorridas, como Muizenberg, do outro lado. Kommetjie continuava a ser a sua predilecta.

Um som metálico do outro lado da praia distraiu-a. A Marinha começava as manobras para desencilhar o pesqueiro japonês. A operação durava havia dois dias e haviam-lhe retirado o combustível e a carga de atum, para o tornar mais leve. A maré estava a encher e o mar já rodeava o casco. A noite do naufrágio fora de tempestade, mas era uma incógnita como é que um navio tão grande perdera o rumo. Felizmente, ninguém morrerá.

Elizabeth voltou a olhar para o mar. Os surfistas mantinham-se à tona da água, sem sinal de pânico; por certo, não passara de um falso alarme.

Ainda sentia a água gelada no corpo e tinha as mãos enrugadas do frio. Puxou o fecho do fato até baixo e sentou-se, para se aquecer ao sol. Fechou os olhos por momentos e respirou fundo, tentando afastar a imagem de Aarni. A mensagem que enviara ao CEO da MediVal sentenciara-o de vez e, a esta hora, já devia estar morto. Elizabeth sentia-se aliviada, desejava de se esquecer de tudo e de voltar a viver como dantes.

As últimas semanas tinham sido as piores da sua vida! Quando Rui lhe contou da morte de Ernest, compreendeu o que Aarni tinha feito, e como ele a manipulara. Angustiada, Elizabeth marcou o voo para Cape Town após a conversa com a polícia portuguesa e acabou por deixar a documentação histórica de Ernest com Rui, esperando que isso a pudesse redimir. Aquelas pastas não lhe serviam para nada e só lhe traziam más recordações.

No entanto, tudo mudara no dia seguinte. Hans Muff, o superior hierárquico de Aarni, viera ter consigo à estalagem na Praia dos Coxos. Hans estava a par do acordo que ela fizera com Aarni e das informações que lhe enviara e revelou-lhe, em pormenor, o que acontecera no Instituto em Singapura, os diferendos que tivera com Aarni e a frustração com Ernest, confirmando-lhe que Aarni assassinara Ernest por forma a apoderar-se dos segredos da Taprobana.

Hans pedira-lhe ajuda para localizar Aarni e vigiar o administrador português do CIC, responsável pelas parcerias. Ela recusara, pois não se queria envolver mais e estava decidida a fugir e a esquecer o que Aarni fizera. Todavia, a transferência avultada que Hans realizou *online* para a sua conta bancária na Austrália deixou-a sem argumentos. A partir dali, nunca mais teria problemas financeiros na vida.

Por isso, reactivara o contacto com Aarni e o encontro em Knysna fora um preço a pagar, para cumprir o combinado. Não poderia ter corrido melhor: Aarni não lhe ficou indiferente e acabou por ser iludido. Ao mesmo tempo, manteve-se ligada a Rui, acompanhando os seus passos, inclusive durante a sua estadia no Sri Lanka, e foi passando essa informação a Hans; porém, o desenrolar das semanas tornou-se insuportável: Rui sempre fora meigo com ela e não lhe parecia que se tivesse aproximado para a manipular, e mais tarde descartá-la, como Aarni tinha feito.

Elizabeth acabou por se afastar de Rui, sem Hans se dar conta, com a consciência de que ela própria tivera muita sorte. Talvez tivesse sido a morte da mãe que a salvara! A esta hora, ela poderia estar presa em Portugal, por cumplicidade na morte de Ernest. Agora, tudo parecia terminado e tinha de desaparecer; jurara a si própria que nunca mais se envolveria em situações ambíguas.

Tinha a mente agitada e precisava de entrar novamente no mar, porém, o receio do tubarão branco fê-la hesitar. Levantou-se e ouviu movimento

atrás de si. Um surfista alto, com os cabelos louros, descera do estrado de madeira, ao lado da estrada, e corria na sua direcção.

– *Howzit*, que tal estão as ondas?

– Estão óptimas, mas a água está gelada, como de costume.

O surfista sorriu-lhe, com um olhar sedutor. Deveria ter menos dez anos do que ela. Era atraente, tinha os lábios grossos e os ombros largos. Notava-se que estava em forma.

– É a primeira vez que te vejo aqui. O meu nome é Johann, muito prazer.

– Janine – resolveu dizer, ajeitando o cabelo, reconhecendo-lhe a pronúncia de Cape Town. Pensou em avisá-lo do tubarão, mas por certo deveria ter visto mal. – Há algum tempo que não vinha a Kommetjie e já tinha saudades.

– Kommetjie não deixa ninguém indiferente, *hey* – brincou, piscando-lhe o olho e despedindo-se. – Talvez a gente se veja por aí.

Elizabeth acenou-lhe e viu-o a correr até à água e entrar, sem hesitação. Pelo modo como passou a rebentação, notou que era experiente. Deveria ser um apaixonado do *surf*, como ela.

Pegou na prancha, mais animada, e caminhou pela areia até ao estrado de madeira que dava para a estrada. Sacudiu a areia dos pés e voltou a olhar para o surfista. Sorriu ao ver que ele se conseguia manter na crista da onda durante muito tempo, até, por fim, ser engolido pela rebentação.

Uma nova vida esperava-a em Perth. Tinha dinheiro suficiente para viver como queria até ao fim dos seus dias. Transferira o dinheiro que ainda tinha na África do Sul para a sua conta bancária na Austrália e já escolhera o local onde iria viver, pelo menos no primeiro mês. Tinha voo marcado para dali a dois dias, mas talvez ficasse em Kommetjie por mais algum tempo. Voltou a fechar o fato, desceu o estrado de madeira e correu pela areia, até ao mar, com um sorriso nos lábios.

– Que história de amor tão dramática – comentou Helen, bebericando mais um gole. – É mesmo verdade?

– Está documentado.

– Parece que estavam destinados a ficar um com o outro, apesar de estarem em lados opostos da batalha.

– Não estavam bem em lados opostos, foi uma época bastante confusa – corrigiu Rui, sorridente. – Eu não fazia ideia do que acontecera no Sri Lanka durante o período em que os portugueses lá estiveram.

– E o que é que aconteceu depois? – insistiu, curiosa, puxando-o pelo braço, para perto dela. – Acabou bem?

Rui agarrou-a de novo pela cintura, sem lhe responder, e beijou-a nos lábios. O olhar dela despertava-lhe os sentidos, como se não conseguisse pensar em mais nada, e ficava com uma vontade louca de lhe tocar. Sentiu

os braços dela à volta da nuca, beijou-lhe o pescoço e trincou-lhe a orelha ao de leve. Ela deu uma gargalhada e soltou-se. Deram as mãos e fizeram um novo brinde. Havia aberto uma garrafa de vinho mal tinham chegado a casa dele, em Paço de Arcos, e estavam na varanda a contemplar o mar e os contornos das arribas da outra margem, que se vislumbravam por cima dos prédios.

Havia sobrevivido a Ritigala. Não tinham sido atacados por animais selvagens, nem por *Yakkas*, embora Rui se tivesse assustado com um bando de macacos agressivos, que os perseguiram durante o caminho, como se os fossem atacar. À medida que haviam subido o trilho, ganharam mais confiança. As indicações que levava eram precisas, bem como os desenhos de Robert. Emocionara-se ao ver a disposição e a dimensão das ruínas e como os documentos históricos que Ernest juntara eram exactos nas descrições, passados tantos anos.

Com facilidade, tinham encontrado as ruínas do hospital *ayurvédico* e descoberto o que procuravam. Toda a encosta daquele lado estava coberta por um manto daquela planta. Era um arbusto, com folhas verde-escuras largas e espessas, e com raízes muito grandes para o seu tamanho. Fizera a recolha das folhas e enchera três caixas de plástico, uma delas com raízes. Por descargo de consciência, trouxera duas outras plantas, recolhidas em outros pontos, com uma forma semelhante. Uma perto das ruínas de um lago e outra ao lado do que deveria ter sido um templo budista. Todavia, não tinha muitas dúvidas sobre qual delas era a Taprobana. As fotografias de Robert eram esclarecedoras.

– Como se chama aquele cabo, ali ao fundo?

– Cabo Espichel.

– A costa é bonita, parece tão bem desenhada – notou Helen, admirada.

– De alguma maneira, a luz faz-me lembrar a Califórnia. Da primeira vez que cá estive, não me apercebi de que existiam tantas praias diferentes perto da cidade.

Já passava das oito da noite. Ainda era de dia e o ar continuava abafado. Rui estivera duas semanas no Sri Lanka. Havia chegado a Lisboa durante a manhã e tinha ido directamente para o CIC, depois de deixar Helen num centro comercial, para que ela comprasse mais alguma roupa.

Rui confrontara Kris com a suspeita de que ele era um agente da MediVal. O amigo tentara convencê-lo da sua inocência, detalhando-lhe os esforços que envidara para salvar os pacientes do Piso 5, bem como o apoio que prestara à polícia para provar que Aarni Leppa era o assassino e Elizabeth a sua cúmplice. O presidente e o Dr. Perlov defenderam Kris com veemência, e insistiram em que a Polícia Judiciária deveria ser rapidamente informada de todas as provas sobre o envolvimento da MediVal. Rui anuíra, meio descrente, e combinara encontrar-se com a inspectora na manhã seguinte.

Acabou também por entregar as amostras da planta do mosteiro a Kris e ao Dr. Perlov, e eles mal contiveram a excitação. Os dois já sabiam a combinação exacta das ervas, e a Taprobana estava agora nas suas mãos. Adiantaram-lhe que iriam fazer o primeiro ensaio clínico quanto antes. Infelizmente, três outros pacientes haviam falecido em condições semelhantes a Alberto Morais, com uma recaída repentina. Restavam apenas dois e, se tudo corresse bem, ainda iriam a tempo de os salvar, ou, pelo menos, de lhes dar alguma qualidade de vida por mais uns meses.

Rui voltou a olhar para Helen e juntos beberam mais um copo de vinho, rindo-se um com o outro. Vira-a pela primeira vez havia menos de um mês, mas era como se desde sempre a conhecesse. Sentira-se bem ao trazê-la a casa, como se tivesse reconquistado aquele espaço, depois do divórcio e da morte da ex-mulher.

– É a segunda vez que estou em Lisboa e estou fascinada. Não pensei que fosse gostar tanto.

No voo de regresso, Helen confessara-lhe que pretendia deixar Malta assim que vendesse a casa e que planeava mudar-se para Paris e ficar perto da filha.

– Porque não te mudas para Lisboa? – desafiou Rui, divertido. Estava a beber sem nada no estômago e começava a sentir-se ligeiramente tonto. Deveria ter trazido uns aperitivos, porém, não tinha nada em casa. – Paris fica a duas horas e meia de voo e aqui tens o mar.

– Estás a falar a sério?

– Não estavas a pensar sair de Malta?

– Depois, não te consegues livrar de mim...

Se calhar precipitara-se e não deveria ter dito aquilo, mas sentia uma paixão descontrolada, como não se lembrava de ter sentido, nem pela sua ex-mulher.

– Bem, com um vinho assim, estou a ficar sem desculpas para recusar – gracejou, olhando para o rótulo com um passarinho na garrafa. Helen parecia feliz e fazia-o sentir-se especial. – É daqui perto?

– Não, é do Douro, do Norte de Portugal.

Rui pousou o copo e abraçou-a, sentindo o odor perfumado dos seus cabelos. Beijou-lhe o pescoço, a nuca, e ouviu-a suspirar quando lhe massajou as costas.

– Sabes que te quero, não sabes? – sussurrou-lhe ao ouvido, percorrendo-lhe os ombros, os seios e o ventre com a palma das mãos.

Helen voltou-se com agilidade e encarou-o com um olhar que o trespassou. Pegou-lhe na mão e arrastou-o para dentro.

Rui tocou o corpo suado de Helen, deitado ao seu lado, e sorriu. Abriu os olhos e confirmou que estava no seu quarto, em Paço de Arcos, e que não estava a sonhar. Desviou o olhar para a mesinha-de-cabeceira,

tentando não se mexer muito para não acordar. Eram quase três da manhã. Nem haviam jantado. Beberam dois copos de vinho e caíram na cama, deixando a roupa pelo caminho.

Haviam-se amado loucamente. Houvera alturas em que ele pensara que ia enlouquecer de prazer; Helen era uma mulher muito intensa e desinibida. Rui voltou a fechar os olhos, risonho, até que ouviu um som que o despertou. Assustou-se, abriu os olhos e ficou com o coração a latejar. Eram passos! Alguém entrara em sua casa.

Afastou os lençóis para o lado, sem que Helen acordasse. Via-se uma réstia de luz das janelas da sala, e os olhos rapidamente se habituaram à penumbra. Encontrou as cuecas no chão, perto da cama, e encarou a porta semiaberta do quarto, tentando decifrar o que se passava. Nem se lembrava se trancara a porta.

Saiu para a sala em bicos de pés e escondeu-se atrás do sofá. Foi então que viu a silhueta a sair do escritório. Ficou aterrorizado e baixou-se, por instinto. Era um homem e movia-se com agilidade. Tentou dominar o pânico e pensar no que fazer, mas não teve tempo. Viu-o atravessar a sala e caminhar em direcção ao quarto, com um revólver apontado. Adivinhou o que estava prestes a acontecer e, apavorado, ouviu Helen gemer subitamente: o assaltante alvejara-a!

Num impulso, Rui saltou por cima dos sofás e atirou-se a ele, com toda a força. O homem foi apanhado de surpresa. Deu um berro, largou a arma e caiu no chão. Rui rebolou por cima dele, batendo-lhe na cabeça, porém, o homem era corpulento e defendeu-se bem. Rui levou um soco na cara e um pontapé na perna esquerda, que o fez gritar de dor. Tinha o nariz a sangrar e levou a mão à perna, sem tempo de se defender de um novo pontapé.

No segundo seguinte, viu o homem a apontar-lhe o revólver e disparar. Não ouviu qualquer som, mas soltou um grunhido seco e levou a mão à barriga. Sentiu uma dor aguda no abdómen e a barriga a rasgar-se. Estava escuro, quase não conseguia ver nada, e tinha as mãos viscosas. Era sangue e era seu.

– Chegou a tua hora! – ouviu uma voz rouca, num inglês carregado. O assaltante tinha ar de italiano. Viu-lhe os contornos, a barba cerrada, e fitou o revólver apontado à cabeça. Ia morrer!

De súbito, o homem urrou e desequilibrou-se. Helen surgiu-lhe por detrás e bateu-lhe na cabeça com um objecto. Rui reconheceu a estátua de mármore da cómoda do quarto. A pancada foi forte e, por certo, o homem ficou atordoado. Rui sentia-se zozinho, com os olhos a fecharem-se, ainda assim conseguiu vê-la debruçada no chão, pegar na pistola e disparar por mais de uma vez. Via tudo nublado, na meia-luz, contudo o homem permanecia inerte no chão.

– Helen... – ouviu-se a si próprio, numa voz que não reconhecia.

Tentou apoiar-se no cotovelo e sentar-se, mas não aguentou as dores.

Helen não respondeu e pareceu-lhe estranha. Instantes depois, viu-a tombar no chão, sobre o assaltante. Rui levantou o braço e tentou chamá-la outra vez, porém, a língua e o corpo não lhe obedeceram. Cerrou os olhos, até que algo o fez mexer. Helen tinha sido baleada, instantes antes de ele derrubar o assaltante. Tinha de a salvar, tinha de se salvar. Abriu os olhos e distinguiu os dois corpos estendidos, em frente à porta do quarto. Custava-lhe respirar, estava gelado e as mãos tremiam-lhe. Arrastou-se pelo chão e tentou aguentar as dores. Deixara o telemóvel na mesa-de-cabeceira do quarto. Em esforço, chegou perto da televisão e distinguiu os contornos do telefone fixo. Tinha de ligar o 112!

– É preciso manter a esperança – pronunciou a inspectora da polícia, baixinho, ajeitando os aros cor-de-rosa dos óculos. – Deus velará por eles.

Kris assentiu, tentando acreditar. Nunca fora um homem de fé, porém, ficou reconfortado ao ver a inspectora benzer-se com compaixão. Estava destroçado com a violência das últimas horas.

– Vamos ver como é que o corpo deles reage – respondeu Kris, compondo a bata branca. Os olhos ardiam-lhe e estava com dores de cabeça. – Os dois perderam muito sangue e a situação dele é bastante grave.

Haviam passado menos de vinte e quatro horas e o prognóstico continuava reservado. Rui fora operado durante três horas. Uma bala tinha-lhe perfurado o intestino, alojando-se numa zona de difícil acesso. Felizmente, haviam conseguido retirá-la e a hemorragia estancara. Todavia, a infecção alastrara-se e o médico confidenciara a Kris que ele lutava pela vida.

Helen Stone fora igualmente baleada, embora tivesse tido mais sorte. Fora atingida no braço esquerdo, tendo a bala saído, sem lhe tocar no osso. Estava nos cuidados intensivos, semiconsciente, no quarto ao lado de Rui, mas com um quadro clínico mais estável.

– Os médicos estão a fazer tudo para controlar a infecção e para que o corpo reaja – continuou Kris, sem especificar a gravidade da situação. – O coração dele é forte, mas só amanhã de manhã vamos ter novidades.

Já era noite e os dois falavam a sós, na sala de espera, enquanto a filha de Rui dormia no sofá, junto à janela. Estava arrasada, depois de tamanha tensão. Fora ela quem o acordara de manhã cedo. Alguém assaltara a casa do pai durante a madrugada, quando ele estava a dormir. O assalto fora violento e Rui fora baleado. O pai ainda conseguira chamar o 112 e deveria ter sido ele quem deixara a porta aberta, antes de perder os sentidos. Quando o INEM lá chegara, encontrara três pessoas inanimadas, a esvaírem-se em sangue, depois de uma troca de tiros e com sinais visíveis de luta.

Raquel Mendonça viera ao hospital assim que soubera do sucedido. Quisera inteirar-se do estado de Rui, fazer averiguações e saber quem era a mulher que estava com ele. Kris falara com ela por alguns instantes. A inspectora parecera-lhe sinceramente preocupada. Perante as suas questões, Kris contara-lhe o que sabia de Helen Stone, desde a primeira reunião no CIC, semanas antes, até ao regresso do Sri Lanka, adiantando-lhe que suspeitava de que os dois tivessem um relacionamento amoroso.

A inspectora estivera, entretanto, no apartamento de Rui, à procura de provas e vestígios que explicassem o que acontecera, e depois regressara ao hospital, já passava das oito da noite.

– Isto não foi um assalto – reiterou Kris, categórico. – Queriam matá-lo, ou então a ela. Só pode ter sido o Aarni Leppa, o assassino do Dr. Fonseka.

– Aarni Leppa morreu há quatro dias – informou a inspectora, abanando a cabeça. Perdera o olhar inquisidor e até o tom de voz era menos irritante. – Em Colombo, no Sri Lanka.

Kris ficou pasmado. A inspectora relatou-lhe que estava em contacto com a Interpol havia algumas semanas e que lhe fora recentemente comunicado que o cientista finlandês fora encontrado morto num quarto de hotel. A Interpol não lhe dera detalhes sobre o que tinha acontecido, mas avançara que ele estivera sob vigilância durante largos meses no âmbito de outro processo e que viajara recentemente com um passaporte sueco falso.

– E já sabem quem foi que fez isto? – perguntou Kris, perplexo.

– Um cidadão maltês, também suspeito de estar envolvido na morte de Ernest Fonseka – revelou a inspectora, olhando-o com intensidade. – Estávamos a investigá-lo, conjuntamente com a Polícia de Malta, depois de encontrarmos fortes indícios do seu envolvimento.

A inspectora parecia perturbada com o que acontecera e revelou-lhe a investigação com pormenor. Fora o maltês quem trouxera o carro de Ernest Fonseka para casa dele, perto do Marquês de Pombal, após a sua morte, embora ainda não tivesse provas de que fora ele o autor material do homicídio. Tratava-se de um indivíduo com cadastro, que estivera preso alguns anos na Suíça. Mais recentemente, fora suspeito de crimes de extorsão e violência em Malta, sem nunca chegar a ser condenado por falta de provas e por ter bons advogados.

– Já o interrogaram?

– Morreu antes de chegar ao hospital. Não resistiu aos ferimentos – retorquiu ela. – Ainda não temos os resultados da balística, embora tudo indique que foi morto com a sua própria arma. Pela maneira como os corpos foram encontrados e a trajetória das balas, parece que foi Helen Stone quem disparou, depois de ter sido alvejada na cama. Temos vestígios de sangue da cama até à sala.

– Imagino que tenha ligações à MediVal – advogou Kris. Parecia-lhe

óbvio, mesmo antes de saber que o assaltante era maltês. Havia muito que achava que a Taprobana fora o motivo para o homicídio de Ernest, embora nunca tivesse imaginado que pudesse originar tamanha violência.

– Acredito que sim – anuiu a inspectora, com o mesmo olhar. – Estamos a tentar desbloquear o seu telemóvel e à espera de que a operadora nos informe sobre o seu percurso nos dias em que Ernest esteve desaparecido. Espero que nos indique o local do crime.

Kris conversara longamente com a inspectora nas semanas anteriores, ajudando-a no que podia. Não entrara em detalhes sobre fármacos e negara qualquer envolvimento com Aarni Leppa e a MediVal, mas descrevera-lhe o que sabia da empresa e do que desconfiava que se passara com Ernest em Singapura. Ficara absorto ao saber do envolvimento de Elizabeth du Toit: fora uma maneira subtil de Aarni Leppa controlar todos os movimentos de Ernest.

– Ainda não temos a certeza se ele e Aarni eram cúmplices e qual deles matou realmente Ernest – reiterou a inspectora, tirando os óculos pela primeira vez. – Devemos saber em breve. Hans Muff, o CEO da MediVal, foi preso hoje de manhã em Malta.

Kris estava estupefacto com a sucessão de acontecimentos. A Interpol investigava o CEO da MediVal havia mais de um ano, por crimes económicos em diversos países europeus, com a suspeita de estar envolvido em vários homicídios. Kris ia voltar a questionar a inspectora sobre o homem que atacara Rui, quando o telefone dela tocou e ela saiu para o corredor para atender a chamada. Voltou logo de seguida.

– Tenho uma urgência – explicou, mais tensa. – Ligo-lhe depois, para saber como estão. Se, entretanto, tiver novidades, peço-lhe, por favor, que me informe. Tem o meu número pessoal.

Kris assentiu e acompanhou-a ao elevador. Foi com espanto que a viu despedir-se dele com um abraço demorado e dois beijos na cara.

– Vai tudo correr bem – ainda lhe disse, com as portas a fecharem-se.

Kris fitou a sala de espera e voltou a observar a filha de Rui, ao fundo. Deixou-a a descansar e virou para o corredor. Era tarde, as visitas aos quartos já haviam terminado e apenas três enfermeiros trabalhavam naquele piso. Fora com facilidade que conseguira ter acesso às áreas restritas do hospital, de modo a acompanhar de perto os dois casos. O Director do Hospital era seu conhecido e trabalhavam juntos em vários casos oncológicos que o hospital enviava para serem acompanhados no CIC.

O estado de Rui era mais crítico do que dera a entender. Sentia que a vida do amigo estava nas suas mãos. Podia arrepende-se de qualquer decisão que tomasse. Recordou o que Rui lhe dissera sobre os efeitos da Taprobana em Martim Albergaria e nas crianças que haviam sido atacadas por leopardos. Pensou no que gostaria que lhe fizessem, caso estivesse no

lugar dele, e decidiu-se. Esfregou de novo os olhos e percorreu o corredor até ao elevador de serviço. Estava próximo quando ouviu o som de uma mensagem no telefone e viu que era um número desconhecido. Chamou o elevador e leu a mensagem.

«Ryan Harris, CEO da NewRock, está em Lisboa e gostaria de o convidar para um encontro no Hotel da Lapa.»

Deveria tratar-se de um engano, mas depois reconheceu o nome. Já ouvira falar da NewRock. Veria isso mais tarde, quando tivesse tempo. Agora, tinha de estar concentrado. Guardou o telefone no bolso, entrou no elevador e levou a mão ao outro bolso. Tacteu os dois frasquinhos de vidro e carregou no botão para subir aos cuidados intensivos.

Kris olhou-se ao espelho e resistiu a tirar um dos frascos do bolso. Já tinha visto, vezes sem conta, aquele líquido de cor verde acastanhada, que parecia fluorescente. O resultado do teste clínico nos dois pacientes fora promissor e ambos haviam revertido, de novo, os efeitos da doença. A Taprobana parecia ser um fármaco poderoso, porém, deixara um rasto de morte nas últimas semanas e, pelo que Rui lhe contara, o mesmo acontecera, séculos antes, nas montanhas do Sri Lanka. Tirou a mão do bolso, saiu do elevador e encarou a porta ao fundo, que dava acesso aos cuidados intensivos. Já ali estivera várias vezes e conhecia bem o local. Rui e Helen estavam na mesma sala, logo à entrada.



*Maravilhoso é na realidade, domar a mente, tão difícil de subjugar,
sempre veloz e apossando-se de tudo o que deseja. Uma mente
controlada traz a felicidade.*

BUDA, DHAMMAPADA – VERSO 35

O pulsar da respiração foi-se tornando mais distante. Sentiu os dedos dos pés a mexer, as mãos, e depois despertou. Martim abriu os olhos e lembrou-se onde estava. Sentia a mente leve e o corpo distendido. Estava sentado de pernas cruzadas, com as mãos no colo, à beira da lagoa. Aos poucos, voltou a ouvir o som da água e do vento a bater nas árvores. Um enorme pavão azul, com a cauda aberta, estava perto de si e ele nem se havia dado conta. Tinha a mente bem domada.

Martim observou a espada a brilhar ao seu lado. Sorriu ao ver as pedras esverdeadas cravadas no pomo, e pegou na bússola que Mafalda lhe dera havia muitos anos. Era antiga, mas de bom uso na selva. Tinha as iniciais do avô de D. Vasco, o cartógrafo da primeira frota portuguesa que chegara ao Ceilão; P.V. – Pedro Velozo, Évora. Fora um presente que Mahastana recebera quando era sacerdote-aprendiz, de um dos emissários do Almirante D. Lourenço de Almeйда ao Palácio Real de Cotta. Fora há mais de cem anos e marcara a chegada dos portugueses à ilha.

Martim estava sentado na margem da lagoa e sentiu-se, de novo, inspirado. Agarrou na pena e na *ola* e recomeçou a escrevinhar. Escrevia para ele, para recordar o que vivera, para acreditar no que vivia e para se lembrar quando renascesse numa nova vida.

O Ceilão estava de luto. A rainha D. Catarina, Kusumasana Devi, deixara esta vida uns dias antes. Dizia-se que fora vencida pelo desgosto, depois de o filho mais velho ter sido assassinado. Martim recordou-se das suas feições de menina, quando a vira pela primeira vez a chegar a Candea, em cima de um elefante majestoso, com milhares de pessoas à sua volta. Tivera uma vida infeliz, amarrada ao destino, casando-se por duas vezes à força para legitimar o trono de Candea. Pelo meio, tivera cinco filhos e fora fiel a Nossa Senhora até ao fim, sem nunca se converter ao budismo.

O rei de Candea, o Traidor, como lhe haviam chamado, não escapara ao golpe na praia de Batticaloa. O veneno que António lhe pusera na água e na comida provocara-lhe uma grande agonia, com febres, ardores e delírios que o atiraram para o leito, e de lá não mais saíra. Quando

morreu, deixou Candea num caos, mas os portugueses não aproveitaram o momento, e pouco depois as ofensivas no Ceilão foram suspensas, para combater os holandeses nos Mares do Sul.

Martim ouvira os relatos de muitas batalhas nos mares e que os holandeses haviam conquistado Amboíno, a principal fortificação portuguesa das Molucas. Muitos outros entrepostos, como Malaca e Moçambique, haviam conseguido repelir os ataques, ainda assim viviam na aflição de um novo assalto. Felizmente, o Ceilão parecia uma terra amaldiçoada para os holandeses, desde o massacre que presenciara dez anos antes. Soubera que os chingalás haviam tentado chegar a um acordo com o novo comandante dos navios, mas eles levantaram ferro para nunca mais regressar. Um punhado de holandeses renegados continuava a viver em Candea, mas a ilha passara incólume a todos os assaltos nas Índias.

Martim tinha trinta e nove anos. Vivera metade da sua vida no Ceilão e os últimos dez anos nas montanhas. Nunca mais voltara a Gale e às terras baixas. Fizera uma escolha. Tal como partira do Reino para sempre, também deixara as terras portuguesas para sempre. Fizera-o por amor e voltaria a fazê-lo se fosse preciso. Tinha uma vida plena, como nunca sonhara. Apenas o entristecia não ter filhos.

Muito se havia passado no Ceilão e, por certo, muito mais se haveria de passar. Pousou a pena e olhou à volta, deslumbrado, voltando depois a concentrar-se na *ola*. D. Jerónimo continuara, inabalável, na senda da conquista do Ceilão. Mal a suspensão das ofensivas fora levantada, o Governador pacificara as terras baixas e conseguira invadir Candea em 1611, cumprindo os seus planos. Destruíra o Palácio Real, o Templo do dente de Buda, casas, pagodes, ceifando a vida de muitos. Queimara árvores de fruto e hortas, levado o gado para as terras baixas. Fora um massacre e a cidade ainda se recompunha de tamanha investida.

D. Jerónimo fora Governador durante dezoito anos e deixara o Ceilão no ano anterior para se tornar Vice-Rei da Índia. O novo Governador fora seu adjunto durante anos, e o sonho da conquista continuava vivo.

Martim baixou a pena e recordou a tragédia que acontecera no mosteiro. Vinte e dois *bhikkhus* haviam perecido, para além de Abel e Mahastana, que expirara ferido e cego, após viver cento e treze anos, sem ninguém o conseguir salvar. Emmanuel não resistira ao seu último golpe e fora cremado, com votos de que a sua alma não renascesse como homem.

Martim sobrevivera, uma vez mais, por causa do caldo divino que o curara. O mosteiro também se reerguera da tragédia, com a liderança de Sumangala, que passara a ser o novo Changatar. Desde essa altura, Martim vivia no casebre do mosteiro, onde estivera em 1594, e ajudava os *bhikkhus* em todas as benfeitorias. Continuava a tomar o caldo adocicado e sentia-se bem, com força, sem nunca ficar doente, ter dores ou febres malditas.

Aquele poder era grande demais para pessoas comuns, numa ilha onde se derramava sangue havia séculos. Apenas homens divinos, como Mahastana e Sumangala, poderiam estar na sua posse, sem se toldarem pela ambição de dominar aquele paraíso condenado. Tinha de continuar em segredo, pois só Deus e Buda saberiam o que fazer com esse poder, a bem do Ceilão. Todavia, Martim já decidira deixar alguns registos para si próprio, quando renascesse numa nova vida.

Martim tinha grandes planos para o futuro. Durante a Carreira da Índia e a estadia em Goa, decorara algumas estrofes d'*Os Lusíadas* e começara a escrevê-las em páli, a língua litúrgica dos chingalás. Não estava a ser fácil! Às vezes recordava-se do pergaminho do pai que deixara em Gale, e ficava tentado a ir lá buscá-lo e ver como estava a cidade que ajudara a fundar.

Contudo, a sua maior determinação era escrever a história de Mafalda, desde os seus avós de Goa, aos pais que viveram em Matara, ao encontro com D. Vasco e aos primeiros passeios que os dois deram no mosteiro. Ela era a mulher da sua vida e um dos segredos mais preciosos da floresta do Ceilão.

Um ruído na selva distraiu-lhe o pensamento. Pousou a pena e a *ola*, levantou-se e reconheceu-lhe a silhueta. Mafalda estava mais formosa do que nunca, no alto do cavalo. Observou-lhe os cabelos fartos, a tez acastanhada e os olhos amendoados, com as pálpebras tingidas de negro. Continuava bela, tal como a conhecera no mosteiro e se apaixonara por ela, dezanove anos antes.

– Com essa bússola, a selva deixou de ter segredos – brincou ela, descendo da montada, com um sorriso luminoso. Parecia surpresa por ele ter conseguido chegar até ali, sem ela. – Estavas a escrever?

– Sim, sobre *Os Lusíadas* – respondeu Martim, aproximando-se, disfarçando o que lhe ia na mente. – Um livro que narra uma longa viagem, por entre ventos e tempestades.

O pavão assustou-se com o relinchar do cavalo. Fechou a cauda e esgueirou-se por entre os arbustos. Martim abraçou Mafalda e sentiu-lhe o odor a jasmim dos cabelos. Não precisava de lhe perguntar aonde fora. O veado no dorso do cavalo denunciava-a. Beijou-a e desafiou-a a banhar-se com ele. Removeu-lhe as vestes com desenvoltura e observou o colar prateado de conchas marinhas no peito. Beijou-lhe de novo os lábios, e depois puxou-a para dentro da lagoa. A água estava fresca, mas eles riram-se, divertidos. Nadaram até à queda de água e desapareceram por detrás dos lençóis transparentes. Era um esconderijo dentro de um esconderijo.



NOÍSTO RETUÃO.

Mélanthéon

María José Domínguez

Vikandvinnar

Manaktør

SrKhatka

Sri Lanka

Jñānānukāṇṭha

Behind the Numbers

Tiŕich Ninkkée

SAMUEL KANAKA

Mônica Valverde e a

Māhikāhikana

Ilha das Maçãs e Ilha do Sorengo

Nãe'á'fã'õm

Taprobana é uma obra de ficção em que procurei o maior rigor histórico possível. Existem, porém duas exceções:

- 1) Decidi manter os nomes actuais de Matara (Maturé), Batticaloa (Baticalou) e Calutara (Calituré);
- 2) A fortificação portuguesa de Calutara é posterior a 1583.



- 483 a. C.:** Morte de Siddharta Gautama (Buda).
- 247 a. C.:** Budismo chega ao Ceilão.
- 33:** Morte de Jesus Cristo.
- 1143:** Fundação de Portugal.
- 1498:** Vasco da Gama desembarca em Calecut, na Índia.
- 1505:** D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da Índia, manda construir Fortaleza de Cananor.
- 1506:** Primeira expedição portuguesa ao Ceilão, liderada por Lourenço de Almeida, filho do Vice-Rei da Índia. Primeiro tratado de canela com Kotte.
- 1507:** D. Manuel I, rei de Portugal, informa o Papa da descoberta da Taprobana, dando-lhe o nome de Ceilão.
- 1508:** D. Lourenço de Almeida morre ao largo de Chaul.
- 1510:** D. Afonso de Albuquerque, Governador da Índia, conquista Goa.
- 1511:** D. Afonso de Albuquerque conquista Malaca.
- 1517:** Vice-Rei da Índia, D. Lopo Soares de Albergaria, desembarca em Columbo e ordena a construção do forte-feitoria de Santa Bárbara.
- 1521:** Morte de D. Manuel I, aclamação de D. João III como rei de Portugal. Secessão de Ceitavaca de Kotte. Kotte pede auxílio aos portugueses para se defender de Ceitavaca. Candea deixa de pagar tributo a Kotte. Portugueses dominam comércio de canela com o Ceilão.
- 1522:** Primeiros religiosos portugueses em Candea.
- 1524:** Desmantelamento do forte de Santa Bárbara, em Columbo.
- 1528:** Portugueses estabelecem-se em Chatigão, no Golfo de Bengala.
- 1530:** Goa elevada a capital do Estado da Índia, substituindo Cochim.
- 1533:** Novo Tratado de canela entre Kotte e Portugal.
- 1534:** Goa elevada a Diocese.
- 1536:** Chegada da Inquisição a Portugal – Tribunal do Santo Ofício em Évora.
- 1539:** Tratado de paz entre Kotte e Ceitavaca.
- 1543:** Missionários franciscanos estabelecem-se no Ceilão, que passa a pertencer à diocese de Cochim. Embaixada de Kotte a Lisboa: Tratado de Amizade com Portugal, que garante monopólio da canela da ilha.
- 1544:** Rei de Jaffna ordena decapitação de 600 cristãos em Mannar, por suspeitas de colaboração com os portugueses.
- 1546:** Rei de Ceitavaca ordena matança de todos os cristãos no Ceilão.
- 1547:** eclodir da guerra entre Kotte e Ceitavaca. Portugueses apoiam Kotte.

Candea pede auxílio aos portugueses na luta contra Ceitavaca. Missionários franciscanos estabelecem-se em Candea.

1550: Rei de Kotte e portugueses constroem fortificação em Matara.

1551: João Henriques nomeado primeiro Capitão-Mor do Ceilão.

1554: Portugueses constroem nova fortaleza-feitoria em Columbo.

1555: Ceitavaca declara-se estado vassalo de Portugal, mas o acordo é de curta duração.

1556: Rei de Kotte converte-se ao cristianismo. Doação do templo do Dente do Buda aos franciscanos. Êxodo maciço de monges budistas para Ceitavaca.

1557: Falecimento de D. João III. Regência de D. Catarina em Portugal. Papa declara Goa como sede da Igreja no Oriente.

1558: Ceitavaca cerca Columbo durante um ano.

1560: Tribunal da Inquisição instala-se em Goa, com jurisdição em todos os territórios portugueses na Ásia e África Oriental. Exército Português, liderado pelo Vice-Rei da Índia, D. Constantino de Bragança, conquista Mannar e Jaffna e captura o dente sagrado do Buda. Cerimónia de destruição do dente em Goa. Portugueses edificam fortaleza em Mannar.

1562: Portugueses, aliados com Candea, não conseguem vencer Ceitavaca na Batalha de Mulleriyawa.

1563: Rei de Kotte doa vários templos budistas aos franciscanos.

1564: Reis de Candea convertem-se ao cristianismo, passando a receber o auxílio português.

1565: Ceitavaca ocupa a cidade de Kotte: transferência da capital de Kotte para Columbo. Portugueses confinados a Mannar e Columbo.

1566: Ceitavaca afirma que portugueses roubaram uma réplica do dente de Buda e mostra o verdadeiro aos emissários de Pegu.

1567: Goa ordena fim das práticas religiosas não-cristãs em todo o Estado da Índia, incluindo no Ceilão.

1574: Portugueses realizam expedições punitivas e destroem muitos templos budistas nas terras baixas.

1575: Portugueses expulsos de Ternate, nas Molucas.

1578: Batalha de Alcácer-Quibir. Morte de D. Sebastião. Aclamação de D. Henrique como rei de Portugal. Nascimento de D. João de Candea.

1579-81: Ceitavaca cerca Columbo durante vinte meses, sem sucesso.

1580: Rei de Kotte faz testamento doando o reino à Coroa Portuguesa depois da sua morte. Perda da independência portuguesa.

1581: Aclamação de D. Filipe II de Espanha como D. Filipe I, rei de Portugal. Rajasinha é rei de Ceitavaca. Nascimento de D. Catarina, futura rainha de Candea. Províncias Unidas dos Países Baixos proclamam independência de Espanha.

1582: Ceitavaca conquista Candea, atingindo o seu apogeu. Fuga da

Família Real de Candea para Trincomalee. Rajasinha converte-se ao hinduísmo e persegue o budismo.

- 1587-88:** Ceitavaca cerca Columbo durante vinte e dois meses, mas acaba derrotada – último cerco a Columbo.
- 1590:** Revolta cristã em Candea contra Ceitavaca, mais tarde apoiada por Portugal. Reposição da Família Real de Candea, com a aclamação de D. Filipe Yamasimha.
- 1591:** Exército Português, liderado por D. André Furtado de Mendonça, captura Jaffna e faz do reino um Estado vassalo.
- 1592:** Morte de D. Filipe Yamasimha por Konappu Bandara (D. João de Áustria), que se declara Guardião de Candea. Ceitavaca tenta reconquistar Candea, mas é derrotado.
- 1593:** Morte de Rajasinha, rei de Ceitavaca. Portugueses ocupam Ceitavaca.
- 1594:** Exército Português ocupa Candea, mas é derrotado em Danturê. Konnapu Bandara casa-se com D. Catarina e passa a ser rei de Candea. D. Jerónimo de Azevedo é nomeado Governador do Ceilão.
- 1596:** Holandeses (Companhia de Veere) chegam pela primeira vez à Ásia, desembarcando na ilha de Samatra.
- 1597:** Portugueses expandem o forte de Gale. Morte do rei de Kotte e o reino passa oficialmente para a Coroa Portuguesa.
- 1598:** Falecimento de D. Filipe I. Aclamação de D. Filipe II como rei de Portugal. Holandeses (Companhia de Moucheron) atacam ilhas de São Tomé e São Jorge da Mina – início da Guerra Luso-Holandesa.
- 1600:** Primeiro auto-de-fé em Goa.
- 1602:** Portugueses conquistam Ganetenna, preparando a invasão de Candea. Alargamento dos missionários cristãos no Ceilão a jesuítas, e mais tarde dominicanos e agostinhos. Holandeses (Companhia de Moucheron) chegam pela primeira vez ao Ceilão e estabelecem acordo com Candea. Criação da VOC.
- 1603:** Candea derrota Portugal, na Batalha de Balane: «A Famosa Retirada». Candea mata Vice-Almirante da VOC, em Batticaloa. Holandeses fundam primeira base no Oriente, em Bantam.
- 1604:** Falecimento do rei de Candea. Aclamação de Senarat, seu primo, como rei de Candea, casando-se meses mais tarde com D. Catarina.
- 1605:** Portugueses pacificam terras baixas. Madrid suspende ofensivas no Ceilão e envia reforços para outras praças no Oriente. Holandeses conquistam primeiro forte português no Oriente: Amboíno nas Molucas.
- 1606:** Cerco holandês a Malaca.
- 1607:** Rei de Portugal levanta suspensão da conquista do Ceilão.
- 1610:** D. João de Candea desembarca em Lisboa.
- 1611:** Exército Português, liderado por D. Jerónimo de Azevedo, conquista

Balane e entra em Candea, saqueando a cidade.

- 1612:** D. Jerónimo de Azevedo é nomeado Vice-Rei da Índia. Holandeses tentam estabelecer nova aliança com Candea.
- 1613:** Morte de D. Catarina, rainha de Candea.
- 1614:** Portugueses publicaram primeiros Tombos do Ceilão (registo de terras).
- 1617:** Portugueses incendeiam Candea e assinam Tratado de Paz – tributo a Portugal: dois elefantes por ano.
- 1619:** Portugueses destroem templos hindus na península de Jaffna. Holandeses fundam Batávia na ilha de Java.
- 1621:** Falecimento de D. Filipe II. Aclamação de D. Filipe III como rei de Portugal.
- 1624:** Portugueses ocupam Trincomalee.
- 1628:** Portugueses tomam Batticaloa, rompendo tratado de paz com Candea.
- 1630:** Batalha de Randeniwela: derrota portuguesa e morte do Governador, D. Constantino de Sá de Noronha.
- 1632:** Candea pede auxílio dos holandeses para derrotar os portugueses.
- 1635:** Falecimento de Seranat, rei de Candea. Aclamação do seu filho, Rajasinha II, como rei de Candea.
- 1638:** Candea derrota Portugal na Batalha de Gannoruwa. Holandeses regressam ao Ceilão e estabelecem aliança militar com Candea. Holandeses conquistam Batticaloa, primeiro forte português: início da guerra Luso-Holandesa no Ceilão.
- 1639:** Holandeses conquistam fortaleza portuguesa de Trincomalee.
- 1640:** Holandeses conquistam fortalezas portuguesas de Negombo e Gale. Restauração da independência portuguesa. Aclamação de D. João IV como rei de Portugal.
- 1641:** Holandeses conquistam Malaca.
- 1641-52:** Tréguas entre portugueses e holandeses no Ceilão.
- 1642:** Morte de D. João de Candea, em Lisboa.
- 1656:** Holandeses conquistam Columbo, depois de um cerco de sete meses.
- 1658:** Holandeses conquistam cidades portuguesas de Mannar e Jaffna. Portugueses abandonam o Ceilão.
- 1663:** Holandeses conquistam fortaleza portuguesa de Cananor. Tratado de Haia, paz entre Portugal e Holanda: fim da Guerra Luso-Holandesa. Holandeses ampliam o Forte de Galle.
- 1666:** Portugueses abandonam Chatigão, em Bengala.
- 1687:** Morte de Rajasinha II.
- 1762:** Britânicos propõem aliança com Kandy para expulsar os holandeses.
- 1796:** Holanda cede o Ceilão ao Império Britânico, depois de Napoleão Bonaparte conquistar os Países Baixos.
- 1815:** Império Britânico conquista Kandy. Unificação da ilha como colónia

britânica.

1867: Britânicos iniciam cultivo de chá no Ceilão.

1948: Independência do Ceilão.

1961: Índia conquista últimos territórios portugueses: Goa, Damão e Diu.

1972: Mudança da denominação de Ceilão para Sri Lanka.

1980: Kotte volta a ser capital do Sri Lanka.

1983: Início da guerra civil no Sri Lanka, entre cingaleses e tâmile.

1989: Ataque dos Tigres Tâmil ao Templo de Buda, em Kandy.

1996: Ataque dos Tigres Tâmil ao Banco Central, em Colombo.

2004: *Tsunami* de Samatra causa 230 000 mortos (30 000 no Sri Lanka).

2009: Final da guerra civil do Sri Lanka, com a derrota dos Tigres Tâmil.

2019: Ataque Terrorista do Estado Islâmico em Colombo, Negombo e Batticaloa.



- «Os Portugueses e o Mar do Ceilão: Trato, Diplomacia e Guerra (1498 – 1543)» – Jorge Manuel Flores – Edições Cosmos.
- «Hum Curto História de Ceylan: Quinhentos anos de relações entre Portugal e o Sri Lanka» – Jorge Manuel Flores – Fundação Oriente.
- «Os olhos do Rei» – Jorge Manuel Flores – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- «Cidades e Fortalezas do Estado da Índia – séculos XVI e XVIII» – José Manuel Garcia – Quidnovi.
- «Fatalidade Histórica da ilha de Ceilão» – Capitão João Ribeiro – Academia Real das Sciencias.
- «Conquista temporal e espiritual do Ceylão» – Fernão de Queyroz – Versão Inglesa por S. G. Perera – Asian Educational Services.
- «Conquista espiritual do Oriente» – Frei Paulo de Trindade – Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- «Da Asia – Década Duodécima» – Diogo do Couto – Régia Officina Typografica (1788).
- «Asia. Dos feitos que os Portugueses fizeram na conquista e descobrimento dos mares e terras do Oriente» – Diogo do Couto, edição revista pelo Capitão Manoel Fernandes de Villa Real (1645).
- «Documentos inéditos para a História de Telheiras e o seu Convento» – Maria Celeste Pereira, Fernando Lemos e Rosa Trindade Albergaria – Centro Cultural de Telheiras.
- «André Furtado de Mendonça» – C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos – Fundação Oriente.
- «História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço do Índico (séculos XV-XIX)» – Pedro Dias – Círculo de Leitores.
- «Re-exploring the links between Portugal and Sri Lanka» – Edited by Paulo Flores – Fundação Calouste Gulbenkian.
- «Ceylon and the Portuguese: 1505-1658» – Paulus Edward Pieris – Asian Educational Services.
- «Ceylon – The Portuguese Era» – Paulus Edward Pieris – Trisara Prakasakayo.
- «Sinhala Conscionsness in the Kandyan Period (1590-1815)» – Michael Roberts – Vijitha Yapa Publications.
- «Sri Lanka – At the crossroads of History» – Zoltán Biedermann and Alan Stathern – UCL Press.

- «Galle Fort – The Heritage City» – Karunasena Dias Paranavitana – Ruhunu Tourist Board.
- «Galle – as quiet as sleep» – Norah Roberts – Vijitha Yapa Publications.
- «Kandy Fights and the Portuguese – A military history of Kandyan Resistance» – Gaston Perera – Vijitha Yapa Publications.
- «Kingship and Conversion in Sixteenth Century Sri Lanka – Portuguese Imperialism in a Buddhist Land» – Alan Stranthern – University of Cambridge Oriental Publications.
- «Sri Lanka in the modern age» – Nira Wickramasinghe – Oxford University Press.
- «Sri Lanka – History and the roots of conflict» – Jonathan Spencer – Routledge.
- «A Comprehensive History of Sri Lanka» – Nath Yogasundram – Vijitha Yapa Publications.
- «A History of Sri Lanka» – K. M de Silva – C. Hurst & Company.
- «Repression of Buddhism in Sri Lanka by the Portuguese (1506-1658)» – Senaka Weeraratna – Essays on Unethical Convention.
- «A 16th Century Clash of civilizations – The Portuguese presence in Sri Lanka» – Susantha Goonatilake – Vijitha Yapa Publications.
- «The rise and fall of the Kingdom of Sitawaka (1521-1593)» – Chandra Richard de Silva – Ceylon Historical Books.
- «Ceylon – an account of the island, volume 2» – James Emerson Tennent – Longman, Green and Roberts.
- «The History of Ceylon» – L. E. Blaze – Asian Educational Services.
- «History of Ceylon: an abridged translation of Professor Courtenay's Work» – M. G. Francis – Codiabal Press.
- «Maps and plans of Dutch Ceylon» – Karunasena Dias Parawahuana e Rajpal Kumar de Silva» – Sri Lanka – Netherlands Associations.
- «The Earliest Dutch Visits to Ceylon» – Donald Ferguson – Asian Educational Services.
- «The Dutch in Ceylon: an account of their early visits to the island» – Richard Gerald Antonisz – Asian Educational Services.
- «True and Exact Description of the great Island of Ceylon» – Phillipus Baldaeus – Translation by Pieter Brohier – The Ceylon Historical Journey.
- «Illustrations and Views of Dutch Ceylon 1602-1796» – Rajpal Kumar de Silva e Willemina G. Beumer – Serendib Publications.
- «An Historical Relation of the Island Ceylon – Robert Knox – Richard Chiswell.
- «The Jesuits in Ceylon: In the XVI-XVII Centuries – Simon Gregory Perera –

Asian Educational Services.

«Costumes of Sri Lanka» – Garvin Wimalaratne and Dian Gomes.

«Reforma e Profecia: a acção do arcebispo de Goa e místico D. Gaspar de Leão» – Patricia Souza de Faria – Universidade Federal de Viçosa – Mato Grosso.

«Entre Luzes e Sombras: o Regalismo Ilustrado e a Inquisição de Goa» – Bruno de Souza Machado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

«Goa em 1535 – uma cidade Manuelina» – Rafael Moreira – Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL).

«História de Goa (Política e Arqueológica)» – Manoel José Gabriel de Saldanha – Asian Educational Services.

«Narração da Inquisição de Goa» – Charles Dellon e Manuel Vicente d’Abreu – Nova-Goa Imprensa Nacional (1866).

«Being a Cristian in Sri Lanka» – Leonard Pinto – Balboa Press.

«Dhammapala» – Acharya Buddharakkhita – Tradução Portuguesa de Bhikkhu Ajahn Dhammiko – Budismo Theravada da Floresta.

«Relics of the Buddha» – Jonh S. Strong – Princeton University Press.

«Buddhism Culture & Sri Lanka Pilgrim’s guide» – Narada Thera.

«The Theravada Bhikkhus Rules» – Bhikkhu Ariyesako – Sanhaloka Forest Hermitage.

«The Island of Light – Buddhism in Sri Lanka» – TY Lee – Sunday Observer.

«Hinduism and Buddhism, an Historical Sketch» – Charles Elliot – Routledge & Kegan Paul.

«Life of Shakyamuni Buddha» – Alexander Berzin – Studybuddhism.com.

AGRADECIMENTOS



Ao Professor Zoltán Biedermann, da University College London, pelo auxílio na investigação histórica sobre o período português do Ceilão. Ao Ajahn Dhammiko, do Mosteiro Theravada da Floresta, pela ajuda em compreender os preceitos do budismo e o quotidiano nos mosteiros theravada.

Aos Doutores Pedro Garcia da Silva, da Fundação Champalimaud, e Vítor Martins dos Santos, da Universidade de Wageningen, pelo apoio e validação dos dados científicos. À Doutora Ângela Valença Pinto pelas informações clínicas.

À Maria do Rosário, pela confiança, estímulo e conselhos, que tanto enriqueceram o romance. Ao Sérgio Xarepe, pela leitura incisiva do manuscrito, que muito me ajudou.

Por último e mais importante, à minha família, sem a qual este romance não teria existido.